

A close-up photograph of a woman's upper body. She is wearing a white, long-sleeved dress with a large, ruffled collar and a pearl necklace. A purple shawl is draped over her left shoulder. The background is a soft, blue, textured wall.

Star Books Digital

*El*oisa
James
Prazeres
ENCANTADOS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Créditos

A presente obra é disponibilizada por [Star Books Digital](#), com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Digitalização

Star Books Digital

The logo for Star Books Digital features the text "Star Books Digital" in a bold, black, serif font. Below the text is a stylized graphic element consisting of a teal-colored bracket-like shape that curves upwards at both ends, with a small purple square and a small pink square positioned between the two teal segments.

Capítulo 1



St James Square, Londres, 1806.

A sorte acabava de dar ao visconde Dewland um golpe que teria derrubado um indivíduo menos forte, ou mais sensível, que ele. Olhava seu filho mais velho com a boca aberta sem fazer caso do balbucio de sua esposa. Depois passou pela sua cabeça uma ideia: essa mesma esposa tinha lhe dado dois filhos varões.

Sem dar mais voltas, girou sobre seus calcanhares e ladrou dirigindo-se a seu filho mais novo:

— Já que seu irmão não pode sacrificar-se no dever conjugal, será você o que se encarregue. Por uma vez em sua vida, comportara-se como um homem.

A Peter Dewland pegou de surpresa esse ataque. Acabava de levantar-se para comprovar no espelho do salão o estado do nó de sua gravata, evitando desse modo encontrar-se com o olhar de seu irmão. Em nome de Deus que se podia fazer diante uma revelação como essa?

Foi sentar no sofá.

— Suponho que esta sugerindo que me eu case com a filha de Jerningham.

— Evidentemente! — Gritou o visconde — Algum dos dois tem que fazê-lo e seu irmão acaba de declarar-se incapaz.

— Rogo que me perdoe — Disse Peter com expressão realmente enojada — Mas não tenho nenhuma intenção de me casar só para agradar você.

— E que quer dizer com isso? Casará com ela se eu lhe ordenar isso!

— Não tenho pensado me casar, pai, ordene você ou qualquer outra pessoa.

— Tolices! Todo mundo se casa.

— Isso não é certo — Suspirou Peter.

— Foi o acompanhante de um montão de garotas apropriadas durante seis

anos, se alguma tivesse gostado cederia a seus desejos, mas como esse não parece ser o caso, casará com a filha de Jerningham. E o fará porque seu irmão está incapacitado. Tive muita paciência contigo; neste momento poderia estar no sétimo de infantaria, tinha ocorrido pensá-lo?

— Preferiria isso antes que tomar uma esposa — Decretou Peter.

— Nem pensar! — Grunhiu o visconde dando a volta — Seu irmão esteve entre a vida e a morte durante anos.

Fez-se um pesado silêncio. Peter fez uma careta em direção a seu irmão mais velho.

Quentin Dewland, que estava um momento olhando a ponta das botas, levantou os olhos para seu pai.

— Se Peter tiver decidido não casar-se, eu o farei — Disse com sua grave voz.

— Para que? Não poderia fazer frente a suas obrigações como marido, e essa pequena tem direito a ter um digno de tal nome, diabo!

Quentin, a quem seus amigos chamavam Quill, abriu a boca para responder, mas a voltou a fechar. Podia consumir o matrimônio, mas certamente não seria uma agradável experiência. Qualquer mulher merecia algo melhor que o que ele podia oferecer. Embora suas feridas tivessem deixado de fazê-lo sofrer, as enxaquecas de três dias de duração que implicava qualquer tipo de movimento repetitivo, certamente não favoreciam uma união agradável.

— Não responde? — Disse o visconde, triunfante — Não estou falando por falar, nem tento fingir que é um garanhão quando não é assim. Dá conta de que poderia fazê-lo já que a garota não saberia nada até que fosse muito tarde. E seu pai se tornou tão miserável que nem sequer a acompanhou a Inglaterra. Seja como for — Prosseguiu dirigindo-se de novo a seu filho mais novo — Ela vem para casar-se. E se não poder ser com Quill, será contigo. Enviarei teu retrato no próximo navio.

— Não quero me casar, pai — Insistiu Peter marcando cada sílaba.

O visconde ficou vermelho como um tomate.

— Já vai sendo hora de que deixe de se divertir. Por Deus que me obedecerá!

Peter tirou de forma visível, uma bolinha de pó do pescoço de veludo.

— Não me entendeu, nego a me casar com a filha de Jerningham.

Só o leve tremor de sua voz traía seu nervosismo.

A viscondessa interveio na conversa antes que seu marido tivesse tempo de gritar de novo.

— Está muito alterado, Turlow Não poderiam continuar com esta conversa mais tarde? Já sabe o que disse o médico: não deve ficar nervoso.

— Bobagens! — Replicou o visconde deixando-se conduzir, entretanto até uma poltrona — Por São Jorge, senhor Peter Dewland, que me obedecerá ou te porei na porta da rua!

As veias das têmporas estavam inchando de forma preocupante e a viscondessa lançou um olhar suplicante a seu filho mais novo.

Mas antes que Peter pudesse falar, o visconde se pôs em pé de um salto.

— E que se supõe que devo contar a essa garota quando houver feito toda a viagem da Índia? Que você não deseja se casar com ela? Planeja dizer a meu amigo Jerningham que não quer a sua filha?

— Exatamente.

— E o dinheiro que me emprestou durante todos estes anos? Sem interesses. Enviava-me isso para que eu fizesse o que quisesse com ele. Pode ser que ainda seguisse fazendo-o se seu irmão não tivesse amassado uma fortuna especulando com a Companhia das Índias. Entre os dois decidimos considerá-lo como um dote. Casará com essa pequena ou eu...

Agora sua cor se tornou arroxeadado e apertava as mãos contra o peito sem dar-se conta.

— Quill poderia devolver o dinheiro — Objetou Peter.

— Maldição! Já permiti que seu irmão se transformasse em um comerciante e que jogasse na Bolsa, que me condenem se agora permito que pague minhas dívidas!

— Não vejo em que mudaria isso as coisas já que está pagando todos nossos gastos.

— Basta! A única razão pela que seu irmão... Pela que permiti que seu

irmão se metesse na Bolsa foi por que... Bem, porque está doente. Mas ao menos ele é um homem razoável, enquanto que você só é um inútil frívolo que só se preocupa com a moda.

Enquanto o visconde tomava fôlego, Quill cruzou seu olhar com o de seu irmão. Peter leu em seus olhos uma espécie de desculpa e viu como se fechavam as esporas do matrimônio em seus pulsos. Virou para olhar a sua mãe, mas viu que não podia esperar nenhuma ajuda por esse lado.

Com o coração em um punho, sentiu que fraquejava. Abriu a boca para protestar mais que podia dizer? Ao final o largo costume da submissão se apoderou dele.

— Muito bem — Resmungou com voz lúgubre.

Kitty Dewland se levantou para depositar um beijo em sua bochecha.

— Peter — Disse — Você sempre foi um consolo para mim. E a verdade é que se relacionou com muitas mulheres sem se declarar a nenhuma delas. Estou segura de que a filha de Jerningham será perfeita. Já sabe que sua mãe era francesa.

O olhar de seu filho expressava um resignado desespero que lhe doeu.

— Há alguma outra mulher querido? Alguém com quem desejasse se casar?

Peter negou com a cabeça.

— Bom — Continuou alegremente a viscondessa — Vamos nos preparar para receber a essa jovem Como se chamava Thurlow? Thurlow!

O visconde, muito pálido, estava apoiado no respaldo da poltrona.

— O meu peito está doendo Kitty — Resmungou.

A viscondessa saiu imediatamente do salão, muito afetada para dar-se conta de que seu adorado mordomo, Codswallop, estava justo atrás da porta.

— Vá procurar o doutor Priscian! — Gritou com voz aguda, voltando logo para salão.

O rígido Codswallop tinha estado escutando a conversa de seus senhores. Olhou ao filho mais velho dos Dewland antes de chamar um laçao. Era incrível! Quentin sempre tinha tido um corpo perfeito que se notava debaixo dos ajustados trajes, o tipo de corpo que fazia que as criadas ofegassem quando

pensavam nele. Devia tratar-se de uma enfermidade... Intima, disse-se com um estremecimento.

Nesse momento, Quill o olhou. Seus olhos foram de um estranho cinza esverdeado e seu rosto, muito bronzeado, tinha umas quantas rugas de dor. Dirigiu ao mordomo um olhar que o congelou até os ossos.

Este se refugiou rapidamente no vestíbulo e ordenou a uns criados que levassem o visconde a suas acomodações. Peter saiu em tromba, furioso, seguido mais lentamente pelo Quill, e Codswallop fechou atrás deles a porta do salão.

Uns três meses depois, o assunto estava fechado. A senhorita Jerningham devia chegar na semana seguinte no Plassey, uma fragata que procedia de Calcutá.

O visconde explodiu de raiva quando Peter anunciou no dia anterior à chegada da jovem, que ia passar uns dias no campo. Mas a noite desse cinco de setembro em vez de dirigir-se para o Hertfordshire se encaminhou para seu clube, e o visconde, pôde dar um discurso sobre as vantagens das futuras bodas, enquanto serviam o pombinho assado no jantar. Sem ter falado entre eles, Thurlow e sua esposa estavam convencidos de que se deixavam que fizesse o que quisesse, Peter nunca se casaria.

— Se tranquilizara assim que essa pequena esteja aqui — Declarou Thurlow.

— Terão uns formosos filhos — Anuiu sua mulher.

Só Quentin parecia cético. Quando seus pais abandonaram o salão, aproximou-se da janela e se apoiou no vidro com o olhar perdido nos jardins. Ao notar que a perna direita começava a protestar, mudou ligeiramente de posição. Estava acostumado aos aborrecimentos de seu pai e os tinha suportado em silêncio durante anos para fazer logo o que queria. Peter, por sua parte, sempre o tinha obedecido, de modo que não era surpreendente que tivesse terminado por ceder à vontade do visconde. Certamente nem sequer tinha pensado em desobedecer no momento em que compreendeu que seria seu filho quem herdaria o título algum dia.

Entretanto Quentin tinha o coração em um punho. Como seria a vida de Gabrielle Jerningham uma vez que estivesse casada com Peter? Teria uma vida

disciplinada e sofisticada como era frequente na alta sociedade. Uma união amistosa e distante.

Esticou-se e seu poderoso corpo se recortou contra a luz. Tinha um corpo moldado pela dor, a força de vontade e o exercício. Um corpo do qual conhecia todas as forças e debilidades. Não era o corpo de um simples cavalheiro londrino.

Com um movimento da cabeça, jogou o cabelo para trás, um cabelo que estava crescendo muito para estar na moda. Por um momento ficou imóvel golpeado pela lembrança do vento jogando com seu cabelo quando cavalgava com seu cavalo arrojado ao galope.

Mas os cavalos, igual às mulheres, eram agora um prazer proibido para ele. Um esforço que requeresse movimentos rítmicos ele pagava irremediavelmente com terríveis enxaquecas que faziam permanecer em seu dormitório, coberto de suor e presa de violentas náuseas. E os médicos se limitaram a dizer que a ferida que tinha sofrido na cabeça seis anos antes, o impedia de realizar movimentos repetitivos. Todos.

Quill apertou os dentes. Não havia nada pior que compadecer de si mesmo. Os cavalos e as mulheres eram agora parte do passado.

Sorriu; os esportes que mais sentia falta de (uma boa cavalgada e uma noite com uma mulher) a Peter não interessavam absolutamente. Que diferentes eram os dois irmãos!

Ao final talvez fosse que Quentin estava preocupando sem motivo por Peter e Gabrielle. Se seu irmão mais novo não gostava da ideia do matrimônio, ao menos gostava da companhia das mulheres. Uma jovem francesa decorativa, com a qual pudesse conversar comentar as últimas modas e pavonear-se nos bailes, poderia chegar a ser sua melhor amiga. E Gabrielle era um nome muito bonito que evocava elegância e refinamento. Peter alimentava uma verdadeira paixão pela beleza. Uma encantadora jovem certamente conseguiria que chegasse a aceitar o matrimônio.

Quill teria sido menos otimista se tivesse podido ver a encantadora jovem em questão.

A prometida de Peter estava nesse momento ajoelhada sobre o chão de seu camarote olhando à menina sentada em um tamborete que a escutava com

atenção. Os cabelos de Gabrielle escapavam de seu penteado e seu vestido passado de moda estava completamente manchado. Certamente não parecia para nada elegante.

— O tigre se movia sem fazer ruído na espessa mata — Estava dizendo em voz baixa e misteriosa — Punha uma pata diante da outra sem incomodar aos pássaros que cantavam nos ramos das árvores e lambia os lábios pensando no banquete que trotava alegremente diante dele.

Phoebe Pensington, uma órfã de cinco anos que se dirigia à casa de sua tia em Londres, estremeceu enquanto Gabby, cujos olhos marrons tinham tomado a cor dos do tigre, continuava:

— Mas quando o tigre chegou ao limite do bosque, deteve-se em seco. A cabra branca estava andando pela beira justo na borda das ondas azul marinho do oceano Índico. E o tigre tinha medo de água. Seu estômago lhe ordenava que avançasse, mas seu coração estava encolhido de medo. Ficou imóvel à sombra de uma árvore.

— Mas, senhorita Gabby — A interrompeu Phoebe com ansiedade — Se não se comer à cabra o que vai jantar? Não morrerá de fome?

Um brilho divertido atravessou o olhar de Gabby.

— Talvez estivesse tão envergonhado de sua falta de coragem que se esconderá no alto da montanha para alimentar-se somente de frutos e de folhas.

Phoebe tinha uma mente muito prática.

— Não acredito. Eu penso que o tigre saltou sobre a cabra e a devorou.

— Os tigres, ao igual aos gatos, têm terror da água — Disse Gabby — Não se dão conta da beleza das ondas acariciando a areia. Para este as ondas eram como pinças de caranguejo mordiscando seus ossos.

Phoebe deu um grito quando a porta do camarote se abriu rompendo a magia do relato.

Eudora Sibbald, completamente vestida de negro, observou a cena com severidade. A senhorita Gabrielle Jerningham estava sentada em uma postura muito pouco adequada, despenteada como de costume e com o vestido sujo. Parecia uma Maria macha cujo cabelo revelava um caráter desordenado.

— Phoebe — Grunhiu a babá da menina.

A pequena ficou em pé de um salto e fez uma reverência.

— Senhorita Jerningham — Continuou severamente Eudora com o tom que tivesse utilizado para repreender uma faxineira.

Gabby, que se tinha levantado do chão, recebeu com um encantador sorriso à antipática mulher.

— Perdoe... — Começou.

— Possivelmente não a ouvi bem, senhorita Jerningham. Você não me disse nada de “mordiscar os ossos” verdade?

Gabby pensou que Eudora não poderia ter chegado em pior momento.

— OH não! — Disse em tom conciliador — Estava contando a Phoebe uma passagem da Bíblia.

A senhora Sibbald enrugou o nariz. Sabia muito bem o que tinha ouvido e não se parecia muito a nenhuma passagem da Bíblia.

— Tratava-se da história do Jonas e a baleia — Acrescentou rapidamente Gabby — Já vê senhora Sibbald, como meu pai era missionário tenho tendência a falar sem parar da Bíblia.

A babá se tranquilizou um pouco.

— Nesse caso senhorita Jerningham... Entretanto lhe rogo que tente não excitar muito à menina. É mau para a digestão. E onde está Kasi Rao Holgar?

— Acredito que está dormindo a sesta. Disse que estava um pouco cansado.

— Me perdoe senhorita Jerningham, mas me parece que você mima muito esse menino. Príncipe ou não necessita dos edificantes ensinamentos da Bíblia. Depois de tudo é um indígena e só Deus sabe que influências teve em sua mais tenra infância.

— Kasi foi educado em minha casa — Protestou Gabby — E asseguro que é tão cristão como Phoebe.

— Tolices! — Decretou a senhora Sibbald — Nenhum hindu pode ser tão cristão como uma inglesa. Mas bom, é a hora do chá. Seu penteado está desfeito uma vez mais aconselho que o arrume imediatamente.

Dizendo isto a babá abandonou o camarote.

Gabby, suspirando, sentou-se em uma poltrona. Efetivamente várias mechas se escaparam das forquilhas.

Uma pequena mão puxou sua saia.

— Esqueceu-se por mim, senhorita Gabby, acredita que deveria chamá-la?

Dois enormes olhos azuis a estavam olhando com adoração. Gabby pegou à pequena e a sentou em seus joelhos.

— Juraria que cresceu meia cabeça durante esta viagem — Disse.

— Sim — Replicou Phoebe olhando com desgosto seu vestido — A saia é muito curta e me começam a ver os calções.

Essa ideia a aterrorizava.

— Estou segura de que terá roupa nova na Inglaterra — A tranquilizou Gabby.

— Acredita que ela me quererá? — Murmurou a pequena apoiando-se em seu ombro.

— Quem?

— Minha nova mamãe.

— Como poderia não querer? É a menina mais adorável de todo o navio. A verdade é que é a menina mais deliciosa que tenha chegado jamais da Índia.

Phoebe se apertou mais contra ela.

— É que, quando me despedi do Ayah...

Ayah era o hindu que tinha recolhido à menina. Sua separação do parecia havê-la traumatizado mais que a morte precoce de uns pais aos que mal tinha conhecido.

— Ayah disse que tinha que seja muito, muito boa, do contrário minha nova mamãe não me ia querer porque não tenho dinheiro.

Gabby amaldiçoou em silêncio ao Ayah.

— O dinheiro não tem nada que ver com o carinho que uma mãe sente por seus filhos — Disse com tanta firmeza como pôde — Sua nova mãe te quereria embora chegasse de camisola.

Esperava de todo coração que isso fosse certo. Segundo o capitão do navio não tinha havido nenhuma resposta à carta que tinham enviado à única

parente de Phoebe, sua tia.

— Senhorita Gabby — Disse a menina — Por que disse à senhora Assobiem que estava contando a história do Jonas e a baleia? Ayah diz que é errado dizer mentiras, sobretudo aos empregados e a senhora Sibbald é uma empregada não é certo? Contrataram-na para que me acompanhasse até a Inglaterra.

Gabby esfregou sua bochecha no sedoso cabelo da menina.

— Ayah tinha razão em parte. Mas às vezes se pode disfarçar ou pouco a verdade para que a pessoas esteja mais contente. À senhora Sibbald gosta que estude a Bíblia e já viu quão contente ficou quando a mencionei.

— Eu não acredito que nunca esteja contente — Disse Phoebe depois de pensá-lo um momento.

— Possivelmente, mas então é muito mais importante não zangá-la.

— Acredita que se disser a minha nova mamãe que tenho dinheiro ficará mais contente? Isso a faria me querer?

Gabby engoliu o nó que tinha na garganta.

— Carinho, estava falando de mentiras pequenas. Não tem que dizer a sua nova mãe uma coisa assim porque isso seria uma mentira muito grande. Às pessoas que se importam como sua nova mãe, terá que dizer sempre a verdade.

A menina sumiu em um silêncio cheio de cepticismo.

Gabby estava espremendo o cérebro; apesar de seu desejo de ter filhos, estava-se dando conta de que educá-los era mais difícil do que pensava.

— Você contribui com dinheiro ao seu marido? — Perguntou Phoebe apoiando a face no ombro de Gabby.

— Sim — Confessou ela de má vontade — Mas não me amará por isso.

Phoebe se levantou com curiosidade.

— Não?

— Peter me amará por mim mesma — Disse tranquilamente Gabby — E sua mãe te quererá por si mesma.

A pequena saltou ao chão.

— Por que disse à senhora Sibbald que Kasi estava dormindo a sesta em

seu camarote? Isso não é certo, e não a fez feliz.

— É outra regra. Meu querido Kasi está aterrorizado pela senhora Sibbald.

— Que regra?

— Terá que proteger os fracos frente os fortes — Contestou Gabby retificando imediatamente — Bom, não é exatamente assim Phoebe. Já conhece o Kasi. O pôr nas mãos da senhora Sibbald teria sido como entregar a cabra ao tigre.

Ouviu-se um ruído atrás do biombo que tampava a banheira e a menina se aproximou de olhar.

— Tem que sair Kasi Rao folgar — Ordenou pondo as mãos nos quadris — O que pensaria a senhora Sibbald se te visse na banheira completamente vestido?

— O deixe que fique se quiser — Indicou Gabby do outro extremo do camarote.

Mas Phoebe moveu a cabeça com uma determinação que sua babá teria aprovado.

— É a hora do chá Kasi — Insistiu — Não se preocupe Gabby não voltará a contar a história do tigre.

Um pequeno rosto com uns imensos olhos apareceu atrás do biombo. O menino não tinha muita vontade de sair de seu esconderijo mais Phoebe o puxou pela mão.

— Só estamos nós Kasi.

Os olhos escuros inspecionaram o camarote e Phoebe o sacudiu com impaciência.

— A senhora Sibbald acredita que esta dormindo de modo que não tem nada que temer.

— Vamos tomar o chá — O tranquilizou Gabby.

O menino encontrou por fim a coragem para sair de seu refúgio e se precipitou a ir aos joelhos dela onde se aconchegou como um passarinho em seu ninho.

— Tem fome irmãozinho?

— Não é seu irmão — Retificou Phoebe — É um príncipe!

— É certo, mas sua mãe era parente da primeira mulher de meu pai e cresceu a meu lado de modo que tenho a sensação de que é meu irmão.

Kasi estava brincando com o medalhão que Gabby tinha pendurado ao pescoço e cantarolava enquanto tentava abri-lo.

Phoebe, do outro extremo da poltrona se aproximou para apoiar-se na perna de Gabby.

— Posso ver o retrato de seu marido?

— É obvio!

Antes de sair com destino à Inglaterra tinha recebido uma miniatura de seu futuro esposo. Abriu o medalhão.

— A está esperando em Londres, senhorita Gabby?

Sim. Esperam-nos no mole, Phoebe. A você sua nova mamãe e ao Kasi a senhora Malabright. Verdade carinho?

Teve a satisfação de ver que o pequeno príncipe assentia com a cabeça. Todos os dias lhe recordava que uma vez na Inglaterra, a senhora Malabright iria lhe buscar.

— E depois o que acontecerá, Kasi? — Insistiu.

— Viverei com a senhora Malabright — Disse — Eu gosto de muito a senhora Malabright. Eu não gosto da senhora Sibbald.

— A senhora Malabright te levará a sua casa e nunca voltará a ver a senhora Sibbald — Prometeu Phoebe — Eu irei vê-lo, esconderei-me e não direi a ninguém onde está.

— Sim! — Disse o menino satisfeito voltando a brincar com o medalhão.

— Gosta de seu futuro marido senhorita Gabby — Perguntou Phoebe.

Só olhando o retrato de Peter, com seus doces olhos marrons e seu cabelo ondulado, Gabby sentia o coração disparado.

— Sim — Respondeu.

Phoebe, que já era uma romântica apesar de sua curta idade, deu um lânguido suspiro.

— Estou segura de que você também gosta. Enviou um retrato para ele?

— Não tive tempo de fazê-lo.

Embora o tivesse tido não o teria mandado. No único retrato que seu pai tinha permitido que fizessem dela aparecia horrivelmente bochechuda.

Guardou o medalhão no sutiã.

Enquanto os três roíam umas torradas de pão duro já que o fresco se terminou fazia tempo; não pôde evitar sonhar com os olhos de seu prometido. Graças a Deus a entregavam a um homem que era tudo o que ela esperava de um marido. Parecia tranquilo e conciliador, justamente o contrário que seu pai.

Gabby estava contente. Peter seria um pai amoroso e dedicado a seus filhos. Já imaginava quatro ou cinco meninos com os olhos de seu pai. Dia após dia, o navio a levava léguas da Índia, longe das ácidas recriminações de seu pai:

— Gabrielle, não pode ficar um momento calada? Gabrielle, outra vez me envergonhou com seu mau comportamento.

Ou o pior de tudo:

— Meu Deus! Por que me castigou com uma filha tão feia e faladeira?

A felicidade de Gabby ia aumentando com cada milha que avançava o navio.

E a confiança em si mesma aumentava ao mesmo tempo. Peter a amaria, coisa que seu pai tinha sido incapaz de fazer. Tinha a sensação de que seus olhos viam o fundo de sua alma, que podiam ver a Gabby digna de ser amada, não a Gabby impetuosa e torpe...

Sim, se Quentin tivesse podido ver Gabrielle e ler seus pensamentos, ficaria gelado.

Mas como não tinha muita imaginação, e tampouco era adivinho, convenceu-se de que a senhorita Gabrielle Jerningham seria uma perfeita esposa para seu irmão. De fato, mais tarde durante a noite, disse a Peter quando viu no clube.

Este último, de muito mau humor, estava tentando afogar suas penas em álcool.

— Não sigo seu raciocínio — Resmungou.

— O dinheiro — Respondeu Quill.

— O dinheiro? Que dinheiro?

— O seu.

Quentin teve um fugaz sentimento de culpa, a estava tratando como se fosse uma mercadoria, coisa que por outra parte era certa em parte.

— Com o dinheiro de Jerningham — Continuou — Poderá compartilhar a roupa que tanto você gosta.

— Já uso o melhor que há — Disse Peter com altivez consciente de ir sempre à vanguarda da moda.

— Usa o que te pago — Respondeu seu irmão.

Peter mordeu o lábio inferior. Teria sido muito grosseiro; e iria contra sua natureza basicamente amável; fazer notar a Quentin que algum dia a fortuna deste passaria a ser dele porque não haveria outro herdeiro. Salvo se, por um milagre, alguém conseguisse curar suas enxaquecas.

Sim, seria muito agradável dispor de seu próprio dinheiro.

Quentin viu como se iluminava o olhar de seu irmão e tornou a sentir o coração mais leve. Deu uma amistosa palmada nas costas antes de abandonar o clube.

Capítulo 2



O visconde Dewland tinha enviado George, um jovem laçao, aos moles da Companhia das Índias o dia que supunha que ia chegar o Plassey. Mas depois de duas semanas, já que o navio chegava com atraso, os viscondes decidiram ir a Bath, pensando que uma cura em suas águas melhoraria a saúde de Thurlow. Kitty pediu a Codswallop que os avisasse quando soubesse algo do navio. E todas as noites durante três semanas mais, o jovem George voltou para casa com um aspecto bastante desarrumado depois de haver passado todo o dia nos botequins que havia no porto.

Tiveram que esperar dois de novembro para que o Plassey atracasse. George se apressou a voltar para St. James Square.

Mas encontrou com uma casa sumida no silêncio. Não viam muito o noivo nos últimos dias. Seu ajudante de câmara dizia que estava emburrado, o qual divertia enormemente aos criados já que não podiam acreditar que estivesse zangado porque o obrigavam a casar-se com uma rica herdeira.

De fato o único membro da família que se encontrava presente na casa era Quentin, que estava comprovando os informes que seu secretário tinha entregado. Desde o acidente estava privado das distrações habituais dos cavalheiros de modo que tinha posto sua enorme inteligência a disposição dos negócios. Nenhum de seus professores de Eton; que o consideravam como um dos alunos mais brilhantes que tinha passado pela universidade; estranhou ao saber que seus investimentos tinham dado consideráveis benefícios. Quill, que tinha começado a amearhar uma fortuna graças à Companhia das Índias, possuía agora uma fábrica de lã em Yorkshire e uma leiteria em Lancashire.

Apesar de tudo preferia especular a ter propriedades. Tinha quinze empregados que percorriam as Ilhas Britânicas reunindo informação sobre minas de cobre e de carvão. Recentemente tinha decidido que atuassem de incógnito porque se alguém se dava conta de que Quentin Dewland estava interessado em uma empresa, às ações desta subiam como a espuma na Bolsa.

Nesse momento sua mente estava perdida; esquecendo o relatório de Maignall & Bulton, fabricantes de malhas; na contemplação das folhas mortas que estavam disseminadas pelo atalho. Durante sua convalescença passou horas reorganizando o jardim de sua janela. As ameixeiras este ano tinham dado muitos frutos.

Entretanto estava nervoso e custava muito concentrar-se nos numerosos informes que estavam esperando turno.

O jovem George se manteve diante dele até que levantou os olhos.

— O Plassey chegou milorde, e o senhor Codswallop não sabe onde está o senhor Peter.

Quill se levantou.

— Diga a Codswallop que irei eu mesmo a procurar à senhorita Jerningham.

Isso era exatamente o que necessitava dar uma volta por quão moles ferviam de atividade embora só fosse para procurar à futura esposa de seu irmão.

Meia hora mais tarde, sua elegante carruagem se deteve e desceu dela para continuar o caminho a pé entre a gente.

— Nossa Dewland, olá! Veio fiscalizar o desembarque de alguma mercadoria?

Timothy Waddell não podia esconder sua curiosidade. Todos sabiam que o que tocava Dewland se transformava em ouro e lhe tivesse gostado de saber sua opinião sobre uma fábrica de algodão que acabava de comprar.

— Hoje não — Respondeu Quentin.

Foi tão cortante que Waddell recuou e não se atreveu a lhe perguntar.

Quill se afastou. Reparou em uma mulher que havia no mole, certamente uma passageira do Plassey; enquanto se aproximava se deu conta de que tinha agarrada a mão a uma menina. Supôs que a prometida de Peter devia estar esperando que alguém fosse recolhê-la antes de abandonar o navio.

Dirigiu-se a um marinheiro.

— Onde posso encontrar à senhorita Jerningham?

O homem sorriu.

— Bem atrás de você.

Quentin se virou lentamente. A mulher o estava olhando inquisitivamente. Maldição! Pensou a senhorita Jerningham era indiscutivelmente formosa, Tinha a boca mais carnuda que ele já tinha visto e seus olhos... Seus olhos tinham uma cor quente similar ao do conhaque; mas foram sobretudo seus cabelos os que chamaram a atenção de Quill. Eram de uma cor castanha dourada como se fosse cobre escuro e os cachos escapavam das forquilhas. Parecia que acabasse de sair da cama. Uma cama que devia ser muito cômoda. De fato era o contrário de uma elegante dama francesa. Diabo!

Repentinamente se deu conta de que a estava olhando fixamente sem que tivesse ocorrido apresentar-se.

— Peço desculpas — Disse fazendo uma reverencia — Sou Quentin Dewland, e logo terei o prazer de ser seu cunhado.

— Oh!

Por um momento ela tinha acreditado que era Peter, seu prometido, mas embora Quentin parecesse ligeiramente a seu irmão, não tinha nada em comum com o retrato. Não. Era muito impressionante, muito viril. E seus olhos pareciam muito... Autoritários.

Ela fez uma reverência e notou que alguém puxava sua manga.

— É seu marido, senhorita Gabby? — Perguntou Phoebe com os olhos brilhantes de excitação.

Gabby se ruborizou ligeiramente ao se dirigir a Quentin.

— Posso lhe apresentar à senhorita Phoebe Pensington? Phoebe e eu passamos muito tempo juntas durante a travessia. Phoebe, este é o senhor Quentin Dewland, o irmão de Peter.

Quentin a estava observando com tanta insistência que cortou seu fôlego. Ele parecia muito formal, melhor não gostava que chamasse a seu irmão por seu nome de batismo.

Assombrou-se ao ver que saudava cortesmente à menina.

— Senhorita Phoebe...

Quando sorria lhe iluminava o rosto. Possivelmente depois de tudo, não

fosse tão aterrador, de todos os modos, logo seriam família e ela tinha a obrigação de lhe respeitar.

— Você sabe onde está minha nova mamãe? — Perguntou Phoebe.

Quentin negou com a cabeça.

— Temo que não — Respondeu lançando um olhar interrogador a Gabby.

— Acreditei que estaria chovendo — Continuou a menina — Ayah me disse que o céu inglês estava sempre negro como a cova do diabo. Por que não está chovendo? Você acha que esta tarde choverá?

— Uma nova mamãe? — Repetiu Quentin cruzando seu olhar com a de Gabby.

— Phoebe se refere à senhora Emily Swing — Explicou ela — É a irmã de sua falecida mãe. Os pais da menina morreram em um desgraçado acidente no Madras, de modo que tiveram que enviá-la a Inglaterra. Entretanto o capitão me disse que a carta avisando à senhora Swing deve ter se perdido porque não tinha chegado nenhuma resposta quando o Plassey se fez ao mar.

— E porque diabos a meteram no navio de todas as formas?

A menina estava escutando atentamente e Gabby era consciente disso.

— Estou segura de que a carta chegou a seu destino depois de nossa saída — disse alegremente.

— Isso não pode assegurá-lo, se assim fosse essa mulher estaria aqui.

Gabby o olhou muito séria.

— É muito possível que não saiba que chegamos. Desgraçadamente Plassey se desviou de sua rota faz coisa de um mês por culpa de uma tormenta à altura das Ilhas Canárias.

— A senhorita Phoebe não tem acompanhante?

— Neste momento não. O governador contratou uma senhora para que a acompanhasse, a senhora Sibbald, mas esta considerou que sua missão tinha terminado assim que o navio atracou. Foi embora.

— Onde está o capitão? A senhorita Phoebe está sob sua responsabilidade, deveríamos lhe entregar à menina e eu acompanharei você a Dewland House, senhorita Jerningham.

— Eu não gosto do capitão Rumbold — Interveio a pequena — Não quero ir com ele e não quero vê-lo nunca mais.

— Temo que não seja possível — Acrescentou Gabby — Compreenda, o capitão Rumbold está muito contente de ter conseguido chegar ao porto, acredito que em alguns momentos de viagem teve medo de perder seu navio. Mandou fabricar, na Índia, uns chapéus, e os carregou no navio, são horrorosos mais quer fazê-los passar por chapéus franceses...

Gabby viu que Quentin Dewland franzira os lábios e se apressou a terminar:

— O capitão já se despediu de nós. Partiu para ir fiscalizar o desembarque de sua mercadoria. Além disso — Acrescentou — Não gosta de crianças.

Quill respirou profundamente. Orgulhava-se de não perder nunca a calma, nem sequer sob a dor mais intensa, mas essa mulher estava a ponto de deixá-lo louco, muito mais que sua ferida na perna. Nesse momento estava com seu pequeno rosto levantado em muda interrogação. Por desgraça ele não se inteirou do que ela tinha estado dizendo. Curiosamente só podia pensar em uma coisa: fazê-la calar com um beijo. A senhorita Jerningham tinha os lábios mais formosos do mundo. Compreendeu que ela estava esperando uma resposta por sua parte.

— Perdoe, temo que não ouvi bem a pergunta.

— Eu... Estava pedindo que me chamasse de Gabby — Balbuciu ela.

Por sua expressão, parecia que ele pensava que ela era como uma fábrica de palavras. Teria que conter a língua cada vez que se encontrasse em sua presença. Graças a Deus que ia se casar com Peter, esse pensamento levantou sua moral.

— Gabby — Repetiu Quill — Combina.

Esboçou um sorriso totalmente inesperado e ela devolveu com acanhamento.

— Estou tentando não falar muito.

— Eu gosto de muito ouvir falar com a senhorita Gabby— Decretou Phoebe com sua voz fina.

Os dois adultos a olharam surpreendidos.

Gabby tinha esquecido completamente dela e se dirigiu de novo para seu futuro cunhado.

— Posso levar Phoebe comigo? Deixaremos uma mensagem para a senhora Ewing.

— Parece que não temos outra escolha — Aprovou Quentin.

Apesar de seus esforços, Gabby não conseguia decifrar sua expressão. Ele tinha o rosto mais impassível que ela tivesse visto, e seus olhos só se animavam quando sorria. Eram verdes, de um profundo cinza esverdeados como o mar quando estava em calma.

Ele já foi para reclamar sua bagagem.

Gabby se agachou até ficar ao nível da menina.

— Quer vir comigo a casa de Peter, Phoebe? Parece que ninguém avisou a sua nova mãe de sua chegada e me sentiria muito feliz se me acompanhasse.

A menina assentiu, mas Gabby notou que estava a beira das lágrimas e a abraçou.

— Ficará comigo até que encontremos a sua mãe, pequena. Não te abandonarei.

Phoebe se deixou cair contra seu ombro e depois se levantou.

— Ayah diz que as damas inglesas nunca devem demonstrar suas emoções — Disse com voz estrangulada.

— Olhe, dá-me um pouco de medo conhecer Peter e jogo muito de menos ao Kasi Rao, de modo que me sentiria muito melhor se tivesse uma amiga a meu lado.

Phoebe quadrou os ombros e agarrou sua mão.

— Não tenha medo — Disse — Não a deixarei sozinha, mas deveria você refazer seu penteado, esta se voltando a cair.

— Maldição!

Gabby levou as mãos ao cabelo. Esforçou-se em não tocar durante toda a manhã para estar bem penteada quando conhecesse Peter. Tirou o chapéu e o entregou a Phoebe. Sabia por experiência que o melhor que podia fazer para remediar o problema era pentear-se de novo.

Quill, que estava falando com um marinheiro, voltou-se a olhá-la... E ficou petrificado. Gabrielle Jerningham estava desfazendo o coque e uns maravilhosos cachos cor ouro escuro caíam até a cintura. Engoliu seco. Nunca tinha visto o cabelo de uma mulher exposto desse modo em público, se por acaso fosse pouco, a senhorita Jerningham sacudiu a cabeça como se os marinheiros e os descarregadores que a rodeavam não existissem.

Os homens olharam boquiabertos à encantadora jovem que se comportava como se estivesse na penteadeira de sua casa.

Quill esteve ao seu lado em um segundo, furioso.

— Onde diabos está sua donzela?

Gabby piscou.

— Não tenho. Meu pai não gosta que tenha donzelas, diz que uma dama digna de tal nome deve poder vestir-se sozinha.

— Uma dama não se penteia diante de todo mundo!

Gabby olhou a seu redor e viu que todos os marinheiros apartavam rapidamente a vista.

— Estou acostumada a que me olhem — Replicou rapidamente — No povoado meu pai e eu fomos os únicos Europeus e se supunha que meus cabelos traziam sorte.

Interrompeu-se quando ele a agarrou pelo braço.

— Venha — Grunhiu antes de dirigir-se a Phoebe que seguia tendo o chapéu entre as mãos — Dê-me.

Colocou-o de qualquer modo em cima da cabeça de Gabby.

— Senhorita Jerningham — Disse com tom cortante.

Gabby pegou Phoebe pela mão. Bem, se ocuparia de seu penteado na carruagem. Subiu a este último segurando Phoebe contra ela e se fez rapidamente um coque à altura da nuca.

— Assim está melhor — Passou na menina enquanto colocava as forquilhas de qualquer modo.

Quill não sabia o que dizer. Ela necessitaria de uma donzela. Já podia ver que o penteado não demoraria para desfazer de novo.

Observando-a mais atentamente se deu conta de que a sensação de pouca elegância que se desprendia de Gabby também se devia a seu corpo. Não era muito alta e era... Gordinha.

Contrariado, conduziu em silêncio, mas ela não parecia zangada pelo mau humor dele. Tagarelou com Phoebe durante todo o trajeto comentando quanto viam. A voz de Gabby estava em harmonia com seu rosto. Era uma voz grave e formosa, ligeiramente velada, uma voz que a Quentin parecia que prometia prazeres sensuais.

Mas que ia dizer Peter? Não podia equivocar-se, Peter estava comprometida com uma mulher bastante gordinha, bastante indolente e desprovida de graça feminina enquanto que as mulheres que ele gostava sempre eram altas e magras como sílfides. Eram frias, sofisticadas e gostavam de seu refinamento. Não tinham uma boca carnuda, nenhuma voz que falasse de prazeres íntimos fosse qual fosse o tema de que falassem.

Jogou uma rápida olhada. Possivelmente contratando a uma donzela... Sim, tinha que fazê-lo, mas era difícil imaginar Gabby como uma dama tranquila e distinguida. Seu coque já estava inclinando perigosamente para a direita.

Assim que chegassem indicaria qual era seu quarto e enviaria à donzela de sua mãe para que se ocupasse dela. Era absolutamente necessário que pusesse remédio a seu aspecto antes que Peter voltasse.

Enquanto subiam os degraus do alpendre, teria sido impossível dizer qual das duas, Gabby ou Phoebe, agarrava-se com mais força à mão da outra. Quill virtualmente a tinha tirado a força do carro já agora quase a estava empurrando para a enorme porta.

Esta se abriu deixando ver um homem gordinho que murmurou umas palavras de boas-vindas. Inclinou-se tanto que Gabby temeu que a empoeirada peruca caísse ao chão. Era muito elegante, até o ponto que por um momento pensou que era o visconde, mas ele lhe deu bom dia sem olhá-la. Quentin não se incomodou em apresentar simplesmente ordenou que fossem recolher as malas no porto.

Quando o homem ia fazer carregamento de seu casaco, Gabby apoiou uma mão no braço.

— Obrigado — Disse sorrindo — Ouvi que o senhor Dewland se chamava Codswallop.

O mordomo abriu os olhos com assombro.

— Em efeito, senhora, quer dizer... Senhorita Jerningham. Esse é meu nome.

Graças a Deus, Codswallop não era tão esticado como parecia com sua impecável librea. Sorriu de novo.

— Estou encantada de conhecê-lo, senhor Codswallop. Posso lhe apresentar à senhorita Phoebe Pensington? Ficaré um tempo conosco.

Codswallop se inclinou como se estivesse diante a rainha.

— Senhorita Phoebe... Estamos muito contentes de que tenha vindo à Inglaterra, senhorita Jerningham. Geralmente me chamam só Codswallop — Acrescentou sem poder conter um sorriso.

— Me perdoe, temo-me que tenho muito que aprender sobre os costumes ingleses. Já fiz que o senhor Dewland se sentisse incômodo quando me pentei no porto.

Quill a interrompeu antes que lançasse a enumerar todas as mancadas que tinha tido ou podia chegar a ter.

— A senhorita Jerningham certamente deseja refrescar-se, Codswallop. Por favor, acompanhe-a ao seu quarto e diga a Stimple que a ajude.

— Lamento-o, mas Stimple acompanhou lady Dewland a Bath, senhor.

Quill franziu o cenho. É obvio que Kitty levou a sua donzela com ela. O que podia fazer agora?

Codswallop abriu as portas do salão hindu.

— Vou pedir que tragam o chá — Anunciou - e informarei à senhora Farsalter de que a senhorita Jerningham não tem donzela. Não demorará em solucionar o problema.

— Muito obrigado Codswallop — Exclamou Gabby — Não tinha nem ideia de que as donzelas fossem tão importantes neste país. A senhora Farsalter é a governanta?

Ouviu-se uma vozinha que dizia:

— Eu tampouco tenho donzela.

Gabby sorriu ao Phoebe.

— Acredito que a senhora Farsalter quererá contratar uma babá para Phoebe se sua estadia se prolongar.

— Depois de você senhorita Jerningham — Disse Quentin fazendo esforços por conter sua irritação.

Codswallop desapareceu na zona dos criados levando os casacos.

— Meu Deus! — Murmurou Gabby entrando no salão — Que lugar mais... Encantador.

— Uma das ideias de minha mãe — Respondeu secamente Quill.

Gabby se dirigiu para uma mesa especialmente horrível cuja pata central representava um tigre sentado.

Phoebe acariciou a cabeça do animal.

— De onde provém este móvel? — Perguntou Gabby intrigada.

— Minha mãe chama a este lugar, o salão hindu, senhorita Jerningham. Esperava poder pô-lo na moda em Londres. O decorador assegurou que o mobiliário hindu ia fazer furor, desgraçadamente não foi o que aconteceu — Anuiu Quill com um encolhimento de ombros — Mas depois de ter gasto tanto dinheiro meu pai não estava muito inclinado a voltar a ter um singelo salão inglês.

Gabby lhe lançou um olhar suspicaz. O parecia impassível mais podia adivinhar uma leve zombaria no tom de sua voz.

— É curioso — Fez notar ela maliciosamente — Que nós nunca tivéssemos uma mesa como esta em nossa casa, tendo em conta que passei toda a vida na Índia. De fato não recordo ter visto nunca uns móveis como estes.

Só os olhos de Quill sorriam.

— Rogo que não revele a triste realidade a minha mãe — Disse apoiando os cotovelos no rebordo da lareira — Depois de ter gasto perto de vinte mil libras nesta extravagância, sentiria-se destroçada se soubesse que seus exóticos tesouros provêm do um marceneiro de Southampton chamado Fred Pinkle.

— Fred Pinkle? Fez averiguações sobre os móveis! — Reprovou Gabby.

— Não foi realmente uma investigação — Respondeu ele apoiando-se no respaldo de uma poltrona — Eu era dono de umas ações da Companhia das Índias, de modo que conhecia bastante bem as coisas que se podiam comprar nessa parte do mundo.

Ela franziu os lábios.

— Você possuía uma parte da Companhia das Índias?

Quill levantou a vista surpreso. Era a primeira vez que ela falava tão secamente.

— Isso lhe incomoda senhorita Jerningham?

Ela enfrentou seu olhar.

— Não, certamente que não. A verdade é que não é meu assunto. Mas por favor, poderia me chamar de Gabby? Depois de tudo logo seremos família.

Quill se incorporou. A perna estava recordando de modo cruel o comprido trajeto na carruagem.

— Então você terá que me chamar Quill.

— Quill? Que nome mais bonito!

— Bonito de verdade ou tão bonito como este bonito salão?

Ela riu.

— Pegou-me, senhor... Quill. Posso perguntar algo?

— Por favor.

— Está doendo sua perna?

Ela tinha hesitado um pouco antes de falar sem saber se sua pergunta seria considerada como uma rabugice ou não. Quill poderia ter dito que nenhuma mulher bem educada se atreveria a fazer uma pergunta tão pessoal a um homem, sobretudo quando apenas conhecia. Mas apesar de todo escapou um sorriso ao pensar que Gabby ia animar sua séria casa.

— Tive um acidente com o cavalo faz seis anos e embora tivesse a sorte de poder voltar a andar, o estar de pé me resulta muito difícil.

Os olhos do Gabby expressavam toda sua compaixão.

— Então porque não se sentou?

— Senhorita Gabby!

Phoebe tinha voltado para seu lado depois de inspecionar os variados animais que decoravam os móveis da viscondessa.

— O senhor Dewland não pode sentar-se se você não faz antes — Acrescentou — Ayah me disse que os cavalheiros nunca se sentam em presença das damas. Quero dizer, em caso de que a dama esteja de pé.

Gabby se ruborizou.

— Lamento — Se desculpou sentando-se imediatamente em um sofá — Estou segura de que vou cometer muitas infrações deste tipo. A meu pai não gostava de muito que chamava tolices dos aristocratas, de modo que não sei virtualmente nada dos costumes ingleses.

— Não tem problema — Disse Quill deixando cair sobre uma poltrona com um pequeno suspiro de alívio.

A menina se instalou em um tamborete aos pés de Gabby. Quill, divertido, disse que as duas eram completamente opostas; Phoebe com suas maneiras impecáveis, seu vestido cuidadosamente colocado a seu redor, a mãos nos joelhos e as pernas cruzadas à altura dos tornozelos. E Gabby; não é que seu comportamento não fosse adequado realmente, mas em sua atitude não havia nenhum artifício. Para começar o penteado se desfez de novo assim que entregou o chapéu a Codswallop. E seu vestido tinha uma estranha raia. Era evidente que tinha sido cortado com a cintura alta seguindo a moda, entretanto estava feito com uma malha rígida que se inchava a altura dos quadris como se tratasse de uma menina com anáguas engomadas.

Nesse momento apareceu o mordomo.

— Em seguida servirei o chá — Anunciou antes de voltar-se para Quill com uma bandeja de prata na qual havia um cartão de visita — O senhor Lucien Blanc está aqui senhor. Quer recebê-lo?

— Não.

Gabby dirigiu a Quill um sorriso.

— O rogo, não despeça de seu amigo por minha culpa. Certamente o senhor Blanc pode reunir-se conosco para tomar o chá.

Quentin franziu o cenho.

— Acredito que é melhor não ter convidados neste momento.

Sua atitude pareceu pomposa inclusive a si mesmo mais não via como abordar o assunto do estado do penteado de Gabby.

Ela fez uma careta.

— Não conheço os costumes ingleses, mas sei o triste é ir visitar um amigo e encontrar-se com a porta fechada.

Quill, finalmente, assentiu em direção a Codswallop enquanto Gabby continuava dizendo radiante de alegria:

— Não temos necessidade de cerimônias estando em família. Estarei encantada de conhecer um de seus amigos. Peter deverá tomar o chá? — Perguntou depois de uma ligeira vacilação.

Ele se esticou um pouco.

— Duvido. Pelo geral volta de noite, já tarde.

— Oh! Esta em Londres agora? Sabe que cheguei?

Essa era uma pergunta perigosa. Certamente Peter tinha sido informado por um laçao da chegada do Plassey, mas isso só serviria para que voltasse ainda mais tarde.

— Não! — Respondeu um pouco muito secamente — Se tivesse sabido teria ido recebê-la ele mesmo. Quando chegou a mensagem só estava eu na casa. Além disso, deveria haver dito que meus pais sentem muito não estar aqui, estão em Bath tomando as águas.

Gabby relaxou.

— É obvio! Ele não sabia. Acredita que algum laçao poderia levar uma mensagem?

Ela era adorável e estava um pouco despistada.

— Impossível! Não sei onde pode estar.

A conversa estava pondo muito nervoso. Essa mulher se comportava como se estivesse apaixonada pelo Peter quando na realidade se tratava de um matrimônio de conveniência, um matrimônio entre dois desconhecidos.

Codswallop voltou a abrir a porta anunciando:

— O senhor Lucien Blanc.

Um homem elegante, vestido de negro, entrou no salão.

Quill se sentiu imediatamente aliviado. A conversa seria mais fácil com Lucien. Tinha tanto encanto o condenado!

— Lucien posso te apresentar a minha futura cunhada, a senhorita Jerningham, filha de lorde Richard Jerningham? E esta é a senhorita Phoebe que vai ficar algum tempo conosco.

Lucien se aproximou, e se dispunha a fazer uma reverência, quando a senhorita Jerningham se levantou do sofá de um salto. Ele tropeçou e deu um passo para trás. De repente sua saudação foi bastante menos elegante.

Gabby lhe fez uma reverência.

— Encantado de conhecê-la senhorita Jerningham — Disse — E a você também senhorita Phoebe.

A menina fez uma reverência perfeita.

— Caramba! — Exclamou Lucien — É muito raro conhecer uma juvenzinha tão educada.

Phoebe sorriu, mas ele adivinhou que algo não ia bem. A menina, esgotada, parecia estar ao bordo das lágrimas. Que estranha situação! Essa mulher tão desajeitada ia converter se na esposa de Peter? E que pintava a pequena Phoebe em tudo isto?

Sentou-se e se produziu um molesto silêncio até que Gabby compreendeu que Quill não tinha intenções de iniciar a conversa.

— É você francês senhor Blanc? — Perguntou amavelmente.

Lucien assentiu.

— Vivi na França a maior parte de minha vida, mas resido na Inglaterra há doze anos.

— Você poderia ter conhecido a minha mãe na França? Seu nome de solteira era Marie Du Lac.

— Temo que não. Minha mulher e eu levávamos uma vida de muito recolhimento e raras vezes íamos a Paris. Sua mãe estava na Corte?

Gabby avermelhou.

— Não sei. Meu pai se negava a falar dela.

Lucien a olhou com simpatia.

— Algumas vezes, depois da morte de um ser querido, acontece isso.

Codswallop entrou nesse momento seguido por três lacaios que carregavam um enorme bule e várias bandejas. Depositaram as coisas em cima de uma mesa e Gabby notou que o bule estava diante dela.

— Devo... — Perguntou a Quill.

— Por favor.

— Nunca tomei verdadeiro chá chinês — Confiou a Lucien — Na Índia se diz que é um néctar.

— Na Inglaterra dizem que é ouro líquido, só gente como Quill, que conhecem os espadachins da Companhia das Índias, podem permitir-se tomá-lo a qualquer hora.

Ela estava concentrada servindo o chá nas delicadas xícaras de porcelana.

— O que são os “espadachins”?

— São os que dirigem a Companhia e controlam a importação do chá chinês.

Gabby se voltou para o Quill.

— Você é um espadachim?

Podia-se notar em seu tom um deixo de desaprovação.

— Não. Lucien está brincando, eu...

— Gabby! Gabby! — Começou a gritar Phoebe.

Horrorizada, deu-se conta de que ao olhar para Quill se esqueceu de levantar a bule e o chá tinha transbordado a taça estendendo-se sobre a mesa e estava gotejando sobre o tapete persa.

Vermelha como um tomate, fez um gesto brusco e um jorro de chá manchou seu vestido branco. Esqueceu-se das regras de educação que conhecia.

— Maldição! — Exclamou.

Instintivamente tentou evitar que o chá caísse sobre o tapete mais a única coisa que conseguiu foi sujar as luvas e desviar o líquido para o vestido de Phoebe.

Esta explodiu em soluços.

— Phoebe sinto muito — Exclamou Gabby dando um salto em direção à menina.

Sua cadeira, decorada com tigres, caiu. Ela tentou apanhá-la, mas enganchou o pé na prega da saia. Ouviu-se o som de um rasgo ao tempo que se encontrava de repente com o nariz em cima dos joelhos de Quill.

Nesse mesmo instante Codswallop se atirou para a cadeira, agarrou o respaldo e caiu. Mordomo e cadeira se encontraram no chão em meio de um som de madeira quebrada.

Lucien que estava contendo uma gargalhada aproximou-se para pegar à pequena Phoebe em seus braços como se a conhecesse toda a vida.

— Já passou pequena — Murmurou — Diga-me porque chora por uma simples mancha no vestido.

Levou-a para um lado acariciando seu cabelo enquanto ela recitava com voz entrecortada a esperta de suas desgraças, misturando o desaparecimento de sua mãe com a longitude de sua saia e logo o chá derrubado e o que Ayah pensava das meninas descuidadas.

Gabby, que tinha saído depressa das pernas de Quill, tentava desesperadamente levantar com os olhos cheios de lágrimas, pensando que morreria de humilhação.

Com um gesto ligeiro, ele a agarrou pelos ombros, colocou-a de pé, e se levantou o mesmo tempo.

Ela não se atrevia a olhá-lo. Tinha derramado o chá e suas luvas estavam terrivelmente manchadas iguais ao sutiã do vestido cuja prega estava esmigalhada, com o desenho de motivos gregos arrastando pelo chão. Ele devia pensar que era muito desajeitada.

— E se o deixássemos? Nossa presença na mesa já não é necessária — Disse com um brilho divertido nos olhos.

Efetivamente, tinham tirado as coisas da mesa e os lacaios tentavam levantar o pobre Codswallop. Ela empalideceu.

— Codswallop está ferido.

— Acredito que só ficou sem respiração depois da carreira para atravessar

o salão — Respondeu Quill quem, ao ver seu aspecto triste, acrescentou — Não parece que são como muletas ao redor de um paciente recalcitrante?

Ela enrugou o nariz.

— Está zombando de mim, senhor.

— Nem por um momento! — Protestou ele quase convincentemente — Os incidentes deste tipo acontecer ao mais refinado dos mortais. Pode ser que a dignidade de Codswallop tenha ficado danificada, mas não sua pessoa.

— Bem. Suponho que nunca conseguirei lhe convencer de que sou uma das mais refinadas — Murmurou ela.

Os olhares dos dois se encontraram e a diversão que ela encontrou nos olhos dele era tão contagiosa que soprou.

Quill, ainda incomodado pela bola de suave carne que tinha aterrissado sobre seus joelhos, emitiu uma risada. Gabby acabou por explodir em gargalhadas.

Essa é a cena que descobriu Peter quando empurrou a porta do salão.

Capítulo 3



Gabby deu a volta de um salto. Por um instante não soube quem era a pessoa que estava a poucos metros dela, já que o olhar divertido de Quill lhe provocava calafrios.

Mas depois recuperou a compostura.

Esse era Peter, seu futuro marido. Deu um passo para ele, deteve-se... Peter. Sim, forçosamente tinha que tratar-se dele, com seus doces olhos marrons.

Mas era impossível saber se seus cabelos eram castanhos ou não dados quão empoeirados estavam.

Usava uma jaqueta longa bordada, seu colete de seda cor papoula estava bordado com flores silvestres; usava uma gravata de renda prata e ouro atada no pescoço, suas meias de seda eram de um branco luminoso, e os sapatos estavam adornados com umas largas fivelas.

Gabby ficou boquiaberta.

Acelerou o coração. O homem; seu prometido; não dizia nada, limitava-se a olhá-la fixamente em silêncio com o chapéu negro na mão.

Ela mordeu o lábio e se esforçou em sorrir. Dispunha-se a falar quando ouviu a profunda voz de Quill atrás dela:

— Suponho que estava na Corte, Peter.

— É dois de novembro, Quill — Respondeu Peter como se isso fosse suficiente explicação.

Com o chapéu sob o braço, inclinou-se diante Gabby.

— A seu serviço.

Saudou Lucien que continuava com Phoebe nos braços.

Gabby esclareceu garganta.

— Dois de novembro?

Peter digeriu de novo sua atenção para ela e a olhou de cima abaixo, dos manchados sapatos até o penteado desfeito. Ela não pôde ignorar sua desaprovação.

— Em dois de novembro é o dia do aniversário do duque de Kent — Respondeu.

Gabby sentiu que formou um doloroso nó no estômago.

Ele avançou uns passos dentro do salão.

— Espero que Codswallop não tenha tido um ataque.

Quill negou com a cabeça.

— Não parece estar ferido.

Em efeito, o mordomo estava novamente em pé e estava colocando a roupa.

— Tropeçou com uma fita — Sussurrou Gabby — E derrubou o chá. E agora meu vestido está completamente manchado.

Evitou cuidadosamente o olhar de Quill.

Os olhos de Peter se suavizaram.

— Certamente é você a senhorita Jerningham. Estava esperando que meu irmão nos apresentasse, mas já que não esta cumprindo com seu dever... Sou Peter Dew...

Gabby se precipitou para ele tropeçando com a prega do vestido e agarrou a mão direita do Peter.

— Por favor, me chame Gabby e que sou... Estamos...

Peter esteve a ponto de afogar-se e retirou rapidamente a mão contendo o desejo de comprovar se tinha manchado as luvas com as suas.

— Suponho que a senhorita Jerningham deseja retirar-se para seus aposentos — Disse a Quill evitando deliberadamente o olhar de Gabby — Agora, já que o mordomo manchou seu vestido.

Realmente podia chamar de vestido a essa coisa?

Afastou-se para que Codswallop pudesse sair do salão.

— Às vezes me pergunto onde tem a cabeça Quill — Disse descarregando a contrariedade que produzia essa absurda situação — Maldição, deveria ter

estado na Corte esta manhã. Estava todo mundo. Acredite-me, Prinny não sempre está nos melhores termos com seu irmão, mas não gosta que ofenda ao príncipe Edward. Agora que já pode andar não há desculpas para que não vá.

— Esqueci — Disse Quill colocando-se atrás de Gabby.

— Esqueceu! — Repetiu Peter com voz aguda — Nenhum cavalheiro pode esquecer de felicitar a um de nossos príncipes em seu aniversário. Da mesma maneira que nenhum cavalheiro obrigaria a uma dama a comparecer em público nesse estado. Não entendo o que pôde acontecer a Codswallop — Acrescentou por fim encontrando o olhar de Gabby — Normalmente não é tão torpe.

Suavizou-se ao pensar no desconforto que devia ter sofrido ela a julgar por quão pálida estava.

— Uma das cadeiras de mamãe só serve para queimar — Continuou — E isso não é nada comparado com a afronta que teve que suportar a senhorita Jerningham.

Quill olhava a Gabby que afastou o olhar. Não podia admitir que tivesse sido ela a torpe, não diante de seu elegante prometido. Nem sequer embora o sorriso diabólico de Quill desse a entender que ela estava se comportando como uma menina travessa.

Peter chamou.

— Vou pedir a sua donzela que a acompanhe ao seu quarto. Se se sentir muito afetada para reunir-se conosco para o jantar, saiba que tem toda minha simpatia. Se a mim tivesse ocorrido um acidente desse tipo nada mais ao chegar a Londres; ou a qualquer outro lugar; certamente necessitaria um dia inteiro para me recuperar.

Inclinou-se com elegância.

Gabby fez uma reverência. Era incapaz de responder. Esse não podia ser Peter... Mas sim, era. Passada a primeira surpresa podia reconhecer seus traços. Mas esse... louro esticado, elegante e enganador, além disso, se perfumava, ela o tinha notado quando tinha dado a mão.

Engoliu as lágrimas que atendiam sua garganta. Nunca em sua vida havia se sentido tão torpe e isso que sua existência tinha estado balizada de incidentes desse tipo.

De repente alguém tocou seu braço, levantou os olhos e viu Peter sorrindo com amabilidade.

— Lamento muito que sua chegada tenha sido danificada pela tolice de Codswallop, senhorita Jerningham.

Ela sorriu um pouco timidamente.

— Quereria me chamar de Gabby, por favor? Já que vamos casar...

Ele se esticou mais se mostrou de acordo.

Pela primeira vez a ela ocorreu que talvez ele não estivesse feliz diante da ideia desse matrimônio. Ela se havia sentido tão feliz de poder escapar de seu pai, e tão atraída pelo retrato de Peter, que não se preocupou nem por um momento pelos sentimentos de seu prometido.

— Quer que acompanhe Gabby a suas acomodações? — Propôs Quill — Acho que mamãe fez que preparassem o quarto azul.

Havia tanta tristeza nos olhos de sua futura cunhada, que de boa vontade teria esbofeteado seu irmão.

— Certamente que não! — Repliou secamente Peter — Devo te recordar que a senhorita Jerningham é uma jovem de boa família? Não é correto que a acompanhe. Chamaremos uma donzela. Devo acrescentar que me parece incrível que seu pai tenha permitido viajar sem acompanhante, senhorita Jerningham.

— Meu pai não gosta muito das donzelas, nem as damas de companhia. Diz que...

Quill interrompeu o que prometia ser um comprido discurso sobre os costumes do muito pouco convencional pai de Gabby. Peter já tinha ouvido bastante para ser o primeiro dia.

— Logo seremos uma família, Peter. Não há nada inadequado em que acompanhe a minha cunhada a sua quarto.

— Não é sua cunhada!

A Gabby deu um tombo o coração. Estava claro que Peter não queria casar-se com ela. Soltou-se da mão que Quill mantinha em seu cotovelo.

— Não deseja casar-se comigo senhor? — Perguntou com franqueza.

Peter se surpreendeu.

— Porque poderíamos chegar a uma espécie de... Acordo — Continuou ela desesperada — Não quero que faça nada contra sua vontade.

Quill se sentiu horrorizado por sua perspicácia.

— É obvio que quer casar-se com você — Declarou ele um pouco bruscamente voltando a tomá-la pelo braço — Mas ele tem razão, você deveria ir trocar se.

Ela o ignorou enquanto olhava a seu noivo.

Por que não disse a meu pai que não agradava esta união antes que eu fizesse esta comprida viagem? A carta do visconde dizia que você estava... Que estava...

Quill dirigiu a seu irmão um olhar de aborrecimento.

Peter agarrou a mão de Gabby.

— Engana-se senhorita Jerningham... Gabby. Realmente quero me casar com você.

E ao ver os olhos cheios de lágrimas da jovem, quase disse a sério. Ela parecia tão patética plantada aí com seu vestido manchado! Depois de tudo, sua falta de elegância se devia certamente à carência de costureiras dignas de tal nome na Índia mais que a uma falta de gosto.

— Se tiver falado um pouco secamente é porque estava... Estou envergonhado pela inqualificável atitude do mordomo. Adivinho pelo que deve estar passando. De fato vou pedir a meu pai que despeça Codswallop; não podemos tolerar ter nesta casa a um criado com uma conduta tão lamentável. Rogo, não duvide de meus sentimentos para você. Estou impaciente para que nos casemos — Anuiu com um pouco menos de convencimento.

Gabby agarrou ar. Estava fascinada pela mão branca de seu prometido que usava um elegante anel.

A mão desapareceu quando Peter se deu conta de que sua prometida devia estar surpreendida de ver que a tinha mantido sujeita mais dos seis segundos permitidos.

— Acompanharei ao seu quarto — Decidiu agarrando-a do braço para levá-la à porta.

Dirigiu ao Quill um olhar suplicante e este esboçou um sorriso tranquilizador.

— Me ocuparei de que instalem Phoebe perto de você — Disse.

Gabby assentiu com a cabeça. Não podia insistir em que Quill lhes acompanhasse. Uma ou duas horas antes tinha parecido atemorizante, mas agora o tom sofisticado e mal-humorado de Peter a atemorizava com outra forma.

Impotente permitiu que seu prometido a acompanhasse até o grande quarto com a parede forrada de papel cor azul clara, sem prestar atenção ao que lhe dizia.

— Phoebe estará no quarto do lado? — Perguntou quando ele se dispunha a ir.

— Phoebe?

— A menina que está com o senhor Blanc — Explicou Gabby dando-se conta de que não a tinha apresentado — Verá, Phoebe viajava também no Plassey, e já que sua tia não estava ali quando chegamos seu irmão amavelmente se ofereceu a trazê-la aqui.

Peter franziu os lábios.

— É bastante estranho — Disse — Não entendo porque não a deixou com o capitão. Sua família estará preocupada se não saber onde se encontra.

— Tem razão, mas não estávamos completamente seguros de que a única parente de Phoebe, uma tal senhora Ewing, recebeu a carta onde notificava o falecimento de sua irmã e de seu cunhado. Como não estava no porto, pensei que era melhor ficar com Phoebe. A tripulação do Plassey desembarcou em seguida. O mau tempo nos atrasou e todos tinham vontade de voltar a sua casa, o qual é muito normal. Não sabia quem poderia encarregar-se de Phoebe.

Interrompeu-se um breve momento antes de acrescentar:

— Sou muito faladeira. Perdoe-me, por favor.

Peter baixou a vista para a mão coberta por uma suja luva que se apoiava em seu braço e se soltou rapidamente.

— Não tinha escolha, estou seguro. Farei que procurem a essa senhora Ewing.

Dizendo isso saudou e se foi.

Gabby se deixou cair sobre a cama com os olhos cheios de lágrimas. Pode que Peter não se opusesse às bodas como tinha pensado ao princípio, mas era muito frio e reservado. Era evidente que as regras sociais eram muito importantes para ele. As lágrimas começaram a cair. Ela reunia todas as características para não gostar dele; chamava o futuro rei da Inglaterra por seu apelido (Prinny) e ela como de costume colocava a pata.

Mas porque tinha mentido quando acusou Codswallop? Peter tinha parecido horrorizado, mas a mentira tinha saído como por acaso sozinha. O que devia estar pensando Quill? Deveria ter dito a verdade. Só que se Peter se inteirava de que a culpa era sua nunca aceitaria casar com ela. Não faria se soubesse o desastre que era capaz de provocar fazendo algo tão simples como servir o chá. E não podia voltar com seu pai, esse pai que nunca deixava de reprovar algo.

Tentou pensar com lógica. Se esforçaria em ser mais cuidadosa e já está. Mas parecida com o que Peter esperava de sua futura esposa.

Bateram na porta e Gabby se apressou a secar as lágrimas.

— Entre.

— Trago Phoebe — Anunciou Quill com sua grave voz — Parece acreditar que você retornou à Índia deixando-a aqui.

Gabby se agachou e estendeu os braços à menina.

— Nunca teria te deixado carinho.

A pequena se lançou contra ela e Gabby a embalou murmurando palavras de carinho contra seu cabelo.

Afortunada menina! Pensou Quentin dirigindo-se para a janela.

— Peter não queria ser crítico disse bruscamente — Tem uma elevada opinião de si mesmo, mas, além disso, tem bom caráter.

— Há alguma possibilidade de que seu irmão despeça Codswallop? — Perguntou Gabby preocupada.

Seguia embalando ao Phoebe e Quill se sentiu muito divertido.

— Remói a consciência? — Perguntou com um sorriso.

Ela estava muito envergonhada para brincar.

— Não sei por que menti Quill, mas Peter parecia tão escandalizado...

— Acredito que nessas circunstâncias foi uma mentira piedosa — A tranquilizou ele.

— Ele tem razão, senhorita Gabby — Interveio Phoebe — Você me disse uma vez que estava permitido mentir se isso faz feliz a alguém recorda? E o senhor Dewland se sentiu muito melhor quando acreditou que tinha sido o mordomo quem sujou seu vestido.

— A verdade sai pela boca das crianças — Concluiu Quill.

Gabby lançou um olhar penetrante.

— É fácil para você zombar. Acusei o pobre Codswallop sem razão e foi ele quem saiu ferido.

Parecia tão desesperada que ele teve piedade dela.

— Não se preocupe com ele. Meu pai cortaria a mão direita antes que prescindir de seus serviços, está nesta casa muitos anos. Quer que vá apresentar suas desculpas?

— Farei eu mesma — Decidiu Gabby.

— Certamente que não! As damas não vão aos aposentos dos criados.

— Quando se trata de reparar um engano não há convencionalismo que valha. Estou segura de que meu pai seria da mesma opinião.

— Seu pai parece ser um homem muito especial — Fez notar Quill — Em qualquer caso Phoebe tem razão: Peter se sentiu muito melhor depois de sua mentira. De modo que não cometa outra imprudência antes que se recuperou por ter visto seus tornozelos.

Ela se ruborizou. Em efeito, a parte descosturada do vestido deixava ver seus tornozelos por cima das botas de cano longo. Olhou a Quill nos olhos e, envergonhada, afastou os olhos. Suas pernas estavam convenientemente cobertas com meias de algodão branco e não podia imaginar nem por um momento que tivessem podido excitar Peter.

Quill por sua parte, dizia-se que ao melhor seu estiloso irmão tinha tido razão ao impedir que acompanhasse ao Gabby ao seu quarto. Acaso era a proximidade da cama o que esquentava o seu sangue? Os finos tornozelos de

Gabby o faziam pensar em umas longas pernas sob o feio vestido esmigalhado.

— Proíbo que vá à zona do serviço — Disse bastante secamente — Não é necessário aumentar o nervosismo de meu irmão, já tem bastante com isto.

Ela entrecerrou os olhos.

— O que entende você por “já tem bastante com isto”? Insinua acaso que meu marido sofrerá por minha culpa? Sofrerá por que... Sou uma caricatura?

— Não sofrerá mais que qualquer outro homem. Quando a gente perde a liberdade tão repentinamente se diz que está pondo a corda no pescoço.

Gabby não tinha terminado.

— Você me proíbe? Com que direito você me proíbe?

Ele sorriu.

— Em ausência de meu pai eu sou o chefe desta casa, já vê.

Ela franziu o cenho. Agora que pensava, Quill parecia mais velho que Peter.

— Mas eu acreditava...

Interrompeu-se. Já teria tempo de averiguar porque seu pai acreditou que ela ia se casar com o herdeiro quando em realidade ia fazer com o filho mais novo. Preferiu mudar de assunto.

— Terá que deitar Phoebe — Disse.

Sucumbindo às emoções da jornada, a menina ficou adormecida em seus braços.

— A senhora Farsalter contratou uma babá para que se ocupe dela — Anunciou Quillin sem poder evitar contemplar como a pequena se aconchegava contra o peito de Gabby — Quer que a leve ao seu quarto?

— Sua perna não se ressentirá? Poderíamos levá-la entre os dois, eu a segurarei pela cabeça e você pelos pés.

— Faço exercício todos os dias com os pesos, senhorita Jerningham; certamente que tenho força para levar a menina.

— Pesos? O que é isso?

— Umhas pequenas barras com pesos aos lados. Depois do acidente tinha dificuldades para me mover. Descobrimos um médico alemão, o doutor

Trankelstein, que opina que se devem forçar as partes débeis. Por essa razão inventou os pesos.

O olhar compassivo de Gabby pousou sobre ele por um instante como se fosse uma carícia e estremeceu. Por que não se zangava quando ela falava de sua perna se quando qualquer outro se arriscava a fazê-lo se enfurecia?

Agarrou à menina em seus braços e a levou a morada do lado.

Não pôde evitar apoiar-se na porta enquanto Gabby se apresentava à babá e pedia que despisse Phoebe.

E, entretanto era uma mulher molesta, torpe e pouco asseada.

Uma cabeça dura, cujas escuras sobrancelhas e o esplendoroso cabelo pediam beijos a gritos.

Uma mulher estranha que tinha saído de um apuro com uma descarada mentira.

Era a primeira mulher em anos que falava de sua perna como se tratasse de algo sem importância.

Devia evitá-la quanto fosse possível!

Abandonou o dormitório sem despedir-se, o qual era de muito má educação, disse-se enquanto descia as escadas.

Mas era uma maneira de proteger-se.

Dirigiu-se com determinação para seu escritório e sumiu nas colunas de números que explicavam porque devia comprar participações na sociedade Mortlake & Murtland.

Entretanto, quando um lacaios foi anunciar que tinha uma visita, não hesitou. Não conseguia concentrar-se e se sentia muito sozinho. Estava a ponto de começar a compadecer-se de si mesmo, mas tinha aprendido, anos antes, que não havia nada pior que isso.

Surpreendeu-se ao ler o nome do inesperado visitante no cartão de visita que lhe entregou o lacaios. Lorde Breksby era o ministro dos Assuntos Exteriores e se dizia que estava a ponto de retirar-se. Não se conheciam muito.

Breksby entrou no escritório com expressão distraída, esfregando-as mãos. Não parecia absolutamente um homem que estivesse pensando em aposentar-se.

— Bom dia senhor! Espero que minha inesperada visita não o incomode muito.

Quill lhe ofereceu assento perguntando-se que seria o que podia ter obrigado a sair de seu elegante escritório em Downing Street.

— Tinha vindo a falar com seu pai, mas ignorava que não estava na cidade.

— Será um prazer para mim transmitir sua mensagem. A menos que o assunto seja confidencial, em cujo caso, se quer posso dizer onde encontrá-lo em Bath.

— Não é nenhum segredo — Declarou jovialmente Breksby — A verdade é que tinha vindo a felicitar ao visconde pelo compromisso de seu irmão. Ouvi dizer que dentro de pouco teriam entre vocês à filha de lorde Jerningham. Estou falando, naturalmente, do irmão mais novo do falecido duque.

O duque, o mais velho dos Jerningham tinha morrido recentemente deixando por herdeiro a um filho de quatorze anos.

— A senhorita Jerningham chegou hoje — Respondeu Quill com prudência.

Não confiava nesse homem. O ministro certamente não tinha ido falar do tempo.

— Irei diretamente ao assunto — Continuou Breksby — Necessitamos a ajuda de seu pai, Dewland. Ou melhor, dizendo, a ajuda da senhorita Jerningham.

Quentin franziu o cenho.

— Entendo — Continuou seu interlocutor — O que poderia querer o Governo inglês de uma jovem de boa família? A realidade é que o pai de Gabrielle Jerningham está em uma difícil situação. E acabamos de nos dar conta da gravidade do assunto.

— O que tem feito?

— Não é tanto o que fez como a quem apoia. Enfrentou à Companhia das Índias em relação com a política internacional e um dos governantes hindus.

Quill ficou pensativo. Ele tinha sido acionista da Companhia durante anos e sabia como funcionava. No ano anterior a armada tinha atacado a fortaleza de Bharatpur, deixando atrás de si ao redor de três mil pessoas mortas ou feridas.

— Este problema está relacionado com a região da dinastia Holkar?

A Breksby não surpreendeu que Quill estivesse informado.

— Exatamente. A dinastia Folgar ocupa o Maharashtra no centro da Índia.

— E a Companhia nem possui nem governa o Maharashtra — Observou Quill.

— Isso. Por isso dirijo a vocês antes que o representante do governador geral. Alguns de nós, no governo, acreditamos que o comitê de controle não tranquiliza adequadamente os... Impulsos guerreiros da Companhia. Não esforçamos em dar a conhecer nossa opinião de uma maneira suave.

Nem o mais leve pestanejo traiu que Quill opinava dessa “maneira suave”

Breksby suspirou.

— Sei, sei. Sem dúvida nossos esforços foram insuficientes. Mas parece que lorde Richard Jerningham decidiu fazer-se cargo do problema de um modo que põe em perigo a toda a região.

— O que tem feito?

— Ouviu você dizer que o atual chefe Holkar não está em seus cabais?

— Tukoji Folgar? Isso é o que dizem dele.

Efetivamente corria o rumor de que Holkar bebia muito conhaque que proporcionavam os homens da Companhia.

— Está completamente louco! — Confirmou Breksby — E passa o dia bebendo até que está bêbado perdido. Parece ser que sua família o tem atado só o alimentam com leite. Suponho que há alguns herdeiros ilegítimos que estão esperando entre as sombras como abutres. Mas Tukoji tem um descendente legítimo. E Jerningham tem escondido a esse herdeiro em alguma parte.

Quill abriu muito os olhos.

— Por que em nome de Deus?

— Suponha que esse herdeiro esteja um pouco louco também. Jerningham acredita que se pusermos no trono dos Holkar a um atrasado mental, isso abrirá as portas do Maharashtra à Companhia. Quer que suba ao trono um bastardo e que a Companhia se veja obrigada a renunciar a conquistar a região.

— E você acredita que a senhorita Jerningham sabe algo do assunto?

— É muito possível. Estranha casa a do Jerningham. Sabia que partiu para a Índia como missionário?

— Ouvi comentar que tinha ido com essa ideia, mas que logo renunciou a ela.

— Efetivamente. Instalou-se como um nabab nas profundidades do Maharashtra já que ali era onde se empenhou em salvar almas. Em vez disso amassou uma enorme fortuna exportando mercadorias a China. Alguns dizem que ele está nas origens do tráfico de ópio para Extremo Oriente. Um rumor ao qual não dou nenhum crédito.

— E que tem ele que ver com a política dos Holkar?

— O herdeiro de Tukoji Rao é um sobrinho por parte de sua primeira mulher. O menino foi criado na casa de Jerningham, com sua filha.

— Isso não explica porque Jerningham o esconde quando poderia subir ao trono.

— Dizem que Jerningham odeia tanto à Companhia de quão índias faria algo para entorpecer seus interesses.

Breksby deu uma olhada a seu relógio de bolso.

— Preciso falar urgentemente do tema com seu pai — Continuou — E como já disse, também desejo felicitá-lo pelas próximas bodas de seu irmão.

Quando o ministro se foi, Quill olhou durante um bom momento a porta fechada. Depois emitiu uma risada. Não fazia muito tempo que conhecia Gabby mais estava seguro de que permaneceria leal a seu pai e também que podia mentir sem vacilar para sair de uma situação delicada. Pode que essa velha raposa do Breksby tivesse encontrado a fôrma de seu sapato.

Capítulo 4



No dia seguinte pela manhã, Gabby se espreguiçou voluptuosamente. Pela primeira vez em vários meses não despertou completamente dolorida em um oscilante camarote. Tinha deixado as cortinas abertas e um pálido sol entrava no dormitório enquanto ouvia as cotovias cantar no jardim. Ao menos ela supunha que eram cotovias. Os livros de poesia de seu pai falavam frequentemente do canto das cotovias nos jardins ingleses.

Quando se deitou estava muito preocupada mais à luz do dia se sentia muito mais otimista. Certamente o jantar tinha sido muito elegante e se viu obrigada a escutar Peter falando da família Real. Tinha razão quando disse que sua educação tinha sido muito descuidada nesse tema. Era evidente que Prinny, como chamava Peter ao príncipe de Gales; era muito importante para seu futuro marido de modo que se prometeu a si mesma interessar-se de perto pelas coisas da Corte. E se parecia a ela que as aventuras do tal Prinny eram um pouco aborrecidas, bem, não tinha muita importância.

O mais importante era a beleza de Peter, ao qual ela tinha estado observando sub-repticiamente enquanto comentava a relação entre a família real e a aristocracia alemã. Havia-se sentido fascinada. Nunca tinha visto uma pele tão branca já que inclusive quão ingleses visitavam seu pai estavam bronzeados pelo sol da Índia. O cabelo de Peter, de cor castanha clara, caía sobre sua testa em impecáveis cachos.

Gabby saiu da cama para aproximar-se da janela. Esperava descobrir um jardim cinza e quebrado, já que tinham falado dos invernos ingleses com o vento assobiando no páramo e a chuva gelada golpeando o rosto; gente que ficava adormecida em cima de um montão de neve e que não voltava a despertar, pedaços de gelo grossos como mangueiras que furavam os telhados em poucos minutos etc. Aos criados hindus adoravam falar dos invernos ingleses e dos britânicos, aos quais descreviam como seres sedentos de sangue, rapazes e rígidos. Acreditavam que eram assim devido ao clima.

Mas o que estava vendo era um jardim maravilhoso com folhas douradas, vermelhas e marrons. Não parecia que fizesse frio, disse Gabby apoiando a testa no vidro. Mal estava amanhecendo e a casa estava completamente silenciosa. Aguçou o ouvido. Nenhum ruído.

Podia sair um momento e ninguém se daria conta.

Rapidamente colocou um roupão e atou o cabelo com uma fita.

Salpicou a cara com água e se escovou os dentes. Por fim calçou as botas de cano longo que pareceram ainda mais desgastadas sob a camisola branca, e saiu nas pontas dos pés descendo a escada. Como ia encontrar o jardim? A porta principal dava à rua e certamente dali não haveria acesso ao jardim.

Em um extremo do vestíbulo estava a porta pela que Codswallop tinha desaparecido com seu casaco no dia anterior. Certamente levava a zona da servidão. E sabia também que o salão dos tigres não tinha saída para exterior. Virou sem fazer ruído o pomo da última porta e, um momento depois, encontrou-se fora, estremecendo-se um pouco diante a onda de ar frio que golpeou seu rosto.

O céu era de uma cor azul muito pálida, quase branco, completamente distinto ao céu da Índia e o ar também cheirava diferente. Cheirava a erva e a chuva. Gabby se moveu como fantasma pelos atalhos olhando a ponta dos sapatos, úmidas de orvalho.

Dirigiu-se para um atalho bordeado de flores que exibiam suas últimas pétalas, rosas escarlates, delicadas rosas brancas. O ar tinha um aroma especiado similar ao da compota de maçãs que tinha provado pela primeira vez no dia anterior. Fez gesto de arrancar um casulo mais o pensou melhor. Era tão formoso... E estava tão molhado!

Ao longe, Londres começava a despertar. O rangido das carretas se misturava com o canto dos pássaros. Avançou outro pouco recordando as vivas cores das orquídeas que cresciam ao redor de sua casa e os penetrantes gritos das aves exóticas. Aqui eram pequenos sons parecidos com canções infantis.

Os sapatos faziam ruído sobre o passeio de pedra. Girou em uma esquina e se deteve em seco.

Seu futuro cunhado estava sentado em um banco de pedra com as pernas estendidas diante de si, a cabeça jogada para trás e os olhos fechados.

Perguntou se estaria dormindo e hesitou se devia despertar. Devia passar muito tempo no jardim, disse-se já que o sol lhe tinha dourado a pele. Tinha se surpreendido muito a palidez do rosto dos ingleses. Seu pai sempre tinha proibido sair sem chapéu, conforme afirmava, nunca conseguiria casá-la se sua pele se bronzeava.

Peter estava ainda mais branco que ela. Era perfeito, pensou com um delicioso estremecimento, desde sua cor leitosa até os cachos tão bem penteados.

Quill era mais sombrio. Inclusive à luz do amanhecer seus cabelos tinham reflexos mogno em harmonia com sua pele de bronze. Necessitava um corte de cabelo. Ela sorriu. Sobretudo necessitava que alguém se ocupasse dele. Tentaria encontrar uma esposa para ele assim que conhecesse as pessoas em Londres.

Sem fazer ruído foi sentar a seu lado no banco.

Ele despertou sobressaltado.

— Sinto muito — Se desculpou Gabby — Acreditei que estava acordado.

Ele a observava em silêncio com os olhos meio fechados e na sombra.

— Não esperava encontrar ninguém no jardim — Disse ela alegremente — E não teria te incomodado se tivesse sabido que estava dormido. Não terá passado toda a noite fora não?

Ele a olhava como se fosse um fantasma e se sentiu um pouco incômoda. Certamente estava pensando que conversar não era digno dele.

Então lhe sorriu. Gostava muito de seu silencioso cunhado.

— Supõe-se que você deve dizer: “bom dia Gabby, dormiu bem em sua primeira noite na Inglaterra?” Não sei muito sobre seus costumes mais estou segura de que é apropriado saudar amavelmente aos membros da família.

A resposta do não foi amável absolutamente.

— Por todos os diabos!

O sorriso de Gabby desapareceu.

— Não será seu jardim privado suponho? Ninguém me proibiu que viesse e lamento muito ter interrompido seu sono. Mas estava contente de lhe ver, porque me estava perguntando...

— Gabby — Cortou ele.

— Sim?

— Não está vestida.

— Sim estou! Uso a bata e as botas de cano longo, olhe.

Mostrou seus pequenos pés.

— Não pense nos convencionalismos — Continuou — Estamos sozinhos, os criados ainda não se levantaram. E não diremos a ninguém.

O que ela queria dizer é que não o diriam ao Peter. Depois de ter passado umas horas com seu prometido, parecia evidente que estava muito apegado à etiqueta.

Piscou os olhos a Quill que mantinha sua expressão séria. Quando Gabby pensava que podia desgostar a Peter fez um nó na garganta pela preocupação, mas a ideia de incomodar Quill mas bem a divertia. Essa devia ser a diferença entre um prometido e um irmão, disse-se feliz com esse descobrimento.

Aproximou-se dele e segurou seu braço.

— Agora senhor, a menos que tenha decidido fingir que é mudo poderia me dizer o nome dessas plantas?

Ele a olhava em silêncio. Estava custando voltar para a realidade. Como não conseguia dormir por culpa de sua perna, tinha saído com a neblina do amanhecer. Tinha acabado por dormir no banco; onde teve o mais estranho dos sonhos.

Um sonho, que Deus o perdoasse, no qual Gabby tinha um lugar. Nem sequer queria recordar as imagens que tinham passado pela mente. E ao despertar, ela estava aí, como uma prolongação de seu sonho com o cabelo escapando da fita.

— Gabby — Disse com voz rouca — Não deveria passear com roupa de noite. Sob nenhum pretexto deve sair de seu quarto vestida assim.

Ignorando a reprimenda, ela ficou de pé de um salto e o arrastou com ela.

— Acredito que ainda teremos uns minutos de tranquilidade Quill. Só cinco minutos e depois voltarei para a casa.

Quill não podia resistir e sabia; sobretudo quando o olhava desse modo,

com seus lábios vermelhos ainda inchados pelo sono e sua luminosa pele. Tinha desejo de abrir a pesada bata e cair de joelhos escondendo a cara contra essa carne tão suave.

Jurou entre dentes e se dirigiu ao atalho com Gabby depois dele.

— Esta árvore se chama casia — Disse assinalando um arbusto — E isso são macieiras.

— Espera Quill! Quero ver a casia, o das flores.

Quill arrancou um ramo florido e a sacudiu provocando uma chuva de pétalas douradas.

— Normalmente nesta época já terminou a floração, mas este ano estamos tendo um outono especialmente benigno.

Ofereceu o ramo a Gabby quem inundou a face nela. Quando se incorporou tinha o nariz completamente amarelo.

Quill a limpou com a ponta dos dedos. Tinha um nariz pequenino e adorável.

— Como se conheceram seus pais? — Perguntou.

Não sabia muito a respeito de Richard Jerningham, mas cada vez sentia mais curiosidade por sua vida.

— Minha mãe era uma emigrante francesa — disse ela sem incomodar-se pela pergunta — Meu pai a conheceu duas semanas antes de que decidissem casar-se. Mas só estiveram casados um ano já que ela morreu ao me dar a luz.

Quill notava agora como o sol lhe esquentava as costas. Gabby não podia suspeitar o que aconteceria se encontravam sozinhos no jardim. Deu-se bruscamente a volta e se dirigiu para a casa. Depois se deteve.

— Você tem que entrar sozinha — Disse.

— Estávamos falando de algo importante — Protestou ela molesta — É de muito má educação me ignorar. Estava dizendo que minha mãe morreu ao nascer eu e você nem sequer me mostrou sua simpatia.

Quill estava lutando com o desejo de fazê-la calar com um beijo.

— Eu adorarei ouvir falar de seus pais, mas temo que os criados nos surpreendam. A estas horas já devem estar levantados.

— E? Seria isso uma tragédia? Você é meu cunhado.

Ela estava sorrindo, a imagem perfeita da inocência.

— Ainda não está casada com Peter — Fez notar ele — Se nos encontrassem juntos no jardim, as pessoas pensariam o pior e sua reputação seria arruinada.

Gabby franziu o cenho.

— Agora que o diz, por que me caso com o Peter? Não é que tal coisa me desgoste, mas... — Acrescentou rapidamente.

E era certo, a julgar por seu radiante sorriso.

— Parece — Continuou um pouco confusamente — Que meu pai acredita que me vou casar com você. Ou melhor, dizendo, acredita que Peter é você. Acredita que algum dia serei viscondessa, mas não é assim verdade? A viscondessa será sua mulher.

— Pode que você não chegue a ser viscondessa, mas seu filho será visconde — Replicou ele — Eu não me casarei nunca.

— Mas...

— Gabby — A cortou — Tem que voltar para seu quarto. Vamos!

Empurrou-a para a porta.

Gabby não tinha escolha. Apressou-se a meter-se sem fazer ruído na casa pensando nas palavras de Quill. É obvio que ele se casaria! Dava completamente igual converter-se em viscondessa; mas Quill estava sozinho, ela tinha podido ver em seu olhar. Alguém tinha que lhe obrigar a falar e fazê-lo rir.

De volta em seu dormitório, pôs cuidadosamente os sapatos debaixo da cama para esconder as pontas molhadas, voltou-se a se meter na cama e puxou o cordão para chamar.

Tinha esquecido o ramo cheio de flores que trouxe do jardim até que a donzela, depois de lhe dar bom dia exclamou:

— Que flores mais bonitas!

— Sim, verdade? Chama-se Margaret? É um nome muito inglês. E as flores são da casia.

Encantada de ver sua senhora tão amistosa, Margaret começou a arrumar o quarto e a acender o fogo. Não se deu conta de que as botas de cano longo do Gabby estavam encharcadas. E não fez perguntas sobre as flores que pôs em um vaso na mesinha de noite. Nunca tinha conhecido a uma dama tão amável que quase a tratava como se fossem amigas.

Quando Gabby entrou na sala de jantar acompanhada de Phoebe, Margaret tinha conseguido dominar os rebeldes cachos e tinha afastado o cabelo da face com uma fita.

Quill viu que a face dela se iluminava ao descobrir que Peter estava sentado à mesa.

— Bom dia Peter! — Disse alegremente — Bom dia Quill!

— Bom dia, senhorita Jerningham, senhorita Phoebe respondeu Peter um pouco friamente.

Esperou a que um laçao tivesse servido ao Gabby e ao Phoebe para continuar:

— Quando tiverem tomado o café da manhã as acompanharei para ver o senhor Careme.

— Maravilhoso! — Exclamou Gabby servindo-se geleia em abundância — É a melhor torrada que comi. Que tipo de geleia é Phillip?

Horrorizado, Peter se deu conta de que ela estava dirigindo ao laçao e que este lhe respondia como se fossem iguais.

— É geleia de amoras, senhora.

Notando o furioso olhar que estava dirigindo Peter, Phillip voltou para seu lugar junto à parede.

— Eu adoro geleia de amoras — disse Gabby extasiada — A você que parece Phoebe?

A pequena olhava a geleia com desconfiança.

— Ayah nunca me deixa comer coisas doces para que não engorde. E se engordar depois não poderei me casar.

— Esse Ayah é um tirano. Prove querida.

Peter franziu o cenho. Era sua prometida que deveria evitar os doces.

Possivelmente fosse devido ao vestido que usava, mas parecia um pouco mais gordinha do que exigia a moda. Tinha que falar com ela.

Ela estava voltando para ele lambendo o lábio, e ele se zangou mais ainda.

Quill, depois de dar uma olhada a Gabby, levantou-se e abandonou a sala de jantar sem dizer uma só palavra. Peter pensou que inclusive seu irmão estava surpreso pelas más maneiras da jovem. Tinha que remediá-lo sem falta.

— O senhor Careme é um de seus amigos?

— Perdão?

Peter não sabia do que estava falando.

— O senhor Careme. Há dito que iríamos visitar depois de tomar o café da manhã.

— Não. É um alfaiate. O melhor de Londres. Você necessita um novo vestuário o mais breve possível e consegui um encontro para fazer umas provas.

— Não precisa — Assegurou Gabby — Mandei fazer uns vinte vestidos brancos na Índia. São uma cópia das imagens do último número do *Beau Monde*. Uma revista de moda — Explicou.

— Conheço-a — Grunhiu Peter quem o folheava frequentemente — Mas esse modelo não é o indicado para você.

— De verdade?

Gabby notou que lhe puxava da manga e se voltou para o olhar implorante de Phoebe. Recordou a tristeza da menina pela longitude de seus vestidos.

— De acordo — Disse — Pode nos acompanhar Phoebe? Encarregaremos as duas vestidos novos.

Peter aceitou. Gostava de Phoebe, embora tivesse estado melhor em uma classe, comportava-se perfeitamente na presença dos adultos. Notou com satisfação que depois de uns bocados, tinha deixado a torrada em cima do prato. Inclusive uma menina devia cuidar sua linha. Quanto a Gabby, esta estava escolhendo a quarta ou a quinta torrada.

Não pôde conter-se por mais tempo.

— Acredita que é adequado comer tanta geleia?

Ele mesmo só tomava o café da manhã uma xícara de chá e umas partes de maçã. Quill em troca comia como um camponês. Peter pôs com delicadeza meia colherada de açúcar em sua xícara e cuidou de que ao remover, a colher não golpeasse a porcelana.

Gabby olhou estranha para torrada que tinha na mão e depois a deixou no prato.

— Obrigado pelo conselho — Disse sorrindo.

Ao menos era dócil, pensou ele. Possivelmente conseguisse moldá-la como se fosse uma obra de arte.

— Deveria ter suspeitado que tomar muito me faria passar mal — Continuou ela — Produz dor de ventre ou outros problemas?

Peter se afogou com o chá. Lançou um rápido olhar a Phillip, mas este permaneceu imperturbável. Preferiu não responder.

— Se tiver terminado farei que preparem a carruagem— disse evitando deliberadamente seu olhar.

Quando chegaram à loja do senhor Careme, um esticado mordomo os conduziu até um salão onde o dono em pessoa recebeu Peter efusivamente. Pareciam ser muito bons amigos e Peter o felicitou calorosamente pelo encantado vestido que usava uma tal lady Holland no dia anterior no aniversário do príncipe. O senhor Careme fez um vago sinal com a cabeça em direção a Gabby e nem sequer pareceu notar a presença de Phoebe.

Gabby deu um suspiro e olhou ao seu redor. Uma das paredes da estadia estava coberta de espelhos ao lado dos quais estava tranquilamente sentada Phoebe com sua babá; dirigiu-se para ela e notou divertida, que eram espelhos de três faces nos quais alguém podia ver-se sob todos os ângulos.

Enquanto se olhava viu Peter e o senhor Careme atrás dela. O modista tinha nesse momento um sorriso amável e estendia sua mão.

— Me perdoe — Disse — Não sabia que era você a prometida do senhor Dewland.

Gabby sorriu. Era agradável ver que até que ponto Peter estava bem considerado.

— Seu futuro esposo possui um gosto excepcional — Continuava Careme — Sempre vai perfeito com esse toque de fantasia que faz que qualquer criação melhore.

Gabby lançou um olhar a seu prometido. Estava vestido de negro, coisa que ela gostava imensamente mais que o sofisticado traje do dia anterior. Era evidente que o senhor Careme estava esperando que ela fizesse algum comentário, de modo que respondeu com um tom quase molesto:

— Efetivamente, é muito elegante.

— Elegante! — Disse indignado Careme cujo sotaque francês se fez mais pronunciado — Você não é uma perita senhorita Jerningham! O senhor Dewland me disse que você acaba de chegar à Inglaterra, mas deve saber que vai se casar com o homem que marca a moda masculina em Londres. Se decidisse usar um colete branco, pode estar segura de que a maioria dos cavalheiros o porão ao dia seguinte.

— Esta exagerando querido — Protestou Peter — Me adula muito.

— Sou francês— Replicou Careme — Não preciso exagerar; sempre digo a verdade. Houve um tempo, quando era você mais jovem, em que não sabíamos quem ditaria a moda dos cavalheiros. Mas agora desafio a qualquer a que vá contra seu gosto.

Gabby entrecerrou os olhos.

— O senhor Careme exagera minha modesta influência sobre os membros da alta sociedade — Disse Peter — Mas agradeço e confio a minha futura esposa. A você, senhor Careme, e a ninguém mais.

Careme estava examinando Gabby da cabeça até os pés e parecia bastante menos contente que uns instantes antes.

— Será um desafio — Insistiu Peter — Um desafio que só o melhor criador do país é capaz de confrontar.

— Isso é certo.

O senhor Careme estava dando voltas ao redor de Gabby como um tigre ao redor de sua presa.

— Sobretudo nada de branco — Precisou Peter.

— Vou ter que pensar — Declarou Careme — Necessitarei um mês ou

possivelmente mais.

— O concedo. Entretanto posso lhe pedir um favor estimado senhor? Teria você algo que se pudesse ajustar rapidamente às medidas da senhorita Jerningham — Acrescentou Peter baixando o tom de voz — Não posso nem sequer imaginar levando a de passeio ao parque. Em realidade para vir até aqui viemos em um carro fechado. Estou seguro de que entende.

— Completamente. Não acredito que possa lhe proporcionar mais de um ou dois vestidos de dia, senhor. Temo que a senhorita Jerningham é um pouco... Um pouco muito...

Para grande alívio de Gabby, o senhor Careme se viu interrompido antes de poder dizer em voz alta o problema que ela representava. A porta se abriu dando passo a uma jovem mulher acompanhada de sua donzela.

— A duquesa de Gisle — Anunciou o mordomo solenemente.

O senhor Careme se girou de um salto.

— Sua Graça! Não sabia que havia retornado.

Peter, muito contente, precipitou-se por volta da recém-chegada.

Gabby a olhou com inveja. Era evidente que a duquesa não expunha nenhuma dificuldade ao modista. Seu vestido parecia estar feito com a mais fina seda e sua figura era tão perfeita como o resto de sua pessoa.

Seu prometido estava falando com ela com o rosto animado e a Gabby fez um nó na garganta. Possivelmente a formosa duquesa era a responsável pela falta de entusiasmo de Peter para seu matrimônio. Esses dois se complementavam à perfeição, a duquesa era tão elegante e sofisticada como ele. Teriam formosos filhos juntos.

Deviam ter estado apaixonados um do outro antes que ela se visse obrigada a casar-se com outro homem. Gabby encheram de repente os olhos de lágrimas. Como deve ter sofrer ele vendo sua amada casando-se com outro certamente com um velho duque com um enorme estômago.

A duquesa se aproximou. Em seu romantismo, Gabby a tinha imaginado quebrada de dor, entretanto a mulher que se encontrava diante ela estava radiante de felicidade.

— Encantada em conhecê-la — Disse estendendo uma mão enluvada.

Gabby tomou perguntando se supunha que devia beijar ou apertá-la. Não sabia nada sobre como devia comportar-se diante uma duquesa. Devia fazer uma reverência? Limitou-se a dar um apertão de mãos.

— Apresento a minha prometida — Declarou Peter — A senhorita Jerningham chegou ontem da Índia.

— Eu também acabo de desembarcar. Meu marido e eu acabamos de voltar da Turquia. Estivemos ausentes quase um ano e não tenho nada que pôr. Por isso, estimado senhor Careme — Disse dedicando um sorriso ao alfaiate — Vim sem marcar um encontro. Estava desesperada!

Dirigiu-se de novo a Gabby:

— Me perdoe por ter interrompido, senhorita Jerningham. Diga-me gosta de Londres?

Gabby se sentiu seduzida pelo cálido olhar da duquesa.

— Muito, embora ainda não tivesse tempo de visitar a cidade.

— Por que não damos uma volta pelo Bond Street quando tiver terminado aqui? Bom, se é que não tem nada planejado.

Ao Peter encheu de preocupação a proposta. Não queria que ninguém a visse enquanto não tivesse um vestuário novo.

— Humm... Temo que não vá ser possível.

A duquesa pareceu entender.

— Então um pequeno passeio pelo parque? Sempre tive muita vontade de ir a Calcutá e eu adoraria que me contasse coisas de lá.

Uns segundos depois levaram Gabby aos provadores onde tiraram sua roupa. Os empregados do senhor Careme estranharam ao ver que não usava espartilho.

— Meu pai não gostava — Disse Gabby — Acha que uma mulher deve ser capaz de vestir-se por acaso sozinha.

Careme estremeceu diante da ideia.

— Tentaremos com baleias — Declarou — Faça tudo o que possa.

— Estou segura de que fará maravilhas — Assegurou Gabby.

O senhor Careme parecia repentinamente mais otimista.

— É óbvio!

Estalou os dedos e, um minuto depois, uma jovem empregada voltou com um vestido leve de cor laranja.

— Havia-o feito para a condessa de Redingale — Confiou a Gabby — Mas a muito tola leva um mês de atraso para vir buscá-lo. Deve gastar toda a pensão de repente como de costume. Vou dar este vestido: isso lhe ensinará que não se brinca com o melhor modista de Londres.

Uma das ajudantes do senhor Careme grampeou o espartilho. As saias subiram, a cintura parecia extremamente fina e começou a ter esperanças. Ao melhor se convertia em uma sofisticada beleza.

Passaram por cima da cabeça o vestido que deslizou por seu corpo com um sussurro de musselina.

— Não está mal — Disse o modista.

Ao contrário que o vestido branco e rígido de Gabby, este se movia ao menor sopro de ar e só um rebordo de pele no baixo impedia que se levantasse mais do estritamente correto.

Para o Gabby era o cúmulo da sofisticação.

— Eu...

Custava respirar.

— ... Sempre gostei da cor laranja, senhor.

— Laranja! — Exclamou Careme surpreendido — É flor de laranjeira. Eu nunca utilizo a cor laranja. E a pele é chinchila.

Felizmente Gabby estava começando a acostumar-se ao modo franco de falar de Careme.

— Só temo que mostre muito com este vestido maravilhoso.

Tinha a sensação de que o seio saía das clavículas.

— Isto não funciona, não funciona — resmungava o alfaiate — Terei que pensar mais atentamente. A cor, por exemplo, não realça seu cabelo.

Gabby se olhou no espelho enquanto umas pequenas mãos endireitavam seu penteado.

— E a saia é muito estreita para você — Continuou Careme — Mas terá

que servir no momento.

Gabby não via nada de mal no vestido além do fato de que mal conseguia respirar.

— Vamos lançar uma nova moda — Decretou o modista — As feições francesas não são o que mais a favorece; e para estar à altura do senhor Dewland você tem que estar à última moda.

Parecia tão desesperado que Gabby tentou lhe consolar.

— Os grandes êxitos não vem sozinhos, senhor. Pense na pessoa que inventou este infernal espartilho. Não pôde ocorrer-se em uma só noite com toda a malha que leva e as baleias...

Pela primeira vez desde que tinha entrado no estabelecimento, Gabby sentiu que o senhor Careme a olhava a ela e não só a sua roupa. Ele ficou imóvel por um instante.

Piscou um olho.

— Já vejo — Continuou — Você vai transformar a ratinha que sou em uma rainha e quando entrar em um baile agarrada do braço do Peter, as pessoas se afastarão a nosso passo e só se perguntassem uma coisa: Quem fez o vestido da senhorita Jerningham?

O senhor Careme sorriu.

— Importa muito pouco a roupa não é certo senhorita Jerningham?

— Efetivamente — Confessou Gabby — Mas tentarei me interessar por ela já que é importante para o Peter.

— Na moda há uma verdade essencial. Se uma mulher não tiver classe, nunca a terá use o que use. Eu fiz uma maravilhosa criação para uma debutante sabendo que nem um só homem se fixaria nela essa noite. Mas estou seguro de que os homens sim que a olharam.

— Não tenho nem a menor ideia. Meu pai não me deixava conhecer muitos representantes do gênero masculino. E não era importante já que vou casar-me com o Peter.

— Sim — Respondeu Careme um pouco incomodo — Vamos, vou criar uma nova moda para você; e asseguro senhorita Jerningham, que os homens de Londres brigaram por beijar a ponta de seus sapatos.

— Que perspectiva mais agradável!

O senhor Careme emitiu uma de suas raras gargalhadas.

— Você é muito especial senhorita Jerningham. Mudei completamente de opinião sobre a missão que me encomendou.

— Obrigado — Disse simplesmente Gabby.

Quando Peter viu sua prometida sair da loja agarrada no braço da duquesa do Gisle, estremeceu de horror.

Gabby parecia uma maçã... Uma maçã muito redonda. Seu sutiã parecia a ponto de arrebentar. Como podia alguém ter tanto seio? Estremeceu ao pensar o que pareceria com um vestido de noite com toda essa carne à vista. Como ela ia andando diante dele, notou que o vestido pegava aos quadris e que a borda de pele se movia muito. Ela dava uns passos muito compridos, certamente não andava como uma dama.

Além disso, em vez de fazer perguntas educadas demonstrando que era consciente de estar se dirigindo a uma das pessoas mais populares da alta sociedade, tagarelava sobre a Índia como uma louca. A Índia! Peter sentiu um arrepio. Não havia nada mais molesto que a pessoa que falava das colônias.

Evidentemente sua futura esposa não tinha nenhum sentido das diferenças sociais. Não entendia nada sobre a hierarquia e pensou nas gargalhadas de seus amigos quando a conhecessem.

Gabby não deixava de falar. Por Deus! Parecia que inclusive estava dando aulas de gramática hindu à duquesa. Peter chiou os dentes.

Não podia.

Não podia casar-se com esse periquito, essa mulher mal vestida, gordinha, carente de graça e delicadeza. Não importava quão grande fosse sua fortuna, ele não poderia transformar em uma dama à filha de um comerciante.

Essa torpe mulher ia destroçar a frágil estrutura social da que dependia sua felicidade sem nem sequer dar-se conta. Era injusto, muito injusto!

Tinha passado seis anos fazendo um lugar na alta sociedade sendo amável com todo mundo. Peter não gostava das pessoas que alcançava o topo esmagando aos fracos ou falando mal de outros. Sempre era afável e aceitava as derrotas com um sorriso. Por exemplo, houve uma festa privada que celebrou

Bladdington pelo quadragésimo terceiro aniversário de Prinny e a qual não foi convidado. Embora se sentisse mortalmente ofendido, comportou-se de um modo perfeitamente cortês quando voltou a ver Bladdington. Efetivamente, todo mundo havia dito que Prinny tinha perguntado onde estava afirmando que a festa não podia ser um êxito sem o Peter.

A bÍlis lhe subiu à garganta. Seu pai não tinha direito de exigir um sacrifício como esse.

Seus pais tinham que chegar de Bath essa tarde para conhecer sua futura nora. Sempre havia flanco opor-se a seu pai, mais desta vez era imperativo que ele fizesse.

Não podia chegar até o final com esse projeto de bodas.

Capítulo 5



Gabby, Peter e Phoebe se encontraram a sua volta ao Dewland House com uma elegante carruagem.

— É minha nova mamãe que veio me buscar! — Exclamou Phoebe.

Peter a olhou compassivamente. Tinha que ocupar-se de procurar a essa mulher... A senhora Ewing se chamava assim?

— Temo que não Phoebe — Respondeu — É o carro de meus pais que retornaram de Bath para receber à senhorita Jerningham.

Gabby atraiu à menina para si.

— Encontraremos a sua mamãe Phoebe. Enquanto isso pensa em todos os formosos vestidos que o senhor Careme está fazendo para você.

Também Phoebe ia ter um novo guarda-roupa e seus olhos brilhavam de ilusão.

— Disse-me que me faria um com mangas bufantes.^{1}

— Exato! É uma sorte que Peter ainda não tenha encontrado a sua mamãe porque estou muito contente de que esteja comigo e seus vestidos não estarão preparados até dentro de umas semanas.

— Porei o vestido das mangas bufantes, assim gostará mais a minha mãe.

O laçao abriu a portinhola. Gabby estava um pouco intimidada diante a ideia de conhecer os viscondes; temia que se sentissem decepcionados como Peter.

Mas tinha acontecido uma desgraça; logo compreendeu que nunca poderia falar com o visconde.

— Dormiu e dormiu — Explicou a viscondessa chorando e retorcendo-as mãos — Quando consegui despertar, me olhou, mas não sabia quem era.

Quill, de pé em meio da estadia não dizia nada. Quanto a Peter, deixou-se cair em uma poltrona.

— Ontem de noite me reconheceu — Continuou sua mãe — Mas o médico diz que nunca poderá voltar a usar as pernas. E o que é pior, não pode falar. Entretanto, esta manhã, quando disse que tinha que vir a Londres para lhes contar o que tinha acontecido, estou segura de que me entendeu. Tinha pedido que piscasse se me entendia e o fez.

Os soluços se fizeram mais fortes e Quill se aproximou de abraçá-la. Ao ver que estendia o braço que tinha livre e que Peter se aproximava, Gabby desapareceu com lágrimas nos olhos. Durante toda sua vida tinha tentado gostar de seu pai mais ele nunca tinha ocorrido abraçá-la, nem, é obvio, lhe fazer a mais mínima adulação.

Refugiou-se em seu quarto. Se seu pai tivesse sofrido um ataque que tivesse privado da fala, ela haveria se sentido aliviada e esse era um terrível pensamento.

Para tranquilizar-se disse que teria ocupado dele. Mas isso só tivesse sido uma nova tentativa de ganhar seu carinho. E teria fracassado. Se uma lição que tinha aprendido em sua infância era que não se podia obrigar às pessoas querer.

Atirou do cordão e Margaret não demorou a aparecer.

— Vou ser sua donzela — Anunciou alegremente — A senhora Farsalter me confirmou isso.

— Me alegro muito. Bem, então me ajude a me liberar deste terrível espartilho.

Margaret começou a desabotoar os pequenos botões do sutiã. Mas quando desfez os laços do espartilho e Gabby fez uma profunda inspiração, a malha se esticou ainda mais sobre seu seio.

— A senhora Farsalter é uma boa costureira — Disse Margaret — Possivelmente possamos alargar as costuras.

— Já o fez o senhor Careme. Usarei um xale, Margaret, desse modo ninguém notará que o vestido fica um pouco apertado no peito.

— Está segura senhorita? Poderia apertar só um pouco o espartilho.

— Isso não! Estou segura de que comeremos em casa.

A donzela assentiu.

— Em vista da enfermidade do senhor, suponho que você se casará

rapidamente. Pode ser que o senhor Peter consiga uma licença especial.

Gabby a olhou sem entender e a donzela explicou:

— O senhor Codswallop teve um tio que foi vítima de um ataque parecido e não viveu muito tempo. Depois a família estará de luto...

— Entendi — Murmurou Gabby.

Certamente Margaret queria dizer que um não se casava no período de luto neste país. Essa era uma regra mais da que tinha que acordar. Curiosamente a ideia de umas bodas apressada, que uma semana antes a tivesse encantado, agora não a seduzia.

O almoço se desenvolveu em uma tensa atmosfera.

— Tenho que voltar a Bath — Explicou Kitty a Gabby — Mas enviei uma mensagem a minha querida prima, lady Sylvia, para lhe pedir seja sua acompanhante durante minha ausência.

Quill resmungou algo entre dentes e Kitty se animou.

— Lady Sylvia é completamente digna de respeito — Disse em um tom que não admitia réplica — Por outra parte é muito difícil encontrar uma acompanhante nesta época do ano.

Explodiu de novo em soluços.

— Meu Deus! Se Thurlow não pode ir ocupar seu lugar no Parlamento, lhe romperá o coração.

Gabby se alegrou ao ver que Peter se comportava de um modo encantador com sua mãe, acariciando sua mão e lhe falando com ouvido. Quill permanecia imóvel frente a eles e com a terceira ou a quarta crise de lágrimas, Gabby se sentiu francamente irritada. Pobre lady Dewland! Nunca podia ter imaginado que ia acontecer um drama dessas proporções.

A metade da comida, Kitty apertou o pulso de Setter.

— Não posso ficar nem um minuto mais — Disse com voz apagada — Vejo sem cessar o rosto do Thurlow esperando minha volta.

Levantou-se.

— Estou encantada de ter te conhecido, Gabrielle. Falaremos quando meu querido Thurlow possa levantar-se de novo. Só estarei fora uns dias.

Gabby assentiu, entretanto duvidava muito que o visconde pudesse voltar a falar ou a andar.

— Não pode voltar para Bath sozinha, mamãe — Disse Peter.

Os dois homens se levantaram o mesmo tempo que sua mãe.

— Acompanho-a — Continuou — E ficarei contigo o tempo que precisar.

— OH não! — Protestou Kitty desesperada — Seria muito molesto para nossa querida Gabrielle!

— Peter deve acompanhá-la — Disse a aludida.

Estava claro que mãe e filho compartilhavam um vínculo privilegiado.

— Não suportaria te abandonar nesta terrível prova — disse Peter.

— Mas... Seus amigos — Objetou fracamente Kitty — parecerá muito estranho que deixe a sua prometida em Londres.

— Certamente que não — Respondeu Peter muito seguro — Meu lugar está ao seu lado.

Quill estava franzindo o cenho.

— Estou seguro de que Peter deveria ficar aqui com Gabby. Vão casar e ela acaba de chegar da Índia. Por outra parte, papai não parece correr um perigo iminente e posso te acompanhar eu mesmo a Bath.

Gabby o olhou indignada.

— Lady Dewland — Disse com calor — Peter tem que ir com você e ficar tanto tempo como você necessite. Insisto.

Era evidente que Peter seria maior consolo para Kitty que Quill.

— De todos os modos — Anuiu Peter — Gabby ainda não está preparada para fazer sua entrada na sociedade. Encarregamos um novo vestuário esta manhã e o senhor Careme falou que um mês de prazo. Graças à presença de lady Sylvia a ninguém parecerá estranhar que Gabby permaneça em Londres.

— Nesse caso aceito — Disse Kitty visivelmente aliviada — Esta segura de que não se incomoda, minha querida Gabrielle? Estou segura de que Thurlow estará melhor dentro de uma semana e não quisesse que nossas relações se deteriorassem. Estou muito contente com a ideia de que se converta em minha nora.

Gabby se inclinou para depositar um beijo em sua bochecha.

— Peter é seu tanto tempo como você queira lady Dewland.

Kitty lhe acariciou o cabelo.

— Temos sorte de contar contigo, minha querida menina.

Gabby olhou lady Dewland e Peter enquanto subiam na carruagem; depois de que a dúzia de malas de Peter estivessem bem sujeitas no teto do mesmo; com um pouco de inveja. Não reprovava a ela que se alegrasse de poder contar com a presença de seu filho, mas sim reprovava Peter que apreciasse tanto a companhia de sua mãe, quando nos últimos dois dias ele não lhe tinha demonstrado a ela tanto afeto.

Mas isso era porque ela não o merecia, pensou.

Quill estava ao seu lado e adivinhou sua tristeza.

— O que gostaria de fazer esta tarde? — Perguntou.

A pergunta surpreendeu inclusive a ele já que nunca saía a essas horas do dia. Tinha muito trabalho mais odiava ver Gabby entristecida. Pelo menos não chorava, não podia suportar às mulheres que choravam por qualquer tolice.

— Eu gostaria de dar um passeio por Londres — Respondeu — Mas não esta obrigado a me acompanhar Quill. Posso pegar um carro.

— Nada disso. Levarei-a onde queira.

— A verdade é que preferiria estar sozinha.

Ele suspirou.

— Gabby, uma dama nunca passeia sozinha. Quando conhecer melhor a cidade poderá pegar de vez em quando o carro para fazer algumas compra sou para ir de visita. Mas essa é a única liberdade que concede a uma dama inglesa.

— Graças a Deus não sou inglesa de tudo — Replicou Gabby — Certamente é por culpa de minha parte francesa, mas estou segura de que posso passar a tarde só sem correr o menor perigo. Não queria que abandonasse tudo por minha causa.

— Não tinha intenção de trabalhar esta tarde — Mentiu ele — Irei com você.

Ela pensou que possivelmente ele não tinha vontade de permanecer na

casa depois da triste notícia que acabava de receber. Era uma pena que Kitty tivesse uma predileção tão evidente por seu filho menor. Quill devia sentir-se abandonado.

Entrou na casa e entregou o xale a Codswallop.

Quill engoliu seco. Que espécie de vestido comprou Gabby? Nunca tinha visto algo tão atrevido! Parecia uma cortesã. De costas o vestido se pegava à forma de seus quadris.

E a parte da frente era ainda pior, a seda parecia que se pegou a seu corpo.

— Descobri o endereço de Emily Ewing — Declarou abruptamente.

— Maravilhoso! Vive em Londres?

— Sim.

— Não deve ter recebido a carta da Índia falando do Phoebe. Enviarei uma nota. Não podemos nos apresentar em sua casa com a má notícia da morte de sua irmã.

Quill assentiu.

— Eu gostaria de saber onde deseja ir esta tarde.

Ela, teimosa, guardou silêncio e ele se aproximou e levantou seu queixo. Aspirou seu perfume de jasmim.

— Gabby...

Não era necessário lhe perguntar se podia confiar nele, pensou ela. É obvio que podia. Seu impressionante cunhado era a imagem mesma da honestidade.

— Só queria dar uma volta sem rumo fixo.

— Gabby!

— Muito bem. Eu gostaria de ir ao banco Hoare. Meu pai me deu uma carta...

— As damas não entram nos bancos — Explicou — Levarão a carta e um representante do banco virá a vê-la em casa.

— Meu pai me ensinou a desconfiar dos ajudantes — Insistiu Gabby — Quero falar com sir Richard Hoare em pessoa. Dificilmente posso exigir que o diretor viesse a me visitar casa.

— Nesse caso a acompanharei — Decidiu Quill — Você deve entender que a reputação de uma dama é o mais importante que tem.

Interrompeu-se porque era evidente que não lhe estava escutando.

— Gabby, está me ouvindo?

Enquanto ele soltava seu pequeno discurso, ela sonhava que ele a pegava em seus braços. Acaso se havia ficado louca? Seu sentido comum a resgatou; não, o que acontecia é que ele era muito atraente, pensou. Quando a olhava as pernas voltavam de algodão e a invadia um intenso calor.

O problema era que seu pai nunca a tinha permitido conhecer nenhum homem, de modo que os homens a impressionavam muito. E pela primeira vez lamentou que Peter fosse a Bath.

Ele estava esperando uma resposta.

Ela mordiscou o lábio com nervosismo. Quill tinha uma estranha expressão.

— Gabby — Disse ele.

Ela cambaleou e ele a sustentou pelos ombros. Ela estava quase em seus braços.

— Eu... Eu...

Ela se calou, queria beijá-lo, não podia suportar nem um segundo mais não ter sido nunca beijada.

— Minha mãe morreu no dia que eu nasci e meu pai nunca demonstrou seu afeto — Sussurrou ela olhando fixamente seus lábios.

— E?

Ele estava massageando brandamente com o polegar a base de seu pescoço.

Ela oscilou para ele e, sem pensá-lo, Quill posou sua boca na dela em um beijo tão ligeiro como as asas de uma mariposa.

Ela fechou os olhos, imóvel, com os braços rígidos caindo aos lados.

Ele a aproximou mais a seu corpo e deslizou as mãos até suas formosas nádegas.

— Ponha os braços ao redor de meu pescoço, Gabby — Murmurou ele.

— Certo — Disse ela um pouco surpreendida — É... Muito agradável.

— Shhh.

Ela se abriu a ele o casto beijo ficou exigente com uma paixão mal controlada.

Gabby já não tinha vontade de falar. Deixou que seu corpo dominasse a seu cérebro e se abandonou por completo às ardentes sensações que a percorriam. Fundiu-se contra ele amoldando-se a seu corpo sem a menor contenção.

A boca de Quill era exigente, suas mãos insaciáveis e ela estava sem fôlego.

— Gabby, se...

O tom rouco de sua própria voz arrancou Quill de seu atordoamento, como se saísse de um profundo sonho.

— Senhor!

Deu um saltou para trás, voltou-se e agarrou uma profunda baforada de ar.

— Ordenarei que tragam o carro.

Gabby perdeu um pouco o equilíbrio quando as mãos dele a soltaram. Estava ardendo.

— É necessário que vamos agora mesmo?

Sua voz estava velada, mais sensual que nunca e Quill apenas se atrevia a olhá-la.

— Deveria me pegar um tiro na testa — Resmungou.

— Por quê? Não gostou?

Ele pôr fim a olhou. Gabby era a única mulher que ele conhecia cujos olhos traíam a menor de suas emoções. O desejava.

Aproximou-se dele, passou os braços ao redor do pescoço e pousou seus lábios sobre os dele. Ele sentiu seu fôlego misturar-se com o seu e não pôde fazer outra coisa além de apertá-la contra ele e apoderar-se de sua boca. Desta vez foi um pouco diferente, já que Gabby sabia agora como eram os beijos. Com um suspiro estrangulado, ela aceitou a intrusão de sua língua.

E a ardente dança continuou até que Quill se deu conta de que todas as forquilhas dela tinham caído e ele estava escondendo suas mãos em sua sedosa cabeleira. Seus beijos se transformaram em uma apaixonada posse seus quadris se moviam febrilmente contra ele.

E o que era ainda pior: ele notou que o pomo da porta que tinha a suas costas se estava movendo.

Soltou os braços do Gabby e ladrou em direção à porta.

— Nos deixem!

Dirigiu um olhar radiante e maravilhado.

— Obrigado.

— Por quê?

— Nunca teria imaginado que os beijos eram tão... Prazenteiros.

Aproximou-se de novo dele, mas ele a deteve com um gesto. Ela sorriu.

— Agora compreendo porque meu pai não me deixava ver nenhum homem.

Suas palavras planaram por um instante em meio do silêncio.

Ele sacudiu a cabeça sem poder entender como era possível que houvesse chegada à idade que tinha sabendo tão pouco sobre as relações entre um homem e uma mulher.

— Nunca deve pedir que outro homem te beije que não seja seu... Prometido, Gabby.

Ele não conseguia pronunciar o nome de Peter.

Os olhos dela brilhavam.

— Nunca, jamais poderia ter suspeitado Quill. O dos beijos quero dizer.

— Ah!

Necessitava desesperadamente um conhaque embora a tarde acabasse de começar.

— Seria melhor que subisse a sua quarto para se pentear — Disse ele abrindo a porta — Depois te acompanharei ao banco.

Gabby, um pouco decepcionada, observou-o partir como se tivesse ao

demônio lhe pisando os calcanhares. Era evidente que lamentava tê-la beijado.

Subiu as escadas com expressão sonhadora. Possivelmente quando Peter voltasse ela teria seu novo vestuário e então seu prometido a olharia com a mesma expressão que Quill. Depois recordou os sermões que lhe tinham dado sobre os pecados da carne.

Mas nunca haviam dito quão maravilhosos eram os beijos. Curiosamente custava imaginar Peter lançando-se em seus braços para comer a beijos como o havia feito seu irmão. Ele seria sem dúvida muito mais suave e comedido.

Uma vez em seu dormitório agarrou a miniatura que representava ao Peter e seu agradável olhar e seus cachos a tranquilizaram.

Sorriu. O matrimônio prometia ser algo muito agradável visto desse modo. Já estava desejando que seu prometido voltasse.

Lady Sylvia chegou ao redor de uma hora depois. Antes disso Gabby teve uma entrevista com Codswallop. Ao não lhe encontrar no vestíbulo se dirigiu à zona do serviço para comprovar que não se encontrava mal por culpa da queda. Engoliu o orgulho e pediu desculpas por ter mentido.

— Quill me assegurou que o visconde não o despediria — Disse rapidamente.

Codswallop sorriu compreensivamente. Todos os criados da casa conheciam o caráter suscetível de Peter e não podia reprovar que se houvesse sentido desconcertada.

— Vamos, senhorita Jerningham, não falemos mais disso. Acredito que um anjo me pôs a rasteira e então atirei o bule.

— Não — Protestou Gabby — Sou eu quem é terrivelmente torpe.

— Então foi a você a quem pôs a rasteira ao anjo. Minha mãe dizia isso quando voltávamos para casa com os joelhos esfolados.

Gabby sorriu.

— Devia ser muito boa.

Quando o mordomo a acompanhou de volta ao vestíbulo, converteram-se nos melhores amigos do mundo.

Gabby em seguida se deu conta de que tinha chegado sua dama de companhia. E miúda dama de companhia! Fico muda de assombro com as

costas apoiada na porta.

Kitty e sua prima eram tão diferentes como o dia e a noite. Usava um vestido de cor rosa forte com um profundo decote e estava rodeada por três travessos cachorrinhos que levavam na cabeça laços da mesma cor. Mas apesar do feminino da cor do vestido, parecia mais um homem que uma mulher, e, além disso, estava fumando um charuto.

Quill viu Gabby e anunciou:

— Aqui chega precisamente a senhorita Jerningham. Lady Sylvia me permite lhe apresentar à prometida de meu irmão? Senhorita Jerningham, apresento lady Sylvia Breknettle.

Esta última olhou Gabby com severidade.

— E que estava fazendo esta jovem na zona da servidão, Quentin? Não é nada apropriado relacionar-se com os criados.

Tinha uma voz forte e nasal.

— E bem pequena o gato comeu sua língua?

Gabby se recuperou e fez uma reverência.

— Estava vendo os menus com a senhora Farsalter, milady.

— Parece uma criada — Declarou lady Sylvia.

Gabby começava a zangar-se.

— Não pode fazer melhor a reverência, pequena? — Continuou a terrível dama.

— Meu nome é Gabrielle Jerningham — Respondeu ela — Também sei fazer a reverência andando para trás — Acrescentou unindo o gesto à palavra — Mas está reservada para os membros da família real.

Lady Sylvia esboçou um sorriso.

— Ao menos, pequena, tem você caráter.

Gabby renunciou a fazer que a chamasse por seu nome. Era evidente que para a mulher ela se chamava “pequena” e assim ficaria.

— Estas são minhas três Graças — Continuou lady Sylvia assinalando aos cachorrinhos — Esperança, Verdade e...

Olhou a seu redor.

-A sim! Essa é Beleza.

Todo mundo se voltou a olhar a tal Beleza que se agachou sob um sofá. Um rastro amarelo se estava abrindo caminho pelo chão de mármore.

— É muito inteligente para me fazer caso — Decretou lady Sylvia — As três são francesas de modo que são decorativas e originais.

O mordomo tossiu discretamente.

— Dormirão em seu quarto, milady?

— É obvio Codswallop! E não faz falta que estorvo os tapetes. Beleza só nos está demonstrando que não gostou da viagem na carruagem. Se acostumará logo à casa.

Codswallop lhe fez um gesto a um laçaiio quem tentou pegar a Beleza e imediatamente foi mordido na mão.

— Estúpido! — Exclamou lady Sylvia — Nunca lhe disse que os cães não se deixam tocar pelos estranhos? São muito inteligentes para isso.

Pela expressão do laçaiio era evidente que de boa vontade teria jogado ao cão a chutes tanto se era inteligente como se não. Mas lady Sylvia já estava gritando para a porta de entrada:

— Dessie? Dessie vêm imediatamente filha. É minha donzela — Explicou a Gabby — Desdémona. Encarregará de meus carinhos.

Apareceu uma alegre mulher.

— Ordenei que coloquem sua bagagem pela porta de trás, milady. Não acredito que tivesse cabido por esta.

— Olhe Dessie; nossa travessa Beleza marcou seu território.

Dessie agarrou a cachorrinha e lhe deu uma palmada no traseiro.

Beleza baixou o focinho.

— Minhas cachorras não me obedecem para nada — Continuou lady Sylvia — Mas adoram Dessie. Melhor, porque a mim dá igual se mancharem o chão de Dewland House, mas as cortaria em pedacinhos se fizessem o mesmo no de minha casa.

Gabby conteve a gargalhada que lhe subia pela garganta. Dessie havia pegado os três cachorros nos braços e estava subindo pela escada atrás do

Codswallop cuja apertada mandíbula deixava muito patente sua desaprovação.

Quill esclareceu garganta.

— Posso lhe mostrar suas moradas, lady Sylvia? — Propôs oferecendo o braço.

— Certamente! Nunca serei o bastante maior para me negar a que um homem atraente me escolte até meu dormitório.

Procurou um lugar onde deixar a bituca do charuto e, ao não encontrá-lo, lançou-a para a porta.

Gabby viu como aterrissava sobre os degraus de mármore branco. Esta vez não pôde conter-se e lhe escapou uma risada.

Lady Sylvia lhe lançou um penetrante olhar.

— Não é tão doce como parece, pequena não é certo? Muito melhor. Horrorizam-me as donzelas estúpidas. Nunca tinha tido oportunidade de fazer o papel de acompanhante porque Lionel e eu não tivemos filhos, mas o prometi a Kitty, de modo que...

Estava começando a subir pela escada quando se deu a volta.

— Você, pequena!

— Sim, lady Sylvia? — Disse Gabby.

— Vou descansar em minha habitação mas me reunirei contigo para o jantar e não quero vê-la sentada diante da mesa com esse impossível vestido. É evidente que é muito estreito para você. Se deseja se vestir como uma prostituta, não lhe impedirei isso; sou da opinião de que uma mulher tem direito a mostrar seus atrativos...

Olhou com orgulho seu opulento seio.

— ... Sem embargo — Continuou — Tenta encontrar roupa de seu tamanho. Escolher sua roupa não é uma de minhas obrigações como acompanhante.

Gabby, ruborizada, deu-se conta de que tinha esquecido o xale.

— Quill deve desfrutar do espetáculo, pequena, e isso não está do todo mal. Mas me horrorizaria ver que o sutiã arrebentará depois do primeiro prato. Tiraria-me o apetite. Imagino que você não compartilha essa opinião —

Acrescentou dando uma cotovelada nas costelas de Quill.

Este levantou os olhos ao céu. Lady Sylvia sempre tinha sido uma praga.

Gabby fez outra reverência e ele acompanhou a sua prima ao piso de cima.

— Me alegro de vê-lo de pé, Quentin — Disse lady Sylvia enquanto começavam a andar pelo corredor — É realmente horrível o que te aconteceu com esse cavalo. Mas se dá conta de que poderia ter sido pior. De todos os modos vai ter que me contar porque é Peter quem se casa com a jovem herdeira sendo você o mais velho. Confesso que isso esta provocando comentários. As pessoas se perguntam se saiu ileso do acidente.

Quill estremeceu interiormente. Não tinha nenhum desejo de falar de sua incapacidade.

— Imagino que seu silêncio lhes dá a razão — Disse ela ao cabo de um momento.

— Não — Retificou ele — Sou perfeitamente capaz de consumir o matrimônio mais não estou seguro de que possa ter filhos.

— Isso me chateia muito Quentin. Sempre pensei que você foi o melhor dos dois. Mas se dá conta de que Lionel e eu nunca lamentamos nos haver casado, nem sequer quando foi evidente que não teríamos herdeiros. Mas pode que não nos tivéssemos casado se soubéssemos. Pode estar tranquilo, não direi a ninguém — Concluiu lhe dando uma afetuosa palmada no braço.

Ele abriu a porta de uma sala para encontrar-se com os três cachorrinhos, muito bem colocados em fila, que olhavam como uma donzela desfazia uma mala sob a direção de Dessie. Fez uma saudação, murmurou que veria lady Sylvia no jantar e esta sorriu sem dar-se conta de que ele estava fervendo de fúria.

Foi encerrar se em seu escritório e se deu conta, muito tarde, que estava fazendo projetos para casar-se só para sossegar os rumores. Mas para que? Precisaria ter muita sorte para engendrar um filho. As más línguas falariam mais ainda sobre sua incapacidade fazendo que sua mulher fosse ainda mais desgraçada. Ela teria casado com um doente impossibilitado para dançar, para montar a cavalo e para fazer amor de forma regular.

Engoliu um juramento e se dirigiu ao jardim. Muitas vezes andava até o

esgotamento, até que a dor era mais forte que sua amargura.

Da janela d seu dormitório, Gabby viu seu futuro cunhado em um atalho e esteve a ponto de reunir-se com ele, mas um pouco quase selvagem nos passos longos dele, dissuadiu-a.

Esperava vê-lo no jantar, mas Codswallop foi avisar as de que o senhor Dewland não jantaria com ela porque a perna estava incomodando.

Capítulo 6



Pela manhã Quill se encontrou com Gabby e Phoebe sós na sala de café da manhã.

— Lady Sylvia não se levantou ainda — Respondeu Gabby antes que ele formulasse a pergunta — Já está já começou outra vez!

Ele franziu o cenho.

— Começa que?

Deixar que permaneça em silêncio. Notei-o, todo mundo respeita seus silêncios, mas deve saber que eu não tenho intenções de ser tão indulgente como sua família.

Quill deu de ombros e assinalou à menina.

— Tenho excelentes notícias...

— Isso! — Exclamou Gabby — Nada de “Como está Gabby” Nem “dormiu bem Phoebe?”

Quill respirou fundo.

— Como está Gabby? E que é o que faz que esteja tão resmungona Gabby?

— Não há nada de resmungão em desejar um mínimo de cortesia.

Ele sorriu a seu pesar. Ela era muito vivaz. Tinha as bochechas vermelhas e o coque já se estava desfazendo das forquilhas que Margaret tinha colocado cuidadosamente.

— A senhora Ewing enviou uma nota e deve estar aqui dentro de uma hora.

Estranhou ao ver Phoebe mais surpresa que contente.

— Oh não! Minhas novas coisas ainda não estão preparadas.

— Suas coisas? — Repetiu Quill.

Umás grossas lágrimas caíam pelas bochechas da menina.

— Minha nova mamãe vai me encontrar horrorosa.

— Duvido — Retrucou ele — parecerá que é uma garotinha adorável.

Phoebe se refugiou nos braços de Gabby.

— Não sou uma garotinha e não quero que minha mamãe ache que sou.
Quero pôr meu vestido com as man... Mangas bufantes!

Lady Sylvia fez sua entrada seguida de seus três cachorros.

— Vejamos O que passa aqui?

A rígida educação que Ayah lhe tinha inculcado fez sua aparição: Phoebe se levantou e executou a mais elegante das reverências, enquanto emitia entrecortados soluços.

— Posso lhe apresentar à senhorita Phoebe Pensington, lady Sylvia — Disse Quill — A senhorita Phoebe tem algum problema com sua roupa.

— Eu não entendo disso — Ladrou lady Sylvia — Como disse ontem não me ocupo da roupa de outros. Já tenho bastante com meu próprio vestuário.

Gabby reprimiu um sorriso. Sylvia usava um maravilhoso vestido de amanhã com renda. Suas luvas, seus sapatos e as fitas dos cães eram da mesma cor.

Sentou-se em uma poltrona e agitou seu lenço verde em direção a Codswallop.

— Só tomarei uma xícara de chocolate e possivelmente umas torradas. Decidi começar um regime.

Phoebe, apoiada no ombro de Gabby seguia chorando por seu vestido de mangas bufantes.

— É uma menina encantadora — Disse lady Sylvia — Por que chora?

A menina se ruborizou.

— É uma falta de cortesia de minha parte — Admitiu — Rogo que me desculpe.

— Bobagens! Não há nada mais feminino que as lágrimas. E se não acredita pergunta à mãe de Quentin — Acrescentou a anciã rindo.

— Phoebe — Interveio Gabby com firmeza — A sua nova mãe dará igual a

longitude de seu vestido. Um vestido não muda o carinho que se tem para uma pessoa.

— Eu não estou tão segura — Disse lady Sylvia com um sorriso — Entretanto é certo no que aos pais se refere. Tem razão, pequena Phoebe; sua mãe não se fixará em como está vestida.

Dez minutos mais tarde, Codswallop anunciava que a senhora Ewing tinha chegado. Phoebe, cada vez mais pálida se agarrou à mão de Gabby.

— Aonde a conduziu, Codswallop? — Perguntou Quill.

— Ao salão índio, senhor.

Lady Sylvia, que já ia pela quinta torrada e tinha aceito um prato de ovos mexidos, observou:

— Logo me reunirei com vocês. Autorizo-te a que acompanhe ao Gabrielle, Quentin, mas tenta se controlar.

Gabby lhe dirigiu um olhar intrigado.

— Se inventaram as acompanhantes — Explicou Sylvia com a boca cheia — É porque os homens sempre estão a ponto de perder a cabeça em consequência de sua sensualidade. Roubar um beijo, por exemplo, ou algo igualmente atrevido. Mas não te seguirei até a privada, pequena.

Quill, Gabby e Phoebe souberam em seguida que lady Sylvia tinha tido razão ao dizer que a senhora Ewing não se preocuparia da roupa de sua sobrinha. E, entretanto ela parecia recém-saída de uma revista de moda, com o vestido de manhã mais formoso que Gabby nunca tinha visto, com renda ao longo das mangas e um chapéu seguro com uma fita de uma cor exata ao dos sapatos.

Entretanto, apesar de sua elegância, não se deu conta da maneira em que ia vestida a menina. Deixou-se cair de joelhos diante da pequena e lhe agarrou o rosto entre as mãos.

— Oh meu Deus! — Murmurou — É o vivo retrato de Carolyn.

Phoebe a olhava.

— Você é minha nova mamãe?

Com o coração em um punho, Gabby viu que os olhos da senhora Ewing se enchiam de lágrimas.

— Isso acredito. Estarei muito orgulhosa de ser sua nova mamãe.

Pegou à menina em seus braços antes de se levantar a apertando forte contra si.

— Lamento tanto não ter sabido! Não teria te deixado sozinha, teria ido te buscar na Índia. Mas não tinha nem ideia de que Carolyn e seu marido tivessem tido esse horroroso acidente.

— Não quer sentar-se, senhora Ewing? — Ofereceu Gabby emocionada.

— Obrigado — Disse a outra se dirigindo para um sofá sem soltar Phoebe — Meu Deus querida, pelo menos deve ter quatro anos!

Phoebe levantou a cabeça.

— Não tenho quatro anos, tenho cinco!

— Cinco! — Repetiu a senhora Ewing — Carolyn deveria me ter dito a data de seu aniversário.

Phoebe, sentada nos joelhos de sua nova mãe, tinha cruzado as mãos sobre seu colo.

— É em maio. Farei seis anos.

— Ah!

Gabby observava a sua convidada. Apesar de sua magreza extrema e seu aspecto cansado, era muito formosa.

— É você a irmã da mãe do Phoebe não?

— Com certeza — Respondeu a senhora Ewing cujos formosos olhos cinza azulados estavam bordeados de olheiras — Sou uma das tias de Phoebe e parece que Carolyn, sua mãe, escolheu-me como tutora, mas se esqueceu de me avisar.

Phoebe moveu a cabeça.

— Papai e mamãe não o disseram a ninguém — Declarou — O senhor Stokes, o cônsul da Inglaterra, olhou em seus papéis e disse que você era minha tutora e certamente meu único familiar vivo.

Não deixava de olhá-la fixamente.

— Não sou a única — Repliou a senhora Ewing acariciando seu cabelo — Sua tia Louise está em casa e tem muita vontade de te conhecer. E... Tem mais

família.

Houve uma certa reticência nesta última declaração, pensou Gabby.

— Sinto muito, não me apresentei — Dirigindo um olhar assassino a Quill quem, apoiado na parede, esqueceu-se de sua obrigação — Sou Gabrielle Jerningham. E ele é o senhor Quentin Dewland.

Quill se endireitou e saudou.

— Encantado de conhecê-la.

Gabby se sentiu um pouco molesta pela forma em que ele olhava à senhora Ewing. Ele não tinha direito a desejar tão abertamente a uma mulher casada.

— Não estivemos muito em contato com Carolyn — Continuou — Não quero nem imaginar o que teria sido de Phoebe se você não tivesse cuidado dela, senhorita Jerningham. É uma sorte que você estivesse nesse navio.

— Foi uma sorte para as duas — Disse Gabby — Phoebe foi uma encantadora companheira de viagem.

A forma em que Quill estava pendente das palavras da senhora Ewing era exasperante.

— Recebíamos poucas notícias de minha irmã. Carolyn tinha espírito aventureiro e seu marido era igual a ela. Não recebi nenhuma só carta em sete anos.

— Às vezes papai e mamãe se foram durante vários meses — Entreviu Phoebe — Tinham muito trabalho.

A senhora Ewing roçou os cachos da menina com os lábios.

— Alguma vez a levavam com eles, carinho?

— Não. O que eles faziam era muito importante. A mamãe tivesse gostado de muito que fosse com eles, mas era muito perigoso, de modo que ficava com o Ayah, e eles vinham para me ver quando podiam.

— Seu pai era Roderick Pensington?

A pergunta de Quill surpreendeu Phoebe quem assentiu com a cabeça.

— Era um famoso explorador — Declarou muito orgulhosa.

— Certamente! — Disse Quill — O primeiro ocidental que seguiu o

Ganges até seu nascimento.

A senhora Ewing se levantou.

— É hora de ir. Sua tia Louise deve estar impaciente, Phoebe, e eu estou segura de que a senhorita Jerningham e o senhor Dewland têm coisas que fazer.

— Oh não! — Exclamou Gabby — Não se vão ainda, senhora Ewing. Peguei muito carinho a Phoebe e me dá muita pena que se vá. Esperava que ficassem a almoçar conosco.

— Phoebe virá a lhes visitar outro dia. Agradeço o convite, mas tenho um encontro que não posso anular.

Gabby se aproximou para agachar-se diante da menina que estava apertando a mão de sua tia.

— Estará bem carinho?

Phoebe assentiu muito séria.

Gabby a abraçou carinhosamente, muito triste.

— Virá para ver-me?

— Sim, e você? — Perguntou a menina com desespero — Codswallop diz que logo terá cartões de visita e então poderá vir para me ver, e assim conhecerá a tia Louise.

— Eu adorarei — Gabby disse levantando-se para voltar-se para a senhora Ewing — Não queria impor minha presença, mas poderia ir visitar Phoebe amanhã mesmo? Vivemos juntas durante meses e sinto verdadeira tristeza por ter que me separar dela.

A senhora Ewing mordeu o lábio.

— Ela poderia vir amanhã pela manhã — Respondeu depois de uma ligeira vacilação.

Gabby aproveitou a oportunidade antes que lhe desse tempo a trocar de opinião.

— Enviarei à carruagem a procurá-la.

— Isso é muito amável por sua parte — Disse a senhora Ewing fazendo um gesto com a mão — Minha irmã e eu não temos carro.

Gabby esperou a que saíssem do salão para exclamar:

— Há algo estranho nessa mulher, Quill, estou segura disso. Ao melhor não deveria ter deixado que Phoebe se fosse com ela. Deste-te conta de que não quer que a visite?

— Pode que pense que sua casa é muito modesta. Não acredito que as tias de Phoebe estejam nadando em dinheiro.

— Mas a senhora Ewing parece muito elegante e a mim dá igual como é sua casa. A menos que... Espero que seja uma mulher como Deus manda!

Quill sorriu.

— Não conhece muitas cortesãs Gabby. A senhora Ewing é totalmente respeitável. Os Thorpe, a família materna de Phoebe, são muito apreciados pela alta sociedade. Acredito que as terras estão no Hertfordshire. Mas pode que a senhora Ewing se casasse por debaixo de sua fila social.

— Isso é ridículo! — Replicou rapidamente Gabby — Se fosse pobre não iria tão bem vestida.

— O vestido que usava era de bom corte, mas de uma malha bastante corrente — Fez notar ele — Seus sapatos foram tingidos várias vezes, e ela parece estar esgotada. Parece que se vê obrigada a trabalhar e isso deve incomodar aos Thorpe. Certamente estejam brigados.

— Meu Deus!

Quill lhe acariciou brandamente a bochecha.

— Você não tem culpa, Gabby — Disse amavelmente roçando sua boca com os dedos.

Ela levantou os olhos permanecendo completamente imóvel.

Incapaz de resistir seu inocente olhar e seu aroma de jasmim, ele tocou seus lábios nos dela. Gabby tinha sabor de geleia de amora e a paixão se apoderou dele quando as línguas dos dois se encontraram.

Agarrou as nádegas e a apertou contra ele, deliciosamente persuasivo.

— Bem, bem! — Gritou uma voz estridente — Não diga que não tinha avisado Gabrielle. Os homens sempre se deixam arrastar por suas baixas paixões.

Gabby recuou com tanta velocidade que esteve a ponto de perder o equilíbrio.

— Me perdoe, lady Sylvia — Conseguiu dizer.

— De que? — Respondeu Sylvia entrando no salão acompanhada por uns agudos latidos — Não é a mim a quem beijaram. Os Dewland sempre foram ardentes. Lembro da primeira temporada de Kitty...

Quill não sentia nenhum desejo de ouvir contar as indiscrições de juventude de seus pais.

— Lady Sylvia, asseguro que nunca voltará a acontecer algo assim — Disse. Ela fez um gesto impaciente.

— E se nos deixasse Quentin? Por uma vez faz algo inteligente. Tenho que dar um sermão à pequena e não necessito de você.

Ele se preocupou.

— Fora! — Arreganhou lady Sylvia.

Ele obedeceu e deixou o salão depois de fazer uma rígida reverência.

— Este menino é um pouco suscetível — Disse Sylvia antes de olhar a mesa das patas de tigre — Que horror! Já vejo que o gosto de Kitty não melhorou. Certamente isso não tem nada que ver comigo— Continuou — Mais me parece que te equivocaste que irmão.

Gabby baixou os olhos, completamente ruborizada.

— É com Quentin com quem desejas se casar? — Perguntou lady Sylvia — Em qualquer caso visto de fora parece uma opção melhor.

— Oh não! — Exclamou a jovem — Estou muito contente de me casar com o Peter.

— Tenha cuidado pequena, não beije um homem se não ter intenções de se casar com ele. Bem, isso é tudo o que te direi — Acrescentou com sua risada zombeteira — Codswallop me disse que acompanhou lady Sophie, duquesa do Gisle, ao salão amarelo.

No tom de sua voz se adivinhava uma pergunta.

— Conheci a duquesa ontem no estabelecimento do senhor Careme — Explicou Gabby apertando suas mãos contra as ardentes bochechas.

— Então abandona essa expressão de criada pega com as mãos na massa e vamos reunir-nos com ela. Não a conheço pessoalmente, mas sempre admirei sua classe. Essa é uma mulher que nunca recuou diante uns poucos beijos.

Quill se retirou a suas acomodações muito molesto. O que é que tinha Gabrielle para fazer que perdesse o sentido comum? Beijar a noiva de seu irmão! Quase poderia pensar que estava ciumento.

Despiu-se e, vestido só com os calções, dirigiu-se ao vestidor. Tinha transformado a sala em uma sala de reabilitação com os aparelhos do doutor Trankelstein. Irritado, agarrou os pesos e os levantou com força. Ao cabo de uns minutos, relaxou o ritmo e adotou um mais moderado.

Uma hora mais tarde, cheio de suor e com a perna dolorida, olhou com chateio a uma máquina que estava em um canto. O aparelho tinha a forma da garupa de um cavalo, e também era uma invenção do médico. Mas enquanto gostava dos pesos Quill, odiava entretanto essa espécie de cavalo. A ideia de que os movimentos da máquina se voltariam a acostumar ao galope de um cavalo não estava dando muitos resultados. Entretanto não deixava de praticar.

Dando um suspiro montou em cima com a sensação de estar voltando para a infância. Segurou-se e começou a mover-se com um movimento de balancim que produzia dor no quadril e sensação de náusea.

Sabia por experiência que não podia cavalgar mais de cinco minutos sem sofrer uma terrível e violenta enxaqueca, de modo que suportou os cinco minutos apertando os dentes e detendo-se estendo uns brilhos começaram a passar diante seus olhos.

Capítulo 7



À manhã seguinte, Phoebe chegou exatamente à mesma hora que Lucien Blanc. Gabby se dirigiu rapidamente ao salão e ali os encontrou conversando sob o olhar indiferente de lady Sylvia.

— Minha nova mamãe é alguém muito importante — Estava dizendo a menina — É ela que decide o que viu a gente de Londres.

Lucien se levantou o entrar Gabby.

— Espero que se você encontre bem, senhorita Jerningham. Como vê, tive o prazer de voltar a me encontrar com a senhorita Phoebe.

Gabby saudou amavelmente ao jovem francês.

— Estou encantada de voltar a vê-lo, senhor — Disse antes de voltar-se para Phoebe — Como está carinho?

— Muito bem, obrigado — Disse a menina com uma cortesia muito por cima do que correspondia a sua idade, antes de esquecer os formalismos — Minha nova mamãe é muito, muito importante — Repetiu — E a tia Louise tem um bule que tem um gênio dentro, e passa o dia praguejando. Disse “merda!” e minha mamãe disse que tinha que tomar cuidado com o que dizia e então a tia Louise disse: “merda com isso!” e então mamãe se zangou.

Gabby se pôs a rir.

— Teve muita sorte!

Phoebe assentiu. Parecia que pouco a pouco se ia liberando da influência do Ayah.

— Mamãe me alargou o vestido notou?

Apareceu a ponta de seu pequeno pé calçado com um bota de cano longo.

— Fez-o ela mesma?

— Sim! Sua casa não está cheia de criados como a sua senhorita Gabby. Só estão a cozinheira e Rally que é quem poda, e Sherman. Sherman é muito velho

e se passa quase todo o dia dormido. Mamãe diz que estamos melhor sem estranhos na casa, mas terá que repartir o trabalho, e esta manhã levei eu mesma minha xícara à cozinha depois de tomar o café da manhã.

Interrompeu-se um momento para respirar.

— A senhora Ewing parece uma mulher muito valente — Comentou Lucien divertido, piscando um olho a Gabby — Pergunto-me como fez para converter-se em alguém muito, muito importante e como faz para determinar o que deve usar as pessoas em Londres.

— Escreve — Replicou Phoebe — Escreve e as pessoas leem o que ela tem escrito, e só fica o que mamãe há dito que podem levar. Sabe tudo sobre a roupa. Falei do vestido com as mangas bufantes e disse que devia ser muito bonito.

Ao Gabby custava segui-la.

— É possível que a senhora Ewing escreva em uma revista de moda — Interveio lady Sylvia — Há várias, a mais conhecida é A formosa reunião.

— Todo mundo lê o que escreve mamãe — Disse a pequena — Disse como terá que comportar-se, além do que terá que usar.

— Isso é o que faz A formosa reunião — Confirmou Sylvia — Sua mãe acode frequentemente a festas?

— Não acredito.

Codswallop acabava de abrir as portas do salão.

— Tem outra visita, senhorita Jerningham. O coronel Warren Hastings, correspondente inglês do governador geral da Índia. Disse que esperasse na biblioteca.

Gabby surpreendeu ao Lucien resmungando:

— Maldição! O senhor Dewland está ali, Codswallop?

— Não senhorita Jerningham, sinto muito.

— Não está obrigada a receber a esse militar em ausência do dono da casa — Declarou lady Sylvia.

— Quill não tinha aparecido na sala do café da manhã. Gabby suspirou.

— Desculpe-me senhor Blanc, mas suponho que é melhor não fazer

esperar ao coronel Hastings.

Lucien já se levantou.

— Não se preocupe senhorita Jerningham. Tenho que fazer outras visitas esta manhã, entretanto eu gostaria de ter o prazer de acompanhar à senhorita Phoebe a sua casa se não a incomodar.

— Seria maravilhoso — Passou Gabby.

Lucien sorriu com malícia.

— Confesso que essa importante senhora Ewing me tem intrigado e eu gostaria de muito conhecê-la.

Lady Sylvia olhou à menina que tinha ido dizer adeus ao tigre da mesa.

— Não há nada de misterioso nisso — Murmurou — A nova mãe de Phoebe é Emily Thorpe, dos Thorpe de Hertfordsdhire. Houve uma briga e Thorpe jogou a suas filhas de casa. Agora que penso, não foi por culpa da mais velha, mas sim da pequena, Louise. Nunca as vi, entretanto sei que a mais velha transformou em uma senhora Ewing faz como cinco ou seis anos. Entretanto não sabia que escrevia para as revistas de moda.

A expressão “converter-se em uma senhora Ewing” pareceu algo estranho a Gabby, mas não teve tempo de fazer perguntas. Além disso, não era uma conversa apropriada na presença de Phoebe.

Esta devia ser também a opinião de Lucien já que se inclinou com elegância diante lady Sylvia sem fazer nenhum comentário.

Enquanto se despedia de Gabby, Phoebe lhe sussurrou ao ouvido.

— Não se terá esquecido da visita secreta que temos que fazer, verdade senhorita Gabby?

Esta lhe agarrou as mãos.

— É de má educação dizer coisas ao ouvido, querida, mas não o esqueci. Escreverei uma nota à senhora Ewing para que te deixe passar uma tarde comigo a semana que vem de acordo?

Quando ficaram sozinhas, Gabby se voltou para a anciã.

— Quer me acompanhar à biblioteca, lady Sylvia.

— E se antes me dissesse de que se trata?

— Acredito que o coronel Hastings veio me apresentar seus respeitos. Meu pai é uma pessoa influente.

— Tolices! Nenhum desses indianos se incomodaria em ir apresentar seus respeitos a uma simples mulher, sobretudo aqui, na Inglaterra. O que pode desejar de você?

Gabby deu de ombros.

— Suponho que vai perguntar onde se encontra o herdeiro de Tukoji Folgar. Folgar é um dos chefes da região da Maharashtra.

— Maharashtra? Deus Santo! Que espécie de nome é esse?

Não esperou a resposta.

— Quer dizer que uma espécie de príncipe pagão desapareceu? Um príncipe hindu?

Gabby assentiu.

— Chama-se Kasi Rao.

— E porque demônios acha Hastings que você sabe onde se encontra?

— Kasi e eu fomos criados como irmãos — Explicou Gabby — É o sobrinho da primeira esposa de meu pai e cresceu em nossa casa. Como tem quase onze anos e seu pai está doente, teria que subir ao trono dos Folgar, mas...

— Mas está desaparecido — Terminou lady Sylvia — E seu pai certamente teve algo que ver com o assunto. Se o recordar bem, seu pai é o bastante excêntrico para sequestrar a um pequeno príncipe.

— Eu não sei nada — Declarou Gabby com um tom tão neutro como pôde.

Lady Sylvia soprou com cepticismo.

— Guarde seus protestos para o coronel.

Ao ver que Gabby ia responder, o impediu de fazendo um autoritário gesto com a mão.

— Um minuto, pequena. É uma loucura que vamos as duas a falar com esse coronel. É melhor que esperemos a que chegue Dewland e deixar que o se ocupe.

— Mas se digo simplesmente que não sei nada, irá embora.

— Isso é uma estupidez! Não podemos vê-lo sozinhas ou tentará nos intimidar.

Gabby guardou silêncio.

— Vamos fingir que somos tolas — Decretou lady Sylvia — Vou ordenar que tragam para os cães, ser-nos-ão de utilidade.

Girou sobre seus calcanhares e gritou:

— Codswallop!

O mordomo apareceu imediatamente.

— Sim, milady?

— Me traga os cães e depois nos acompanhe à biblioteca.

Codswallop estava a ponto de protestar mais pensou melhor.

— Em seguida. Milady.

— Este homem parece astuto — Declarou lady Sylvia quando o mordomo se foi — Não parecia feliz por ter que ir procurar a meus carinhos. Certamente tem medo pelos tapetes. Bem pequena você acredita ser capaz de fingir que é completamente estúpida? Os homens, e, sobretudo os militares, acreditam habitualmente que as mulheres carecem de cérebro. Deveria sair bem.

— O coronel Hastings não é realmente membro da armada — Disse Gabby — A Companhia das Índias tem seu próprio serviço de ordem.

Sylvia deu de ombros.

— De todos os modos tem uma graduação; isso faz que se sintam importantes sabe?

As cachorras chegaram ladrando, contente de poder escapar da severa tutela de Dessie. Lady Sylvia pegou as duas nos braços e Gabby tentou pegar à terceira, mas esta ladrou tão forte que a soltou.

— Deixa-a, nos seguirá. Agora vamos, Codswallop.

O coronel não usava uniforme; era um homem rechonchudo com uma incipiente calvície. Ao Gabby seu rosto parecia uma caricatura a que lhe faltassem alguns detalhes. Seu bulboso nariz estava mal definido, seu triplo queixo se perdia em seu pescoço alto e o cabelo nascia muito atrás.

Enquanto se aproximava delas, fez-se evidente que ele tinha a sensação de estar tratando com meninas. Lady Sylvia dirigiu a Gabby um breve olhar de triunfo.

— Que prazer vê-la de novo senhorita Jerningham! — Exclamou fazendo uma reverência.

Lady Sylvia se aproximou.

— Senhor, lamento dizer, mas em ausência de um membro masculino da família, não posso permitir que a encantadora senhorita Jerningham receba a um homem sem estar devidamente acompanhada, embora seja um valente militar como você.

Inclinou-se em uma reverência tão profunda que Gabby se perguntou se conseguiria levantar-se.

Hastings a saudou dando-se importância.

— Estou encantado de conhecê-la, senhora... Senhora...

Sylvia movia seu leque com tanta energia que uma mini tormenta levantou o escasso cabelo do coronel.

— Sou lady Sylvia Breaknettle. Perdoe-me, coronel, mas estou muito impressionada por estar diante de um dos maiores heróis da Inglaterra. Ao lhe olhar vejo nossos valentes soldados penetrando em selvagens continentes, levando a vida de seus habitantes sem as comodidades da civilização.

— Isso é certo — Grunhiu o coronel — Não se pode imaginar quão difícil é conseguir uma xícara de chá nesses longínquos países. Cultivam-no, mas não sabem usá-lo. Você senhorita Jerningham deve sentir-se feliz por ter voltado para um país civilizado. A Índia não é o lugar apropriado para uma jovem de boa família.

Lady Sylvia viu que Gabby se esticava e se lançou de novo ao assalto do coronel.

— Comentou-me isso mil vezes! A Índia é um país de selvagens. Mas nos sentemos, prezado senhor. Vou pedir lhe a nosso estimado Codswallop que nos prepare uma xícara de chá.

Gabby se sentiu obrigada a participar.

— Estou segura de que gostará de nosso chá. Nada é bastante para um

valente soldado.

O coronel se ruborizou diante o olhar de adoração de Gabby e aceitou.

Quando estiveram sentados se inclinou para ela.

— Sei que certamente vou ser impertinente, senhorita Jerningham, mas estou aqui em nome de um poderoso senhor...

Ela conteve um sorriso. Hastings recordava a seu pai. Quando se lançava ao que ela denominava “sua retórica”. Quando queria conseguir um acordo difícil, sempre apelava a “um poderoso senhor”.

— Trata-se do governador geral das Índias em pessoa, Richard Colley Wellesley, o conde de Mornington.

— Meu Deus! — Exclamou Gabby fingindo admiração — Não tive o prazer de conhecer governador geral, mas... Mas...

Esteve a ponto de afogar-se; seu pai nunca teria deixado que Wellesley entrasse em sua casa.

— Minha jovem amiga está tão impressionada só pensando nesse grande homem que ficou sem fala — Entrevi lady Sylvia a propósito.

— Wellesley é um homem brilhante — Confirmou Hastings — Muito brilhante! Entretanto acredito que se equivocou ao me mandar aqui.

Gabby o animou a seguir com um sorriso.

— É absurdo pensar que uma jovem encantada como você possa estar misturada nos assuntos políticos da Índia — Continuou ele.

A chegada de Quill quem se deteve na porta salvou Gabby.

Lady Sylvia riu.

— Não é maravilhoso, coronel? Aqui está meu querido sobrinho, o senhor Dewland, quem poderá responder a todas as perguntas que nós, pobres mulheres, não entendemos.

O coronel se levantou visivelmente encantado de ter a um homem para que ajudasse a interrogar a essas nervosas e descerebradas mulheres.

Até então Gabby não se divertiu muito, mas a presença de Quill a inspirou. Agitou as pestanas.

— Por Deus, senhor Dewland, que contente estou de vê-lo! Imagine: o

governador geral da Índia enviou o coronel Hastings para me fazer perguntas sobre a política da Índia! E já sabe você o pouco que sei sobre datas e feitos. Se apenas me lembrar do nome de minha donzela!

Dirigi a Quill um encantado e superficial sorriso.

Ele se inclinou diante do visitante, o qual se lançou imediatamente em uma argumentação:

— Minhas perguntas não eram tão absurdas como acha nossa encantadora senhorita Jerningham, senhor Dewland. Embora, como dizia faz um momento às damas, estou a ponto de colocar a pata. Mas estou ao serviço de um senhor muito poderoso. Alguém a quem não se pode dizer que não. Enviou-me o muito mesmo governador geral das Índias.

Quill foi sentar-se.

— Senhor — Disse — Me perguntou que é o que pode querer Wellesley da senhorita Jerningham que não entende nada de política.

Gabby o repreendeu com suavidade.

— Vamos, vamos, senhor Dewland, nunca subestime a inteligência de uma mulher. Estou segura de que posso responder a muitas das perguntas do coronel.

Inclinou a cabeça de um modo muito atraente.

— Vejamos — Continuou — Sei que os homens da Companhia das Índias dirigem virtualmente todo o país.

— Exatamente — Interveio o coronel como se estivesse dirigindo a uma menina de cinco anos — A companhia não dirige a vasta região da Índia chamada Maharashtra, o lugar onde você cresceu.

Gabby riu.

— Sei! Meu pai insistia em que aprendesse a geografia da Índia. Cresci no Indore, que forma parte da Maharashtra, uma enorme região da Índia central — Recitou como se estivesse dizendo a tabuada de multiplicar — Mas estou segura, coronel Hastings, que você sabe mais que eu sobre a Índia.

O aludido avermelhou sob o olhar cálido e admirado de Gabby.

— Ouviu você falar da dinastia Holkar, senhorita Jerningham?

Ela pareceu pensá-lo um momento antes de exclamar dando palmadas:

— Indore está governada pelos Holkar. Disse certo coronel?

— Muito bem. Nós gostaríamos de saber onde está um menino que cresceu na casa de seu pai, senhorita Jerningham. Disseram-nos que era como seu irmão; chama-se Kasi Rao raspo Holkar, e é o herdeiro do trono.

Quill observava Gabby com os olhos entreabertos, sem saber aonde queria ela chegar com essa farsa. Se sorrisse ao coronel uma só vez mais desse modo, o pobre homem ia sofrer um ataque.

— Certamente, conheço o Kasi Rao — Disse ela com um sorriso ligeiro — Meu pai nunca teria permitido que um indígena fosse “como um irmão” para mim. Afinal de contas, eu sou uma dama inglesa, senhor, e meu pai é filho de um duque.

— Certo, mas tem você alguma ideia de onde pode estar Kasi Rao neste momento?

— Nenhum!

Lady Sylvia, rápida como um raio, tomou a substituição.

— Não estará tentando insinuar que esta jovem tenha podido ficar em contato com um hindu, um selvagem? Minha querida Gabrielle abandonou a Índia faz já muitas semanas para vir à Inglaterra e não tem nenhuma intenção de retornar a esse país deixado da mão de Deus. Está comprometida com meu sobrinho, um cavalheiro que nunca pôs os pés no continente.

— Sabia que vinha para nada — Resmungou o coronel com cansaço.

Gabby se levantou com elegância para ir sentar ao seu lado.

— Eu gostaria de poder ajudar, estimado senhor. Me sentiria muito orgulhosa, mas temo que lady Sylvia tenha razão. Faz anos que não vejo Kasi Rao, não me permitiam me relacionar com os indígenas, sabe? Certamente jogamos juntos sendo meninos, mas disso faz muito tempo.

Deu uns tapinhas ao coronel na mão.

— Faça-me saber se o encontrar — Concluiu — Eu adorarei voltar a vê-lo, é óbvio.

Quill recordou o desejo de Gabby de pegar a carruagem alguma tarde e suspirou. Kasi Rao estava sem dúvida alguma na Inglaterra. Maldição, inclusive

devia ter viajado no mesmo navio que ela!

— Quanto tempo faz que desapareceu o herdeiro dos Holkar? — Perguntou.

— Não sabemos — Contestou Hastings incomodado — É virtualmente impossível obter uma resposta verdadeira nesse lugar. E, com todo respeito senhorita Jerningham, seu pai é terrivelmente cabeça dura. Nega-se a nos levar até o menino. Se não o encontramos rapidamente, um de seus meios-irmãos ocupará seu lugar.

— E isso não é o que deseja a Companhia das Índias? — Interveio Quill.

— É uma questão de moral — Replicou o coronel inquieto — Kasi Rao Holkar é o único filho da esposa do chefe.

Sob o ponto de vista de Quill, o fato de que Kasi Rao fosse o único herdeiro legítimo não explicava porque a Companhia das Índias queria que fosse ele quem ocupasse o trono em vez de um de seus irmãos. Tinha vendido sua participação na Companhia uns anos antes porque tinha descoberto que os colonos esqueciam deliberadamente as ordens do Governo de não intervir nos territórios. De fato, o pai de Gabby certamente não estava equivocado: o jovem príncipe estava mais seguro escondido na Inglaterra.

O coronel Hastings estava beijando solenemente a mão de lady Sylvia. O pobre homem se haveria sentido horrorizado se a tivesse ouvido, uns minutos depois de haver-se ido.

— De verdade pequena — Declarou com sua ensurdecadora voz — Se Hastings não fosse o maior imbecil sobre a face da Terra, poderia-te ter arrancado a verdade em um minuto. É muito má atriz.

— Eu tenho minhas dúvidas — Murmurou Quill pensativo — Gabby fez muito bem tendo em conta que sabe onde está o príncipe.

Gabby avermelhou, mas lady Sylvia que evitou a moléstia de ter que responder.

— É obvio que sabe! Seu pai o escondeu em alguma parte não é assim? A Índia é muito grande e nunca poderão encontrá-lo. Eu não gosto de muito dos homens da Companhia. Richard Jerningham sempre foi um pouco excêntrico com essa ideia de converter-se em missionário, que é filho de um duque, mas suponho que se criou o menino boas razões teria. Razões que por outro lado

não me importam. Venham aqui queridas!

Agarrou a duas das cadelas nos braços, mas a terceira tinha desaparecido.

Gabby estava olhando sob as poltronas quando Sylvia emitiu um juramento.

— Maldita Beleza! Vou dizer a Dessie que venha a procurá-la.

E empurrou Gabby fora dali majestosamente.

Quill não teve oportunidade de falar com Gabby antes de terminar de jantar, quando se reuniu com as mulheres no salão. Ela usava um vestido laranja que despertava suas mais libertinas ideias, as ideias de um canalha que desejava seduzir à prometida de seu irmão. Por desgraça por muitas recriminações que fizesse a si mesmo, as coisas não mudavam absolutamente.

— Quantos anos tem Kasi Rao? — Perguntou.

— Fará onze em cinco de janeiro. Por desgraça é um pouco atrasado. Acaba de aprender a ler.

Gabby continuou falando mais Quill tinha a mente em outro lugar. O que devia fazer? Ir de viagem? Ir ver que tal funcionava uma sociedade situada na outra ponta do mundo como, por exemplo, a Jamaica ou Pérsia? Qual era a decisão que se supunha que alguém deveria tomar quando estava consumido de desejo por sua futura cunhada? Sua consciência dizia que tinha que manter-se afastado dela.

Mas não podia ir, dado o estado de seu pai; e também seria uma descortesia para Gabby. Enquanto não a beijar, pensou, podia ficar. Depois de tudo era um homem civilizado.

Gabby continuava falando.

— Em vista da dificuldade que tem Kasi para recordar as coisas mais simples, surpreenderia ver quão bem se desembrulha. Espero que a senhora Malabright continue lhe ensinando.

— Quem é a senhora Malabright? — Perguntou Quill.

— Ao princípio meu pai pensou em mandar Kasi a um internato, mas era difícil organizar tudo da Índia e estava seguro de que a Companhia se inteiraria em seguida. De modo que confiou o cuidado de Kasi à senhora Malabright, aqui em Londres. É uma inglesa que viveu na Índia durante vinte anos e Kasi a

conhece muito bem, assim as coisas ficarão mais fáceis.

— Kasi sempre viveu em sua casa?

— Sim. Chegou quando só tinha uns meses.

— Não poderia sentar-se no trono dos Holkar?

— Certamente que não — Respondeu Gabby sem mais mínima dúvida — Meu pai acredita que a Companhia o faria do seu homem fantoche e se apoderaria da região. Kasi, o pobrezinho, não está em seus cabais; segundo meu pai, sua mãe bebia muito quando estava grávida.

— E que opinava seu marido desse gosto desmesurado pelo álcool? — Perguntou Quill.

Gabby levantou seu claro olhar para ele.

— Aos dois gostavam de beber. A última vez que fui ver lhes palácio, Holkar estava bebendo-a terceira garrafa e sua mulher estava completamente bêbada. Esta o reino governado pela concubina favorita de Holkar, Tulasi Bai.

Quill abriu muito os olhos.

— Por todos os Santos! Não deveria ter ido a um lugar assim!

Gabby lhe piscou um olho.

— Não se preocupe, eu não gosto de beber. E acredito que o filho do Tulasi será algum dia um chefe excelente.

— Suponho que desejava você visitar Kasi quando me pediu a carruagem.

— Sim. Meu pai me proibiu falar de sua presença em Londres. Mas agora que já sabe aceitaria me acompanhar a ir à casa da senhora Malabright, Quill? Eu gostaria muito. Faz vários dias que não vi Kasi e estou preocupada. Meu pai disse que tinha que me assegurar de que estava bem e, em caso contrário, encontrar outra solução.

— A acompanharei com gosto. Viria bem amanhã, lady Sylvia?

— Acredito que os deixarei que vá sozinhos — Replicou a anciã — De certo modo vão fazer uma obra de caridade e a mim essas coisas não me dão muito bem.

— Agradeço sua atitude diante do coronel — Disse Gabby — Teria sido catastrófico que a Companhia averiguasse onde vive Kasi.

— Diverti-me — Disse lady Sylvia— É uma boa garota, Gabrielle. Eu gosto como cuida desse menino.

Gabby lhe sorriu.

— Não acredito que tivesse podido fazê-lo sozinho.

— Bom, já é hora de ir para cama!

Sylvia empurrou os cães e a Gabby para a porta; mas esta não tinha vontade de dormir; a visita do coronel a tinha alarmado.

Tinha que proteger Kasi Rao. Era evidente que a Companhia estava mais interessada do que seu pai acreditava e havia muitas possibilidades de que o plano do Richard Jerningham fracassasse. Ou a Companhia das Índias procurava o Kasi até o encontrar ou punha no trono a outro jovem dizendo que era o príncipe.

Uns meses antes, quando ainda estava na Índia, tinha elaborado um plano para opor-se à Companhia. Seu pai, fazendo uma careta de desgosto a tinha rechaçado dizendo que era outra de suas absurdas ideias.

A Gabby lhe encolhia o coração quando pensava no olhar confiado de Kasi. Não podiam levá-lo da casa da senhora Malabright sob nenhum conceito.

Não perdia nada por tentar; estavam perseguindo o menino e seu pai não estava ali para impedir que ela agisse.

Dirigiu-se para o escritório com determinação, agarrou uma pluma, e uma folha de papel e começou a escrever. Ia redigir quatro cartas as quais deveriam chegar à Índia o mais rápido possível.

A direção que lhe deu à manhã seguinte ao chofer dos Dewland estava perto do Sackville Street. Chegaram rapidamente a um bairro de casas pequenas bem cuidadas, mas muito modestas.

— Meu Deus! — Exclamou Gabby — É muito diferente do Kasi está acostumado.

— Vivian em uma casa grande? — Perguntou Quill.

— Um palácio — Respondeu ela sem a menor afetação — Meu pai adora o luxo sabe? Por isso se o fazia tão difícil ser missionário.

— Não me surpreende — Ironizou ele.

A senhora Malabright demonstrou ser uma encantadora dama, bojuda e vivaz.

Quill compreendeu em seguida porque Gabby e seu pai queriam impedir que pusessem o menino no trono dos Holkar. Era um menino pequeno com uns enormes e doces olhos que parecia ter sete anos em vez de dez. Entrou na estadia de lado como um cervo assustado e olhando a seu redor com desconfiança. Até que viu Gabby. Então se precipitou para ela e se agarrou a seu vestido.

— Me conte um conto Gabby — Disse como se a tivesse visto no dia anterior.

Ela agarrou o rosto entre as mãos.

— É obvio carinho, mas primeiro tem que ser educado.

O menino compôs um sorriso emotivo.

— Namaste Gabby — Disse unindo as mãos antes de inclinar-se para diante.

— Não, não! — Protestou a senhora Malabright — Estamos na Inglaterra.

— Como está Gabby? — Começou de novo o menino docilmente — Me alegre muito de vê-la.

— Isso é para os desconhecidos, querido — Corrigiu a senhora Malabright — Mas à senhorita Jerningham a conhece.

Kasi pareceu um pouco desconcertado. Recuou e voltou a saudar.

— Como está senhorita? Estou... Estou... Estou...

Gabby agachou a cabeça e lhe fez uma reverência.

— Muito obrigado, senhor Kasi Rao. Estou encantada de voltar a vê-lo.

O menino relaxou. Já tinham terminado os formalismos.

— Agora me conte um conto, Gabby. Por favor, por favor...

Ela olhou a Quill e à senhora Malabright.

— Não se importam?

A boa mulher sorriu.

— Ele me contou todos seus contos, senhorita Jerningham. Adora.

Gabby e Kasi se aconchegaram no sofá e ela começou:

— Era uma vez uma ratinha. Chamava-se Joosi e vivia na época dos antigos imperadores da China, faz tanto tempo que nem você, nem seu avô, nem seu bisavô, nem seu tataravô, tivessem podido compartilhar um pedacinho de queijo com ela.

Quill sorriu e relaxou. Mas a senhora Malabright não tinha intenções de permitir que seu visitante escutasse um conto para meninos.

— A Kasi apaixonou a geleia de ameixas — Declarou — Se a dou a todas as horas. E também gosta das maçãs de meu jardim.

— Levou a ver Londres? — Perguntou Quill distraído.

A verdade é que estava tentando escutar a continuação da história do Joosi a ratinha, que se aventurava em terreno perigoso e começava a subir pela pata do trono do imperador.

— Deus meu não! — Respondeu a senhora Malabright — Kasi não gosta de estar entre desconhecidos. Vejo-me obrigada a fazer que saia ao pátio uma vez ao dia e, embora os muros são altos, fica muito nervoso.

— Ao melhor gostaria de ir ver uma representação.

— Certamente que não! — Disse a senhora Malabright que parecia mamãe protegendo a sua cria — Se sente feliz dentro de casa e não vejo nenhuma razão para aterrorizá-lo o tirando fora. Não está feito para isso.

Durante esse tempo, Joosi a ratinha, estava arriscando-se incessantemente balançando-se nas plumas que adornavam o chapéu do imperador.

— Está aprendendo a escrever?

— Sim, está fazendo progressos, embora tenha algumas dificuldades com o J.

Foi procurar o caderno de exercícios de Kasi enquanto a história do Joosi chegava a um final feliz.

— A partir desse dia — Estava dizendo Gabby — Joosi, a ratinha, converteu-se na melhor amiga do imperador. Ele fez que lhe fabricassem uma cama de seu tamanho incrustada de ouro e de pérolas. Joosi passava o dia no ombro do imperador preparada para lhe aconselhar se um de seus estúpidos ministros o animava a colocar a China em uma guerra. Durante muito tempo

as pessoas recordaram o reinado desse imperador como um período de paz e felicidade sem igual.

Kasi emitiu um suspiro de felicidade.

— Eu gostaria que Joosi fosse minha amiga, Gabby.

Olhou ao redor da habitação.

— Sabe onde está minha amiga? Não vive aqui.

— Refere ao Phoebe?

— Sim, Phoebe — Aprovou o menino muito contente.

— Ela também me perguntou por você. Trarei-a no próximo dia se a senhora Malabright não achar inconveniente.

— Phoebe poderá trazer a Joosi?

Era evidente que Gabby estava acostumada à falta de lógica do menino.

— Melhor a senhora Malabright permite ter uma ratinha branca.

A boa mulher voltava nesse momento com o caderno de exercícios. Ficaram ainda meia hora e comeram uma fatia de pão de sementes antes de despedir-se.

Quill tinha passado um momento perguntando-se porque lady Sylvia não tinha acompanhado Gabby há fazer esta visita. Se for para que o beijasse de novo, não tinha nenhuma intenção de lhe dar esse gosto. Gabby era a prometida de Peter e ponto final.

Além ela não demonstrava nenhum desejo de que a beijassem. Durante o caminho de volta não deixou de falar de Kasi e da senhora Malabright, sem suspeitar que Quill só pensava em sua suavidade, em seus estremecimentos e na maneira em que seus lábios se abriam... Nesse algo que ela despertava nele e que o estava deixando louco.

Capítulo 8



A Lucien Blanc fez falta duas semanas de esforço chegar a seu objetivo: almoçar com Phoebe Pensington, a senhora Ewing e a tia Louise. Estava sentado à mesa com Phoebe a sua direita e Emily a sua esquerda, totalmente consciente de que as damas não tinham nenhum desejo de recebê-lo. Entretanto, apesar de sua boa educação, tinha decidido resolutamente ignorar suas reticências.

Ao princípio tinha acompanhado Phoebe movido simplesmente pela curiosidade de conhecer sua “muito, muito importante” nova mãe; mas assim que se encontrou frente à magra e cansada senhora Ewing, tudo mudou.

Beijou a mão galantemente e depois surpreendeu a si mesmo dizendo que antes de abandonar a França era marquês. Odiava a quão emigrantes na Inglaterra presumiam de seus títulos.

E não era só porque ela fosse formosa, que certamente o era, nem porque levasse um precioso vestido e o chapéu mais bonito que Lucien tinha visto em sua vida, mas sim havia algo em seus olhos cinza azulados que lhe tinha obrigado a voltar para dia seguinte e ao outro. Por fim quando se apresentou em sua porta em uma hora totalmente inadequada para fazer visitas, a senhora Ewing o havia convidado a contra gosto a compartilhar seu almoço. A encantada Emily estava cansada e o pensou que não lhe caía muito bem. Os dedos dela estavam sempre manchados de tinta e estava muito magra, entretanto o tinha fascinado.

De maneira que aí estava, comendo um bolo de legumes cozinhado por alguém muito pouco competente.

— Phoebe me disse que você escrevia senhora Ewing — Disse Lucien.

Ela tinha lavado as mãos antes de sentar-se à mesa (umas mãos muito formosas, finas e elegantes).

Emily levantou os olhos envergonhada, perguntando-se que para ele ali. Era muito atraente para estar solteiro, e além por que razão ia um solteiro a

visitar as escandalosas irmãs Thorpe?

— Efetivamente, escrevo para uma revista de modas — Disse.

— A formosa reunião?

De modo que esse era o motivo da presença de Lucien Blanc - pensou. Devia ser o proprietário de uma revista da competência. Tinha ouvido falar de uma nova revista e um alemão tinha tentado já levar com ele. Isso explicava que um nobre francês estivesse sentado diante sua mesa. Deu um tombo o coração. Teria gostado que o olhar de admiração do senhor Blanc fosse por ela e não pelo que escrevia.

— Efetivamente, escrevo para A formosa reunião — Respondeu com brutalidade — E não tenho pensado trocar em um futuro próximo.

— Com certeza — murmurou Lucien.

Ela quase acreditou que era sincero. Salvo que...

Salvo que Lucien, não sabendo que mais dizer, seguiu fazendo perguntas.

— O que é o que lhe levaria a escrever para outro? Refiro a outra revista.

— Absolutamente nada.

Ele procurou desesperadamente outro tema de conversa.

— E você senhorita Thorpe também escreve para A formosa reunião?

— Não — Repliou a tia de Phoebe dando uma boa dentada a uma maçã — Eu sou a ovelha negra da família, escrevo para o *Etherege's Portents*, a revista para homens, por assim dizê-lo. Se me permitir isso, senhor Blanc, tenho debilidade pelas jaquetas cor verde azeitona, e a que você usa é preciosa.

Desconcertado, ele olhou a jaqueta.

— Obrigado. Escreve você no *Etherege's Portents*?

Louise emitiu uma risada.

— Não tem lido alguma vez minha coluna? Titula-se “Reflexões gerais sobre a moda”. E assino como Edward *Etherege* — Precisou.

— Temo que não tive o prazer.

Louise deu de ombros.

— Está superestimando meu trabalho quando diz “prazer”. Emily tem um

verdadeiro dom para a moda mais eu me limito a escrever algumas tolices e às publicar para os que sejam o bastante tolos para as ler.

— Esta exagerando! — Protestou Emily esmigalhando com nervosismo seu pão — Louise escreve com muito humor — Acrescentou dirigindo-se a Lucien.

— Mas todos acreditam que sou muito séria! — Respondeu Louise.

— Estou seguro de que escreve muito bem — Disse fracamente Lucien.

Não se atrevia a olhar a Emily, quem cada vez que a olhava, punha uma expressão desconfiada como se temesse que ele fosse a roubar a prata. Ou a virtude. Removeu-se incômodo. Fazia anos que não se sentia tão atraído por uma mulher. Em realidade, da morte de sua esposa, e não entendia porque já que a magra e reticente Emily não tinha nada em comum com sua mulher.

Louise tinha tirado um cilindro de folhas de um armário e leu seu novo artigo.

— “A moda, demonstração de gosto mais caprichosa, desumana mais adorada, eleva-se como uma veleta no reino dos prazeres. Dita seus julgamentos dos adoradores do encantamento da deusa que domina nossas vidas e nossos coletes, a divindade que ordena como deve ser o nó de nossas gravatas, o ídolo que...”

— Pelo amor de Deus, Louise!

— Não me interrompa agora, Emily — Suplicou Louise — Acabo de começar. Ainda ficam umas geniais palavras sobre o modo em que a moda distingue entre um nó de gravata e outro. Espera...

Revisou seus papéis e Emily suspirou.

— Terá que me perdoar senhor Dewland. Esta tarde tenho muito trabalho.

— Não vai provar o creme batido, mamãe? — Perguntou Phoebe — Bati os ovos eu mesma. Cinco!

— Não tenho muita fome, filha — Disse Emily depositando um beijo na testa da menina — Está tarde me dirá suas lições de acordo?

Fazendo um breve gesto com a cabeça, retirou-se.

Lucien sumiu de novo no silêncio. Não ia ceder ao desejo de ir atrás dela e beijá-la até que desaparecesse de seus olhos cinza o cansaço.

A criada trouxe uma tremente nata.

— Maldição! — Jurou Louise — Outra vez Emily não comeu nada e, além disso, a nata está pouco feita.

Phoebe já a estava comendo.

— A mim parece que está muito boa.

— Certamente, os ovos estão muito bem batidos — Retificou Louise acariciando sua cabeça — Isso salta à vista.

— Não queria ser indiscreto — Interveio Lucien — Mas sua irmã sempre tem tanta pressa?

— Logo chegará o fim de mês e tem que entregar seus artigos à revista. Esta muito solicitada sabe? É ela quem escreve quase todos os artigos da formosa reunião e não é fácil porque não sai de casa; tem que ler as resenhas dos jornais sobre que usava tal ou qual pessoa em uma festa determinada. Estamos assinadas a uns quinze jornais e cada vez que se prepara um evento importante fica mais nervosa ainda. Neste caso se trata do baile de lady Fester, acredito. É importante e lady Fester é muito seletiva com seus convites.

— Não o entendo por que a senhora Ewing fica nervosa com isso?

— Em cada festa deve decidir qual era a mulher mais elegante — Explicou Louise — Mas as informações não sempre são confiáveis. Sempre está temendo que um de seus colaboradores não seja convidado.

— Tem espiões?

— Não são espiões — Protestou Louise indignada — são pessoas às que gostam da moda e estão encantadas de receber uma pequena retribuição por sua ajuda. Descrevem a minha irmã o que usavam os convidados e depois Emily redige seus artigos. Algo como: “Uma muito nobre dama vestia uma saia com festões” etc. Evidentemente todo o mudo sabe de que dama se trata.

— Por que não vai ela simplesmente a esses bailes?

Louise lançou um olhar tão desconfiado como o de sua irmã.

— Como poderia fazê-lo? Não nos convidam.

Ele franziu o cenho.

— Por que senhorita Thorpe? Perdoe minha rabugice mais é evidente que

vocês vêm de uma excelente família.

— Meu pai é um homem muito irascível, expulsou-me de casa quando tinha quinze anos e Emily, Deus a proteja, saiu em minha defesa, de modo que expulsou também a ela.

Ele assentiu.

— Tenho um convite para o baile de lady Fester, acredita que sua irmã dará a honra de me acompanhar?

Louise tinha os olhos da mesma cor cinza azulada de sua irmã mais a Lucien não produziam o mesmo efeito.

— Não sei — Murmurou.

— Acredito que deveria ir com você, senhor Blanc — Interveio Phoebe de forma inesperada — Seria mais agradável para ela do que ter que escutar o senhor Hislop.

Louise se sobressaltou.

— O que sabe seu do senhor Hislop?

— Ouvi mamãe ordenar a Sally ficar perto se por acaso o senhor Hislop tentasse beijá-la — Respondeu a menina — Sally disse que era odioso e mamãe esteve de acordo, mas acrescentou que não queria insultá-lo.

A ira invadiu Lucien.

— Deu-me a entender que os espiões eram mulheres!

Louise se ruborizou.

— A maioria é. Mas ao senhor Hislop convidam a todos os lugares, e não temos que pagar pelos informes que nos traz. É sozinho... Sozinho...

— Um caipira! — Terminou o com um tom gelado que surpreendeu a ele mesmo — Vai se encontrar com Emily tarde?

Louise o estava observando atentamente, mas parecia estar um pouco mais tranquila.

— O senhor Hislop geralmente vem às terças-feiras por volta das onze não é assim Phoebe?

Levantou-se.

— Estou segura de que encontrará o momento adequado para fazer a

oferta a minha irmã, senhor Blanc.

Lucien se levantou também.

— Acredito que estou livre na terça-feira pela manhã.

Trocaram um olhar cúmplice.

— Então desejo que tenha êxito.

Louise fez uma reverência, a espécie de reverência de uma mulher que foi educada para viver entre a alta sociedade e não na triste e pequena residência onde se encontrava.

Uns minutos depois, em sua carruagem, Lucien refletiu em quão estranhas eram as duas irmãs Torpe. Eram inteligentes, acordadas, formosas e... Onde estava o senhor Ewing caso existisse? Era muito possível que só fosse uma invenção já que Emily tinha uma expressão de inocência que não correspondia em modo algum com a experiência de uma viúva. E sabia algo disso já que estava viúvo há muito tempo. De repente se sentiu muito velho para pensar em passar uma noite com a encantadora senhora Ewing. Ele tinha quase quarenta anos, estava cansado e o passado o atormentava.

Jurou entre dentes e depois golpeou o teto da carruagem para que o chofer mudasse de direção e o levasse ao clube.

Não, não convidaria Emily a ir ao baile de lady Fester. Para começar parecia que tinha sido rechaçada pela alta sociedade, de modo que não estaria a gosto, e por outra parte se merecia que a acompanhasse alguém de sua idade e não um homem cheio de dolorosas lembranças e de incessante melancolia.

Quando o senhor Careme foi em pessoa a levar o novo vestuário de Gabby, esta estava a ponto de morrer de aborrecimento. Certo que pegava o carro cada manhã para ir visitar o Kasi, entretanto o presente mês tinha estado terrivelmente vazio. Lady Sylvia passava as tardes com seus amigos e quando a jovem se ofereceu a acompanhá-la, a dama estremeceu.

— Não com essa roupa, pequena! — Tinha respondido.

Quill brilhava por sua ausência. Tinha ido duas vezes a Bath onde só tinha passado uma noite, entretanto apenas o viam em casa e se cuidava muito de oferecer-se a visitar Londres com Gabby. Evidentemente a ele também horrorizavam seus vestidos brancos; sem dúvida não queria que a vissem com

ele embora fosse à Torre de Londres.

Gabby lia o Morning Post todos os dias e sabia que se celebravam pequenas festas embora a temporada propriamente dita não tivesse começado ainda. Mas Quill nunca lhe pedia que acompanhasse a uma reunião musical pela manhã nem a nenhum outro evento.

Dava notícias sobre seu pai e às vezes jantava com ela e com lady Sylvia perguntando educadamente como estava Kasi. Sua relação não passava daí.

De modo que a chegada do senhor Careme e de suas empregadas foi um grande alívio para a jovem. Mas não quão vestidos trouxe consigo.

— Não posso pôr isso! — Exclamou ela afundada — É impossível!

— É a moda — Replicou Careme se alterar.

Já tinha escandalizado a outras mulheres ao longo de sua carreira.

— Você vai se casar com o senhor Dewland de modo que é absolutamente necessário que tenha um estilo muito pessoal já que a julgará em função do gosto impecável de seu marido. Como você não tem nem ideia do que se veste, o senhor Dewland teve o acerto de deixar o assunto em minhas mãos.

Gabby não se sentiu ofendida.

— Mas apesar de tudo a quem verão com essa roupa será a mim — Insistiu.

— A você não a verão: adularão — Contestou Careme — Os homens se arrastaram a seus pés.

A ideia não era desagradável, mas se seu pai chegava a vê-la com esses vestidos... Gabby estremeceu só de pensar.

— Confeccionei o vestuário com uma malha um pouco mais pesada que o que uso atualmente — Continuou ele — Para dissimular seus quadris.

Gabby entrecerrou os olhos. Precisamente gostava bastante seus quadris, e ao Quill também parecia ter gostado.

— Seus seios são o melhor que tem de modo que vamos mostrá-los. Também suas nádegas — Continuava dizendo Careme com sua franca maneira de falar Cada um dos vestidos leva uma pequena cauda para acentuar o movimento de balanço.

Dizer que seus seios ficavam realçados era pouco; literalmente transbordavam por cima do vestido de noite que estava provando nesse momento.

— Agora já pode mostrar-se em público! O senhor Dewland estará encantado.

— Mas que passará se o sutiã... Se o sutiã escorregar?

— Se escorregar? Isso é impossível! Todas minhas clientes vestem grandes decotes de noite inclusive as que não têm nada que mostrar. Deveria estar orgulhosa de seu seio senhorita Jerningham, a roupa íntima danificaria a queda do drapeado. Nunca mova os ombros. Minhas clientes nunca os movem.

Não duvido, pensou Gabby, devem estar aterradas.

Mas já estava farta de estar encerrada, se suplicasse ao senhor Careme que modificasse os vestidos nunca poderia pedir a Quill que a levasse de passeio. De modo que não voltou a protestar.

Um pouco mais tarde, Margaret a ajudou a colocar um vestido de manhã adornado com um ramalhete de ranúnculos, sobre o qual colocou uma capa rosa claro com um longo capuz forrado de seda rosa. A criada estava muda de admiração.

— Que maravilha! — Exclamou — Como o senhor Careme chama a esta cor?

— Flor de melocotoneiro. Mas só é uma maneira bonita de dizer rosa, Margaret, nada mais.

— Oh não senhorita! Tenho que utilizar o nome apropriado para contar aos outros.

Entregou um lenço do mesmo tom.

Gabby teve a primeira prova do talento de Careme quando entrou no salão da senhora Ewing. Ia ali duas ou três vezes por semana para pegar Phoebe e levá-la a ver o Kasi, e se dava muito bem com a mãe adotiva da pequena.

Mas essa manhã, ao vê-la, Emily ficou cravada no lugar. Gabby sorriu. A senhora Ewing sempre estava tão bem vestida que ela se sentia sempre horrível em sua presença.

— Você está muito elegante, senhorita Jerningham. Seu vestido é precioso.
Gabby sorriu.

— Tenho a sorte de possuir um vestuário criado pelo senhor Careme.

— Fez uma pequena cauda. É muito interessante. E a capa é de merino não é certo?

— Não sei — Respondeu alegremente Gabby — A única coisa que sei é que Careme escolheu uma cor flor de melocotoneiro em vez de uma cor rosa. Por isso — acrescentou em tom de confiança — Eu gostei de muito sabê-lo porque tivesse odiado levar uma cor reservada ao povo plano.

Emily pôs-se a rir, o qual nunca tinha acontecido na presença de Gabby.

— O senhor Careme é terrivelmente esnobe não? Quando o conheci me assustou.

Phoebe estava entrando no salão com o casaco posto e uma cesta na mão.

— Sinto muito havê-la feito esperar, senhorita Gabby — Disse fazendo uma reverência, mas estava ajudando na cozinha.

— Vêm aqui carinho!

Phoebe se precipitou a seus braços.

— Fiz um bolo para o Kasi Rao — Anunciou levantando a tampa que cobria a cesta — E fiz sozinha... Bom quase. Acredita que gostará?

— Adorará! — Afirmou Gabby — Vamos já? Trarei Phoebe de volta dentro de umas horas se não for inconveniente — Concluiu dirigindo-se à senhora Ewing.

— Obrigado por sua amabilidade — Respondeu esta beijando à menina.

Quando chegaram ao Sackville Street puderam comprovar que Kasi Rao tinha um dia especialmente difícil. Phoebe necessitou meia hora para lhe convencer de que saísse do armário das vassouras onde se encerrou.

— É por culpa dos guardas, senhorita Jerningham — Explicou a senhora Malabright molesta — Vieram pedir para suas obras de caridade e, antes que pudesse impedir entraram no salão. Eu acreditava que Kasi estava encima, mas não era assim. O pobre menino se encontrou rodeado por quatro homens; um deles lhe dirigiu a palavra, amavelmente por certo, mas foi muito para ele e

após não quis sair do armário.

— Entendo senhora Malabright, eu às vezes passei horas para conseguir que saísse de um canto escuro. Ele é assim, e Deus é testemunha de que meu pai tentou muitas vezes curar essa mania.

A senhora Malabright retorcia as mãos angustiada.

— Isso é o que seu pai me disse que fizesse senhorita Jerningham, de modo que lhe tirei uma vez do armário, mas ficou tão nervoso que... Enfim que...

— É assim — A tranquilizou Gabby — E eu opino quão mesmo você, é inútil lhe fazer sofrer. Mas olhe agora.

Kasi, sentado no sofá, desfrutava do bolo enquanto escutava ao Phoebe falar.

— Nunca dura muito — Continuou — Se permite sair de seu esconderijo quando quer, Kasi é completamente feliz.

— É certo — Assentiu a senhora Malabright — É um menino muito alegre quando não se obriga a tratar com desconhecidos. De todas as formas a mim também gosta de ficar em casa.

Essa noite Gabby colocou um dos vestidos de Careme. A cauda acentuava o movimento de seu andar, mas recordou que devia mover só a parte inferior do corpo, e sobretudo não devia mover os ombros.

A verdade é que não era desagradável mover-se assim, de modo que foi ondulando até o escritório de Quill e bateu na porta.

Ele levantou a vista quando ela entrou. Seu rosto estava escurecido na débil luz do crepúsculo. Era muito diferente de Peter, este tão magro e perfeito e Quill tão robusto e musculoso apesar de sua perna doente.

— Necessita de luz — Disse ela.

Por um momento andou com normalidade, mas depois recordou que tinha que “ondular”

Fez-o durante um momento enquanto acendia os candelabros. Ao retornar para Quill, teve a satisfação de ver que os olhos deste brilhavam.

— Eu gostaria de sair esta noite, Quill.

— Sair?

Ele ficou aniquilado. Ainda não tinha caído a seus pés, mas faltava pouco.

— Sair — Repetiu ela tranquilamente — Eu gostaria de ir ao teatro ou a uma recepção. Uma tal lady Stokes enviou um convite para um jantar com baile.

Mostrou um dos cartões impressos que chegavam diariamente para Peter e que Codswallop depositava cuidadosamente em cima de uma lareira.

— Alguma festa — Murmurou Quill — Impossível. Nunca vou a esse tipo de eventos.

— Por quê?

Ele não se incomodou em responder, se Gabby não era capaz de adivinhar por acaso só que evitava dançar e ficar muito tempo de pé, não via necessidade de explicar.

— Suponho que poderíamos ir ao teatro — Disse a contra gosto.

Ela dedicou o mais formoso de seus sorrisos e se aproximou para inclinar-se em cima da escrivaninha para comprovar o efeito do sutiã.

Não se decepcionou. Os olhos de Quill se iluminaram com um brilho perigoso e ela pode sentir seu poder. Era uma sensação maravilhosa. Inclinou-se ligeiramente para frente.

— Eu gostaria de ir ao Dorset Gardens. Representam uma de minhas obras favoritas, A fera domada, de Shakespeare.

Ele engoliu nervoso. Peter ia se casar com uma mulher cuja simples voz estava carregada de promessas.

Peter. Seu irmão! Recordou-se Quill tentando recuperar o controle de seus sentidos.

— Sinto muito, esqueci que tinha um encontro importante esta noite — Declarou jogando para trás a poltrona — Peço que me desculpe.

Gabby mudou imediatamente de expressão e foi algo quase cômico. A encantadora sereia se transformou em um segundo em uma menina decepcionada.

— Estou cansada de passar o dia em casa, Quill!

— Peter não demorará em voltar.

— Não diz nada disso nas mensagens que envia cada dia — Fez notar isso — Sei que é um grande consolo para sua mãe.

— Ela não necessita que a consolem — Lançou Quill secamente — Papai está melhorando e vou escrever a Peter para lhe ordenar que volte imediatamente.

A verdade era que o visconde estava descansando no melhor hotel de Bath. Certamente não voltaria a andar e os médicos não estavam seguros de que voltasse a falar de novo, mas havia voltado a ser o mesmo e enviava iradas mensagens a destro e sinistro.

— Segundo o que diz Peter — Continuou — Papai pode viver desse modo vários anos ainda.

— Rogo, não peça que volte. Eu não gostaria de saber que abandona a sua mãe quando esta necessita.

Quill não parecia convencido.

— Olhe, Peter e eu vamos viver juntos — Insistiu ela pondo uma mão no joelho dele — Seria espantoso se me interpusesse entre sua mãe e ele. Vi essa situação na Índia e o matrimônio se ressentiu.

Quill tinha um nó na garganta. Cada vez era mais difícil estar perto de Gabby.

Afastou a poltrona um pouco mais.

— Informarei a meu irmão de que deseja assistir ao teatro. Quando se dê conta de que está vestida deste modo se precipitará a vir a Londres para exibi-la diante seus amigos.

Gabby não notou o sarcasmo de sua voz. Ele tinha virado em um pedaço de gelo. O que podia haver dito ela para que se zangasse? Realmente tinha um caráter difícil!

— Você acha Quill? Os vestidos do senhor Careme são preciosos não acha?

Resultava evidente que ela ia à caça de galanteios.

Quill não pôde decidir-se a pô-la em seu lugar. Ela sabia perfeitamente que seu vestido de noite era uma aberta provocação. Careme, preparado e

ardiloso, tinha compreendido que Gabby nunca poderia fingir ser uma frágil jovencinha. Com esse vestido era um perigo para qualquer homem.

— Vou escrever a Peter esta mesma noite e enviarei a carta por um mensageiro.

Surpreendeu sua voz rouca. Seria melhor que se fosse trabalhar na Jamaica. Ou ao Zanzibar. Jamaica estava muito perto e poderia imaginar-se Gabby dançando em um desses bailes aos quais tanto desejava assistir. Imaginava abraçada a um homem. No baile... E depois do baile.

Levantou-se tão bruscamente que esteve a ponto de cair da poltrona.

— Se me desculpar, já chegarei tarde a meu encontro.

— Não posso acompanhá-lo?

— Certamente que não. As damas não acompanham aos homens a seus encontros.

— Por quê?

— Uma dama nunca pergunta a um homem sobre seus encontros.

Ela acreditou entender de repente.

— Ah! Suponho que vai visitar uma boa amiga. Alegro-me de que tenha uma. Eu gostaria dela?

— Maldição! — Resmungou Quill.

Gabby era tudo exceto uma mulher convencional. Não é que carecesse de tato, simplesmente se comportava de forma natural. Certamente poderia encontrar algo que fazer nas profundidades da Antártida. Possivelmente dedicar-se ao comércio de peles de urso polar, por exemplo.

— Não tenho nenhuma “boa amiga” — Disse secamente — E é completamente inapropriado falar desse assunto comigo.

— Muito bem — Disse Gabby com gentileza, acrescentando essa norma à longa lista de estupidezes que não devia voltar a cometer — Mas por que Quill?

Ele já tinha perdido o fio da conversa.

— Por que, o que?

— Por que não tem uma amiga? Na Índia todos os ingleses tinham amigas, ou ao menos isso é o que se dizia. Entenda-me, não o estou criticando,

simplesmente estou fazendo uma pergunta. Como quase somos parentes, carece de importância.

Era incrível a quantidade de coisas que não tinham importância para ela com o pretexto de que logo seriam família, pensou Quill com um pouco de amargura.

— Não quero falar disso com você, Gabby.

Disse com tal firmeza que ela não se atreveu a insistir.

— Era uma pergunta amistosa — Protestou, entretanto.

Ele emitiu uma risada seca.

— Aconselho- que não faça esse tipo de perguntas diante de Peter.

Ela mordeu o lábio.

— Considero-o um amigo, Quill. O único que tenho na Inglaterra. Se você não me disser como devo me comportar quem o fará?

— Peter! — Declarou ele em um tom que não admitia réplica — É excelente nisso.

Gabby tinha levantado e estava passeando pela estadia. Quill agarrou uma folha de papel para escrever ao Peter.

Sua futura esposa está agora perfeitamente vestida pelo Careme. Tem vontade de sair de casa. Veem imediatamente ou me verei obrigado a escoltá-la eu mesmo.

A nota teve o efeito desejado. A perspectiva de deixar que outro homem introduzisse Gabby na alta sociedade produzia em Peter suores frios; e que fosse seu irmão; tão pouco inclinado as boas maneiras e tão pouco delicado; quem se encarregasse de fazê-lo punha os cabelos de ponta.

A viscondessa compartilhava dessa opinião.

— Tem que voltar para Londres, querido — Urgiu— Quill é o melhor dos filhos, mas lhe falta elegância. Além disso, seu pai está melhor.

Peter esteve de acordo.

Uma semana mais tarde estava em caminho para Londres. E vinha muito bem, pensou instalado na limusine, já que sua bota esquerda tinha um buraco. Necessitava imperiosamente um par novo e Hoby era o único sapateiro que tinha verdadeiro sentido da moda. Em Bath não tinha encontrado nem um só

par de sapatos adequado.

Capítulo 9



Se Lucien vacilava na hora de investigar sobre as encantadoras irmãs Thorpe, não tinha os mesmos escrúpulos a respeito de seu espião, Hislop. E o que descobriu sobre o confirmou seus piores temores: era um ser corrupto ao que gostava de muito as saias.

De modo que, quase a seu pesar, Lucien se apresentou na porta da senhora Ewing as onze em ponto. Tinha a intenção de ocupar-se desse homem o fazendo entender ao mesmo tempo em que seu interesse por Emily era completamente paternal. Passou horas imaginando que se convertia em um pai protetor para Emily e Phoebe; era o único que se sentia capaz de ser, com seu coração de viúvo e um corpo que parecia muito estragado.

Sally respondeu a sua chamada e disse que a senhora Ewing não recebia a ninguém, mas não pôde resistir quando lhe deu um xelim.

Assinalou a porta do escritório.

— A senhora Ewing não recebe a ninguém porque está esperando uma visita — Sussurrou antes de desaparecer apertando bem a moeda na mão.

Tranquilizou sua consciência dizendo a si mesma que o senhor era muito atraente. A senhora Ewing podia casar-se com ele embora fosse francês. A Sally não gostava de muito os estrangeiros mais este era tão bonito que quase era pecado.

Quando a porta do escritório se abriu, Emily levantou a vista molesta. Preferia que se fizesse passar ao Hislop com tanta pompa como fosse possível, não devia ele ter a sensação de ser alguém familiar.

Mas quem estava na porta era Lucien Blanc e a ela acelerou o coração; nos últimos dias tinha pensado muito nele.

— Em que posso ajudar senhor Blanc? Perdoe mas estava trabalhando, não estou muito apresentável.

Levantou-se com elegância e tirou o avental que protegia seu vestido das

manchas de tinta.

— Acredito que não disponho de muito tempo para conversar porque estou esperando alguém — Precisou.

Lucien não sabia o que fazer; preparou-se para derrotar ao dragão mais o dragão ainda não tinha chegado.

— Vim convidá-la para o baile de lady Foster — Disse.

Emily se sentiu aliviada. Parecia que não queria contratá-la para outra revista de moda.

— Eu não saio — Respondeu, entretanto.

Lucien arqueou as sobrancelhas.

— Precisamente estou oferecendo a oportunidade de fazê-lo.

— Lamento, mas devo recusar seu amável convite.

— Posso perguntar por quê?

Isso era algo inconcebível. Um cavalheiro nunca perguntava a uma dama o motivo de sua recusa. Mas tinha que continuar conversando porque estava empenhado em encontrar-se ali quando Hislop chegasse.

— Nunca fui apresentada de forma oficial — Explicou Emily — Assisti a alguns bailes quando ainda vivia em casa de meus pais, mas não sentiria a gosto em uma grande festa. Apesar de tudo agradeço muito que tenha pensado em mim.

— Por isso disse sua irmã, acreditei entender que essa seria uma oportunidade de ouro para que observasse os vestidos das mulheres — Insistiu ele — Lhe asseguro que toda a alta sociedade estará nesse baile.

Emily duvidava. Pode ser que Lucien não fosse como Hislop. Este último a havia convidado muitas vezes mais sozinho; e isso estava segura; para tentar algo com ela enquanto estavam na carruagem. Ultimamente inclusive tinha dado a entender que não lhe proporcionaria mais informação se ela se negava a sair com ele.

Lucien se aproximou para inclinar-se diante ela.

— Me sentiria muito honrado se aceitasse — Disse brandamente.

Ao Emily cortou o fôlego. Os homens não deveriam ter umas pestanas

tão longas, uns olhos tão ternos e um aspecto tão atraente.

— É muito amável por sua parte — Murmurou ela ao fim.

— Estaria imensamente agradecido se aceitar a vir e me alegraria também que nos viesse sua irmã para que agisse como sua acompanhante.

— Minha irmã como acompanhante?

Isso demonstrava que Lucien não se informou sobre elas, de modo que não podia saber que Louise tinha fama de ser uma mulher fácil.

— Minha irmã não sai em público — Protestou ela tensa.

— Nesse caso pedirei a um de meus amigos que nos acompanhe. Não quero que se sinta mal.

Emily olhou nos olhos e se envergonhou de ter pensado, sequer um instante, que pudesse parecer Hislop.

— Eu adorarei acompanhá-lo ao baile — Disse mudando de opinião.

— É privilégio das mulheres — Disse ele com um sorriso no fundo de sua mirada — Me sinto muito honrado.

— E não é necessário que nos acompanhe ninguém — Acrescentou rapidamente Emily — Sou viúva e as viúvas não necessitam acompanhantes.

— Sim, é óbvio.

Havia um pouco de sarcasmo no tom de sua voz?

Lucien já não tinha mais razão para ficar e ia despedir se quando Sally abriu a porta do escritório para anunciar com frieza:

— O senhor Hislop está aqui, senhora.

Estava de mau humor porque o homem a tinha beliscado duas ou três vezes no corredor de modo que lhe lançou um olhar assassino antes de desaparecer.

Bartholomew Bayley Hislop não era um homem atraente e Emily disse que era muito cruel para ele estar no mesmo lugar que Lucien Blanc. Este último, magro e completamente vestido de negro, tinha a classe própria de um marquês. Um antigo marquês recordou a si mesma.

Hislop estava vestido com uma jaqueta adornada com uns enormes botões de metal que acreditava que era o cúmulo da elegância. Usava um colete a raias

violetas e amarelas, tinha umas costeletas muito longas e era patizambo. Se a isso se acrescentava o brilho lascivo de seu olhar, obtinha-se o retrato do Bartholomew Hislop, único filho e herdeiro de um açougueiro que tinha ganho uma fortuna fabricando gelatina com ossos de boi. O suficiente para permitir que seu filho estudasse em Cambridge e vivesse luxuosamente em Londres.

Emily o recebeu com um pouco mais de cordialidade que de costume.

— É um prazer vê-lo de novo, senhor Hislop. Posso lhe apresentar ao senhor Blanc?

Bartholomew não reconheceu ao senhor Blanc, mas isso carecia de importância, já que em seguida soube quem era seu alfaiate.

— Encantado de conhecê-lo, senhor. Encantado! Decidi deixar de vestir jaquetas grampeadas à direita faz umas treze semanas. Emagreciam-me, o qual não acontece a você, senhor — Se apressou a acrescentar — A que você usa é do Guthrie não é assim?

— Assim é, senhor. Tem descoberto quem é meu alfaiate.

— Nunca trabalhou para mim — Precisou Hislop — Porque eu peço mais... Digamos originalidade. Mas acredito que Guthrie tem seu estabelecimento no Leadenhall Street não é assim?

— Assim é.

— Raras vezes me equívoco nessas coisas. Vejo que é você estrangeiro e certamente nunca ouviu falar de mim. Estou fazendo uma sólida reputação no referente a moda masculina nos círculos mais exclusivos. Orgulho-me de ter boa intuição. E... — Acrescentou olhando lascivamente a Emily — Uma de minhas maiores alegrias é compartilhar minhas observações com a senhora Ewing. Agrada-me enormemente contribuir minha modesta contribuição à formosa reunião.

Lucien se voltou para Emily. Ela leu a aversão em seu olhar e franziu o cenho.

— Lamento, mas devo pedir que nos desculpe senhor — Disse — O senhor Hislop teve a amabilidade de prometer que me contaria tudo sobre a festa que deram os duques de Gisle e todos esses detalhes lhe aborreceriam mortalmente.

— Os duques acabam de voltar da Turquia — Interveio Hislop dando-se importância — E a duquesa estava vestida pelo Careme, naturalmente.

Emily acompanhou Lucien até a porta de entrada e ele se despediu lhe dirigindo um pequeno sorriso.

— Devia matar um dragão — Murmurou — Phoebe me deu a entender que Hislop era muito desagradável.

Ela devolveu o sorriso.

— Sempre me alegra contar com a presença de um caçador de dragões — disse ela com sua musical voz — Há muito poucos atualmente em Londres. Mas não se preocupe com Hislop.

Lucien ficou sério enquanto descia os degraus da entrada. Não gostava que Emily dependesse desse indivíduo. Hislop não ia todas as semanas só para colaborar com A formosa reunião, era mais bem a formosa senhora Ewing quem lhe atraía.

A Peter satisfez em conjunto a transformação de Gabby. Encontraram-se no jantar a noite de sua volta já que tinha enviado uma nota para rogar que o acompanhasse ao baile de lady Fester.

Gabby vestia uma das criações de Careme e estava radiante de felicidade. Margaret tinha tido que utilizar tal quantidade de alfinetes com cabeça de pérola que de longe sua castanha cabeleira se via com reflexos irisados; mas ao menos o penteado estava firmemente preso. Quanto a seu vestido; de cor bronze, com um atrevido decote e uma sobrecapa que terminava em uma cauda; estava muito em moda, pensou Peter. Graças a Deus o generoso peito dela ficava perfeito com o corte do vestido.

— O drapeado é de musselina? — Perguntou inclinando-se para Gabby quem bicava no prato.

Ela levantou rapidamente os olhos e se sentiu feliz ao ver que seu prometido tinha uma expressão amistosa.

— Não sei — Confessou.

— Posso...?

Ela assentiu e o tocou a malha por um segundo.

— Gaze com bordados de ouro — Anunciou — Muito favorecedor.

Quill observou ao feliz casal com as pálpebras semicerradas. Possivelmente essa noite se embebedasse algo que raras vezes se permitia fazer, mas neste momento, o esquecimento que oferecia o álcool, parecia a melhor solução.

— Você vem também, Quill?

Ele negou com a cabeça, irritado pela gentileza inata de seu irmão. Não devia ser fácil para o menino mimado da alta sociedade ter um irmão impedido e antissocial ao mesmo tempo. Entretanto Peter nunca deixava de querer que saísse com ele.

— Ao melhor passo mais não demoro — Disse surpreendendo a si mesmo. Gabby lhe dirigiu seu radiante sorriso.

— Isso seria maravilhoso Quill! Estarei pendente de sua chegada.

Peter ajudou a subir a sua prometida à carruagem, não sem antes admirar a capa de veludo que completava seu traje.

— Esta noite está muito favorecida — Disse na penumbra da limusine.

— É uma verdadeira beleza — Acrescentou lady Sylvia — Tem sorte, Peter. Corre-se um grande risco casando-se com uma mulher recém chegada do estrangeiro. Um de meus primos se comprometeu com uma escocesa que resultou ter uma horrível cor terrosa. Fugiu para América antes das bodas.

Gabby suspirou aliviada. Tinha conseguido: Peter estava contente com ela. De repente, ele pareceu nervoso.

— Sabe dançar?

— Sim, mas nunca dancei com um homem. Meu pai contratou a uma inglesa para que me desse aulas.

Peter gostou da ideia. Se sua noiva dava um passo em falso, ele sempre poderia alegar que ela nunca tinha dançado com um homem. Poucos homens na Inglaterra podiam dizer o mesmo.

— Não se preocupe — a tranquilizou — Explicarei tudo.

Gabby estava encantada. Peter estava comportando exatamente como o gentil homem de seus sonhos: protetor, atento e admirado.

— Oh Peter! — Exclamou — Estou tão contente de que vamos casar logo.

Ele se viu pego por surpresa e perguntando-se como se supunha que tinha que responder a isso e o que era ainda pior como se atrevia a dizer algo tão íntimo diante de lady Sylvia?

— Estou encantado — pode articular por fim.

Gabby se sentiu um pouco decepcionada. Era muito cedo para que ele reagisse o mesmo entusiasmo que ela. Mas o melhor a beijava como havia feito Quill. Tinha podido ver o desejo refletido nos olhos de Quill e esperava ver o mesmo nos do Peter antes que terminasse a noite.

Lady Isabel Fester estava muito orgulhosa porque seu baile sempre era o primeiro acontecimento da temporada depois da abertura do Parlamento. Em 1804, quando o Parlamento atrasou a data de sua abertura por culpa da má saúde do rei, lady Fester simplesmente tinha anulado sua festa. Tinha a impressão, e com razão, de que seu baile se havia feito muito famoso.

Deste modo, seu educado sorriso mudou em verdadeiro prazer quando viu que um dos homens mais elegantes de Londres acabava de chegar precedido pelo mordomo: Lucien Blanc.

-Querido marquês! — Ronronou.

Sabia que Lucien tinha renunciado a seu título mais preferia não fazer caso a considerava como um excesso de modéstia.

Ele se inclinou para lhe beijar a mão.

— Queridíssima lady Fester posso lhe apresentar à senhora Ewing?

Os olhos de lady Fester se entrecerraram ligeiramente. Emily Thorpe; qualquer que fosse o nome que usasse agora; não era o tipo de mulher que gostasse de receber em um baile. Depois olhou atentamente o vestido que usava a jovem, era de musselina cor âmbar com uma sobrecapa ligeiramente mais escura. Umas pérolas adornavam o sutiã e as mangas. Em resumo, era o vestido mais original que lady Fester tinha visto em toda a noite. Certamente o descreveriam na formosa reunião, uma honra com o qual sonhava lady Foster para si mesma. Sentiu uma inesperada e violenta pontada de inveja.

— Encantada de vê-la de novo, senhora Ewing — Disse com amabilidade.

O vestido tinha ganho.

— Bem — Sussurrou Lucien a Emily ao ouvido enquanto se dirigiam ao

salão de baile — Por ser não o tinha notado, o dragão estava custodiando a porta e você a franqueou sem problemas.

Ela levantou para o um brilhante olhar.

— Como podia ser de outra forma tendo a meu lado a um caçador de dragões?

Ele riu.

— Não posso presumir dessa vitória. Quer dançar?

Emily se deteve para percorrer o salão com o olhar. Todos os vestidos eram de estilo neoclássico, com rosas de cetim, pescoços de renda e decotes tão profundos que se confundiam com a linha do talhe.

— Meu Deus! — Sussurrou — É maravilhoso! Conhece a mulher que está ao lado da janela?

Lucien se voltou para a direção indicada.

— Refere-se a que tem tantas coisas no cabelo?

— É um penteado que está muito de moda — Replicou Emily — E pôs renda no cabelo e inclusive posso ver uma pluma de avestruz.

— Sem esquecer as franjas de cortina — Zombou Lucien a quem não gostava de muito — Em efeito, conheço a Cecilia Morgan e terei muito gosto em apresentar.

Uns instantes depois, Emily e Cecilia; quem insistiu em que a chamasse Sissy; estavam falando animadamente sobre as vantagens das franjas de seda sobre as plumas de avestruz, enquanto Lucien e o marido de Sissy ficavam relegados a um segundo plano.

À medida que a festa avançava, Lucien notou estranhando que não lhe importava que Emily não pudesse permanecer muito tempo a seu lado. Contentava-se olhando-a enrolar às mulheres dessa mesma sociedade que em outro tempo a tinha expulso, fazendo caso omissivo de seu frio recebimento e ganhando sua simpatia falando de modas. A via feliz. Pertencia a esse mundo. Por fim a arrancou de uma conversa sobre chapéus de crepe (que estavam completamente passados de moda) e a arrastou para a pista de dança.

Ela parecia flutuar em seus braços e soube com certeza que eram os melhores bailarinos entre todos os convidados. Sentiu-se ligeiramente tonto,

mas muito menos que ao sentir o contato do corpo do Emily contra o seu.

Nos lábios de Gabby se desenhava um sorriso tão encantador quando entraram na mansão de lady Fester, que Peter se surpreendeu. Parecia tão feliz por esse baile como ele, embora ele estivesse um pouco mais nervoso que de costume. Normalmente notava uma ascensão de adrenalina cada vez que ia a uma festa, cada recepção reforçava sua posição dentro da alta sociedade, estava seguro. Sempre as arrumava para que se visse o melhor dele.

Ao princípio todo saiu às mil maravilhas. Peter a apresentou aos seus amigos e estes, ou ficaram com a boca aberta diante seu seio ou lhe perguntaram se o vestido era de Careme. E todos eles pareciam ter olhos só para Gabby.

Ela se comportava bem, intimidada pela extravagância do baile, e dançava corretamente, detalhe muito importante. Peter acreditava que dançar era uma atividade indispensável e se perdia muito poucos bailes, inclusive quando se tratasse dos ritmos desenfreados de uma dança camponesa. As outras formas de fazer exercício deixava para seu irmão quem passava horas suando com seus pesos.

A dança favorita de Peter era a polonesa e constatou com prazer que Gabby sabia dançá-la. Tratava-se de uma dança lenta que ao espectador podia lhe parecer simples, mas que não era tão fácil. Não havia nada mais horrível que os movimentos bruscos nos quais os bailarinos não seguiam os tempos.

Em resumo, Peter estava satisfeito com sua prometida. Seus amigos se reuniam a seu redor para lhe felicitar pelo perfeito gosto de sua futura esposa em matéria de moda, sua classe e sua elegância na pista de baile. A condessa Maria Sefton, depois de compadecer-se pelo estado de saúde do visconde tinha prometido enviar convites para o Almack's, o nem sequer tinha tido que pedir. O príncipe de Gales, que era um libertino, tinha dado uma cotovelada nele murmurando que sua prometida era uma verdadeira beleza e que tinha a voz de uma sereia. Peter não tinha notado mais não discutiu. Era um grande completo em boca do príncipe.

De modo que quando Gabby, esgotada, voltou de um baile especialmente animado, ele aceitou sair um momento ao balcão.

— Necessita de um pouco de ar fresco — Disse fazendo caso omissos do desejo dela de voltar para casa.

Só eram duas da manhã e a ninguém passava pela imaginação despedir-se. As damas não deviam sentir-se cansadas sob nenhum pretexto e tampouco podiam permitir que seu penteado se desfizesse. Por duas vezes, Peter teve que enviar a Gabby a pentear-se de novo.

— Lady Sylvia está cansada — Disse ela como último recurso.

Efetivamente, sua dama de companhia dormitava em uma poltrona desde para, mais de meia hora.

Peter deu de ombros.

— Sempre o faz. Despertará para o jantar e ninguém pensasse mal de ti por isso.

Isso não era o que incomodava Gabby. Se os assentos tivessem sido menos incômodos, ela mesma tivesse podido ficar adormecida.

— Vamos dar uma volta pelo terraço — Ele insistiu.

Ela estremeceu. Um tal senhor Barlow a tinha levado pouco antes ali e ela se congelou já que virtualmente estavam em dezembro.

Mas Peter já a estava levando para uma das três portas que davam aos pequenos balcões que havia em cima dos jardins. Gabby suspirou. Para ela a festa tinha sido terrivelmente aborrecida, tinha perdido a conta da quantidade de homens que “acidentalmente” tinham roçado seu seio ou tinham acariciado suas costas. Deu a impressão de ser um frango ao que um granjeiro tocava antes de decidir se estava a ponto para comer.

No balcão, efetivamente, para um frio glacial. Peter deixou a porta janela aberta.

— Estamos comprometidos — Explicou — Mas não quisesse que sua reputação ficasse em interdição.

Gabby esteve a ponto de observar que o senhor Barlow tinha fechado, mas se absteve de fazê-lo. A verdade é que lhe custava muito confiar em seu prometido, era mais fácil com Quill. Sem dúvida era porque estava apaixonada pelo Peter, pensou para se tranquilizar.

Estava completamente gelada, mas ao melhor... Ao melhor esse era um bom momento para seu primeiro beijo.

Aproximou-se dele.

— Faz frio, Peter, muito frio.

Não podia ser ela a que reclamasse um beijo, tinha que sair dele.

— Quer que voltemos a entrar? Está completamente esgotada? Não se pode ter sono em um baile, Gabby. Uma dama sempre deve parecer fresca e disposta embora não possa mais.

Gabby estava agora muito perto dele e sabia, tendo em conta a temperatura polar, que seus mamilos marcavam através do vestido. E ela recordava perfeitamente o grunhido de Quill quando descobriu uma reação similar.

Mas Peter não para nenhuma intenção de olhar seu seio... em de beijá-la. Parecia estar incômodo.

— Peter — Disse ela com seu tom mais submisso — Já que vamos casar nos acredito que estaria bem que me beijasse.

Ele deu um salto para trás.

— Certamente que não! Seria imperdoável fazer algo assim em um baile em qualquer circunstância.

Fez-se um incômodo silêncio.

Ela engoliu em seco.

— Isso significa que não deseja me beijar, Peter?

Ele passou uma mão pelo cabelo.

Certamente que tenho vontade de te beijar, Gabby.

Ela levantou um olhar implorante para ele.

— Pelo amor de Deus! — Exclamou Peter.

Levantou o queixo e pousou seus lábios nos dela.

Ela permaneceu imóvel e fechou os olhos. Não queria parecer muito atrevida.

Mas Peter não demonstrava muita paixão. Levantou a cabeça passados três segundos. Quando ela abriu os olhos, ele estava sorrindo.

— Pronto! — Disse jovialmente — Suponho que foi seu primeiro beijo.

Ela hesitou um instante, depois se lançou sobre ele e apertou sua boca

contra a de Peter. Felizmente era mais baixo que Quill.

Mas em vez de abraçá-la, ele a agarrou pelos ombros e a afastou bruscamente.

— Deus, está louca!

Ele sentia náusea.

Os cabelos de Gabby escorregavam de novo, seus seios... Bom Deus! Pensou, ele é o que Prinny tinha querido dizer, ela era uma provocadora. Prinny tinha advertido. Era amigo dele e ele que havia dito não era um cumprimento, e sim uma advertência.

— É... É uma desavergonhada — Disse com voz estrangulada.

Gabby abraçou a si mesma. Peter era a pessoa mais prudente que tinha conhecido. Depois de tudo, o senhor Barlow tinha desejado beijá-la no balcão e ela se livrou passando por debaixo de seu braço e entrando no salão de baile. Não tinham preocupado absolutamente as conveniências.

— E seu cabelo é uma vergonha.

— Peter — Protestou ela com o tom mais razoável — Estamos comprometidos. Estou segura de que ninguém se escandalizaria se nos surpreendessem nos beijando.

Ele dirigiu um inquieto olhar para a porta.

— Qualquer um poderia nos haver visto! E então teria se convertido em uma emparelha para a sociedade.

Ela mordeu o lábio.

— Acredito que está exagerando. De todos os modos, irei pentear-me.

Ao chegar à porta se virou.

— Teria-me beijado na carruagem ao voltar para casa?

Peter notou que o estômago lhe jogava de novo uma má passada.

— Certamente que não! Lady Sylvia nos teria visto.

— E se lady Sylvia não tivesse estado?

— Lady Sylvia ou minha mãe estarão sempre conosco até o dia das bodas. Estaria muito mal visto que sairmos sem acompanhante.

Gabby desapareceu.

Peter, depois de agarrar uma grande baforada de ar se levou a mão à gravata, a qual, graças a Deus, não tinha sofrido muito as consequências da agressão.

Uma alegre voz lhe tirou de seus pensamentos.

— Suspeitava que fosse você, velho amigo.

Um de seus amigos, lorde Simon Putney, reuniu-se com ele enquanto acendia um charuto.

— Vi a sua prometida abandonar o balcão. Nunca tivesse pensado que lhe arrumaria isso tão bem. É magnífica. E seus seios! — Acrescentou beijando-a ponta dos dedos — Me imaginei que se algum dia te decidia a te pôr a corda no pescoço, casaria-te com um bloco de gelo; mas encontrei a melhor da temporada.

Simón baixou a voz:

— É das que animam um dormitório, se souber o que quero dizer.

Peter “sabia”. Inclusive o via tão bem que permaneceu meia hora no balcão fumando uns dos charutos de Simon, algo que nunca houvesse feito em condições normais, porque logo era muito difícil desfazer do aroma de tabaco.

O problema era que Simon não regulava elogios com o principal atrativo do Gabby: seu seio. Peter se absteve de responder secamente que se tivesse desejado atar-se a uma vaca leiteira teria ido procurar uma ao campo. Mas isso tivesse sido pura maldade e Gabby não era responsável pelo tamanho de seus seios.

Durante esse tempo a jovem estava no salão reservado às damas e lhe estavam arrumando o penteado quando Sophie Foakes, a duquesa de Gisle, entrou no.

— Senhorita Jerningham! — Exclamou encantada.

— Perdoe que não me levante Sua Graça — Respondeu Gabby com um sorriso.

Uma donzela tinha na boca umas vinte agulhas para usar no seu cabelo, e se movia teria que começar do zero.

— Nada de formalidades entre nós — Declarou Sophie sentando-se ao seu lado — Então gosta de Londres?

— Teria a amabilidade de me chamar Gabby?

— Estarei encantada com a condição de que chame Sophie. Embora isso vá escandalizar a muitas pessoas.

— Por que isso ia ser um escândalo? — Estranhou Gabby temendo desgostar Peter.

— Estava exagerando, mas as damas da geração de minha mãe, que se conhecem do berço, ainda se chamam lady Tal ou lady Qual. Diga-me por que foi ao Hyde Park nem à recepção que dei? Enviei um convite.

Gabby olhou a seu redor mais estavam sozinhas.

— Tive que esperar que o senhor Careme enviasse meu novo vestuário. Peter insistiu em que ficasse em casa até que tivesse roupa adequada.

Sophie franziu o cenho.

— Isso não parece próprio do amável Peter.

Pensou um momento antes de continuar:

— Evidentemente seu aspecto deve ser muito importante para ele. A verdade é que está magnífica. A mim também viu Careme. Amanhã mesmo tenho intenção de exigir que ponha uma pequena cauda no vestido que lhe encarreguei. Estou segura de que iniciaste uma nova moda.

— Pode ser — Admitiu Gabby que prosseguiu rindo: mas bem é possível que provoque um escândalo, não estou segura de que o sutiã fique em seu lugar até o final da noite.

— Não se preocupe. Temos as duas o mesmo tipo e nunca tive problemas. As mãos do senhor Careme são mágicas. Deus, que cansada estou! Este ponto das noitadas sempre me é insuportável.

— Então porque não volta para casa?

— OH, logo melhora. Logo nos chamaram para o jantar. Depois de ter comido as pessoas voltam a animar-se, e os cavalheiros que estivesse jogando às cartas estão um pouco bêbados o qual proporciona uma nova fonte de interesse — Concluiu Sophie piscando um olho.

— Como podem ser interessantes os homens bêbados?

— Tiram coragem da bebida.

Gabby abriu muito os olhos e Sophie explicou:

— Dedicam-se às mulheres que não são as suas ou começam discussões que não sempre acabam bem.

— Isso me parece muito mais interessante, em efeito.

— As mulheres também abandonam a prudência e vão passear sem dama de companhia pelos jardins. E isto inclui a minha mãe e às outras matronas. Antigamente me parecia que a festa tinha sido um fracasso se não dava a minha mãe uma boa razão pelo menos para me ordenar voltar para casa.

Gabby sorriu com incerteza e logo perguntou em um sussurro:

— Alguma vez lhe beijaram em um balcão? Quero dizer antes que se casasse.

Sophie sorriu.

— É obvio, e várias vezes.

— E isso provocou algum escândalo?

— Oh, sim! Até que me casei com Patrick era a mulher mais atrevida de toda a alta sociedade. Minha mãe acostumava a me dar instruções ao sair de casa e a me arreganhar quando voltávamos. Ficam algumas boas lembranças.

— Mas Peter diz...

Gabby se interrompeu. Custava confessar que suspeitava que seu prometido não desejava beijá-la nem em um balcão, nem em uma carruagem, nem em nenhum lugar.

— Quem tentou te beijar, esse horrível Barlow? Vi-te dançando com ele.

— Sim. Perguntou-me se tinha vontade de tomar o ar e depois...

— O muito imbecil! Como reagiu?

— Escorri-me entre seus dedos.

— Bravo! Peter deve sentir-se contente, seguro que estava ciumento. Patrick adora que eu me comporte de forma escandalosa e seguro que Peter é igual. Entretanto, você não podia saber que Barlow era tão pesado.

Levantou-se.

— Temos que voltar para salão de baile, do contrário meu marido vai me procurar por toda parte. Ainda está ridiculamente apaixonado.

Ao ver que Gabby levantava as sobrancelhas, acrescentou:

— Estamos pouco tempo casados, mas não demoraremos para estar fartos um do outro.

— Duvido-o. Seu marido tem muita sorte, Sua Graça.

— Sophie — Retificou a duquesa tomando sua mão — Patrick se enfureceria se eu abandonasse o salão de braço com Barlow. É um homem muito grosseiro. Vou procurar um cavalheiro que não desgoste ao Peter.

As duas mulheres foram recebidas ao pé das escadas por Peter e Lucien Blanc quem estava acompanhado da tutora de Phoebe, a senhora Ewing.

— Que alegria vê-la! — Exclamou calorosamente Gabby.

— Esteve a ponto de perder o jantar, duquesa — Disse uma voz grave atrás deles.

Gabby deu a volta e como Sophie dava um golpe no braço de um homem com o leque. Pensou que devia tratar do duque e sua hipótese se viu confirmada quando este tomou a sua esposa e lhe deu um beijo na testa.

Cinco minutos depois os três homens instalaram a suas mulheres diante uma mesa e logo se dirigiram para o bufê.

— Maravilhoso! — Declarou Sophie — Necessitaram ao menos meia hora para encontrar ao menos uma asa de frango, o qual nos permitirá nos conhecer melhor. Devo lhe dizer senhora Ewing que, embora tenha desejado ter o vestido de Gabby durante toda a noite, o seu eu adoro. É muito desconsiderado ser tão invejosa.

Emily sorriu com um pouco de cepticismo.

— Agradeço sua Graça.

Lucien acabava de reaparecer e tocou o ombro de Emily. Esta se voltou para ele e seu rosto bem mais sério, iluminou-se com um sorriso.

— Senhor Blanc?

— Me... Estava perguntando que gostaria mais: frango ou pescado.

— Melhor frango, por favor.

Lucien se deu conta de que Gabby e Sophie o estavam observando com interesse e desapareceu de novo entre as pessoas.

— Senhor! — Disse a duquesa com uma ligeira risada na voz — Conheço o Lucien há anos e nunca lhe vi tão confuso como esta noite.

Emily ruborizou ligeiramente.

— O senhor Blanc me convidou a lhe acompanhar ao baile só por me fazer um favor. É muito amável.

Sophie piscou um olho a Gabby.

— O que você opina? Pode a simples amabilidade explicar que o homem mais galante de Londres comece a balbuciar quando está em presença da senhora Ewing?

— Não conheço muito o senhor Blanc — Replicou Gabby travessa — Mas até hoje sempre me pareceu muito dono de si. Pergunto-me que é o que poderia desequilibrar além de seu sorriso, senhora Ewing.

— O senhor Blanc é simplesmente um amigo — Se defendeu Emily — Foi só amabilidade de sua parte me acompanhar.

Gabby teve piedade de seu mal-estar.

— Como estava Phoebe hoje? A sobrinha da senhora Ewing e eu viemos no mesmo navio— Explicou a Sophie.

— Phoebe é adorável — Respondeu Emily aliviada pela mudança de tópico — Adora cozinhar.

Interrompeu-se, ao recordar que uma menina bem educada não pintava nada na cozinha.

Mas a Sophie interessou pelo assunto.

— Quantos anos têm? Quando eu era pequena eu adorava a cozinha, estava segura de que à cozinheira saíam mal as geleias se eu não as provasse antes.

Gabby explodiu em gargalhadas.

— Entendo perfeitamente o que quer dizer; nosso cozinheiro sempre me deixava acreditar que eu era a especialista das tortas de framboesa.

Emily estava assombrada. Sempre tinham proibido transpassar a porta das cozinhas. Louise e ela, nessa época, nunca abandonavam a zona dos meninos.

— Me disse que era possivelmente melhor que Phoebe abandonasse essa afeição — Confessou — Cozinhar não é uma ocupação aceitável para uma menina de boa família.

— Suponho que a coisa é diferente quando tem filhas — Continuou Sophie — Mas eu me prometi muitas vezes a mim mesma que não chatearia a minhas filhas com as atividades que se consideram adequadas, mas que na realidade não servem para nada.

— Eu tive um montão de babás — Acrescentou Gabby — E algumas delas tinham ideias muito estranhas sobre o que devia ou não fazer uma mulher com seu tempo.

Lady Sylvia se aproximou tão pouco discreta como de costume.

— Os cavalheiros as abandonaram? Pensei que era melhor que me sentasse entre as mulheres mais velhas. Depois de tudo esta acompanhada por duas mulheres casadas, Gabrielle. Desperta pequena! Não quererá que outros pensem que estas dormindo uma sesta!

— É obvio que não, lady Sylvia — Murmurou Gabby.

Enquanto Sylvia se afastava, Sophie olhou com cumplicidade a Gabby.

— Quem foi falar! Acaba de dormir um bom momento não é assim?

Os homens voltaram com os pratos cheios e cinco minutos depois, Gabby teve o prazer de ver que Quill chegava. Era evidente que era um grande amigo do marido de Sophie.

O salão de jantar estava cheio de convidados elegantes que conversavam sem dar o menor sinal de cansaço. Peter se embarcou em um discurso sobre o baile em geral e a polonesa em particular. Gabby custava manter os olhos abertos embora não para mais que repeti-las ordens de seu prometido.

Quill fez um sinal a um garçom e pouco depois puseram diante dela uma taça de chá fumegante.

— Oh obrigado!

Peter pôs uma expressão de desaprovação. O chá não era a bebida apropriada a essa hora da noite, mas a duquesa estava pedindo alegremente o

mesmo, de modo que Gabby o bebeu tranquilamente.

Justo atrás de Sophie estava se desenvolvendo uma das cenas interessantes das quais tinha falado a Gabby; esta se perguntou por que a dama de duas papadas, as plumas de cujo penteado balançavam sobre seus cabelos, parecia tão furiosa. Devia estar aparentada com o senhor da jaqueta azul que estava sentado ao seu lado. Este último jogava olhadas lascivas a uma jovem sentada frente a ele, cujo decote era tão profundo como o de Gabby. Mas a dama de duas papadas devia querer que seu irmão se casasse com alguém mais adequado. Por exemplo, a séria jovem do vestido esverdeado sentada ao seu lado.

— Em que pensa Gabby? — Perguntou Sophie inclinando-se para ela — Parece que esta se divertindo mais que nós.

— Estava inventando uma história. Como não conheço quase ninguém em Londres, invento anedotas sobre perfeitos desconhecidos.

Sophie riu.

— Maravilhoso! Por favor, nos conte essa história e a compararemos com a realidade. Que jogo mais divertido!

Gabby hesitou, mas Peter e Lucien estavam sorrindo, de modo que se lançou a contar o que acabava de inventar sobre os ocupantes da mesa do lado.

A fresca risada de Sophie ressoou na sala de jantar e a maioria dos convidados voltaram a lhes olhar. A duquesa de Gisle parecia estar muito a gosto em companhia da futura esposa de Peter Dewland... Por desgraça, o cavalheiro da jaqueta azul também prestou atenção.

Sophie estava de costas a essa mesa, de modo que continuou dizendo alegremente:

— Não está muito longe da verdade, Gabby. Mas o cavalheiro e a dama estão casados. De modo que a tensão...

O duque tampou sua boca com a mão.

— Todo o mudo está te olhando querida — Murmurou em seu ouvido.

Sophie sorriu.

— Já vê Gabby, os homens sempre estão aí para impedir que façamos tolices.

Gabby explodiu em gargalhadas.

Mas o senhor Careme se esqueceu de acrescentar a risada na mesma lista que os movimentos de ombros. Pode que acreditasse que havia poucas possibilidades de rir a gargalhadas em uma festa da alta sociedade.

Os assistentes, fascinados, viram como o sutiã de Gabby perdia a pouca utilidade que tinha e deslizava pelo seio que se supunha que devia tampar. Gabby emitiu um grito horrorizado enquanto puxava em vão da seda.

Peter fechou os olhos. Emily ficou paralisada e Sophie se inclinou de maneira instintiva para protegê-la da vista de outros. Patrick e Quill, como um só homem, tiraram-se a jaqueta. Quill chegou até Gabby primeiro e ela experimentou um enorme consolo ao sentir a malha cobrindo o vestido.

Interceptou a horrorizado olhar de Peter e encheram os olhos de lágrimas.

— A senhorita esta Jerningham esgotada — Declarou Quill bruscamente.

Sem avisar de suas intenções, levantou-a da mesa e saiu dali com Gabby nos braços.

Então foi o turno de Patrick, o marido de Sophie, de estalar em gargalhadas.

— Parece que a perna de Quill está melhorando. Não tinha visto nada tão romântico há anos.

— Não tem nada de romântico! — Protestou secamente Peter.

Deveria dar as graças a seu irmão; a única coisa que podia fazer era ir rapidamente a Gabby e deixar que os rumores se apagassem por acaso sozinhos; o qual ia ser muito difícil.

Em realidade ia ser uma noite que poucos esqueceriam.

Uns instantes depois, Sophie Foakes, duquesa de Gisle, levantou-se. Mas seu pé devia ter enganchado na prega do vestido ou possivelmente o que aconteceu é que colocou mal a mão em cima da mesa.

O caso é que os convidados de lady Fester tiveram o prazer de ver cair o sutiã de outra dama... Apenas cinco minutos depois da primeira.

O marido de Sophie, que já tinha a jaqueta tirada, pôde colocá-la em cima dos ombros em seguida. Entretanto os poucos que puderam ouvir a reprimenda divertida do duque: “Pelo amor de Deus, Sophie, há limites à

solidariedade feminina”, não entenderam a que se referia.

No dia seguinte, nos salões, todos estiveram de acordo: a moda francesa tinha sido adotada muito depressa pelas jovens da alta sociedade. O senhor Careme levou sua parte nas recriminações.

E nos clubes se declarou unanimemente que Peter Dewland era um dos homens com mais sorte de Londres.

Capítulo 10



Quill olhava fixamente a lareira com um gosto amargo na boca. Tinha transpassado os limites e perdido o direito a chamar-se cavalheiro. Não só tinha levantado em braços à prometida de seu irmão e a tinha levado diante os olhos de meio Londres, mas sim, além disso...

Suspirou ao tempo que esticava sua perna doente. Milagrosamente não lhe tinha doído especialmente quando levou Gabby até o carro. Tinha-a depositado sobre o assento com intenções de levá-la para casa. E ela tinha começado a chorar.

Ao principiou ele não entendeu nada do que ela dizia. Depois as palavras tinham saído a fervuras confirmando o que por desgraça pensava ele também.

— Nunca me quererá! — Gemia ela sacudida pelos soluços — Peter me olha com o mesmo desgosto que meu pai... Que meu pai...

Quill havia se sentido impotente diante de tanto desespero. Tinha apoiado a cabeça de Gabby em seu ombro lhe dando tapinhas nas costas.

Depois ela se endireitou para olhar diretamente nos seus olhos.

— Nunca me amará do mesmo modo que eu a ele verdade?

A Quill lhe encolheu o estômago.

— Isso depende de como você o ame — Tinha respondido com um pouco de pedanteria bastante inadequada nessa situação.

— Amo — Disse Gabby cujas lágrimas se fizeram mais abundantes — Seu retrato eu gostei em seguida e nunca pude imaginar que me olharia com tanta recriminação. E não me beijou quando eu o desejava tanto. Acreditei que seria... Que seria...

Deixou-se cair de novo contra o peito de Quill.

— Estou seguro de que ele também o desejava — Mentiu.

— Não! Saímos ao balcão e quando o beijei me afastou. Com muita

violência!

— Peter está muito apegado às normas. Nunca lhe ocorreria beijar a uma mulher durante um baile.

— Por quê? Esse horrível indivíduo, o senhor Barlow, sim que tentou.

— Para o Peter as aparências são muito importantes.

Lamentava muitíssimo que não houvesse ninguém com eles na carruagem. Onde tinha se metido lady Sylvia?

— Não acho — Murmurou Gabby tentando acalmar-se apesar dos pequenos soluços que lhe escapavam.

Quill secou sua face com o lenço.

— De todos os modos não acredito que Peter tenha muita vontade de me beijar — Disse ela com um desespero que foi diretamente ao coração — Vou me casar com um homem que não gosta de me beijar.

— Está imaginando coisas. Não porque Peter seja tão afeito à etiqueta...

— Asseguro que não ele gostou do beijo. Acredita que pode estar apaixonado por outra pessoa?

Parecia haver-se recuperado.

— Duvido — Contestou Quill — Peter foi o acompanhante de várias damas, mas nunca pareceu enrabichar de nenhuma delas. Algumas vezes saía com sua amiga a duquesa de Gisle quando ainda era Sophie York.

— Talvez estivesse apaixonado por ela — Disse Gabby com tristeza — E agora se vê obrigado a casar comigo.

— Nunca me pareceu que estivesse apaixonado por Sophie.

— Goste ou não de outra mulher, o caso é que não gosta de me beijar. Meu Deus! Morrerei sem que me tenha beijado o amor de minha vida.

Quill emitiu uma breve gargalhada.

— Não parece que está sendo um pouco melodramática, Gabby?

— Tenho direito a ser se quiser! Acabo de ser rejeitada por meu futuro marido. Algumas mulheres se atiram de uma ponte por menos disso.

— De que está falando?

— Uma vez vieram ao povoado uns atores itinerantes. A heroína da obra se atirava de uma ponte, ou pode que fosse de um balcão, porque seu prometido estava apaixonado por outra. Era muito triste.

— Que tolice!

— Era muito triste! — Repetiu Gabby ofendida — Chorei tanto que ao final a meu pai sentiu vergonha e se negou a me levar a ver a obra de novo no dia seguinte.

— Eu teria feito o mesmo. Evidentemente não tinha gostado.

— Sim eu gostei! — Exclamou Gabby — Era maravilhosa! A obra falava das penas de amores com muita delicadeza. Todos sabem que o coração das mulheres é mais delicado que o dos homens. E Ofelia? — Insistiu — Ela ficou louca de amor não? Recorda-se de quando Hamlet lhe aconselha que entre em um convento? Assim é exatamente como Peter me olhou esta noite.

Era evidente que Gabby se identificava com a heroína de Shakespeare. Quill sorriu.

— Vejamos. Como Peter se negou coisa normal, a beijá-la diante de toda a alta sociedade de Londres você está pensando em dar um banho no rio? Se quiser posso ordenar ao chofer que nos leve nessa direção. O vento é um pouco frio esta noite, mas acredito que isso não a deterá dado o estado de desespero no que se encontra....

— Parece que estou fazendo um drama? — Disse Gabby afogando uma gargalhada — É um de meus defeitos — Confessou com ingenuidade.

— Esse é um molesto costume.

Ela voltou a olhar com expressão de súplica.

— Acha sinceramente que Peter queria me beijar, Quill? Quero dizer, como você.

Ele se apartou um pouco.

— Como diabos pode você saber o que eu desejo?

Ela encolheu os ombros.

— Você não fala muito, mas me olha.

— Todos os homens de menos de noventa anos a olhavam esta noite —

Grunhiu ele — Seu vestido está feito para isso.

— Quando você me olha, sinto-me... Diferente.

— Não parece uma sensação muito agradável — Comentou Quill com o coração em um punho.

— Não é. Tenho a sensação de que as formigas passeiam por minha pele.

— Realmente desagradável — Resmungou ele — Me perdoe, me esforçarei em não voltar incomodá-la.

Ela enrugou seu pequeno nariz.

— Não me expressei bem. Seus olhares são como seus beijos — Sussurrou ela um pouco envergonhada por estar falando dessas coisas — Me fazem estremecer... Aqui — Precisou colocando a mão no ventre.

Fez-se um breve silêncio, logo sentiu que alguém tocava sua orelha e se virou. Quill acabava de lhe dar um rápido beijo.

— Pronto. Estremeceu-se?

— Não! — Disse ela indignada — Deixe de rir de mim, Quill! Não deveria ter dito nada.

— É certo.

— Peter não me olha desse modo.

— Estou seguro de que deseja beijá-la, Gabby. Só está preocupado por sua reputação.

Esperava não equivocar-se, e ao mesmo tempo desejava fazê-lo.

E depois... Gabby o olhou com seus enormes e maravilhosos olhos que diziam: “me beije”.

Sorriu.

— Sempre vai ser você a primeira em pedir que lhe beijem? — Disse em tom de conversa inclinando-se para ela.

Apoderou-se de sua boca e colocou as mãos entre seu cabelo. Desejava com loucura tirar a jaqueta que tinha cedido antes. Mas se conteve.

Em que estado estaria agora o sutiã de Gabby? Se tivesse caído até a cintura bastaria tirar a jaqueta para deixar descoberta sua sedosa pele. Estremeceu e o beijo se intensificou de maneira perigosa.

A ela escapou um pequeno gemido e passou os braços ao redor do seu pescoço. A jaqueta se deslizou de seus suaves ombros até o assento...

Uma hora depois, enquanto olhava as brasas ardentes sem as ver, Quill só podia pensar na loucura que tomou conta dele. Podia encontrar uma desculpa dizendo que tinha tido um brusco acesso de demência. Podia imaginar a expressão horrorizada de Peter se chegava a inteirar-se. Mas de todas as formas já era muito tarde para comprar uma passagem em direção a Pérsia ou ao Pólo Norte.

A pessoa não podia flertar com sua futura cunhada e esperar sair impune. Quill só desejava falar com seu irmão sem entrar em detalhes. A lembrança desses momentos de loucura atiçava seu desejo.

A porta da biblioteca se abriu brandamente.

— Codswallop disse que queria me ver.

Peter estava aí.

Antes que Quill pudesse abrir a boca, declarou:

— Acabou-se.

O tom era agressivo e seus olhos marrons brilhavam de ira.

Quill experimentou uma pontada de culpa por ter traído seu irmão. A seu único irmão.

— Confesso...

— Não posso! — Cortou Peter com uma violência nada própria dele — Não o farei!

Quill franziu o cenho.

— O que é o que não fará?

— Não me casarei com essa... Não me casarei com Gabrielle Jerningham. Acreditei que poderia fazê-lo, mas é...

Interrompeu-se. Quill não podia acreditar o que estava ouvindo.

Peter continuou com mordacidade:

— É desajeitada, é gorda, é...

— Gabby não é gorda nem desajeitada!

— É... É...

Peter começou a passear com nervosismo de um lado a outro.

É um espantalho, Quill, um verdadeiro espantalho. Carece de intuição e da mais mínima delicadeza. Não posso suportar a ideia de estar unido a ela pelo resto de minha vida. Sem dúvida você não passa muito tempo com ela, mas eu a acompanhei durante toda a noite e Deus que faladeira é! Um verdadeiro periquito! Nunca tinha ouvido ninguém falar tanto. Juro isso, meus amigos Tiddlebend e Folger ficaram pasmos. Folger inclusive fez uma brincadeira depois de que ela se foi. Disse-me que seu comportamento era completamente natural.

— E que tem isso de errado?

— O que evidentemente queria me fazer ver é que era uma verdadeira fábrica de palavras. Graças a Deus não estava presente quando escorregou o sutiã!

Foi dar um chute a um tronco da lareira e deu um salto atrás com um juramento.

— Não quero me casar com essa mulher. Não me casarei com ela e papai não pode me obrigar a fazê-lo.

Quill suspirou.

— Isso é certo, tendo em conta o estado de sua saúde.

Peter pareceu aliviado.

— Tinha esquecido.

Entretanto voltou a dar outro chute no tronco sem preocupar-se de se sujava a bota.

— Estou pensando desde que a trouxe para casa — Disse por fim — Sei que não é correto romper o compromisso, mas estou convencido de que ninguém me reprovará tendo em conta as circunstâncias. Não posso dizer que não me caia bem, é mais bem agradável. Em condições normais inclusive poderia gostar de e seria um prazer iniciá-la na moda...

Quill esperou a continuação. De repente Peter parecia um menino pequeno.

— ... Mas não suporto a ideia de me casar com ela. Viver com essa mulher

até o fim de meus dias é superior a minhas forças. Não me casarei com ela! — Repetiu subindo o tom de voz — E papai...

Interrompeu-se, sem dúvida ao recordar o estado de saúde do visconde.

— Quando terminará de crescer Peter? — Perguntou Quill com uma ponta de desprezo — Pareceria que estão lhe enviando às minas de sal.

— A você tudo isto pode parecer divertido, mas para mim é o inferno. De todos os modos eu não queria me casar, de modo que com essa gorda...

— Por que não quer se casar, Peter? — Perguntou Quill — Algum dia terá que fazê-lo.

Peter se apoiou na lareira apoiando a cabeça em seus braços cruzados. Parecia estar examinando suas botas cobertas de cinzas.

— Acreditei que poderia dar o gosto a papai me apoiando com uma rica herdeira, mas me dei conta de que o dinheiro me dá igual. Preferiria morrer de fome. Ou me colocar no comércio como você.

Quill fez uma careta ao imaginar a seu irmão no mundo dos negócios.

— Oh, já basta! — Gritou Peter — Sou tão capaz como você de julgar a qualidade de uma mercadoria. Dediquei meu interesse a outras coisas, mas tenho êxito em tudo o que me proponho.

— Papai se desgostaria se você se convertesse em um comerciante, a mim só me permitiu isso porque estou doente. E se me pergunta minha opinião sobre as propriedades é só para que não me sinta como uma carga.

— Fala-te até dos menores detalhes relacionados com a propriedade, comigo não o faz nunca.

— A papai importa sua opinião — Protestou Quill sem convicção.

Deus que noite!

— Deixa de dar chutes nesse tronco, Peter. Ao Rinsible dará um ataque quando vir o estado de suas botas.

— Que vá fritar aspargos! — Grunhiu Peter embora se tratasse de seu querido ajudante de câmara.

Quill ainda tinha uma pergunta que lhe fazer.

— Não entendo Peter. Porque não quer se casar... Com outra mulher, se

não poder ser com Gabby?

Por um instante acreditou que seu irmão não lhe tinha ouvido. Entretanto Peter acabou por voltar para ele sua pálida cara rodeada de desordenados cachos.

Mas não respondeu.

— Vou a América — disse.

— Eu me casarei com ela — Declarou tranquilamente Quill.

Peter estava muito concentrado em sua própria desdita para escutá-lo.

— Acreditei que, possivelmente... Mas não posso Quill. Preferiria suicidar-me. Nunca viverei com uma mulher.

— Eu me casarei com Gabby — Repetiu Quill.

Peter deixou de examinar as botas que estavam definitivamente manchadas, e se virou de um salto, estando a ponto de perder o equilíbrio.

— Você? Isso é impossível!

— O contrário, é perfeitamente possível.

— Papai disse... Você disse que não podia casar — Balbuciou Peter — Que seria incapaz de cumprir com seus deveres conjugais.

Quill notou de repente que seu coração se enchia de alegria. Tinha vontade de rir a gargalhadas, enquanto Peter permanecia aturdido.

— Posso consumir o matrimônio — Explicou — E o farei com muito prazer.

— De verdade?

— Eu gosto de Gabby.

Quill não podia evitar.

— Quero-a muito. Evidentemente — Fez notar — Se tiver um filho seu nunca poderá ser visconde.

Peter ficou de pedra.

— É a coisa mais desagradável que já me disse.

Quill voltou a ficar sério.

— Sinto muito Peter; já sabe que a mim não obcecam os títulos.

Peter não se suavizou.

— Disse-me que me casasse com Gabby para que seguir comprando roupa. Nesse momento estava bêbado, mas recordei no dia seguinte. Pai e você pensam que só sou um frívolo.

— Se isso fosse certo estaríamos esquecendo seu primeiro posto em letras clássicas em Cambridge, e não é assim. Escuta, simplesmente tentava que entrasse nos planos de pai para não me ver obrigado a me casar eu. Perdoe-me.

— Por que nos disse que não era apto para o matrimônio? — Perguntou — Sabe muito bem o que papai deduziu. Estava mentindo?

— Não exatamente. Minhas experiências sexuais nestes últimos anos foram muito agradáveis, mas seguidas de três dias de terríveis enxaquecas.

— Ah!

O rosto de Peter expressava a mais profunda compaixão.

— Suas dores de cabeça se deviam a isso? Os médicos não podem fazer nada por você?

Quill deu de ombros.

— Dizem que são as sequelas da ferida da cabeça. Poderiam desaparecer sem mais, mas não acham prováveis.

— Isso é um inferno! Mas se casa com Gabby... Para começar como poderia se casar com ela? Talvez me equívoco mais me parece que sente debilidade por mim.

— Efetivamente, acredita que está apaixonada por você — Replicou alegremente Quill.

— Então como espera fazer que mude de opinião? Não podemos dizer que eu me nego a me casar com ela.

— É uma romântica. Adora inventar história. A metade do tempo inventa sonhos pouco realizáveis.

— Não têm muito em comum — Objetou Peter.

— Afirmarei que me apaixonei por ela a primeira vista. Assim que a vi no porto. E que meu amor é muito forte para poder esquecê-la.

— Acreditará? — Perguntou Peter visivelmente cético.

Quill estava convencido, depois do episódio da carruagem, de que Gabby tinha entendido muito bem a atração que sentia por ela.

— É uma romântica — Repetiu.

— Não me sinto muito cômodo diante a ideia de passar isso assim.

— É porque não a quer, eu em troca, estou completamente disposto a me casar com ela. Está muito claro que uma união entre vocês seria um engano garrafal.

— Que vamos dizer a pai e a mãe?

— O mesmo que a Gabby. Que me apaixonei loucamente por ela e que não posso...

— Ninguém acreditará nessa besteira — Cortou Peter — Talvez Gabby, porque não te conhece muito, mas outros seguro que não.

— Não vejo porque não.

Peter fez uma careta infantil.

— Deixa Quill. Ninguém poderia te imaginar louco de amor. Esta me zangando. Os homens apaixonados são completamente irracionais. Recorda o comportamento de Patrick Foakes quando se apaixonou por lady Sophie? Era a muito mesmo imagem do idiota apaixonado.

— A mim parecia que estava em posse de todas suas faculdades.

Peter soprou com desgosto.

— Recorda pelo menos quando roubou a noiva de seu melhor amigo? Dizem que queria casar uma semana depois de que lady Sophie rompesse o compromisso. Evidentemente os pais dela se negaram. Mas me acredite, durante os quinze dias anteriores à cerimônia, se cruzava em seu caminho, podia estar seguro de encontrar o Foakes tentando roubar um beijo a sua futura esposa. Comportava-se como um perturbado incapaz de dominar-se. E era surpreendente para todo mundo.

Quill gostava bastante da ideia de roubar beijos de Gabby.

— Sou perfeitamente capaz de beijar Gabby em público, se isso for o que se necessita para demonstrar que estou apaixonado.

Peter estremeceu com asco.

— Eu não poderia fazê-lo nunca. Justamente esta noite ela...

Quill o interrompeu.

— Contou-me. Quis te beijar e você se negou.

— Pelo amor de Deus! — Defendeu-se Peter com ímpeto — A porta do balcão estava aberta e ela se atirou no meu pescoço. Tiddlebend estava nos olhando. Acreditei que me ia morrer de vergonha!

Voltou a chutar os troncos.

— Está seguro de sua decisão Quill? Porque terá que chegar ao final da representação sabe? Terá que fingir que está loucamente apaixonado durante ao menos três meses porque a reputação de Gabby se veria destruída se casasse muito cedo com ela.

Quill se dirigiu para a porta.

— Estou completamente seguro. Informarei à senhorita Jerningham de minha completa adoração no café da manhã.

Seu irmão vacilou.

— No café da manhã? Nada disso! Decididamente não tem nenhum sentido do romantismo. Em seguida suspeitará que não seja certo.

Quill deu a volta.

— Por quê?

— Ninguém; nem sequer Patrick Foakes; se atreveria a confessar seus sentimentos no café da manhã. Tem que esperar até a noite, depois do jantar. Beberemos champanha, muito champanha. Espera a que ela tenha a mente um pouco nublada, desse modo não poderá analisar friamente suas palavras.

— Preferiria que estivesse sóbria quando pedisse que se casasse comigo — Replicou Quill.

— Não! Se não estiver um pouco alegre, nunca acreditará que está apaixonado por ela — Insistiu Peter convencido — Mas se estiver um pouco tonta possivelmente não se dê conta.

— Hum...

Quill abriu a porta.

— Quill! — Chamou Peter — Está de acordo?

— Pensarei — Respondeu Quill muito sério.

Não pensava embebedar Gabby antes de pedir sua mão. A jovem era uma romântica empedernida. Tinha metido na cabeça que estava apaixonada pelo Peter de modo que com a mesma facilidade a podia convencer que estava apaixonada por ele. Fosse o que fosse, já era o bastante baixo mentir fingindo estar louco por ela, de modo que não havia necessidade em cima de fazer que caísse ao chão por culpa da bebida.

A noite tinha sido muito longa e quando subiu as escadas, coxeava.

Entretanto, quando passou diante do quarto azul, custou controlar o desejo de empurrar a porta. O quarto de Gabby, da qual seria o dono e senhor dentro de poucos meses.

Sacudiu a cabeça. Esperaria.

Às seis da manhã já não estava completamente seguro de poder esperar mais tempo.

Recordava sem cessar o momento em que sua jaqueta caiu dos ombros de Gabby, quando suas mãos acariciaram essa maravilhosa pele enquanto tocavam uma lenta valsa para seus seios. Somente então tinha abandonado os lábios dela e baixado o olhar para o tesouro que sustentava entre seus braços.

O desejo tomou conta dele, o impedia de dormir, convencia-o de que não poderia (igual a Patrick) esperar três meses para casar-se. Nem sequer poderia esperar uma semana de tanta vontade como tinha de tocar essa acetinada pele, acariciá-la e prová-la.

Quill acabou por levantar-se, renunciando encontrar o sono. Aproveitaria para fazer algumas averiguações. Gabby era romântica, gostava de teatro. Utilizaria algumas frases tiradas de obras clássicas para convencê-la de seu amor. Dava-se conta de que ela nunca engoliria sua história. Maldição! Nunca tinha estado apaixonado. Peter tinha razão. Isto não era o seu, não tinha a menor ideia de como se comportava um homem perdidamente apaixonado.

Puxou do cordão e ordenou ao sonolento lacaio que lhe preparasse um banho, depois se dirigiu à biblioteca onde, graças a Deus, encontrou um montão de poemas de amor. Já tinha se dado conta, no transcurso de seus negócios, que uma investigação preliminar lhe fazia estar em uma posição vantajosa em relação a seus adversários.

E esta busca em particular foi especialmente satisfatória. Uma hora mais tarde estava sentado diante do fogo, rodeado de volumes com as páginas marcadas. Felizmente tinha uma memória prodigiosa. Entretanto o preocupava uma coisa: não sabia se devia inspirar-se em Shakespeare; correndo o risco de que Gabby reconhecesse os versos; ou se devia fazê-lo em um autor desconhecido.

Ardo, consumo-me, desfaleço...

Não estava mau. Evidentemente se tratava de tolices; à parte possivelmente do “ardo”, já que ele efetivamente ardia de desejo. Quantas coisas como essa deveria dizer antes de conseguir o que desejava?

Na mesma obra encontrou: *Com seu fôlego ela perfumava o ar. Suave e sagrado foi tudo o que vi nela.*

Tentou dizê-lo em voz baixa:

— Com seu fôlego... Não.

Fez uma segunda tentativa.

— Quando a vi no porto, ela... Não, você... Seu fôlego perfumava o ar. E tudo o que vi era sagrado e suave. Hum...

Por fim encontrou os versos apropriados.

As estrelas brilham no céu

Com uma beleza comparável a de seus olhos

Nesse celeste rosto.

Quill os repetiu várias vezes em silêncio. Não conseguia dizer em voz alta se por acaso o lacaio entrava. Eram umas frases ridículas por que o autor tinha escrito tais trivialidades?

Os olhos de Gabby não pareciam estrelas. Eram de cor âmbar, rodeados de uma fina linha negra. Não brilhavam, não cintilavam: falavam. Olhar Gabby nos olhos era entrar em seu caótico mundo de risadas e palavras, emoções e desejos. Porque estava seguro de ter visto como seus olhos se nublavam pelo desejo. Tomavam a cor do conhaque quando ele a beijava.

Levantou-se. Era já hora de entrar em cena. Repetiu em silêncio os cumpridos.

Às sete da manhã.

O momento perfeito para uma representação teatral.

Capítulo 11



Quando Margaret irrompeu em seu dormitório no dia seguinte pela manhã anunciando que o senhor Quentin desejava vê-la imediatamente, Gabby respondeu com um grunhido. Entre o que tinha acontecido com o vestido e o incidente da carruagem, tinha dormido muito mal.

Era uma provocadora, sim, e se o visconde se inteirou, a teria expulsado de sua casa. Ou melhor Quill a chamava por essa razão. Olhou sua imagem no espelho enquanto Margaret a penteava. Ela tinha atirado em cima dele! Que tinha acontecido?

Margaret deixou de escovar o cabelo um momento.

— Não faça um drama disso, senhorita — Disse.

Gabby a olhou, surpreendida. Como podia ela saber? Tinha adivinhado o chofer? Ou possivelmente o laçao que ia de pé na traseira da limusine tinha visto algo?

— O pior pode acontecer — Continuava a donzela — É que se inteirem os jornais de sociedade.

Que horror! Possivelmente fosse melhor voltar à Índia.

— Enviarei a alguém a procurar os jornais. Minha mãe sempre diz que é melhor confrontar a realidade. Depois de todo seguro que isso aconteceu a outras damas antes. Todo mundo sabe que os sutiãs à francesa tendem a cair. É possível que os jornais não digam nada absolutamente. O tema é um tanto delicado...

— Mm...

Embora Gabby se sentisse aliviada de que a donzela estivesse falando do baile, entretanto duvidava de que os jornalistas não o mencionassem por tratar-se de um tema delicado. O Morning Post não tinha esse tipo de escrúpulos. Ou melhor Quill já tinha lido uma página de sociedade e esse era o motivo de que queria falar com ela.

Desceu as escadas como se estivesse dirigindo ao patíbulo. Sem tão sequer dar-se conta, sua mente começou a inventar uma cena na qual uma marquesa francesa se dirigia para a guilhotina com a cabeça alta e os olhos secos.

— Meu Deus! — Murmurou.

Tinha que abandonar essa mania de inventar história. Isso era o que tinha causado sua ruína na noite anterior.

Quill devia havê-la ouvido aproximar-se já que, antes inclusive de vê-la, disse:

— Entre Gabby.

Sua profunda voz provocou um formigamento em todo o corpo, e se perguntou por que seu futuro cunhado provocava essa reação nela.

Entrou na estadia com um pouco de agressividade. Não era culpa dela se os sutiãs de Careme estavam mal desenhados. E todos seus vestidos, também. O responsável era Peter já que tinha sido ele quem escolheu Careme.

Quill estava diante da lareira com as mãos nas costas e uma expressão tão impenetrável como um bloco de granito.

Não, em realidade não era culpa de Peter, mas sim de seu irmão. Sem saudá-lo lhe lançou o mais severo de seus olhares.

Quill abriu a boca, depois se deu conta de que Gabby não tinha fechado a porta ao entrar. Demônios se ia recitar todas essas bobagens temendo que um criado ouvisse! Passou por diante da jovem, fechou a porta e, depois de vacilar um segundo, girou a chave na fechadura.

Depois se voltou para ela.

— Tenho algo que te dizer Gabby — Começou.

Por regra geral, um começo como esse para maravilhas em suas entrevistas de negócios e os assistentes esperavam a continuação contendo o fôlego.

Entretanto, nesta ocasião, o êxito não estava assegurado.

— Eu também — Replicou Gabby sem abandonar sua expressão rebelde.

Ele apertou os dentes. Era melhor soltar quanto antes a parte mais difícil.

— Ardo por me casar contigo... — Disse.

Ela se sobressaltou.

— Ardo, consumo-me — Voltou a começar ele — Ardo, consumo-me e desfaleço-me — Insistiu recordando todo o encontro.

— Você... Desfalece?

— Exatamente.

Fez-se um silêncio durante o qual o recordou a seguinte frase. Depois de tudo não era tão complicado!

— Quando te vi no porto, seu fôlego perfumava o ar.

Gabby parecia cada vez mais desconcertada.

— Ehh... Quero dizer que seu fôlego perfumava o ambiente. Depois descobri que seus olhos brilhavam como estrelas.

Estava tomando algumas liberdades com o texto original, certamente, mas gostava mais sua versão.

Gabby ainda não tinha pronunciado uma palavra e ele se aproximou dela.

— Tudo o que vejo em você é sagrado e suave.

Levantou o queixo e comprovou que seu plano estava fracassando. A Gabby tremia todo o corpo e não terei que ser um gênio para compreender que estava contendo uma grande gargalhada.

— Me perdoe — Disse ela com voz afogada — Eu... Eu...

Deu-se por vencida e começou a rir com vontade.

Quill notou como o invadia a ira. Era culpa dela se ele se comportou como um idiota! Recuou, friamente. Nunca antes Quentin Dewland tinha comparado os olhos de uma mulher com as estrelas.

Mas recordou que tinha prometido a Peter que se casaria com ela, de modo que não podia romper sua palavra.

Além disso, todo isso só eram bobagens destinadas a convencer a essa romântica juvenzinha para que se casasse com ele. Não tinha porque sentir-se envergonhado; só eram mentiras piedosas.

Havia visto muitas vezes atuar ao famoso Trema no Drury Lane, e se Trema podia fazê-lo por que não ia poder ele?

Gabby seguia rindo e ele a abraçou.

Ela se amoldou a ele como se o tivesse estado esperando, como se todas

suas curvas estivessem destinadas a acoplar-se às suas.

Ao fim ficou séria mais sua voz ainda estava velada pela risada.

— Quill?

— Gabby.

Jogou-a para trás segurando-a com o braço em um gesto teatral digno de Trema e a beijou.

Gabby se revolveu tentando soltar-se. Não queria isto. Já tinha suficiente desse enjoo que a liquidificava, que a empurrava para esse homem deixando-a tremendo e choramingando

Mas ele não a soltava. Fechou as pálpebras com um beijo antes de voltar a apoderar-se de seus lábios.

A seu pesar, Gabby deixou de debater, seus braços se ataram na nuca de Quill e sua boca se abriu para ele.

E de novo teve essa sensação de intenso calor no ventre e os rins.

Quando suas línguas se encontraram, a ela acelerou o coração.

— Ardo — Repetiu Quill.

Não conseguia comportar-se como um cavalheiro. Retirou dos ombros de Gabby a musselina de seu vestido de manhã. Ela estremeceu mais não protestou; caíram as mangas, seguidas da regata.

A voz de Quill era um murmúrio carregado de paixão.

— Ardo, Gabby, consumo-me, desfaleço.

Beijou seu ombro, tão branco, e depois seu pescoço.

— Ardo, Gabby...

A ela escapou um suspiro quando a mão dele pousou em um de seus seios.

Ele levantou a cabeça, viu que por uma vez estava calada e depositou um terno beijo em seus lábios antes de agarrar o óvalo perfeito de seu rosto entre as mãos, delineando seu contorno; cantando com seus dedos o mais formoso dos poemas. Os olhos de Gabby tinham uma tonalidade âmbar que podia rivalizar com a de uma estrela.

— As estrelas brilham no céu com uma beleza comparável a de seus

olhos? — Sussurrou ele.

Gabby posou suas mãos nas dele.

— Não é justo — Ofegou ele — Bianca não tem nenhuma só réplica boa nessa obra.

— Ao diabo a obra! Desejo-te, Gabby — Disse contra sua boca.

Atraiu-a mais para ele.

— Senhor! Não posso viver sem você. Realmente desfaleço Gabby.

Em sua voz havia um rogo e ela se elevou até seus lábios.

— Me beije Quill. Volta a me beijar.

Ele não se fez de rogado e ambos se inundaram em um torvelinho de prazer. Gabby cambaleou e Quill também. Ambos eram desejo em estado puro; ele só podia pensar em levantar o vestido e penetrar em seu jardim secreto que estava seguro que seria tão acolhedor como sua boca. Acariciou um mamilo e ela se arqueou contra ele murmurando palavras sem sentido.

Recuperou a prudência repentinamente e esperou a que ela abrisse os olhos. Estava tombada sobre o tapete persa com o cabelo em desordem e um tremulo sorriso nos lábios.

— Eu ardo — sussurrou ela — Me consumo, eu desfaleço. Quereria me beijar de novo? Quereria...

Não se atrevia a formular a pergunta. É obvio, era com o Quill com quem ela desejava casar-se, era a ele a quem desejava em sua cama.

Ele leu no fundo de seus olhos.

— Beijarei-te tanto como deseje. E se me aceita, Gabby, nos casaremos.

Ela entrecerrou os olhos.

— Ama-me?

— Apaixonei-me por você assim que te vi no molhe — Respondeu ele quase muito rápido.

Gabby se sentou.

— Eu não estou muito segura de meus sentimentos — Disse um pouco vacilante — Não estou muito segura de te amar, Quill mais não acredito que seja difícil fazê-lo.

Ele esboçou um sorriso. Graças a Deus já não necessitava todas essas estupidezes românticas. Gabby, que poucas horas antes considerava que Peter era o homem de sua vida, estava começando a apaixonar-se dele.

— Seria maravilhoso — Replicou beijando a palma da sua mão.

Ela começou a colocar a roupa. Quill não pôde evitar tocar seu espesso e brilhante cabelo, que parecia a pelagem de um animal selvagem. Nada que ver com os pálidos cachos das mulheres inglesas.

— Caramba! — Exclamou ela puxando a manga com impaciência — Os vestidos de Careme não são mais que minúsculas partes de tecido mal costurados entre si; vou ter que contratar a outro se não quiser me encontrar a maior parte do tempo meio nua.

Tagarelava sem sentido tentando esquecer seu nervosismo.

Quill sorriu.

— Eu gosto de muito dos vestidos de Careme — Disse.

Gabby já tinha colocado a manga em seu lugar.

— Estão muito bem desenhados — Continuou — Vê? Faz um momento a manga tinha caído até o cotovelo e agora tampa sem esmagar seu maravilhoso seio.

Ela interceptou seu olhar divertido. Deus, o que tinha estado fazendo tombada no tapete?

— Espero que isto não volte a acontecer — Grunhiu um pouco tensa.

Ele a ajudou a levantar-se e depois se inclinou para lhe murmurar ao ouvido:

— Espera a que estejamos casados...

Ela avermelhou.

— O que quer dizer?

Quill tinha um olhar diabólico. Deslizou um dedo pela curva de seu pescoço. Ela deu um salto para trás, molesta por reagir assim diante uma carícia tão inocente.

— Seria melhor que subisse ao meu quarto — Disse passando uma mão pelo cabelo — Me perguntou que vai pensar Margaret.

Quill deu de ombros.

— O que importa?

— Isso sim que é pensar como um homem! Para mim sim que é importante.

— Vou enviar uma mensagem a Bath para informar a meus pais de nossos planos.

— Se zangaram?

— Absolutamente. Depois de tudo, ao princípio era comigo com quem tinha que se casar.

— Então por que não enviaram à Índia seu retrato?

Ele vacilou; não tinha nenhum desejo de falar de suas enxaquecas e o que as causava. Se ela soubesse a verdade certamente se tornaria atrás, de modo que se contentou encolhendo-se de ombros.

— Quill? — Insistiu ela — Por que seu pai enviou o retrato de Peter em vez do seu? E porque meu pai acreditava que eu me ia casar com um futuro visconde quando você é o mais velho?

— O...

Quill teve uma repentina inspiração.

— Meu pai tem medo de que Peter não possa escolher ele mesmo uma esposa. É tímido sabe?

— Peter? Tímido?

— Oh sim! — Declarou Quill recuperando a segurança em si mesmo agora que tinha tido uma ideia — Lembra se de ontem de noite quando tentou lhe beijar? Como quer que encontre uma esposa quando se preocupa mais pelas normas que pelos beijos?

Gabby franziu o cenho.

— Isso não tem muito que ver. Peter fala bem e é um dos homens que ditam a moda, o senhor Careme disse-me isso. Certamente poderia encontrar uma esposa se desejasse, e sem ter que ir contra as normas.

Quill se sentiu aliviado para ouvir que batiam na porta.

Era Codswallop cujos olhos se entrecerraram quando viu seu senhor

acompanhado de uma senhorita Jerningham um pouco despenteada. Além disso, tinha ouvido perfeitamente como virava a chave na fechadura quando chamou.

Entregou a Quill uma bandeja de prata.

— O cartão de lorde Breksby, senhor. Diz que é urgente.

— O faça entrar. E diga lady Sylvia que se reúna conosco, por favor.

— Meu Deus, não! — Exclamou Gabby tocando o cabelo — Vou te deixar para que receba a sua visita, Quill.

— Vem para ver você.

— Como?

A jovem, que estava tentando colocar uma forquilha, virou-se rapidamente à esquerda, sem dar-se conta de que então o cabelo caía à direita.

— Me deixe ajudar.

Quill tirou cinco ou seis forquilhas e a cabeleira de Gabby caiu pelas costas. Então lhe fez um rápido coque e o segurou no cocuruto.

— Obrigado! — Exclamou ela um pouco desconcertada — Onde aprendeu a fazer isso? Não, não me responda. Por que quer me ver lorde Breksby? E quem é?

— Lorde Breksby é o ministro dos Assuntos Exteriores. Colocou em contato comigo pouco depois de sua chegada porque queria informar-se sobre o Kasi Rao.

— Oh não! — Sussurrou ela.

— Possivelmente devesse contar tudo, Gabby. O ministério de Assuntos Exteriores não é a Companhia das Índias, e acredito que Breksby é um homem honrado. Se considerar que Kasi não é apto para governar, se assegurará de que esteja seguro.

Gabby sacudiu a cabeça.

— Não acredito que se possa confiar nele, Quill. A experiência que teve meu pai com os representantes do governo britânico é quase tão pouco satisfatória como suas relações com os homens da Companhia. Olhe o que aconteceu no Bharatpur. Morreram centenas de pessoas e, entretanto a

Companhia não tinha nenhum direito a invadir esse território.

— Estou de acordo contigo em grande parte admitiu Quill de má vontade — Mas Breksby não é um mau homem e tem muito poder em Londres. Se decidir que Kasi não pode governar (e certamente não pode pensar de outro modo) a Companhia das Índias deixará o moço em paz.

— Certamente que não! — Respondeu Gabby — Conheço de sobra as maquinações dos homens da Companhia. Mentirão, roubarão e corromperão com tal de obter o controle de um território que não lhes pertence. Kasi só será um peão para eles. E não acredito que sejam capazes de ter a menor consideração. Porão-no no trono se pensarem que assim ganharão mais terreno.

Quill observou a sua recente prometida com seriedade. Não esperava encontrar tanta firmeza e lógica em uma pessoa que em princípio só parecia uma fábrica de palavras.

— Concorda comigo? — Impacientou-se ela.

Ressonaram uns passos no corredor.

— A Companhia deveria ter dirigentes femininos — Se surpreendeu dizendo.

Lorde Breksby declarou estar encantado de conhecer a senhorita Jerningham.

— Sou o ministro dos Assuntos Exteriores — Se apresentou.

Gabby se sentou com as mãos juntas apoiadas nos joelhos.

— Eu adoraria ajudar o governo, na medida de minhas possibilidades.

— Acreditam saber — Começou o ministro — Que seu pai acolheu sob seu teto a um protegido, o filho de Holkar. Os responsáveis pela Companhia das Índias acreditam que seu pai poderia ter enviado o menino a Inglaterra; o qual seria muito possível dadas as numerosas relações que tem aqui.

— Temo que não saiba onde se encontra Kasi Rao — Disse brandamente Gabby.

Nem sequer pestanejou ao dizê-lo e Quill pensou que sua futura esposa era uma consumada mentirosa.

— Bem — Continuou Breksby — Alguns membros da Companhia das

Índias parecem acreditar que o príncipe...

Nesse momento entrou lady Sylvia. Emitiu um gritinho de alegria ao ver lorde Breksby, Gabby, contrariada, deu-se conta de que eram velhos amigos, já que a esposa de Breksby tinha crescido em um povoado próximo à residência campestre de lady Sylvia. Quando compreendeu que o ministro ia descrever uma a uma das quatorze moradas que tinha a casa que acabava de comprar nesse mesmo povoado, perdeu a paciência.

— Estimado senhor — Suplicou — Poderíamos voltar para o Kasi Rao por favor?

Breksby sorriu alegremente.

— Minhas desculpas, senhorita Jerningham, estava tão absorto em minha conversa com esta querida dama que me esqueci da nossa. Como lhe dizia, os representantes da Companhia das Índias estão quase convencidos de que o herdeiro de Holkar se encontra em Londres.

Gabby mordiscou o lábio em silêncio.

— Não poderia lhe dizer nem onde, nem como, obtiveram essa informação — Prosseguiu Breksby — E nem sequer estou seguro de que seja confiável, mas queria que você soubesse, já que opino que seria melhor que fosse o governo inglês quem encontrasse ao menino em vez dos homens da Companhia.

Quill observava a cena com interesse.

Gabby lhe dirigiu ao ministro um triste sorriso.

— Eu opino o mesmo, senhor. Temo-me que as pessoas da Companhia só procura Kasi para conseguir o que querem.

— Estou seguro disso! Estão acariciando a ideia de pôr a um fraco mental no trono dos Holkar, isso lhes asseguraria via livre em toda a região.

— Você não poderia os impedir? — Perguntou Gabby implorante.

Breksby suspirou.

— A Companhia foi um dos fracassos de meu mandato. Conseguimos levar as leis até a Índia em 84, mas isso não trocou nada para eles.

Gabby fingiu estar desolada.

— Realmente desejaria lhe ajudar, lorde Breksby — Ronronou inclinando graciosamente a cabeça — Mas não sei nada.

Quill, do outro extremo da sala, viu o homem maior vir-se abaixo. Não era o único que a senhorita Jerningham tinha enganado. Em qualquer caso ao nunca tinha mentido, mas pode que isso só fosse uma questão de tempo.

Apenas se teve fechado a porta atrás o Breksby quando lady Sylvia lançou a seu sobrinho um olhar gelada.

— Não sei a que está jogando Quentin, mas não tolerarei que entregue a seu irmão um presente que já foi usado. Isso não é próprio de um cavalheiro.

Gabby se ruborizou.

— Lady Sylvia, eu... Quill...

— Será primeira em nos felicitar — Interveio tranquilamente Quill — A senhorita Jerningham acaba de aceitar ser minha esposa.

Lady Sylvia não se abrandou.

— Bem, nesse caso, não quero que leve ao altar uma mulher desonrada.

Quill não se deixou impressionar por sua expressão enfurecida.

— Não tema, Sylvia. Apesar de tudo, preferiria que não pusesse em dúvida a honra de minha prometida.

Sylvia franziu o cenho.

— Gabrielle, proibi que se encontrasse a sós com um homem. Qualquer homem. Entretanto vejo que seu penteado está estranhamente inclinado e há forquilhas repartidas por tudo o tapete. Que me enforquem se não estivesse caída diante da lareira!

Gabby estava envergonhada mais pra lá do possível, mas Quill falou antes que ela tivesse tempo de defender-se. Seus olhos lançavam dardos.

— Me derrubarei com minha prometida onde e quando gostar!

Lady Sylvia se estirou quão larga era.

— Gabrielle não é uma camponesa e não haverá mais comportamentos desse tipo enquanto eu for sua dama de companhia. Já veremos o que opina seu pai disto.

Fez-se um silêncio durante o qual os três pensaram que em realidade o

visconde não poderia dizer nada, dado o estado que ele se encontrava.

— Suponho que o pobre Thurlow não poderá queixar — Disse finalmente lady Sylvia — Mas estou segura de que não gostaria de muito que tivessem um filho seis meses depois das bodas. Ao menos a mim não gostaria. Estou aqui precisamente para evitar que se produzam acidentes desse tipo.

Gabby se aproximou para pegar a mão da anciã.

— Por favor, lady Sylvia, me perdoe. Não voltarei a estar com o Quentin a sós antes das bodas. E... Não sou um presente usado.

Lady Sylvia esboçou um sorriso.

— Isso pensava. Quentin é um cabeça dura, mas não é um vil sedutor.

— Não deveria ter falado nesse tom — Admitiu Quill — Aceite minhas desculpas, Sylvia.

Ela deu de ombros.

— Suponho que vocês gostariam de se casar a semana que vem não é assim?

Quill sabia perfeitamente de onde procedia sua irritação. Desejava com toda sua alma voltar a tombar Gabby no tapete; entretanto não desejava ter um filho “prematureo”.

— De nenhuma maneira — Respondeu com rigidez — Gabby e eu faremos que se faça o anúncio oficial e esperaremos um tempo prudencial antes de formalizar nosso matrimônio. Pode que um mês...

Lady Sylvia soltou uma risada.

— É impaciente, Quentin. Não é que eu não goste. Meu Lionel também tinha pressa por me ter em sua cama; esteve a ponto de disparar uma bala na têmpora quando meu pai se negou a que a cerimônia se celebrasse antes de seis meses. Seja como for, Gabrielle, escolheste seu novo prometido bem a tempo. Recebi uma nota de Kitty onde anuncia que vem a Londres. Acredito que esperava ver Peter casado em seguida.

Lady Sylvia recuperou seu ridículo leque.

— Me acompanhe Gabrielle, por favor. Seu cabelo necessita os cuidados da Margaret e eu devo te aconselhar que cuide seu aspecto. Agora que já foi apresentada, e já provocou o primeiro escândalo, arrumado que terá um

montão de visitas esta manhã.

Desse modo, uma dócil Gabby, saiu da estadia deixando atrás dela um noivo frustrado e dezessete forquilhas de cabelo de madrepérola.

Sylvia se deteve em seco diante da porta do dormitório.

— Não sou idiota — Disse bruscamente — Sabia que Quentin e você estavam feitos o um para o outro.

Gabby se ruborizou.

— Lamento sinceramente o desta manhã, não deveria ter ido ao escritório de Quentin sem acompanhante.

— As damas de companhia têm importantes obrigações, mas assistir a um pedido de casamento não é uma delas. Parece que Quentin o fez bastante bem.

A jovem não pôde conter um sorriso diante sua expressão travessa.

— Efetivamente — Disse.

— É um bom menino. Tem um grande coração e se deixe enganar porque fale pouco. Sim, é um bom menino.

Gabby assentiu e lady Sylvia lhe ordenou que tombasse ao menos quarenta minutos para que estivesse preparada para quando chegassem os curiosos.

— Se dá conta — Acrescentou — Que dado que seu sutiã soltou suas amarras ontem por à noite, alguns virão sozinho para olhar seu decote. Estou convencida de que já sabe toda a cidade. Por outra parte, se os homens presentes tivessem tido a oportunidade de apostar que sutiã tinha mais possibilidades de vir-se abaixo, todos teriam apostado pelo seu.

Gabby deitou obedientemente, mas não conseguiu relaxar. Acabou por sentar-se na cama e agarrou o retrato de Peter dando-se conta de que seu suave olhar e seus cachos tinham perdido o encanto. Já não gostava dos penteados impecáveis nem as conversas mundanas. Os olhos de Quill eram tormentosos, seus cabelos estavam quase sempre despenteados (caso que alguma vez se dignasse lhes passar a escova); entretanto, só pensando nele, sentia-se cheia de alegria. Ele falava com seus olhos, e estes lhe diziam que ela era formosa, desejável e... Inteligente.

Lucien estava na porta de entrada da casa de Emily, e nesse momento lhe

faltavam as palavras, coisa estranha em um homem famoso por sua eloquência.

— Vim a lhe perguntar se queria me acompanhar à pequena recepção de lady Dunstreet — Disse ao fim — O passei muito bem na festa a que fomos juntos.

— Eu também — Murmurou Emily.

Mas por sua expressão parecia que não era certo. O olhou.

— Tenho que falar com você, senhor Blanc. Pode me conceder uns minutos?

Lucien, com o coração em um punho, seguiu-a até o salão onde se sentou frente a ela.

— Temo-me que não poderei voltar a vê-lo, senhor — Declarou com tom decidido — Desde cedo, desfrutei muito no baile, mas...

Interrompeu-se um momento antes de prosseguir:

— Sou a responsável por minha pequena família, que agora inclui Phoebe. Agradeço muito que me levasse a baile de lady Fester, entretanto distrações como essa não podem converter-se em um costume.

— Não pode considerá-lo como parte de seu trabalho? — Sugeriu ele tentando conservar o sangue frio apesar de sua decepção — Pensava que era algo útil para seus artigos.

Emily brincava com suas luvas com nervosismo.

— Não gostou? — Suspirou ele.

Desta vez houve uma nota de desespero em sua voz.

Ela levantou rapidamente os olhos.

— OH, sim! Foi mais maravilhoso do que imaginava. Mas não posso fazê-lo de novo, senhor. Não pertenço a esse mundo. Trabalho.

— Como lhe dizia, poderia você...

— Não — Respondeu Emily com uma tranquila certeza.

Lucien ia falar mais lhe deteve com um gesto.

— Vou ser franco com você; não posso me permitir levar a vida de uma dama. Minha irmã e eu nos passamos todas as noites da semana passada, fazendo o vestido que usava.

— Que era precioso! Estive acompanhado pela mulher mais elegante da noite.

Emily ruborizou por completo, mas negou com a cabeça.

— Não formo parte dessa sociedade e não posso me permitir o luxo de fingir o contrário; devo me ocupar de Phoebe e de minha irmã. Inclusive as luvas que usava estavam por cima de minhas possibilidades.

Levantou-se e Lucien fez o mesmo e a seguiu para a porta sem saber que dizer. Ele não podia lhe dar de presente um vestido de baile; seria uma grosseria e muito humilhante.

— Posso vir visitá-la?

Ela tinha o olhar mais inocente que ele tinha visto em toda sua vida.

— Não estarei aqui — Disse ela amavelmente soltando sua mão que ele tinha pego entre as suas.

Ele se inclinou com uma imensa tristeza.

— Lamento muito essa decisão.

Louise foi quão única notou o muito que sua irmã lamentava também essa medida, já que a encontrou desfeita em pranto quando desceu de seu quarto.

— Dispensou-o?

Emily assentiu, chorando como uma menina.

Louise suspirou.

— Por que Emily? Por que nega a si mesma umas poucas noites agradáveis? Merece isso muito!

— Suas intenções não são sérias, e não disponho de tempo para perder em frivolidades; tenho que me ocupar de Phoebe.

— Ora!

— Já estou muito ligada a ele — Confessou Emily.

— E isso é um problema?

— Não quero me transformar em uma mulher mantida.

— Não o seria! — Protestou Louise — Por que não aceitar as distrações que ele te oferece e se negar quando te pedir que se transforme em sua amante?

— Por que... Porque tenho medo.

— Medo de que?

— De desejar me transformar em sua amante — Murmurou Emily com um soluço.

Fez-se um silêncio.

— Isso sim é um problema — Reconheceu Louise.

Sua irmã conseguiu sorrir e Louise a abraçou.

— Só te direi uma coisa, Emily. Se for completamente honesta, no próximo artigo escreverá que a mulher que acompanhava certo conde francês na festa dos Fester, usava o vestido mais formoso.

— Lucien é marquês e não conde — Retificou Emily.

Mas sorriu a sua irmã.

Capítulo 12



Gabby passou o resto da manhã em um opressivo estado de ansiedade. Não sabia quando seria o momento adequado para anunciar a Peter que seu compromisso estava quebrado ou se Quill quereria dizer ele mesmo e quando deixava de pensar nisso, era para imaginar Kasi Rao separado dos cuidados da senhora Malabright.

O único ponto positivo é que comparado com estas preocupações, o incidente do vestido tinha perdido importância, convertendo-se em um episódio ligeiramente embaraçoso.

As predições de lady Sylvia demonstraram ser exatas e quando Gabby voltou a descer as escadas, encontrou-se com o salão índio cheio de gente que tinham ido a ver a elegante dama do vestido indecente ou a indecente dama do vestido elegante, depende.

Sophie, a duquesa de Gisle, tinha chegado das primeiras.

— Acredito que estamos no mesmo navio — Disse com a risada dançando em seus olhos — Deveríamos nos compadecer de Careme, você o que acredita Gabby?

As damas presente notaram a familiaridade da duquesa com a senhorita Jerningham e a imitaram.

— Eu por minha parte nunca o recomendarei — Declarou uma delas com tom ácido — É evidente que cometeu um engano ao idealizar o vestido.

— Não se preocupe Amelia — Respondeu secamente lady Sylvia — Nenhum vestido se deslizaria de seu peito. E de todos os modos tampouco haveria nada que ver.

Sylvia era uma temível adversária.

Gabby saudou, sorriu, murmurou algumas bobagens, ruborizou-se cada vez que a palavra “sutiã” se pronunciava e tentou ignorar um nó na garganta cada vez que se abria a porta. Quill não estava ali. Além disso, era raro vê-lo

aparecer antes da noite, mas supunha que ao menos iria almoçar. Ou não?

— Tudo está saindo bem, pequena — Declarou lady Sylvia quando as últimas visitas se foram — E pode agradecer a Sua Graça. Acredite-me, uma se pode confiar nessa mulher.

A porta se abriu e o coração de Gabby se desbocou. Sentia-se extremamente turvada pela lembrança dos apaixonados beijos de Quill, pela espécie de grunhido que saía de sua garganta quando ela... Agarrou uma baforada de ar.

Mas se tratava de Peter.

Gabby apenas o olhou nos olhos. O que pensaria se chegava a adivinhar o que havia feito com seu irmão? O humilharia diante de todos já que a noite anterior a tinha apresentado como sua prometida.

Tivesse querido que a tragasse a terra. Ou melhor, refugiar-se entre os braços de Quill e recordar porque ia fazer algo tão escandaloso como casar-se com o irmão de seu prometido.

Estremeceu. Em realidade tinha passado a manhã em um estado febril e começava a estar de muito mau humor.

Quill apareceu quando a família estava sentando à mesa e ela supôs que não ele havia dito nada a Peter. Mas trocou de opinião ao constatar, para a metade da comida, que o ambiente estava muito tenso entre os dois irmãos.

Estavam falando de um incêndio que tinha destruído um botequim no Argyle Street e as suspeitas se dirigiam para um cliente do botequim ao que se negaram a dar um bolo de carne.

— Há duas coisas que não quadram nessa história, tal e como a contaram — Observou Gabby — Para começar é pouco acreditável que lhe tenham negado o bolo de carne em um estabelecimento desse tipo. E depois, se assim foi, é estranho que o cliente em questão se zangasse até o ponto de queimar o lugar. Por que não foi comprar seu bolo de carne em outro lugar?

Quill a olhava com os olhos brilhantes e Gabby franziu o cenho para que fosse mais discreto.

Peter defendeu sua versão dos fatos.

— Aparentemente só restava um bolo de carne e o dono o tinha

prometido ao agente da polícia, ou mais bem, à mulher do agente de polícia.

Sorriu a Gabby bastante condescendência.

— Não terá que reprovar já que a que se aproveitou do bolo era uma formosa mulher.

— Troia foi destruída pelos olhos de uma mulher, Peter — Objetou Quill — Quer dar a entender que podia ter ardido Londres para satisfazer o apetite da mulher de um policial?

— O dono do botequim deveria ser felicitado por ter posto a promessa feita a uma dama por cima das considerações de tipo material.

Quill dirigiu a seu irmão um olhar tão irônico que Gabby temeu que a conversa degenerasse em uma briga familiar. Felizmente, nesse momento chegou Codswallop com o seguinte prato.

Quill desapareceu assim que terminaram de comer e às cinco da tarde entrou despreocupadamente (despreocupadamente!) no salão para propor ir dar um passeio ao Hyde Park. Ela teve que fazer provisão de tudo seu sangue-frio para não gritar de irritação.

Conseguiu assentir e subiu a trocar-se.

Quill a olhou partir e notou que parecia um pouco molesta. A verdade é que ela tinha bruscas mudanças de humor, às mulheres que tinham mau gênio as chamava “sensíveis”.

Peter ficou ao lado de seu irmão e o arrastou até a janela fora do alcance dos ouvidos de lady Sylvia.

— E? Quando pensa fazer sua proposta de matrimônio?

Quill lhe observou.

— Que diabos aconteceu a seus cabelos? Pusestes algo?

Peter esteve a ponto de dar um chute no chão.

— Vou perguntar de novo. Quando vai decidir? Pesava que o faria no café da manhã, não me atrevi a dirigir a palavra a Gabby em todo o dia e estou seguro que está assombrada por minha má educação.

— Pedi esta manhã — Disse Quill olhando pela janela.

Estava custando um grande esforço conservar um tom de voz normal:

tinha vontade de gritar aos quatro ventos que a encantadora Gabby tinha aceito converter-se em sua esposa. Ela ia casar se com ele; um doente, comerciante, taciturno, um homem que se afastou das festas para dedicar-se aos vulgares negócios.

Para falar a verdade, esse era um problema que lhe tinha estado preocupando durante todo o dia. Gabby não sabia o mau negócio que acabava de fazer.

— E?

Peter estava quase gritando.

— Responderá dentro de um momento— Respondeu Quill despreocupadamente.

— Meu Deus, tudo se chateou! — Gemeu Peter passando uma mão pelos cachos que havia feito fazer ao Rinsible quarenta e cinco minutos de trabalho e uma grande quantidade de pomada — Se precisa pensar é porque está procurando a maneira de dizer que não sem te incomodar. Já sabia eu que nunca te aceitaria!

— Esta manhã me pareceu bastante disposta a fazê-lo — Replicou seu irmão esforçando-se por esquecer os gemidos de prazer de Gabby.

— Ela é muito amável, mas te rejeitará, estou seguro. Já disse, em outras circunstâncias apreciaria sua companhia. Acredito que ao final o farei se te rejeita. Não posso ir a América, ali não são... É um país de selvagens. Bom, acredito que me casarei com ela. Ao menos graças à duquesa de Gisle, livrou-se do pior.

Peter fez a um lado seu mau humor para olhar a seu irmão.

— Não te parece curioso que o sutiã de Sua Graça caísse justo depois do de Gabby?

Para Quill isso não era nada estranho, Sophie tinha convertido na segunda em sua lista de mulheres preferidas... Lista que só continha dois nomes. Embora ainda conservasse uma boa lembrança de uma jovem camponesa chamada Anne que o tinha liberado de sua virgindade uns quinze anos antes.

Encolheu de ombro e Peter, acostumado a seus silêncios, não se incomodou.

— De modo que Gabby ainda não te respondeu — Continuou.

Quill continuava calado. É obvio que Gabby havia dito que se casaria com ele, mas isso foi antes que decidisse que ela tinha elegido mau. Um comerciante doente! E para acabar o de arrumar, afligido de enxaquecas.

— Só terá que me piscar um olho durante a janta — Concluiu Peter cada vez mais sério enquanto se colocava bem a gravata — Não se preocupe por mim, resignei-me a me casar com essa mulher.

Codswallop apareceu na porta no mesmo momento que Peter se dispunha a sair.

— A senhorita Jerningham está esperando, senhor Quentin.

Gabby, no vestíbulo, estava-se pondo as luvas; usava um casaco rosa e sua maravilhosa cabeleira estava recolhimento sob o chapéu. Lançou a Quill um impaciente olhar. Era evidente que não estava de muito bom humor.

O faetón estava estacionado diante da porta. Quill ajudou ao Gabby a subir e depois agarrou as rédeas.

Ela se esclareceu garganta.

— Já anunciaste a seu irmão nosso compromisso?

— Não. Primeiro queria estar seguro de que desejava se casar comigo.

Gabby entrecerrou os olhos. Acaso não tinha sido o bastante explicita essa mesma manhã atirando-se no tapete como uma fulana?

— Estávamos de acordo em fazê-lo — Disse secamente.

— Pensei que devíamos falá-lo mais detidamente — Declarou ele dirigindo o faetón para o Hyde Park.

Gabby estava se enfurecendo. Aproveitou-se dela e agora pretendia fugir? Ela não era nenhuma tola e sabia que ele queria livrar-se dela. Possivelmente o interlúdio da manhã lhe tinha convencido de que ela era “um presente usado” como dizia lady Sylvia. Bom, pois não ia se liberar tão facilmente.

Conseguiu conservar a calma.

— De que quer falar exatamente?

— Acredito que deveria te explicar o tipo de marido que seria.

Aí estava. Agora diria que ela se merecia a alguém melhor que ele, de

modo que rompia o compromisso por lhe fazer um favor. O que mais odiava Gabby era a covardia.

— Você escutou.

Depois de tudo, não tinha sido ela a que tinha proposto matrimônio, se houvesse sentido muito feliz casando-se com o Peter. E ainda o seria, pensou ferozmente.

— Um cavalheiro não se ocupa das coisas que eu faço Gabby. Investi em várias sociedades, uma profissão que a meu pai, por exemplo, põe os cabelos de ponta.

Ela conteve uma risada zombadora. Ele não podia realmente pensar que isso era uma desculpa!

— Meu pai se dedica a exportar mercadorias para os Países Baixos e Chines — Ela disse friamente — Não me ensinaram que um cavalheiro devesse pavonear-se nos salões esperando a que servissem a seguinte comida.

Quill fez uma pausa. Passou todo o dia repetindo a se mesmo que devia ser totalmente honrado com o Gabby e falar das sequelas de seu acidente. Dentro de pouco teria que lhe falar de suas enxaquecas.

— Quero te falar claramente das consequências de meu acidente de cavalo faz seis anos.

Agora que tinha chegado até aí, descobria que em realidade não queria lhe dar nenhuma desculpa a ela para que se negasse a casar com ele.

— O doutor Trankelstein, por exemplo, acredita que sempre coxearéi quando estiver cansado — Continuou sem embargo — Não posso dançar e há outras coisas...

Gabby dirigiu seus formosos olhos para ele e Quill pensou por um momento que estavam cheios de ira, mas era impossível.

— Não me incomoda sua claudicação, Quill.

Ele abriu a boca para responder, mas não lhe deu tempo a fazê-lo.

— Nem tampouco as outras sequelas de seu acidente.

Isso deveria calar sua boca, disse-se ela. Mas o muito bruto era um cabeça dura; realmente tinha trocado de opinião nessas poucas horas.

— Estou obrigado a te advertir que...

Ela interrompeu de novo.

— Não é necessário que vamos mais longe — Disse — Estou me dando conta de decidi... Abandonar-me, e eu gostaria de deixar de falar do tema. Depois de tudo estou afligida: tive dois noivos e estarei encantada de me casar com o Peter.

Estava apertando as mãos com força. Na cara de Quill havia uma expressão de dureza que quase lhe deu medo.

— Esta dando a entender que acredita que estou rompendo o compromisso?

Ela assentiu.

— Nunca faria uma coisa semelhante! — Grunhiu ele.

Gabby se deu conta de seu engano. Uma vez mais tinha ofendido a um inglês pondo em dúvida seu sentido da honra. Um cavalheiro nunca abandonava a uma dama: para as coisas de modo que fora a dama a que o fizesse.

Pô uma mão no braço.

— Quill, já que somos amigos não poderíamos falar com franqueza?

Quill estava um tanto desconcertado, não queria de maneira nenhuma que lhe falasse francamente se isso significava que ia dizer coisas como que tinha dois prometidos e que lhe dava igual casar-se com um ou outro. Ela sozinha tinha um prometido e era ele Gabby era dele.

Lançou um olhar assassino.

— Vamos, adiante! — Ladrou.

Ela mordeu o lábio inferior, ele parecia tão furioso como Peter quando tinha tentado lhe beijar. Realmente os ingleses eram muito suscetíveis quando se tratava de sua honra!

— O que quero dizer — disse com seu tom de voz mais razoável — É que tendo em conta nossa amizade, não precisa fingir que ainda quer se casar comigo. Não é necessário que tente procurar a maneira para que eu seja a que rompa o compromisso. Entendo-o perfeitamente.

O tom de sua voz deixava transluzir uma tristeza que desmentia suas palavras, mas pensaria nisso mais tarde. O importante era que sua dignidade ficasse a salvo apesar da situação. Felizmente a única pessoa que estava inteirada de seu breve compromisso era lady Sylvia, já que tinham decidido não dizer nada diante das visitas da manhã.

Quill deteve os cavalos, pôs o freio e deixou as rédeas sem pronunciar uma só palavra.

Gabby tinha náusea. Tivesse preferido mil vezes antes voltar para a casa antes que continuar com essa desagradável conversa. Disse tremendo um pouco.

Ele se virou para ela e suas coxas se roçaram, o qual fez que se ruborizasse ao recordar o modo em que se pegou a esse homem nessa mesma manhã. Não era estranho que o tivesse desejado casar-se com ela.

Ao ver que ele seguia em silêncio, ela fez uma profunda inspiração antes de repetir:

— Se não te incomodar, eu gostaria que voltássemos para casa.

Eram perto das seis da tarde e o parque se ia enchendo de gente elegante que ia ali só para deixar-se ver... O menos os que eram o bastante valentes para desafiar o frio.

O forte ar tinha posto cor nas bochechas de Gabby e ao Quill pareceu ainda mais desejável.

Deu-se conta de que não tinha deixado acontecer a ocasião para romper o compromisso, mas ele não ia deixar que fosse tão fácil. Em seus negócios se acostumou a efetuar retiradas estratégicas e estas retiradas sempre lhe produziam mais vontade de conseguir seus objetivos. Entretanto, estaria muito mal pôr a reputação de Gabby em interdição beijando-a em público até que lhe suplicasse que se casasse com ela.

O deixaria para a noite.

Sem tomá-la moléstia de dar explicações, voltou a agarrar as rédeas e fez que os cavalos comessem a andar.

Gabby engoliu seco, por um momento tinha acreditado que ele ia beijá-la. Mas para que? Ele já tinha o que queria: era livre de novo.

Olhou fixamente as orelhas dos cavalos tentando dominar sua tristeza. Felizmente seguia tendo a seu primeiro noivo; embora o segundo escapou, não tudo estava perdido.

Mas o nó que tinha na garganta dizia que não estava contente. Morria de vontade de casar-se com Quill e lhe dava exatamente igual casar-se ou não com o Peter. Além disso, para acabar de arrumar, este último seguro que sentia o mesmo respeito a ela.

Apertou os dentes.

Não vai chorar, pesou, maldição ontem ainda acreditava estar apaixonada pelo Peter!

Quill a olhou de esguelha. Seu Gabby parecia crispada. De repente recordou uma frase do Peter referente ao Patrick Foakes, o qual tinha convencido a todo mundo de que estava loucamente apaixonado pelo Sophie fazendo caso omissos das conveniências.

Deteve o faetón.

— Eu gostaria de voltar imediatamente para o Dewland House! — Exclamou ela quase gritando.

Ele jogou o freio e tirou as luvas.

Agarrou a mão esquerda em silêncio e começou a desabotoar os pequenos botões de pérolas dos punhos do vestido.

Olhava fixamente o revolto cabelo. Que diabos estava fazendo? Ele atirou a luva no assento de atrás e começou a tirar a outra. Gabby levantou os olhos, mas se encontrou com o olhar de alguém que passava, então voltou a olhar ao Quill.

O contato de suas mãos nuas era estranhamente íntimo.

Ainda sem dizer nada, ele depositou um beijo em cada uma das palmas das mãos dela e Gabby sentiu uma onda de calor.

Ele deslizou uma mão por suas costas e desceu até suas nádegas deixado no trajeto um rio de fogo. Quill conteve o fôlego o tempo justo para elevá-la e sentá-la sobre seus joelhos com decisão.

Apoderou-se dos lábios de Gabby, exigente, e ela se entregou a essa reclamação silenciosa; nem sequer se deu conta de que lhe agarrou do cabelo,

segurando a cabeça se por acaso ele queria pôr fim ao beijo. Não soube que quatro carruagens passaram lentamente a seu lado e que os passageiros se viravam para desfrutar do escândalo.

Quando pôr fim a soltou, sua voz era só um rouco murmúrio:

— Segue acreditando que desejo romper, querida Gabby?

Ao não encontrar palavras para responder, limitou-se a lhe acariciar os lábios. Então ele a agarrou pela nuca para lhe dar um beijo mais apaixonado ainda.

Depois levantou a cabeça, deixando-a tremente e com o coração desbocado.

— Segue acreditando que desejo romper? — Repetiu.

— Não.

— Então não volte a dizê-lo nunca!

Tinha afastado o chapéu e o cabelo emoldurava seu rosto. Ele agarrou o rosto dela entre suas mãos.

— Será minha esposa e não a de Peter. Nem sequer é a prometida de Peter, e sim a minha.

— Isso eu gostaria— Disse ela um pouco timidamente — Não desejo me casar com o Peter, Quill. Desejo me casar contigo.

Ao Quill ficava um pouco de sentido comum e tentou aferrar-se ele.

— Inclusive tendo em conta...

— Embora te atropelasse um carro enquanto voltamos para casa e tivesse que passar o resto de sua vida na cama.

— Esperemos que isso não ocorra — Grunhiu ele.

Voltou a depositar Gabby em seu assento, detendo um momento em suas encantadoras curvas.

Ela voltou a agarrar seu chapéu e o pôs com mãos trementes.

Quill a olhou de esguelha.

— Temo que tornei a danificar sua reputação.

— Não importa.

O coração dela saltava de alegria. Estava apaixonada, ele estava apaixonado, iam se casar. Ia casar se com o atraente, magnífico e robusto Quill.

— Falará com o Peter esta noite?

— Sim.

— Não acredito que o incomode muito — Disse Gabby pensativamente.

Recolheu as luvas enquanto a carruagem entrava no Picadilly com direção ao St James Square.

— É possível que não — Replicou Quill prudentemente.

Capítulo 13



Quill ajudou Gabby a descer do carro com um sorriso que esquentou seu coração. Apressou-se a ir ao seu quarto para trocar-se para o jantar.

Margaret a recebeu com uma reprimenda; não acreditava que os passeios em carro descoberto, quando fazia frio, não eram bom para a saúde. Não quis escutar as desculpas de Gabby.

— Vai adoecer! Além disso, você vem de um país quente! Pense no que diria ao senhor Peter. Seguro que ele menos quer é que você fique doente na cama.

— A verdade é que decidi não me casar com Peter — Declarou alegremente Gabby.

A donzela a olhou assombrada.

— Não vai se casar com o senhor Peter?

— Não, de fato me caso com o Quentin.

Margaret deu um grito de alegria.

— Vai se converter em viscondessa? É maravilhoso! — Exclamou com os olhos brilhantes — Vou ser a donzela pessoal de uma viscondessa!

Depois ficou séria.

Bom, se você quiser... Talvez preferisse contratar a uma francesa. A viscondessa Dewland tem uma donzela muito estirada a que chamam “*dame de compagnie*”.

Gabby se pôs a rir.

— Não tema Margaret; será a donzela de uma viscondessa. Mas espero que para isso falte muito tempo, não desejo nenhum mal ao visconde atual.

— Eu tampouco, certamente, senhorita.

Começou a escovar o cabelo de Gabby.

— Ninguém deseja que lhe aconteça nada mau — Continuou — Todos queremos ao visconde. E não é normal que morra em outro lugar que não seja sua própria cama.

— Eu não acredito que vá morrer Margaret — Objetou Gabby — Cada dia está melhor.

A donzela sacudiu a cabeça.

— Quando a pessoa tem um ataque como esse, sempre tem outro ao pouco tempo, senhorita. Deveria estar em sua casa, isso é tudo. Isso é o que todos nós pensamos.

— Estou segura de que voltará para Londres assim que os médicos o permitam — Murmurou Gabby um pouco preocupada com o comentário da Margaret — E espero sinceramente que esteja equivocada.

A criada franziu os lábios e se limitou a repetir que o visconde deveria voltar para sua casa.

A viscondessa chegou de Bath justo antes do jantar. Ao princípio Gabby se sentiu feliz de sua presença já que Peter e ela evitavam cuidadosamente se olhar. Quill devia ter falado com seu irmão ao voltar do passeio pelo parque, e teria informado que o compromisso estava quebrado.

Mas Kitty não trazia boas notícias, e parecia que Margaret não se equivocou em suas predições. Thurlow estava sumido em um estado de confusão do que dificilmente saía. Passava a maior parte do tempo dormindo e os médicos não confiavam em que se curasse.

Gabby não sabia como demonstrar sua simpatia. Peter se mantinha atrás da cadeira de sua mãe com as mãos apoiadas sobre seus ombros enquanto que Quill se mantinha um pouco afastado, ao lado da lareira. Ela desejava ir para ele e segurar sua mão, entretanto permaneceu no sofá ao lado de lady Sylvia.

Nesta ocasião, Kitty não derramou uma só lágrima quando lhes explicou a situação.

— Quanto tempo fica Kitty? — Perguntou lady Sylvia com uma voz excepcionalmente suave.

— Parece que poucos dias.

As palavras ressonaram no silêncio.

— Deveria partir esta mesma noite com os moços — Disse ao fim lady Sylvia.

Kitty se voltou para Gabby.

— Querida, lamento muito que este lamentável incidente tenha acontecido nada mais chegar você a Inglaterra.

— Isso carece de importância. Lamento muito e me sinto muito triste pelo visconde.

— É muito amável, Gabrielle. Estou segura de que será um grande consolo para mim.

Era evidente que Kitty se resignou à morte iminente de seu marido e ao Gabby deu um tombo o coração. E se fosse Quentin o que jazesse no leito sem esperanças de cura? Sem pensá-lo, levantou-se e se aproximou dele.

Ele pôs um braço ao redor de seus ombros e anunciou sorrindo:

— Mãe, Gabby decidiu casar-se comigo em vez de fazê-lo com Peter.

Gabby, inconscientemente, olhou ao Peter, mas este não parecia estar zangado absolutamente. Inclusive lhe dirigiu um amistoso sorriso.

Kitty pareceu desconcertada por um momento, mas depois seu rosto se iluminou.

— Que feliz me sinto, Quill! Gabrielle...

Aproximou para segurar suas mãos.

— Sempre quis que meus filhos se casassem por amor como eu. Dou-te novamente a bem-vinda à família, filha — Acrescentou beijando Gabby na bochecha — Mas temo que apesar de tudo logo estaremos de luto, Quill. Não vão ser possíveis umas bodas...

Quill assentiu.

— Possivelmente possa me casar com Gabby amanhã mesmo com uma licença especial.

Os olhos do Kitty estavam cheios de lágrimas, mas respondeu com voz firme:

— Essa seria uma boa ideia, querido.

Ele a beijou na testa e ela conteve as lágrimas.

— A Thurlow teria encantado os ver, Gabrielle e a você.

— Poderíamos nos casar em Bath — Sugeriu ele.

Desta vez ao Kitty escapou uma lágrima.

— Seria um detalhe por sua parte, Quill.

— Então isso é o que faremos mamãe.

Visivelmente esgotada, Kitty se deixou cair em uma poltrona.

Lady Sylvia se fez cargo da situação.

— Terá que dizer a quão criados comecem a fazer a bagagem. E temos que jantar antes que a cozinheira arranque os cabelos. Se formos ter que viajar quase toda a noite é melhor que antes comamos algo.

Puxou o cordão para chamar Codswallop e deu as ordens, depois se dirigiu a seu sobrinho:

— Quill, vete a ver o Beilby Porteus. É bispo e um amigo da família; não se negará a te dar uma licença especial.

O trajeto até Bath levou a metade da noite e Gabby não demorou para ficar adormecida apoiada no ombro de Quill.

No dia seguinte colocou o vestido mais recatado dos que lhe havia feito Careme e Margaret lhe fez um elaborado penteado sobre o qual segurou um véu de tulle bordado com flores de vários tons.

— De onde diabos tirou esse véu? — Perguntou Gabby estupefata.

Dadas as circunstâncias não esperava ter umas bodas normal.

— O senhor Quentin foi buscá-lo na loja do senhor Careme — Explicou a donzela.

Gabby sorriu. Na noite anterior, Quill tinha saído imediatamente depois da conversa, e enquanto outros jantavam em silêncio, ele tinha ido pedir a autorização especial ao bispo. E tinha tido tempo de pensar no véu.

Uns minutos depois entrou lady Sylvia. As bodas teria lugar no dormitório do visconde, no último andar do hotel.

Gabby, um pouco torpe, manteve-se em um canto evitando olhar para a cama. Como nunca tinha visto o visconde, parecia fora do lugar entrar em seu quarto.

Quill estava ao lado de um jovem vigário que estava benzendo ao visconde. Gabby estremeceu; era bastante mórbido; nunca se tivesse imaginado que o dia de seu matrimônio seria assim. Imaginou-se a se mesma subindo para o altar em uma enorme igreja enquanto Peter a olharia com adoração... Suspirou.

O rosto de Quill expressava toda sua dor e o cansaço acentuava sua claudicação. Gabby morria de vontade por ajudá-lo, mas não sabia como fazê-lo, parecia incorreto aproximar-se da cama.

Depois de um tempo que pareceu infinito, o jovem vigário foi a seu encontro.

— Estou preparado para começar a cerimônia, senhorita Jerningham.

Ele também estava pálido e tenso. Para todos os presente era umas bodas estranha.

A família se agrupou ao redor da cama enquanto lady Sylvia permanecia sentada em um extremo da habitação em companhia do médico.

Quill parecia imperturbável. Kitty e Peter estavam no outro lado do leito. A viscondessa acariciou a mão inerte de seu marido.

— Começemos — Disse Quill com uma voz desprovida de emoção.

Gabby lhe apertou o braço.

— Sim? — Disse ele.

— Não quer me apresentar ao seu pai? — Sussurrou ela.

— É obvio.

Afastou-se para que ela pudesse ver o visconde. Era um homem corpulento que se parecia muito a seu filho mais velho. Estava mortalmente pálido, mas parecia estar dormindo placidamente, tão placidamente que o peito apenas se levantava sob os lençóis.

— Pai — Disse Quill — Eu gostaria de te apresentar a Gabrielle Jerningham, com a quem vou casar-me.

Não se viu nem sequer uma tentativa de resposta.

Kitty lhe pôs uma mão na bochecha.

— Acredito que Thurlow nos ouça. Esta manhã lhe falei das bodas...

Querido! — Disse mais alto enquanto se inclinava.

As pálpebras de Thurlow se abriram e seu olhar se pousou em sua esposa. Murmurou umas palavras.

— O que diz querido?

— Amo — disse — Te amo — Disse ele com toda clareza — Formosa Kitty.

Gabby, com um nó na garganta, pousou brevemente sua mão na do visconde.

— Encantada de lhe conhecer milorde.

Depois o pastor começou com voz suave:

— Queridos amigos, reunimo-nos aqui, sob o olhar de Deus, para unir a este homem e a esta mulher em matrimônio...

Quill agarrou as mãos de Gabby e ela se agarrou a ele como se sua vida dependesse disso.

O vigário continuava falando.

— Não se trata de satisfazer os desejos carnis, mas sim de amar-se com compreensão, respeito e amor diante Deus.

Quill agarrou ar. Não podia acreditar que estivesse casando-se com o Gabrielle Jerningham. Era consciente da presença de seu pai à direita, das palavras do pastor, de sua mãe que se levava a mão do visconde à bochecha; mas sobre tudo pensava em sua esposa, em seus formosos olhos que brilhavam de pena por um homem ao qual mal conhecia em sua luxuriosa cabeleira meio escondida pela nuvem de tulle...

Repetiu atrás do vigário:

— Eu, Quentin Matthew Claudius Dewland, tomo a ti, Gabrielle Elizabeth Jerningham, por legítima esposa e juro te amar no bom e no mau, na riqueza e...

Durante esse tempo, Gabby via vagamente que a viscondessa acariciava a mão de seu marido e que Peter esboçava um sorriso do outro lado da cama, mas a habitação se diminuiu e só era capaz de ver realmente o verde olhar do Quill e suas grandes mãos sustentando as suas.

— ... Na enfermidade e na saúde — Disse ela com voz firme — Para te amar, te respeitar e te obedecer até que a morte nos separe.

Quill sorriu e esse sorriso lhe chegou diretamente ao coração. Ele lhe pôs um anel no dedo anelar.

— Com este anel te faço minha mulher. Com meu corpo te honrarei e todo o meu será seu.

A viscondessa chorava em silêncio.

O pastor benzeu suas mãos unidas.

— Eu os declaro marido e mulher.

Quill deu um passo para frente, levantou o queixo de Gabby e pousou seus lábios nos dela. Não houve então essa paixão que se apoderava dele assim que se aproximava dela; foi um beijo terno e delicado.

Gabby lhe rodeou o pescoço com os braços e se pegou a ele. Por um instante, Quill se esqueceu de onde se encontrava. Estava feliz. Casou-se com ela! Ela era dele, essa deliciosa mulher, sua mulher.

Kitty rodeou a cama e, um segundo depois, Gabby era beijada de novo com ternura rodeada de um ligeiro perfume.

— Estou muito contente, querida, e Thurlow também o estaria. Desejarias toda a felicidade do mundo. Bom, vos deseja toda a felicidade do mundo, porque estou segura de que é consciente de tudo o que acaba de acontecer. Gabrielle...

— Mãe... — Interveio com calma Quill, que estava à cabeceira.

O visconde tinha os olhos fechados e os braços inertes. Gabby acreditou que dormiu, mas Quill colocou sua mão sobre os lençóis e o pastor tocou sua testa murmurando:

— Vá com Deus, meu filho.

— Oh não, Thurlow, não! — Suplicou Kitty antes de lançar-se nos braços do Peter.

Gabby se retirou discretamente ao canto no que estava lady Sylvia.

Os votos do matrimônio traziam grandes mudanças, disse Gabby uns minutos depois, quando estava de volta em seu quarto.

Uma parte dela estava fascinada pelo fato de que Quill podia (tinha todo o direito a fazê-lo) entrar em seu dormitório embora ela estivesse em camisa enquanto uma costureira contratada precipitadamente tomava medidas para fazer um vestido negro.

Por outra parte tentava não tirar nenhuma conclusão pelo fato de que seu matrimônio tivesse passado do branco ao negro em questão de segundos, da alegria à tristeza. Mas era difícil com uma imaginação como a sua.

A superstição, dizia frequentemente seu pai, era próprio de civilizações primitivas e Gabby desejava acreditá-lo.

Mas só quando a porta se abriu dando passo a um homem magnífico, compreendeu até que ponto sua vida tinha trocado.

Ele a percorreu com o olhar e depois olhou à costureira que tomava rápidas notas e pôr fim a Margaret que estava esperando para voltar a vestir a sua senhora.

A um sinal de Quill, a donzela deu um salto e levou a costureira com ela.

Sem ter tempo nem sequer de expressar sua surpresa, Gabby se encontrou a sós com seu marido, plantada em meio do quarto.

Capítulo 14



Gabby mordeu o lábio, teria ele intenções de consumir o matrimônio imediatamente? Eram duas da tarde, embora certamente, quando a beijou em cima do tapete da biblioteca, tinha sido mais cedo ainda.

Notou que se ruborizava.

Sim, ele faria. Tinha ouvido falar com os criados sobre recém-casados que não saíam de seu dormitório em três dias, de homens que, inclusive durante a cerimônia, não podiam evitar acariciar a suas esposas. Gabby sempre tinha escutado essas histórias, fascinada.

Imóvel, já sonhava com suas carícias e seus lábios, e sua pele ardia com antecipação.

Em realidade, não era nisso no que pensava Quill enquanto entrava no quarto.

Tinha a intenção de manter com ela uma conversa prudente; queria informar a de que iam esperar que passasse o funeral para consumir o matrimônio, não queria arriscar-se a perdê-la cerimônia por estar convexo na escuridão, derrotado pela dor de cabeça, com compressas frias nos olhos e incapaz de mover-se.

De todos os modos ela não podia já tornar-se atrás, casou-se com ele e tinha prometido obedecer. Possivelmente pudessem fazer amor quando estivessem de volta em Londres. Depois de todo seu pai estava... Não queria pensar mais nisso. Nunca tinham estado muito próximos e menos ainda depois de seu acidente já que o visconde tinha sido incapaz de aceitar a ideia de ter um filho impedido, um filho que se colocou no comércio e outras ocupações igualmente degradantes. Entretanto Thurlow tinha sido seu pai e Quill sentia uma surda dor no fundo do coração.

Apesar de sua decisão, assim que entrou no dormitório pareceu que se afogava. Ela sozinho levava em cima uma fina regata de algodão que à contraluz deixava ver suas voluptuosas curvas, sua magra cintura, seus

redondos quadris, seus magníficos seios e a graciosa curva de seu pescoço.

Contemplou-a do sedoso cabelo até a ponta das sapatilhas como se fosse uma desejada estátua de porcelana.

E não pôde falar.

— Quill?

Ela apertava-se nervosa as mãos.

Todo o domínio de Quill, resultado de seis anos de sofrimento, voltou a fazer sua aparição. Tanto para a dor como para o prazer, nunca permitiria que seu corpo dominasse a sua mente. Mas estava surpreso ao dar-se conta de que tinha estado a ponto de saltar sobre Gabby e ao diabo com as enxaquecas.

Fez um gesto vago com a cabeça e foi sentar-se em uma poltrona perto da lareira estirando suas longas pernas como se a imagem de sua esposa meio nua fosse completamente indiferente. Entretanto morria de vontade de possuí-la ali mesmo, sobre o tapete, sobre o leito, sobre a poltrona... Uma e outra vez até que seu insuportável desejo estivesse satisfeito e voltasse a ser o homem racional que sempre tinha ido. Alguém que sabia perfeitamente o que eram o dever conjugal e o respeito filial.

O respeito filial! Tinha estado a ponto de esquecer-se dos funerais!

O coração de Gabby pulsava com tanta força que quase se sentia doente. Em quando Quill deixou de olhá-la se apressou a vestir o roupão. Se não se equivocava, ele tinha estado a ponto de tombá-la no chão.

Não lamentava que tivesse trocado de ideia. Era bem sabido que os homens e as mulheres faziam essas coisas na escuridão, sob os lençóis e preferentemente avançado a noite.

Atou o cinturão do roupão e se sentou frente a seu marido. Ele tinha um perigoso atrativo e, como parecia que se esqueceu de momento dela, permitiu-se lhe admirar a prazer. Suas musculosas pernas estavam embutidas em umas calças cor ocre, seu cabelo tinha reflexos de mogno sob os raios do sol. E suas mãos... Essas mãos que tinham despertado nela as mais estranhas sensações quando lhe tinha pedido que se casasse com ele. Sentia um formigamento por todo o corpo.

Removeu-se levemente em seu assento. Estava nervosa, mas desejava que

ele voltasse a olhá-la. Mas quando o fez, não foi com o brilho de prazer que ela esperava. Seus olhos careciam de toda expressão.

— Temos que falar de nosso matrimônio — Disse ele depois de esclarecer a voz — Deveríamos... Nos pôr de acordo desde o começo. Um princípio que ditará o futuro de nossas relações...

Apertou os dentes. Estava sendo muito torpe, não era de estranhar que Gabby parecesse tão desconcertada.

— O que quero disser — Voltou a começar — É que temos que ser sinceros o um com o outro.

Ela assentiu com o coração em um punho. Acaso estava se arrependendo de haver-se casado com ela? Quem dera tivesse estado vestida quando ele entrou! Ao melhor ao não ele gostavam dos quadris arredondados. Possivelmente...

— Haverá momentos nos que você me dirá o mesmo, querida, e eu o aceitarei de boa vontade. Depois de tudo, com um pouco de sorte, estaremos casados muito tempo.

Gabby, que não entendia nada, franziu o cenho.

Ele continuava falando tranquilamente de habitações separadas e de cortesia no matrimônio.

Uns instantes depois esteve segura de que ele lamentava seu matrimônio. Surpreendida, ouviu-se se mesma exclamar:

— Não!

Quill levantou uma sobrancelha.

— Não tinha nem ideia de que o desejasse tanto, Gabby. Depois do falecimento de meu pai preferiria dormir sozinho mais se insistir...

Ela se sentia muito humilhada. Certamente que não o desejava tanto! Abriu a boca mais não conseguiu dizer nada. Estava... Estava...

— Não tenho nada em contra Disse por fim.

Não lhe ocorreu que mais podia acrescentar. Ao carecer de experiência, não podia dizer muito mais, mas tinha a sensação de que ia se afogar se ele não a abraçava. Não ia poder pegar olho em toda a noite.

Quando Quill havia dito “com meu corpo te honrarei”, ela tinha podido comprovar que seu próprio corpo estava despertando e que o sangue corria alegre por suas veias.

— Mas eu acreditava...

As palavras morreram em sua garganta. Não ia envergonhar mais a si mesma. De modo que ele não queria consumir o matrimônio antes de voltar para Londres e o que? Ela certamente tampouco teria vontade de fazer o amor se fosse seu pai o que acabava de morrer.

— Sinto muito, Quill. Não queria faltar com respeito à memória de seu pai nem a sua tristeza. Envergonho-me de minha reação.

Os olhos lhe encheram de lágrimas.

— Lamento-o tanto por você e por sua família! Suplico-te que me perdoe. Meu pai e eu não estamos muito unidos de modo que esqueci o muito que deve estar sentindo falta do visconde. É imperdoável por minha parte ter esquecido sua dor. Quer dizer, não é que o tenha esquecido realmente, mas...

Calou-se.

Dor? Sim, isso é o que estava sentindo enquanto olhava as nervosas mãos dela. Nem sequer se atrevia a olhar seu rosto nem seus lábios carnudos.

Raras vezes tinha odiado tanto ao destino. O, Quentin Dewland, agora já visconde Dewland; não podia deitar-se com sua mulher. Era injusto! E a expressão decepcionada na face de Gabby lhe destroçava.

Porque sua esposa estava decepcionada. Já tinha conseguido decepcioná-la e só tinham casados umas horas. Afastou esse pensamento com raiva. Tinha decepcionado seu pai uma centena de vezes, sobre tudo quando, depois do acidente, não pôde levantar-se da cama.

— Os Dewland não são fracos — Havia rugido — Tem um pouco de força de vontade, moço. Se levante!

Mas Quill era incapaz de mover-se e recordava com amargura a sensação de fracasso. Tinha-o tentado uma e outra vez depois de que seu pai tivesse saído da habitação dando passos longos. E tinha topado com o chão. E o que ainda era mais humilhante é que se teve que ficar ali várias horas até que apareceu um criado. Urinou-se em cima porque não podia arrastar-se até a

campainha ou até o urinol. Com pouco mais de vinte anos tinha sido tão incapaz de valer-se se por acaso mesmo como um bebê.

Ao recordá-lo se sentiu invadido por uma onda de cólera. Seu pai estava morto e se o fazia o que desejava fazer com o Gabby, seria incapaz de ocupar-se de seus funerais.

Incorporou-se. Já teriam tempo de fazer amor mais adiante, sua esposa podia esperar, entretanto sua mãe nunca lhe perdoaria que sucumbisse a uma enxaqueca quando necessitava tanto.

— Pode que seja o melhor — Disse com franqueza — Depois de tudo recentemente que nos conhecemos. E, além disso, a primeira vez não é muito agradável para uma mulher — Acrescentou com um encolhimento de ombros — Mas suponho que já sabe.

Gabby avermelhou.

— Não, ignorava-o.

Quill se sentiu subitamente irritado. Maldição, Gabby lhe pertencia, só tinha que esperar a que o tivesse tempo de ocupar-se dela! Ele não era um garanhão ao seu dispor! Uma vez que tivessem retornado a Londres só compartilhariam a cama de vez em quando. Tinha muito trabalho para suportar muitas enxaquecas.

Dirigiu-se ao outro extremo do quarto com o queixo levantado. Gabby tinha estado a ponto de lhe arrastar a uma indecente intimidade poucas horas depois da morte de seu pai. A frustração o fez ser cruel.

— Sei que é uma mulher apaixonada, Gabby — Disse sem se incomodar de olha-la — Mas não tolerarei que olhe com desejo a outro homem que não seja eu.

Deu um salto o coração.

— Certamente que não o farei — Sussurrou terrivelmente mortificada, ao ver que ele a tomava por uma fulana.

— Não te ouvi bem, o que respondeu? — Insistiu ele pondo a mão em cima do mogno da lareira.

— Não o farei — Repetiu ela.

— Perfeito. Bem, acredito que chegamos a um acordo. Como te dizia, é

melhor que organizemos em seguida nossa vida em comum.

A jovem fez uma tremente inspiração. Quill parecia estar a ponto de sair. Não lhe conhecia muito, em efeito, mas sim o suficiente para saber que essa desagradável atitude não era própria dele.

— Espera! — Gritou.

Ele se virou quando já estava chegando à porta.

— O que acontece Gabby? Tenho dispor algumas coisas.

Ela se levantou e se aproximou dele apesar de que lhe tremiam as pernas e não se deteve até que quase lhe tocou. Pô as mãos no peito.

— Acredito que deveríamos falar um pouco mais — Disse — Não — continuou rapidamente ao ver que ele estava a ponto de protestar — Não da consumação de nosso matrimônio. Nesse aspecto farei o que você diga. Não sou estúpida, Quill, não tenho intenções de te enganar para te atrair a minha cama enquanto esta chorando por seu pai.

Interrompeu-se, mas ele se limitava a olhá-la em silêncio.

— Às vezes a dor é menor quando se compartilha — Continuou ela brincando com um dos botões de prata de sua jaqueta — Meu pai está vivo, de modo que realmente não posso compreender sua tristeza, mas perdi a um amigo muito querido quando era uma menina. Chamava-se Johore e eu lhe queria muito. Depois de seu desaparecimento...

Quill apenas a escutava. Ela estava muito perto dele como para que fosse capaz de pensar em outra coisa que não fosse seu perfume de jasmim, uma promessa de prazer.

— Já vê — Disse Gabby — Estamos casados e acredito que não importa muito quando fizermos amor. Quão único importa é que falemos sem aborrecimento.

Ele moveu a cabeça com um gesto brusco. Como tinha chegado a dar uma volta sobre o matrimônio?

— Quando alguém está zangado, fala zangado — Contestou.

— É melhor que deixemos a ira fora de nossa relação— Replicou ela com seus belos olhos dourados cheios de simpatia — Realmente não estas zangado comigo, Quill, e, entretanto se comporta como se houvesse feito algo errado.

Ele não podia negar que tinha razão.

— Não deveria ter falado desse modo, Gabby. Suplico que me perdoe.

Deu um passo para trás e se inclinou.

— Por favor, aceite minhas desculpas milady.

Perplexa, mordiscou-se o lábio inferior.

— Milady? Por que me chama assim?

Seu lábio estava tomando a cor das cerejas amadurecidas e Quill se esforçou por tentar conservar o sangue-frio.

— Agora é uma dama, a viscondessa Dewland.

— Isso não é motivo para fazê-lo!

Ele recuou outro pouco, procurando às cegas o pomo da porta.

— Já falamos o bastante?

Ela se estremeceu. Tudo isso soava a falso. Não podia obrigá-lo a falar mais tinha que tentar de novo. Por algo seu pai dizia que era uma cabeça dura.

— Não, ainda não — Declarou apoiando-se na beira da cama.

Desviou os olhos. Esperava que Quill não se atrevesse a abandonar o dormitório.

Ele conteve um sorriso. Sua pequena esposa sabia muito bem o que queria.

Aproximou-se dela, olhou-a um momento sem dizer nada e depois se sentou a seu lado na cama... O qual certamente era um engano.

Os olhos de Gabby expressavam compaixão e ele se sentiu irritado. Odiava que lhe compadecessem; mas ela era sua mulher e certamente teria piedade dele até o dia de sua morte assim que conhecesse o alcance de sua enfermidade... E ele não poderia evitá-lo.

— Odeio que me compadeçam — Grunhiu.

Ela entreceerrou os olhos.

— Entretanto é algo normal. Amava a seu pai e agora morreu. Como poderia não senti-lo por você?

Quill não sabia que responder.

Ao cabo de um momento, Gabby rompeu o silêncio.

— Deveria aprender a se expressar melhor, Quill, do contrário passaremos toda a vida nos olhando sem dizer nada.

— Felizmente eu adoro te ouvir falar.

A brincadeira não a fez rir.

— Não é muito agradável falar sozinha. Eu gostaria de te ouvir. Por que está de tão mau humor?

Ele seguia calado.

— Espero — Voltou a dizer ela um pouco secamente — Que não tenha de verdade a intenção de me fazer o papel da sedutora e você o de um inocente santo.

Ele não pôde evitar tornar a rir.

— Isso é o que tenho feito? Certamente que não! — Protestou ele.

— Sim! Tive a sensação de ser uma... mulher de má vida que te tivesse abordado na rua.

— O que sabe suas de rameiras, Gabby?

— Não muito, já sabe. E já que sabe que careço de experiência por que me fez sentir... Indecente? Não esteve nada bem por sua parte, Quill.

— Maldição, Gabby! Sempre diz tudo o que te passa pela cabeça?

— “Diga a verdade, dela sempre sairá o bem”: isso é o que diz frequentemente meu pai.

— Me perdoe. Não queria que se sentisse indecente, Gabby. Tinha remorsos por que... Porque não vamos compartilhar a cama antes dos funerais por meu pai. Ah! E, além disso, tenho que te confessar algo...

Pôs a mão em cima da sua. Ele baixou os olhos e depois entrelaçou seus dedos com força.

— Não posso te fazer amor, Gabby — Disse com voz alterada — Daria tudo o que possuo por te tombar nessa cama agora mesmo, mas é impossível.

Ligeiro silêncio.

— Por quê?

Quill emitiu uma risada seca.

— Casei-me contigo sem te dizer toda a verdade; poderia fazer que o matrimônio fosse anulado.

Ele tinha os dentes apertados.

Ela empalideceu.

— É incapaz... De ter relações, Quill?

— Isso seria preferível — Respondeu o com amargura — acho seria mais fácil.

— Não o entendo.

Ele apertou sua mão, guardando silêncio.

— Como... Por que não pode manter relações comigo, Quill?

Ela tentava encontrar uma explicação, mas nenhuma das que lhe ocorriam era agradável. Pode que ele não a desejasse o suficiente. Isso era algo que também tinha aprendido escutando aos criados: alguns homens só podiam ser “ativos” quando da mulher gostavam.

Já que ele seguia em silêncio, esclareceu-se garganta.

— É por minha culpa, Quill?

Queria sabê-lo e ao mesmo tempo não queria saber nada absolutamente; parecia que seu coração se estava rompendo em mil pedaços. Sem dúvida seu pai tinha razão quando deu graças ao céu por ter a oportunidade de entregá-la em matrimônio a um homem que nunca a tinha visto.

— Não tem nada que ver contigo — Afirmou ele — Tentei dizer isso antes das bodas, Gabby. Nunca me recuperei por completo do acidente.

— Oh!

— Cada vez que faço amor, devo suportar as consequências.

— Que consequências?

Seu coração parecia mais ligeiro de repente.

— Ouviu falar das enxaquecas?

— Vagamente.

— São umas dores de cabeça muito violentas acompanhadas de náusea e

vômitos que duram de três a cinco dias. Durante esse tempo não posso me mover.

— Não se pode fazer nada?

— Se permanecer na escuridão, sem comer, duram menos.

— Mas não existe nenhum medicamento que possa te aliviar?

Ele negou com a cabeça.

— Doeu-te quando estivemos na biblioteca? — Perguntou ela em voz muito baixa — Devia ter me dito.

Ele esboçou um sensual sorriso.

— Parecia estar sofrendo?

— Sim... Bem... Não?

Ele rompeu a rir.

— Sofria Gabby, mas não era o mesmo tipo de dor.

Acariciou sua bochecha, mas lhe apartou a mão.

— Não faça isso! Quando me toca não posso pensar. De que tipo de dor esta falando?

Seus olhos tinham a cor das folhas em outono, pensou ele. Como avelãs. As palavras não bastavam para descrever a maneira em que trocavam segundo a luz. Inclinou-se para beijá-la.

Ela se sobressaltou e ele tomou seus lábios, tão ternos, entre os dentes. Depois desatou o cinturão do roupão e o fez deslizar pelos ombros.

— Parece que esteja sofrendo? — Murmurou.

— Não.

Conseguiu soltar-se fazendo um enorme esforço.

— Está me confundindo. Se na biblioteca não sentia dor, que é então o que provoca as enxaquecas? Sigo sem entendê-lo.

Ela estava retorcendo as mãos e então ele o entendeu.

— Não sabe de que estou falando não é assim?

— Claro que sei! — Exclamou — Pode que não conheça os detalhes, mas tenho uma ideia geral. E quero particularizar que certamente outras mulheres

estão em na mesma situação. Minha mãe morreu ao me dar a luz sabe? E não posso imaginar a meu pai me explicando como são as relações íntima entre um homem e uma mulher.

Em realidade seu pai tinha sido do mais direto:

— “Se não morrer de cansaço antes das bodas te ouvindo tagarelar, então se dará à bebida. Melhor ele que eu. De modo que, suplico-te que contenha a língua até que coloque a corda no pescoço.”

Gabby perdeu um pouco de sua segurança.

— Não sei a que se refere exatamente — Reconheceu — Me quer explicar isso? Me incomodaria muito te provocar uma enxaqueca.

Estava vermelha de vergonha.

Quill a agarrou entre seus braços e a pôs em cima dos joelhos, afogando um gemido de prazer quando sentiu seu peso nas coxas.

Gabby, sem lhe olhar, tampava-se as bochechas com as mãos para ocultar o rubor.

Ele permitiu que sua mão se deslizasse até um de seus seios e, instintivamente, ela se arqueou para ele. Ele emitiu um pequeno grunhido.

— Dói-te? Meu Deus! Sente-se mau?

Parecia a ponto de ficar em pé de um salto e ele esteve a ponto de romper a rir.

— Não.

Calou-se, distraído com o ligeiro estremecimento que a percorreu enquanto acariciava seu rosado mamilo.

— Sabe Gabby? Nunca tinha me casado.

— Eu sei — Balbuciou ela.

Tinha que o deter porque não podia pensar em nada que fosse o que lhe estava fazendo.

Como se ele o tivesse adivinhado, deteve-se, com a mão sustentando seu seio. Ela vibrava como a corda de um violino sob o arco.

— Nunca estive casado — Continuou ele — De modo que nunca fiz amor de verdade. Só mantive relações sexuais. Parece que a coisa é muito diferente.

A única pessoa com a que tinha falado um tema tão pessoal era seu antigo companheiro de classe, Alex Foakes, o conde de Sheffield. Depois de uma noite na qual ambos tinham bebido o bastante, Alex tinha confessado que depois de haver feito amor com sua esposa, uma relação com qualquer outra mulher lhe teria parecido muito insípida.

— Muito... — Repetiu ela.

Ele não sabia o que Gabby estava pensando. Não podia ver seu rosto, mas teria jurado que se estava mordiscando o lábio inferior.

— Quando tinha relações com essas mulheres, depois sempre tinha enxaqueca?

— Sim.

Seu polegar tinha começado de novo a acariciá-la.

— Estranharia que o matrimônio mudasse algo — Disse ela com uma lógica inesperada — Temo que nos veremos obrigados a nos adaptar. A mim parece que é uma reação puramente física. Uma de minhas amigas da Índia, sempre vomitava quando comia mamão.

Quill suspirou.

— Eu gostaria que fosse coisa do mamão.

— O disse aos médicos?

— Sim; inclusive consultei com sir Thomas Willis em pessoa. É um especialista em enxaquecas. Teve o descaramento de me dizer que devia estar equivocado no que dizia por que, segundo ele, as enxaquecas não podiam ser o resultado de uma ferida na cabeça.

— Vá chateio! E conseguiu lhe convencer?

— Quando tive a seguinte crise, fiz vir a minha casa. Willis admitiu que eu parecia estar sofrendo uma enxaqueca, mas como está convencido de que as dores de cabeça se devem a uma debilidade nas veias do cérebro, disse que eu era uma exceção. Finalmente concluiu que não havia outro remédio além do láudano.

Gabby pôs uma mão em cima da dele para que ficasse quieto mais ele se negou a abandonar seu seio.

— Temos que falar do tema tranquilamente, Quill. Necessito que me fale

de... Do ato conjugal. Vamos ter que determinar que é exatamente o que provoca os dores de cabeça para que possamos evitar fazê-lo. Assim foi como Sudhakar descobriu porque Leia vomitava e emagrecia. Encantavam os mamilos e sempre comia muitos.

— Adoro seus seios... Quem é Sudhakar?

Ela levantou a vista para ele.

— Se não te estiver quieto me sentarei em outra parte — Ela repreendeu.

— Estarei quieto — Prometeu ele encerrando-a entre seus braços.

A calidez do Gabby afugentava seu desespero. Possivelmente pudesse agradá-la e esquecer o seu próprio.

Ela se removeu devagar sobre suas pernas.

— Sudhakar é o vaidya do povoado onde cresci. Um vaidya é uma espécie de médico especialista em venenos. Explicou a Leia que se estava envenenando porque o mamilo e seu estômago eram incompatíveis. Ocorre-me que poderia escrever ao Sudhakar.

— Nem pensar! Não tenho nenhum interesse em que meus problemas sejam tema de conversa em seu povoado, Gabby. Além disso, se os melhores médicos de Londres não podem fazer nada por mim, estranharia que um bruxo hindu o fizesse melhor.

Ela estava abrindo a boca para protestar, mas ele lhe pôs um dedo nos lábios.

— Prometa-me minha querida esposa. Estas enxaquecas são um pouco privadas e não quero falar delas com ninguém.

— Mas, Quill...

— Não.

— De acordo — Suspirou Gabby — Teremos que nos arrumar sozinhos. Poderia me explicar que é a felicidade conjugal? Acontece de noite em uma cama mais, o que é o que vamos fazer?

Quill a olhava divertido. Ela tinha a expressão de curiosidade que poderia ter tido se tivesse estado perguntando pelo caminho para Londres. Não respondeu.

Em troca se apoderou dessa faladeira boquinha para fazê-la calar. Ela não protestou muito e logo suas línguas se misturaram.

Habilmente a tombou na cama e rodou com ela.

Acariciava-a com ardor. Uma vizinha lhe dizia que não podia permanecer toda a tarde na cama, que deveria estar organizando os funerais de seu pai e consolando a sua mãe; embora Peter se estivesse encarregando disto último melhor que ele; e tinha que enviar cartas a vários lugares.

Afugentou essa molesta voz e se inclinou sobre o seio de Gabby beijando-o através da fina cambraia.

— Quill! Pare!

Ele deslizou obstinadamente uma mão sob a regata dela e Gabby tentou de forma instintiva colocar bem, mas ele o impediu com o quadril.

Gabby já não sabia muito bem onde estava, quando a mão dele...

— Quill não!

Profundamente surpreendida, conseguiu fechar as pernas e rodar a um lado.

Quill, ainda aturdido pela suavidade percebida, deixou-a fazer.

Ela se ajoelhou sobre a cama, ruborizada e lançou a seu marido um olhar mal-humorado.

— Não deva voltar a fazer isso. É... É um abuso. Pior que um abuso!

Não encontrava uma palavra o suficientemente forte para expressar sua indignação.

— Desejava — Contestou ele o com um sorriso — E ainda o desejo — Anuiu estirando a mão para seus joelhos.

Ela baixou a regata e retrocedeu sobre a cama.

— Vamos ter que falar de tudo isto com tranquilidade. Há algumas liberdades que não te permitirei nunca. Estão proibidas pela igreja!

Ele explodiu em gargalhadas.

— Esta se comportando como uma monja, ou melhor, como um bispo.

— Não é divertido! — Protestou ela cruzando os braços sobre o peito — Sei o que seja que chamam “ato de amor”, sei que não inclui algo tão indecente

como o que acaba de fazer. Tocar-me... Aí! Mas bom!

Desta vez Quill já não pôde parar de rir, liberando-se desse modo de toda a tensão e a tristeza do dia.

— Por Deus que divertida é, Gabby!

Furiosa, ela se dirigiu dando passos longos para a porta e puxou o cordão para chamar a criada. Esperava que Margaret não tivesse saído a dar um passeio, porque era necessário que a vestisse imediatamente. Esforçando-se por ignorar Quill, dirigiu-se para o armário e o abriu. Não tinha nada negro, mas encontrou um traje de passeio.

Muito bem, iria dar um passeio!

Quill continuava deitado na cama e ela ficou os punhos nos quadris.

— Eu gostaria que saísse de meu dormitório — Ordenou friamente — Margaret vai vir me vestir.

Deus que atraente era! Pensou sem poder evitar. Era todo músculos e graça, assim apoiado despreocupadamente sobre o cotovelo.

— E se te dissesse que esse tipo de carícias são habituais?

— Nenhuma dama digna de tal nome permitiria esse tipo de coisas — Declarou ela sem a sombra de uma dúvida se seu pai soubesse...

Interrompeu-se. Era absolutamente inconcebível.

— É um perverso! — Disse — E, além disso, olhou!

— É formosa — Declarou ele entrecerrando os olhos — Te olharei uma e outra vez, manhã e noite.

— Nunca! Não é de estranhar que tenha tido que suportar dores de cabeça se dedicar a esse tipo de distrações.

Fazendo um grande esforço, Quill conseguiu não rir, mas Gabby leu a diversão em seu olhar e se zangou.

Margaret chamou discretamente à porta e a jovem abriu bruscamente a porta.

— Onde tinha se metido? — Reclamou injustamente — Não vou passar todo o dia em camisa!

Quill se levantou tranquilamente e se aproximou de sua esposa para lhe

murmurar ao ouvido:

— Você gostará de sabe? E me suplicará que faça outra vez.

— Nunca! — Sussurrou Gabby furiosa.

— Quer apostar?

— As apostas são o passatempo do demônio — Replicou — Vou terminar acreditando que lhe educaram sem o menor sentido da decência.

Margaret estava ocupada procurando a roupa íntima e Quill deu via livre a seus impulsos. Agarrou a sua encantadora esposa entre seus braços e a segurou pelas nádegas para apertá-la contra ele.

— Gabby — Disse com voz rouca — Não só vou tocar-te por toda parte, mas sim além te beijarei em todos esses lugares.

Dizendo isto, abandonou o quarto.

Enquanto Margaret lhe atava o espartilho, Gabby disse que ao menos seu pai não ia se inteirar da perversidade de Quill. Estava completamente segura de que ele nunca lhe tinha ocorrido algo assim. Nem a nenhum outro homem em toda a criação!

Passeou pelas ruas como um autômato com a Margaret uns passos atrás dela. Estava segura de que Quill faria caso omissos a suas negativas. Ao contrário, tinha intenções de tocá-la, olhá-la e... beijá-la.

Percorreu-a uma onda de calor.

Certamente seu pai tinha razão, ela era a muito mesmo filha do diabo. O ar frio justificava a cor de suas bochechas, mas nada podia explicar o calor que irradiava seu ventre nem a debilidade de suas pernas.

Entretanto caminhava com a cabeça alta. Uma vez que voltasse para Londres se converteria em uma filha do demônio. Já que, dissesse seu pai o que dissesse, sempre tinha pensado que o diabo não se preocupava muito por seu falatório. Pelo contrário, seu comportamento...

Entretanto, essa perspectiva não a preocupava tanto como devesse. Suspirou. Desde que tinha quinze anos sabia muito bem que burlava dos convencionalismos. Tinha sido educada por criados hindus, que fingiam respeitar suas crenças, mas não por isso eram menos hinduístas. Quanto a seu pai, frequentemente esquecia que tinha sido escolhido por Deus para ser

missionário, sobretudo quando se metia em um novo negócio.

Depois de três quartos de hora, Margaret estava esgotada, mas Gabby se tranquilizou um pouco. Com mais convicção da que dedicava à religião, seu pai lhe tinha inculcado a ideia, desde sua mais tenra idade, de que as esposas e as filhas deviam submeter-se aos homens.

O qual significava, disse esforçando-se por ignorar o traidor calor nos rins; que seu dever era submeter-se às pecadoras práticas que lhe importava Quill.

Entrou no hotel. Depois de um jantar em família em um salão privado, seu marido a acompanhou novamente a seu dormitório.

Fez uma solene reverencia antes de deixá-la e lhe murmurou ao ouvido estas palavras:

— Ardo, Gabby, consumo-me...

Capítulo 15



Contrariamente ao que tinha imaginado Gabby não passou sua noite de núpcias lamentando por estar sozinha, e sim dando voltas ao problema das enxaquecas de Quill. Tinha que fazer algo. Não aceitava as conclusões dos médicos, forçosamente tinha que haver algum remédio. Era uma pena que Quill lhe tivesse proibido categoricamente consultar com o Sudhakar.

Mordeu o lábio. Às vezes se fazia necessário trair a confiança de outros, sobretudo quando era por seu próprio bem. Ao melhor Sudhakar não tinha nenhuma solução e então Quill não se inteiraria de nada.

Finalmente se levantou para ir sentar se diante da escrivadinha que estava em um canto do dormitório. Ia romper uma promessa, mas era pelo bem de seu marido.

De modo que escreveu uma carta a Sudhakar expondo o problema tão claramente como pôde, o vaidya decidiria se podia ser de ajuda.

Depois de pensar um momento, escreveu também uma carta para seu pai, contando que se casou e que como consequência do falecimento de seu amigo Thurlow Dewland, agora era viscondessa. Depois, sem lhe dar muitos detalhes, rogou que intercedesse diante o vaidya para que se ocupasse da saúde de seu marido.

Dormiu feito um novelo e sonhou que dançava com Quill, ao qual não parecia que doesse a perna. Ela o fez notar e o sorriu respondendo que isso era devido a que se encontravam em uma pradaria. Efetivamente, estavam dançando sobre a grama perto de um lago cheio de rãs.

Despertou quando sua donzela abriu as cortinas.

— Já é hora de que se levante, milady — Disse Margaret — As carruagens estão esperando para levá-los a Kent. Têm coberto um de negro até o cubro — Precisou dando-se importância.

Gabby lhe lançou um olhar interrogante.

— Pelo falecido visconde — Prosseguiu a donzela — A isso chamam um pálio.

A jovem estremeceu, mas Margaret continuou falando animadamente das plumas que adornavam a cabeça dos cavalos e dos tecidos de crepe negro que ocultavam os cristais das carruagens, incluído a dos criados.

O lúgubre cortejo chegou à propriedade dos Dewland por volta das quatro da tarde. Quill sustentava a mão de Gabby, mas não pronunciou uma só palavra em toda a viagem. Ao cabo de duas horas aproximadamente, ela se perguntou quanto tempo seria o capaz de permanecer em silêncio. Entretanto se que respondeu a algumas pergunta quando se detiveram comer em uma estalagem e inclusive a aturdiu um momento quando a beijou em um canto. Mas o fez sem pronunciar palavra e voltou a cair em seu mutismo assim que voltou a subir à carruagem.

Gabby se voltou louca durante à última hora de viagem, perguntando-se como iam poder viver em harmonia uma mulher que falava muito e um homem que não via a utilidade das palavras.

Kitty Dewland, sentada frente aos recém-casados, parecia estar bem. Certamente ainda não tinha assimilado que seu marido tinha morrido. Quanto ao Peter, dormiu a maior parte da tarde conservando apesar disso uma postura tão rígida que quando chegaram a seu destino, seu casaco de veludo não tinha nenhuma só ruga.

A mansão já estava decorada de luto, o enorme salão estava revestido de seda negra e os criados usavam braceletes e luvas negras.

Nos dias que precederam aos funerais, Gabby viu muito pouco a seu marido o qual se passava a maior parte do tempo inspecionando suas terras em companhia do administrador.

— Já não pode montar a cavalo — Explicou um dia Kitty — E assim leva mais tempo porque de uma carruagem não se veem bem os campos.

Nas comidas ele se sentava a seu lado, mas as conversas giravam em torno de temas sem importância ou se extinguíam se por acaso mesmas. Kitty tinha pego o desconcertante costume de passar de um tema ligeiro a ter uma crise de pranto dilacerador. Gabby por sua parte, estava preocupada com o Kasi Rao e cada vez escrevia mais cartas de Londres à Índia.

A véspera do funeral se encontrou sozinha na salinha de café da manhã. Enquanto comia um scone, surpreendeu-se, com um grande sentimento de culpa, desejando que a cerimônia já tivesse passado.

Alguém entrou na salinha e seu coração se saltou um batimento. Era Quill.

— Gabby.

Ela inclinou educadamente a cabeça.

— Bom dia, milorde.

— Mulher — Disse devagar se inclinando para ela.

Que se supunha que tinha que responder? “Marido” parecia estúpido sobre tudo quando a “mulher” de Quill tinha um tom possessivo.

Ele acariciou seus lábios.

— Dormiu bem?

Ele estava sorrindo. Tinha decidido que se a cortejasse um pouco sentiria um desejo menos voraz por sua deliciosa esposa.

— Não — Replicou ela o olhando com seus enormes olhos amendoados — Não durmo bem. Sinto sua falta de... Esposo — Disse em um murmúrio.

Ao Quill custou um triunfo não levantá-la em seus braços para levá-la ao dormitório.

Tomou ar profundamente.

— Maldição Gabby! Supõe-se que deveria manter uma conversa agradável em vez de me lançar de cheio à luxúria. Olhe em que estado me põe!

Estava-se olhando as calças, mas ela, que tinha seguido seu olhar, não viu nada estranho.

Ao ver que ele punha-se a rir, ela pôs uma expressão muito séria.

— Não vejo a graça — Disse muito estirada.

Ele se inclinou bruscamente e tomou os lábios de sua pequena viscondessa em um comprido beijo que enviou ondas de fogo por todo seu corpo.

Quando levantou a cabeça, os olhos de Gabby tinha tomado um tom âmbar e estavam ligeiramente velados. Quill lhe agarrou a mão, beijou a palma

e depois a posou sobre seu sexo endurecido. Ela tentou soltar-se dando um grito assustado.

— Recorda o que prometi que te faria? — Perguntou o com voz profunda.

Ela assentiu.

— Fará o mesmo comigo?

Ela abriu os olhos com surpresa. Ao menos Quill esperava que fosse surpresa e não horror. Soltou sua mão já para grande alegria dele, ela não afastou a sua... O qual ao mesmo tempo era uma nova forma de tortura.

Foi ele quem pôs a pequena mão sobre a mesa, do contrário tivessem acabado fazendo o amor sobre o tapete.

Esse beijo e esse contato não aliviaram em nada o estado de Quill. De fato, quando lady Sylvia fez sua entrada em companhia de dois de suas “Graças”; Beleza tinha sido relegada às habitações dos criados já que a mudança de decoração não tinha melhorado o estado de sua bexiga; viu-se obrigado a permanecer sentado e a engolir cinco torradas mais porque não podia levantar-se.

O visconde descansou toda a manhã do dia seguinte no coro da capela. Se Gabby tinha conhecido a toda a alta sociedade de Londres no baile de lady Fester, agora conheceu os nobres provincianos reunidos ao redor do féretro e se surpreendeu ao ver quão cansado era.

Passou o tempo fazendo reverências, aceitando as felicitações por suas bodas, enfrentando as olhadas assombradas quando outros compreendiam que não se casou com seu prometido e sim com seu irmão mais velho, o atual visconde.

Ouviu por acaso uma conversa na qual uma tal lady Skiffing afirmava que tinha trocado de jaqueta ao compreender que Quill era o herdeiro do título. O tom admirado da dama em questão não tranquilizou muito Gabby.

Ao final da manhã, por fim viram como se foram os últimos visitantes e no salão revestido de negro só ficou o notário, o senhor Jennings, da assinatura Jennings & Condell.

A viúva estava sentada em um sofá, pálida e cansada. Lady Sylvia estava ao seu lado como o epítome da elegância do luto. Gabby, com as mãos apertadas

em cima dos joelhos, evitava olhar Quill.

O mordomo anunciou que vinte minutos mais tarde se serviria uma ligeira comida.

— Estarei em meu dormitório — Murmurou fracamente Kitty.

— Seria melhor que comesse um pouco, mamãe — Disse Peter.

— Seria incapaz de fazê-lo.

— Já é hora de que pense no futuro, Kitty — Interveio lady Sylvia.

— Lerei o testamento do visconde depois do almoço — Disse o senhor Jennings.

Lady Sylvia lhe fez calar com um gesto.

— Sim, sim. Não referia a você Jennings. Estou segura de que não há nada interessante no testamento do Thurlow. Kitty queria te perguntar que deseja fazer agora.

— Fazer?

Kitty parecia compreender apenas o que lhe diziam.

— Vou... Vou retirar a meu dormitório. E depois voltaremos para Londres.

— Quando Lionel morreu, chorei sem parar — Declarou lady Sylvia — Me converti de repente em uma fonte. Tem que saber que é necessário chorar um pouco, mas ficar na casa onde viveu com seu marido não é uma boa ideia.

— Nunca poderia...

— Sim poderá — Cortou secamente Sylvia — Tem uma certa propensão à melancolia incluso quando as coisas vão bem. Não quero ver como te vem abaixo sem fazer nada. Vamos da Inglaterra. Chorará igual na Suíça que em Londres.

— Como pode sequer pensar que vá da casa em que Thurlow foi feliz? — Soluçou a viscondessa — Não pensei que fosse tão insensível Sylvia.

— Não sou insensível, Kitty, mas não é questão de que te derrube na dor. Pensa-o, duas viúvas não podem viver com um casal de recém-casados. Acredita que Gabrielle e Quentin seriam felizes se lhe vissem desfeita em pranto sobre seu prato em cada comida?

Gabby lançou um olhar cheio de indignação lady Sylvia.

— Quill e eu não quereríamos que abandonasse sua casa por nossa culpa, lady Dewland. Nem sequer pensamos nos mostrar alegre com um pouco de estupidez.

— Tenha decidido ou não, pequena, certamente não será se Kitty passar os dias lamentando-se ao seu lado.

Kitty secou os olhos com o lenço que estendia Quill.

— Tem razão, Sylvia — Admitiu por fim — Não desejo ser uma carga para meus queridos filhos.

— Você não seria uma carga! — Exclamou Gabby — E, mas bem somos nós os que deveríamos abandonar a casa.

Kitty sorriu através de suas lágrimas.

— Como te teria querido sua mãe, Gabrielle! Mas vocês não podem ir porque esta propriedade pertence a Quill agora. Suponho que a casa da viúva é minha agora — Disse olhando ao notário.

Jennings assentiu e ela continuou:

— Então me instalarei ali, desse modo não incomodarei a ninguém.

— Pelo amor de Deus Kitty, irrita-me até o ponto de me provocar palpitações! — Ladrou lady Sylvia — Thurlow odiaria que se enterrasse no campo. Se quando voltarmos do continente ainda tiver desejo de se converter em eremita, é muito livre de fazê-lo. Enquanto isso, morro de vontade de voltar a ver Paris antes de morrer e você virá comigo. Se não podemos ir a França por culpa desse condenado Napoleão, viajaremos pelo resto da Europa.

— Não vou poder — Gemeu Kitty.

Quill lhe deu umas palmadas na mão.

— Deveria aceitar mãe. Uma mudança de ares te viria bem.

— Suponho que depois de tudo não importa o lugar em que me encontre — Murmurou ela voltando a cair na apatia.

— Pronto — Grunhiu lady Sylvia — Tenho que fazê-la reagir do contrário murchará. Kitty é débil, sempre foi, inclusive quando fomos pequenas.

Peter se sentou ao lado de sua mãe.

— Poderia ir com vocês, mamãe?

As lágrimas seguiam caindo pelas bochechas do Kitty.

— Certamente seria melhor que Peter fosse com vocês — Fez notar Quill.

O problema parecia estar solucionado.

— Não iremos no White Star — Anunciou Sylvia — Veja Nápoles e lady Fane me disse que essa cidade estava cheia de ingleses o ano passado. E acredito que é um formoso lugar. Além disso, pedi ao Jennings que se ocupasse de tudo.

O notário pigarreou.

— Tomei a liberdade de reservar passagens para lady Breaknettle, lady Dewland e suas donzelas. Será fácil conseguir uma passagem para você e seu ajudante de câmara, senhor Dewland. O White Star parte de Southampton dentro de três dias.

— Três dias! Não, é impossível! Impossível! — Lamentou-se Kitty.

Voltou-se, suplicante, para seu filho mais velho.

— Não terá que fazer nada — A tranquilizou Sylvia — Ordenei ao Stimple esta manhã que começasse a fazer sua bagagem e a estas horas já deve ter terminado. Por outra parte não tem que levar grande coisa. Podemos comprar tudo ali.

Kitty, sem responder, começou a soluçar com mais força apoiada no ombro de Peter, e Quill lhe estendeu outro lenço.

Depois da comida, a família se dirigiu à biblioteca, onde o notário esclareceu garganta dando-se importância antes de começar a ler.

O testamento começava com uma piedosa declaração:

— *Que se faça Sua vontade, Meu Deus. Eu Thurlow Dewland, são de corpo e mente, graças a Você...*

Gabby permitiu que sua mente divagasse enquanto o senhor Jennings lia a larga lista de doações para os criados da casa de Londres e aos de Kent. O visconde legava dinheiro para os pobres da paróquia e cinquenta libras para restaurar o teto da capela.

Kitty, destroçada, fez notar que Thurlow sempre tinha pensado nos

outros.

A lista continuava com as dívidas que deviam pagar-se pela propriedade. Jennings precisou que havia um codicilo datado em janeiro: o visconde proibia categoricamente que se pagasse a fatura apresentada por um tal senhor Firwald já que tinha jurado não pagar nunca a inaceitável mercadoria que o senhor Firwald lhe tinha proporcionado.

Quill franziu o cenho.

— Pague de todos os modos.

Jennings assentiu e tomou nota.

— Por que vai contra a vontade de pai? — Perguntou Peter.

— Foi Firwald quem vendeu a papai o vaso de cristal que deu de presente a mãe no Natal.

— Ah! Entendo — Disse Peter.

— Terá que respeitar os desejos de Thurlow — Protestou Kitty.

— O vaso se rompeu um dia que papai estava furioso — Recordou Peter com tato.

— Afirmava que havia um enguiço no cristal — Replicou Kitty sem muita convicção.

— Papai sempre teve uma profunda aversão pelas faturas — Interveio Quill, divertido.

O tema parecia fechado e o senhor Jennings continuou com os donativos de menor importância. Um primo que vivia em Buckfordshire receberia uma presa de marfim esculpido e a cabeceira de uma cama de dossel já que a dito primo gostava muito enquanto que à viscondessa não gostava muito.

— *À prima de minha esposa, lady Sylvia, deixo uma terrina de prata da Itália que há no salão amarelo. Fica a sua escolha se o usar para ela ou como tigela para essas horríveis criaturas que ela chama "Graças".*

— Que descaramento! — Disse lady Sylvia que, entretanto parecia contente.

— *Para minha adorada esposa, Catherine, o dobro da renda consignada em nosso contrato matrimonial porque é meu desejo que siga vivendo como a que foi minha mulher.*

Kitty chorou com mais força e o senhor Jennings esperou um pouco antes de detalhar o usufruto e as dependências perto da mansão.

— *A meu filho mais novo, Peter Dewland, deixo uma casa e suas dependências situadas em Londres. Uma propriedade nos arredores do Kingston com suas granjas, estábulos e jardins, assim como a quarta parte das rendas de minha propriedade no Kent e o direito a residir na propriedade familiar.*

— Generoso muito generoso — Aprovou lady Sylvia.

— *A meu filho mais velho e herdeiro, Quentin Mathews Claudius Dewland, deixei o resto de meus bens terrestres, quer dizer, a mansão de Londres, a casa de Kent e todos os móveis, prata e joias.*

Jennings se interrompeu.

— Acredito que tendo em conta os acontecimentos recentes o defunto visconde teria suprimido a última clausula adicional — Disse — *Considerando as circunstâncias, é pouco provável que meu filho mais velho possa ter um herdeiro varão, de modo que animo ferventemente a meu filho Peter a que se case, o recordando que os Dewland são um nobre e antiga linhagem. Desejo igualmente que Quentin designe a seu irmão como herdeiro já que Peter será visconde depois dele. Meus filhos sabem que sempre acreditei que um cavaleiro não deveria trabalhar para ganhar a vida, entretanto fiz uma exceção com Quentin Matthew Claudius. No caso de que Peter não tivesse meios para viver como corresponde a um futuro visconde, ordeno ao Quentin Matthew Claudius que compartilhe o dinheiro de seus negócios com seu irmão e herdeiro.*

Fez-se o silêncio enquanto Jennings colocava os papéis.

— Papai sempre teve tendência a dispor do dinheiro dos outros — Disse ao fim Peter, incômodo — Não tinha direito a me dar Henley Street não foi você quem a comprou, Quill?

Este deu de ombros.

— Não a necessito.

— Eu acredito que Jennings tem razão: Thurlow teria tirado esse codicilo — Comentou lady Sylvia — Eu não gosto do que diz de seus negócios, Quentin. É hipocrisia pura. Todo mundo sabe que o dinheiro lhe escapava entre os dedos e que teria encontrado em uma situação muito incômoda se você não houvesse feito uma fortuna tão grande.

— A mim não consultou — Explicou Kitty — Do contrário haveria dito que nosso querido Quentin sempre compartilhou tudo com seu irmão, inclusive quando eram pequenos.

— Desculpo-me em seu nome — Anuiu Peter — Papai não deveria ter reduzido deste modo sua herança, nem te ordenar que me ajudasse.

Quill esboçou um sorriso.

— Todo isso carece de importância. Por outra parte, papai tinha razão em certo modo. Agarrei o vulgar costume de ganhar dinheiro e me neguei a parar quando me pediu isso. Isso era o que mais o incomodava. Por que não deveria aproveitar você também?

— Thurlow foi muito generoso com Peter — Objetou lady Sylvia — Poderá viver muito comodamente com as rendas de Henley Street, isso por não mencionar sua parte na propriedade de Kent. — Você deixará sua fortuna a seus próprios filhos, Quentin.

O aludido se sobressaltou e olhou a Gabby quem respondeu com um sorriso. Não tinha pronunciado uma só palavra durante a leitura do testamento.

— Bom, as coisas não foram mal — Concluiu Sylvia agitando seu leque — Graças a Deus, Thurlow não acreditou obrigado a nos afligir com conselhos. Ouvi dizer que o marquês do Granby escreveu em seu testamento que as aventuras de seu sobrinho com suas amantes foram inadmissíveis e que essa era a razão pela que só lhe deixava três mil libras de renda ao ano. E isso se leu em voz alta diante da esposa do sobrinho!

Gabby ajudou a Kitty a levantar-se.

Quill contemplou a brilhante cabeleira de sua esposa imaginando a levando o filho de ambos. Tinha sido um estúpido ao negar-se a pensar no futuro. Depois de seu acidente se resignou a não ter nem esposa nem filhos. Que mulher o queria com sua limitação física? E, entretanto, tinha seduzido Gabby.

Porque não conhecia sua incapacidade, recordou uma voz em seu interior.

Entretanto, Gabby não pareceu dar muita importância a isso quando se inteirou. Não tinha se zangado e tampouco ameaçou fazendo anular o matrimônio.

Além não deixava de lhe olhar de relance e Quill sabia muito bem o que isso queria dizer; temia-se que estava transferindo para ele toda a adoração que antes tinha sentido pelo Peter. Até agora não se perguntou por que isso razão era algo tão importante para ele.

Petrificado, imaginou Gabby com um recém-nascido nos braços e lhe dirigindo um sorriso parecido com a que frequentemente obsequiava-o, um sorriso cheio de confiança e carinho. Essa simples ideia despertava nele uma grande alegria e orgulho.

Jennings o olhou e decidiu falar com o jovem visconde mais tarde para arrumar com ele alguns problemas relativos à propriedade de seu pai. No momento parecia transtornado. Perguntou se teria sentido mal a cláusula adicional de seu pai, mas por outro lado acaso havia forma de tomar bem? A fim de contas a cláusula adicional dizia quase abertamente que o novo visconde era impotente.

Subiram as escadas e se separaram até a hora do jantar. Gabby se dirigiu lentamente para o luxuoso dormitório reservado para a viscondessa ao qual Kitty tinha renunciado assim que chegaram à mansão. Quando Gabby protestou, ela tinha respondido que não via a necessidade de ter uma porta que comunicasse com a habitação de seu filho. A jovem ruborizou e após fazia esforços por evitar essa porta

Entrou na habitação estofada de seda verde e olhou justamente dita porta, atrás da qual se encontrava o dormitório de Quill. Que sensação produziria dormir na cama de seu pai? O que sentia ao saber que ela estava do outro lado da parede?

Como sempre que estava indecisa, mordiscou-se o lábio inferior.

Os funerais já terminaram e o visconde tinha sido enterrado; mas se eles faziam amor essa noite e depois Quill tinha que suportar vários dias de enxaquecas não poderia acompanhar a sua mãe a Southampton e estava segura de que ele gostaria de voltar para Londres o mais rapidamente possível. Certamente seria incapaz de viajar estando doente.

Pela primeira vez, Gabby entendia as consequências do problema físico de seu marido. Quando poderia permitir-se ter três dias de férias? Por isso tinha podido comprovar em Londres antes de seu matrimônio, Quill trabalhava muito e gostava de fazê-lo. Poderia abandonar tudo durante três dias?

Levantou os olhos para ouvir que a pesada porta se abria. Era ele.

— Boa noite esposa — Disse.

Ela avermelhou. Deveria fazer uma reverência inclusive na intimidade do dormitório?

Os olhos de Quill brilhavam com tanto desejo que ela se esqueceu de todo o resto.

Ele se dirigiu para ela como um tigre sobre sua presa e ela recuou como uma gazela assustada.

— O sino do jantar vai soar em poucos minutos — Observou ela nervosa.

Quill sorria.

— Em efeito — Disse com uma voz de veludo que a fez estremecer — Possivelmente possamos dizer que nos tragam um jantar leve aqui, ao seu dormitório. Ou possivelmente devesse dizer nosso dormitório — Retificou lançando uma olhada à porta de comunicação.

Gabby tinha a garganta seca.

— Temos que falar Quill.

— Sabia que em seu caso falar é uma obsessão? — Perguntou ele rindo.

Ela fez uma careta.

— Meu pai diz que as mulheres são incapazes de se mostrar lógicas, mas ele com frequência é bastante incoerente.

Quill estava se aproximando de novo.

— Algum dia tem que me falar dele. Parece-me que está um pouco louco.

— Não esta — Disse Gabby batendo em retirada — Quill, de verdade, temos que falar antes de... Ir mais longe.

Ficou repentinamente frio, mas procurou não demonstrá-lo.

— Decidiu que preferiria anular o matrimônio? — Disse como se estivesse oferecendo uma taça de chá.

— Eu disse uma conversa séria, Quill — Resmungou ela indo sentar perto da lareira.

Ele se sentou frente a ela.

— De acordo Gabby. De que quer que falemos?

Ele coxeava do enterro. Sua perna já não podia suportar os grandes percursos pela propriedade. Durante a recepção tinha percebido muitos comentários ditos em voz baixa, relativos à sua condição física. Certamente Gabby não tinha entendido até este dia o alcance de sua incapacidade.

— Estou preocupada com a... consumação do matrimônio — Disse ela com dificuldade.

— Acredita que serei incapaz de fazê-lo?

— Não! Bom...

Quill se dirigiu à janela e ficou ali, lhe dando a costa. Já quase era de noite e o jardim estava iluminado pela luz que saía das janelas da casa. Notou distraído que as roseiras não tinham sido podadas corretamente.

— Entenderia se quiser anular o matrimônio agora que já tiveste tempo de pensar, Gabby.

Parecia totalmente indiferente.

— Para ser sincero, não me preocupa muito ter ou não um herdeiro — Continuou — E ninguém se zangaria se rompermos. Posso pedir a Jennings que comece com o procedimento imediatamente.

Ao ver que ela não respondia, deu-se a volta a contra gosto. Ela o estava fuzilando com o olhar.

— E bem? — Perguntou ele com tom neutro e educado — Não estamos brigando Gabby. Como disse, somos amigos.

— Nesse caso, eu gostaria que se sentasse em vez de ficar aí de pé de forma tão melodramática. — vamos manter uma conversa séria, Quentin Matthew Claudius Dewland!

Ele sorriu sem alegria.

— Posto que esteve escutando tão atentamente o testamento de meu pai, terá podido notar que insinuava que eu nunca poderia ter filhos.

Sentou com um nó de amargura na garganta.

— Ao dizer conversa séria — Continuou Gabby — Me referia a que... Antes de...

Quill esperava em silêncio sem ajudá-la.

— OH, não consigo encontrar as palavras adequadas! — Exclamou ela frustrada.

Antes que ele pudesse fazer um só gesto, ela se tinha posto em pé de um salto subindo em seus joelhos passando os braços ao redor do pescoço.

Sentiu que ele se esticava um pouco e que logo relaxava então se apoiou em seu ombro. Ele já não podia olhá-la e ela se sentia mais tranquila desse modo.

— Para começar — Declarou — Eu gostaria que deixasse de lado essas estúpidas alusões à anulação de nosso matrimônio. Possivelmente algum dia tenha desejo de te estrangular por seu fastidioso costume de chegar a conclusões errôneas, mas não... Você não é nenhum estúpido, Quill — Acrescentou irritada — De modo que evitou dizer tolices. Em segundo lugar, quero que se dê conta de que se consumarmos nosso matrimônio esta noite, certamente não possa acompanhar a sua mãe ao Southampton. Por último...

Já não recordava que mais queria dizer. Seu marido cheirava tão bem! Um indefinível aroma de homem misturado com sabão e tecido recém-engomado.

— Em terceiro lugar — Continuou — Se quisermos que este matrimônio seja um êxito, temos que encontrar uma solução.

— Uma solução — Repetiu Quill com a sensação de estar recebendo murros no estômago — Sempre diz exatamente o que pensa Gabby?

— Não — Respondeu a jovem pensativa — A verdade (e confesso isso sozinho porque é meu marido) em casa parecia que eu tinha uma irritante tendência a deformar a realidade.

— Pode mentir a quem quer enquanto não seja a mim — Disse Quill apertando-a mais contra ele — E a partir de agora “casa” é aqui.

Ela estava esfregando contra seu ombro como um gatinho pedindo que lhe acariciassem.

— Não, ainda não.

— Por quê? O que te falta?

Ela levantou a cabeça e olhou aos olhos.

Ele suspirou.

— Entendido. De que tipo de solução quer falar? Advirto, Gabby, se me faz esperar um dia mais, não respondo por mim.

— Sugiro simplesmente que vamos devagar — Disse ela começando a enumerar com os dedos— Sabemos que os beijos não produzem dor de cabeça.

— Isso é certo — Admitiu ele lhe beijando o cabelo.

— Acariciar meus seios tampouco. Então que coisa é a culpada? Se o averiguarmos exatamente, bastará com que evitemos fazê-lo.

Quill estava desconcertado.

— Gabby, O que sabe do ato sexual?

— Quase nada — Respondeu ela com rapidez, ruborizando — e se você me olhar... Isso te provocará dores de cabeça?

— Nunca!

Ele era preso de um tremor que se parecia muito ao prelúdio de um ataque de risada.

Gabby o observava entrecerrando os olhos.

— O que esperava? Como disse, minha mãe morreu ao me trazer para o mundo e os criados de meu pai tomavam cuidado com o que diziam em minha presença. Meu pai é muito cuidadoso no que se refere à concupiscência feminina.

— A concupiscência feminina! Que expressão mais horrorosa! Por que não a dos homens? E porque não dizer simplesmente sensualidade?

— As mulheres são obra do diabo, foram criadas para arrastar os homens ao pecado.

Quill a olhou e se sentiu aliviado ao ver que ela estava sorrindo.

— Você é um perfeito exemplo disso — Grunhiu pondo as mãos sobre seus seios — Vai me arrastar ao pecado a cada minuto!

— Isso é o que eu temia — replicou ela alegremente — Meu pai sempre diz que tenho o corpo de uma pecadora, como minha mãe. Mas apesar de que nunca o tenha confessado, sempre pensei que essa podia ser uma herança muito útil.

Quill se pôs a rir enquanto soltava os pequenos botões de madreperla

das costas do sutiã. Ela tentou soltar-se. Evidentemente ainda não havia terminado com sua “conversa séria”

— Gabby — Disse ele estranhando um pouco para ouvir sua voz tão rouca
— Há alguns momentos em que as conversas, sejam lógicas ou incoerentes, não são necessárias.

Levantou-a nos braços para levá-la para a cama com os lençóis de seda.

— E este é um desses momentos.

Capítulo 16



Emily Ewing estava surpreendida ao notar até que ponto sentia falta da companhia de Lucien Blanc. Tinham passado mais de três semanas do baile de lady Fester, e o se apresentou quatro vezes na porta de sua casa. Ela se tinha negado a recebê-lo. Tinha escrito a crônica do famoso baile sem mencionar seu vestido de musselina cor âmbar nem tampouco o antigo marquês.

Por desgraça, Bartholomew Hislop tinha decidido que, posto que tinha saído com o senhor Blanc, ele desfrutaria do mesmo privilégio. Mas isso não era fácil de aceitar, pensava ela essa manhã. Hislop estava embutido em uma horrível calça amarela canário; embora ela nunca tivesse conhecido Lucien Blanc, embora não tivesse tido com quem comparar ao Hislop, teria se negado a que a vissem em público com ele.

— Desejo que venha comigo a lançamento do globo amanhã pela manhã — Estava dizendo ele com tom irritado.

— Temo que devo negar-me — Respondeu — A essa hora estou escrevendo.

Deu-se conta muito tarde de que acabava de meter-se na boca do lobo.

— Perfeito! — Exclamou ele — Nesse caso passaremos a noite no teatro. Isso a distrairá.

Estava abrindo a boca para dizer que não, quando o particularizou:

— Se disser que não, não a ajudarei nunca mais.

Assinalou as folhas de papel que havia trazido consigo.

— Necessitei muito tempo para recolher toda essa informação. Acredito que a isso chama contrapartida.

Ao ver que Emily se dispunha de novo a falar, ele o impediu com um gesto.

— Darei tempo para pensar — disse ele — precisa de mim, senhora. Por exemplo, no baile da condessa de Strathmore estará a flor e nata da sociedade.

Você me necessita e... Eu a necessito — Concluiu com uma gargalhada maligna.

Quando a porta se fechou depois dele, Emily se deixou cair em uma poltrona esforçando-se para não chorar. Deu um pulo coice quando Phoebe irrompeu na estadia.

— Mamãe! Mamãe! Sally e eu fomos a ver Kasi Rao e a senhora Malabrigth estava embalando tudo.

— Embalando?

— Vão embora. A senhora Malabrigth disse que tinha que avisar à senhorita Gabby. Diz que uns homens queriam levar Kasi à Índia.

— O que?

Phoebe agachou a cabeça com os olhos aumentados pelo medo.

— Querem que a gente o veja, mamãe. Desconhecidos. Kasi não pode falar diante de estranhos!

Emily agarrou ar.

— Meu Deus! E onde pensa o levar a senhora Malabrigth?

— À casa da mulher de seu irmão que vive em Devon. Só me disse e você tem que avisar à senhorita Gabby assim que volte para Londres.

— A senhora Malabrigth fez bem em confiar em você, carinho — Declarou Emily segurando a menina em seus braços.

Faria tudo o que estivesse em seu poder; absolutamente tudo; para salvar Phoebe do desprezo da alta sociedade. E se era necessário para isso deixar de ver o atraente Lucien Blanc, pior para ela. Também se despediria do útil Hislop.

Phoebe a olhava angustiada.

— Ninguém me separará alguma vez de ti verdade mamãe?

— Nunca! — Prometeu Emily — Você é minha filha.

Conteve as lágrimas de emoção.

— Agora já é hora de que vá lavar as mãos antes de comer. Vamos carinho.

O coração de Gabby pulsava com força. Não estava preparada. Não era ainda de noite e não queria despir-se a plena luz. Mas era sua obrigação; tentou convencer-se. Seu pai tinha repetido muitas vezes que devia dobrar-se aos desejos de seu marido.

— Disse que esperaríamos estar de retorno a Londres.

— Não. Impossível.

Quill continuava desabotoando seu sutiã.

— O sino para o jantar está a ponto de soar — Insistiu Gabby — A sua mãe parecerá estranho que não desçamos.

— Ela está tomando um refrigerio em seu quarto.

— Então lady Sylvia se incomodará. Você é o anfitrião.

— Tolices! Ao contrário, estará encantada. Espera me ver com um herdeiro, se por acaso não te tinha precavido.

Fez que Gabby se levantasse e o vestido negro caiu ao chão. Ficou as suas costas para soltar os laços do espartilho.

Ela olhava com obstinação a colcha bordada.

— Como vai poder acompanhar a sua mãe a Southampton?

— Já que Peter vai com ela ao continente, minha presença não é necessária.

— E suas enxaquecas?

O espartilho se uniu ao vestido no tapete. Debaixo dele, Gabby só usava uma ligeira regata.

Quill a voltou devagar para ele. Deixou vagar as mãos por seus ombros e logo por seus braços nus. Seus olhos brilhavam mais que nunca. Apesar de sua inexperiência, Gabby não podia equivocarse: o que via neles era desejo.

— Não e olhe desse modo, por favor, — Sussurrou.

— Não posso evitar. É muito formosa e é minha.

— Preferiria não fazê-lo agora — Declarou ela com determinação — Não me parece o momento apropriado.

— Mmm...

Quill estava acariciando os seios de um modo que a enchia de calor e a aterrava ao mesmo tempo.

— Quill está me escutando?

Tentava com todas suas forças ignorar as reações de seu corpo.

Sem responder, a fez recuar até a cama e a empurrou para trás. Com o joelho abriu suas pernas.

— Quill!

— Estou escutando — Disse sem muita convicção antes de beijar seu seio através da regata como havia feito em Bath.

Ela tentou dominar o pânico que estava tomando conta dela. De que tinha medo? Em primeiro lugar da dor. Esse pensamento lhe deu forças e o empurrou. Tinha que detê-lo, o que a estava fazendo a impedia de pensar com clareza.

Nesse momento ele tomou o mamilo do outro seio com a boca enquanto seguia acariciando o outro com sua quente mão. Gabby gemeu sem poder evitá-lo.

— Não!

Soltou-se tão rapidamente que a ele não deu tempo de reagir, e saltou fora da cama.

— Não estou de acordo — Decretou ela — Ainda não falamos...

— ... Seriamente — Terminou Quill com um sorriso diabólico; deitado na cama, deliciosamente perverso, seguro e... De boa vontade teria chorado pela mistura de confusão e desejo que sentia.

— Se continuarmos — Objetou — Não poderemos viajar durante vários dias. O que acontecerá com seu trabalho?

Quill se levantou para desabotoar o colete que depois atirou ao chão ao lado do vestido.

— Não posso! — Exclamou desesperada quando ele tirou a camisa passando-a por cima da cabeça.

Tinha um poderoso torso, musculoso e tão diferente ao dela como tinha imaginado. Apoderou-se dela uma estranha calidez.

— Ainda não é de noite. Deveríamos estar na cama e às escuras. Não deveria se despir desse modo. Onde está sua camisola? E além está me olhando!

— Você também está me olhando — Fez notar ele tirando as botas.

Os olhos de Gabby se encheram de lágrimas e cruzou os braços para tampar o seio.

— Por que tanta vergonha querida?

Ela não pôde conter um soluço.

— Não quero fazer... Isso! — Exclamou.

— Por quê?

O que podia ela responder? Começou a falar a toda velocidade.

— Porque está errado. Teríamos que estar às escuras. Pode me tocar se quiser, porque é meu marido e não posso me negar, mas não deveria me olhar desse modo. Não tem direito a me fazer todas essas coisas a plena luz.

Quill suspirou e voltou a sentar-se na borda da cama.

— Vêm aqui carinho — Disse abrindo os braços.

Ela negou com a cabeça.

— Estou quase segura de que a causa de suas enxaquecas é seu comportamento. Não se comporta como um bom cristão.

— Cristão?

Agarrou um dos pulsos de Gabby e a atraiu lentamente para si. Ela se inclinou sobre seus joelhos, completamente rígida, para não tocar o peito nu. Desejava lhe acariciar mais tinha vergonha.

— Estamos nos comportando como pagãos — Murmurou utilizando o plural para não o zangar.

Porque o que se comportava como um pagão era ele.

— Meu pai, na Índia...

— O que diria?

— Vimos dois jovens fazendo amor perto do rio — Contou ela muito incômoda — Ele ordenou que se levantassem e disse que Deus ia fulminá-los.

— E Deus os fulminou?

A voz de Quill estava cheia de ira.

Ela estremeceu.

— Não, mas tiveram que abandonar o povoado.

— Seu pai é...

Interrompeu-se, abraçou-a e apoiou o queixo em seu cabelo.

— Quer a seu pai, Gabby?

— Terá que querer ao pai. E lhe obedecer.

— Sempre lhe obedecia?

Houve um momento de silêncio.

— Não — Confessou — Eu era um motivo constante de irritação para ele.

— Por que não o obedecia?

Gabby não se dava conta de que relaxou, mas Quill era consciente de cada fôlego dela e teve que apelar a tudo seu sangue-frio para não precipitar as coisas.

— Por que Gabby? — Voltou a perguntar.

— Papai às vezes é muito severo — Disse ela com voz apenas audível — Quase cruel.

— Essa a impressão que dá a mim. De que modo era cruel?

— Vivíamos em uma pequena aldeia. Papai chegou ali como missionário. Construiu uma casa e uma igreja...

— E?

— Esse casal... Disse que já não podiam seguir vivendo na aldeia porque Sarita podia poluir às demais mulheres. Obrigou a Sarita e a seu marido a fazer penitência durante toda a noite e, no dia seguinte, tiveram que ir abandonando todas suas coisas. Ignoro onde foram. Não era justo. Eu gostava muito Sarita e não era uma mulher perdida. Assim é como ele a chamava.

— E você o que fez?

— Enviei uma criada para que recolhesse as coisas de Sarita. Pai acreditou que era para queimá-las, mas na realidade o enviei tudo a sua família.

— Seu pai se inteirou?

— Aconteceu justo antes que eu fosse da Índia para vir à Inglaterra.

— Surpreende-me que te permitisse ser amiga de uma mulher da aldeia.

— Não me permitia isso, e Sarita não era realmente uma amiga. Eu tinha duas criadas que me contavam tudo o que acontecia na aldeia. Dava-me a sensação de que algumas das mulheres eram amigas minhas porque tinha ouvido falar delas toda a vida. Sarita tinha minha idade e sempre me sorria quando nos cruzávamos.

— Não tinha amigas de verdade? E essa que não podia comer mamão?

— Leia? Não, depois de que Johore morreu não tinha nenhum amigo em quem confiar.

Quill rebuscou em sua memória.

— Quem?

— Não se lembra? Contei que tinha um amigo que morreu. A febre o levou. Johore era o filho de Sudhakar, e como Sudhakar fazia parte da elite da classe dos brâmanes, meu pai me deixava brincar com ele quando fomos pequenos. Quando morreu, não havia ninguém na aldeia com quem eu pudesse brincar. Mas minha babá me contava o que faziam outros meninos e a me dava a sensação de que Leia e Sarita eram minhas amigas embora nunca nos falássemos. Entretanto não estava sozinha: tinha a Kasi Rao.

O desejo de Quill tinha sido substituído pela ira.

— Vejamos se entendi— Disse lentamente — Seu pai não te deixava ter mais amigos que a seu sobrinho atrasado. Expulsava às pessoas da aldeia por capricho sem permitir que levassem suas coisas.

— Sim.

— Sinto muito Gabby, mas foi por culpa de homens como seu pai pelo que vendi minhas ações na Companhia das Índias. Aí há muitos ingleses que vivem como pequenos reis déspotas sem prestar contas a ninguém. Cretinos!

Levantou o queixo de sua esposa.

— Gabby...

Os formosos olhos marrons estavam cheios de lágrimas.

— Temos que falar seriamente - disse com um deixo divertido na voz —

Seu pai parece ser um canalha de mente estreita. Eu gostaria de fazer amor contigo à borda do Ganges — Continuou com um murmúrio — A borda do Humber e no jardim. Certamente faça algum dia. Se fosse preciso faria inclusive diante de Codswallop e do resto do pessoal.

Gabby abriu a boca para falar, mas ele pôs um dedo nos lábios.

— De acordo, preferiria que Codswallop não estivesse nos arredores; sua expressão afetada não favorece as carícias. O que quero dizer, Gabby, é que Deus benzeria nossa união em qualquer lugar que esta tivesse lugar, tão de dia como de noite, sob os lençóis ou sobre a grama. A ideia que tem seu pai sobre o pecado é muito primitiva.

Ela esboçou um semi sorriso.

— Recorda ao Sudhakar.

— O brâmane?

— Jogava xadrez com meu pai todas as quintas-feiras e acostumávamos a falar quando meu pai se atrasava, o qual acontecia frequentemente.

— Em qualquer caso falava com franqueza.

— Sudhakar é brâmane, para ele papai pertence a uma raça inferior. Mas me queria.

Quill acariciou suas costas.

— Quer que façamos amor agora, querida? Não estamos na borda de um Rio; mas o dormitório da viscondessa foi testemunha da concepção de numerosos Dewland e não há lugar no mundo que seja mais apropriado para consumir nosso matrimônio.

Ela esclareceu garganta.

— Eu gostaria de saber... O que vai fazer comigo.

Quill queria beijá-la mais ela o empurrou e se levantou.

— Não estou brincando! Eu gostaria de saber se doerá.

— É isso o que se preocupa?

— Evidentemente! — Replicou ela incômoda— E confesso que me pergunto se vale a pena já que a mim doerá e que depois você terá que suportar três dias de enxaquecas.

— Amanhã comprovaremos se mereceu a pena. De acordo?

— Se entendi bem, amanhã você estará confinado na cama.

— Mmm.

Ele não gostava de muito pensar nisso...

— Tem razão Gabby. Fazemos as coisas de modo racional.

Ele exibia seu sorriso travesso quando se levantou. Ela ficou imóvel com o coração golpeando com força em seu peito.

Quill tirou a calça e começou a desprender-se dos calções como se estivesse sozinho. Mas a verdade era que seus dedos tremiam. Gabby ainda não se atreveu a levantar os olhos para ele, e quando o fez, custou conter um grito.

Ele se voltou, dirigiu-se à lareira e acendeu duas velas que levou a cabeceira. O quarto estava quase às escuras pelo crepúsculo.

Ajoelhou-se para avivar o fogo do lar.

— Quill — Disse ela com voz controlada.

— Sim?

Ele se levantou e se colocou frente a ela. Era magnífico!

— Já é hora de que tire a regata, querida.

Ela descruzou os braços com um estremecimento. Quill soltou as fitas da cintura e levantou a barra da camisa. Gabby se encontrou nua diante de seu marido.

Ele ficou sem fôlego. Que formosa era com sua leitosa pele e seus voluptuosos seios! Era uma tortura não tocá-la, não afastar seu sedoso cabelo para pô-lo atrás dos ombros e deixar vagar as mãos por suas curvas.

Uma lenha caiu com uma chuva de faíscas iluminando brevemente o dormitório.

— Aqui estamos como viemos ao mundo, Gabby— Disse em voz baixa.

Estava morrendo de desejo mais fez um esforço para não assustá-la. Era necessário que esses instantes fossem um êxito ou do contrário toda sua vida juntos seria afetada pelas estúpidas ideias de seu pai.

As pestanas dela escureciam as ruborizadas bochechas. Acariciou o cabelo.

— Gabby? Depois de ter me olhado quando acreditava que eu não me dava conta, já não quer seguir me olhando?

Ao ver que ela não respondia, tentou brincar de novo.

— Depois de ter me pedido tantas explicações lógicas?

— Aqui não tem nada de lógico — Murmurou ela enfrentando por seu fim olhar — Nunca teria imaginado que um dia estaria assim, nua, indecente...

Afogou-se, incapaz de expressar a vergonha que lhe causava essa situação.

— Não há nada de indecente. A escuridão é para os covardes e os ladrões. Você é minha mulher e quero te honrar a plena luz.

Gabby mordeu o lábio. Apesar dele, seu corpo a estava traindo. E, a verdade, de Quill não tinha nada de sinistro. Nem seus ombros, nem seus estreitos quadris.

Quill lhe agarrou a mão e a pôs ao lado de seu sexo.

— Vê Gabby? Estamos feitos para estar juntos.

Ela tremeu mais não se moveu.

Depois, sem nem sequer se dar conta, sucumbiu. Perdida toda vergonha, cedeu ao rogo silencioso de seu olhar e se arrisco a pôr um dedo em cima.

Ele estremeceu e ela retirou imediatamente a mão.

— Tenho te feito mal? — Perguntou preocupada.

Ele voltou a tomar sua mão e a pôs de novo onde estava.

— Será você quem sente dor, Gabby, mas só ao princípio. Vêm aqui.

Sua valente pequena esposa se aproximou e passou os braços ao redor do pescoço.

Ele percorreu seus ombros com pequenos beijos inocentes que enviavam descargas através de todo o corpo e depois agarrou as nádegas dela entre suas mãos.

Gabby fechou os olhos concentrando-se nas mãos que a levantavam levando para a cama. Ele a tombou com cuidado e ela pensou que isso não era nada indecente.

Ele segurou seus seios com as mãos e depois com a boca, e ela se arqueou segurando a seus ombros, emitindo sons inarticulados.

Com as pálpebras fechadas, sentiu sua virilidade contra sua coxa e depois seus dedos nela. Deu um pulo quando ele lhe abriu mais as pernas, mas já não havia lugar para a vergonha, só para o desejo que a dominava por completo, para essa necessidade que era mais forte que ela.

— Abra os olhos Gabby.

Sem prestar atenção ela se arqueou debaixo dele, ávida de suas carícias.

— Abra os olhos! — Repetiu ele com uma espécie de grunhido.

Ela obedeceu por fim e se encontrou com Quill em cima dela com os olhos obscurecidos de desejo. Instintivamente se incorporou para seu marido.

— Por favor...

Ele exibiu um sorriso satisfeito, mas não se dava conta de nada. Só de que queria mais.

Então ele foi, como um ladrão a pleno dia, como um demônio. Fundo em seu olhar, entrou nela com um poderoso movimento.

Doeu.

Doeu muito, e a Quill também devia estar doendo porque seu rosto tinha uma expressão torturada. Gabby tivesse querido protestar mais estava cravada ao colchão pelo peso dele, por sua presença dentro dela.

Ele beijou suas bochechas, seu rosto e sua boca antes começar a mover-se lentamente. Ela conteve um grito de dor, que foi imediatamente seguido por um raio de prazer. Quando ele se moveu de novo, já não havia mais dor, só fogo em suas veias e um intenso estremecimento que a atravessou.

Quill ficou imóvel, obrigando-se a contar até dez. Sua pequena esposa era muito estreita e tinha que acostumar-se a ele, entretanto antes de chegar a oito, Gabby pronunciou seu nome com um suspiro que expressava mais prazer que sofrimento. Então voltou a inundar-se nela, com mais força, mais rápido.

Um delicioso torvelinho estava tomando conta dela, obrigando-a a seguir o ritmo de Quill. Sua respiração era um soluço e seu corpo se movia frenético.

Deste modo, a filha do diabo, como a chamava seu pai, voou com suas próprias asas.

De repente, ele a agarrou pelos quadris e a levantou grunhindo:

— Agora, Gabby!

Sem hesitar ela se arqueou e mal ouviu seu próprio grito misturando-se com o de seu marido.

Uma cascata de prazer varreu qualquer sombra de indecência e de pecado.

Depois, Quill caiu sobre ela, mas Gabby se sentiu feliz ao sentir seu peso. Sua pele brilhava ligeiramente e, quando ele pôs os lábios em sua testa, ficou um gosto salgado na boca.

Gabby abriu por fim os olhos.

— Já o entendi — Disse contra sua bochecha — O “com meu corpo te honrarei”

As palavras saíram diretamente de seu coração, como uma prece.

— Na cerimônia do matrimônio se diz tudo de verdade? — Perguntou estranhando.

Ainda dentro dela, Ele apertou com força sua mão. Custava falar.

— Dói sua cabeça, Quill?

Sabia que se adormecesse, a dor viria. Já podia vislumbrar pequenos brilhos vermelhos, sinal que precedia à crise.

Entretanto começou a mover-se lentamente de novo em seu interior.

Ela abriu os olhos com assombro.

— Oh! — Suspirou encantada.

— Sim — Murmurou ele.

Capítulo 17



Quill despertou de madrugada, abriu as pálpebras e os fechou imediatamente. A luz era insuportável, a dor martelava as têmporas e por experiência sabia que as náuseas não demorariam para aparecer.

Quando voltou a cabeça, a dor se propagou à nuca e aos ombros. Mas Gabby estava aí, aconchegada contra ele. Ele mal notava a deliciosa curva de seu lábio inferior.

Tinha que ir ao outro dormitório.

Afogando um gemido, esticou o braço, encontrou o cordão para chamar e puxou. Assim que a porta se abriu, sussurrou sem abrir os olhos:

— Me ajude a sair daqui!

Cinco minutos depois estava descansando tão comodamente como era possível, em sua própria cama, não sem antes ter vomitado pelo caminho o leve jantar que tinha compartilhado com Gabby durante a noite.

Permanecia imóvel com um pano molhado sobre o rosto, derrotado pelas náusea e a dor.

Uma terrível amargura se misturava com o gosto da bílis que enchia sua boca. Ele teria gostado tanto estar ainda ao lado do Gabby!

A teria despertado com seus beijos, teria ajudado a banhar-se, teria ensaboado cada parte de seu suave corpo.

A menos que decidissem praticar a abstinência, pensou, nunca veria sua esposa quando ela despertasse e isso parecia insuportavelmente injusto. Mas quando apertou os dentes com força, a dor de cabeça aumentou de modo que tentou, com o controle que lhe proporcionava uma longa experiência, relaxar completamente. O mais mínimo movimento podia prolongar a enxaqueca vários dias.

Perdeu rapidamente a noção do tempo, não se movia mais que para vomitar na bacia depositada aos pés da cama. Willis ia cada hora a trocar o

pano úmido de seus olhos.

Não esperava ouvir Gabby entrar na habitação nas pontas dos pés. Esticou-se. Willis não deveria havê-la deixado entrar, não era questão de que ficasse a vomitar diante dela.

Foi inútil. Sua reação provocou uma nova onda de náusea e, antes que pudesse dizer uma só palavra, inclinou-se na borda da cama esperando não salpicar a barra de seu vestido. Manteve as pálpebras fechadas. Não precisava ver a expressão enojada que certamente ela teria; podia imaginar muito bem.

Voltou-se a deitar amaldiçoando em silêncio. Em que estava pensando quando decidiu casar-se? Era muito consciente de suas debilidades. Que maldição tinha imposto a Gabby ao casar com esse simulacro de homem? Para falta ser alguém muito malvado para casar-se com ela só porque a desejava, sem pensar no futuro dela nem em sua felicidade.

— Que demônios está fazendo aqui? — Conseguiu dizer com um rouco murmúrio.

— Vim vê-lo — Disse ela sem incomodar-se por sua hostilidade.

Uma cadeira arranhou o chão e a dor se fez mais intensa.

Ela deve ter notado porque se desculpou:

— Sinto Quill. Posso ficar um momento se não fizer ruído?

Quill estava desconcertado. Nas crises, seu olfato era mais agudo e os perfumes lhe provocavam arcadas. Mas não o de Gabby. Certamente acabava de tomar um banho e cheirava a jasmim. Jasmim e a seu fresco aroma próprio.

— Sua mãe, lady Sylvia e Peter acabam de partir para Southampton — Disse ela em voz baixa — Sua mãe te envia seu carinho. Quer que te conte uma história? — Acrescentou rapidamente.

Parecia incômoda e Quill teria jurado que se estava mordiscando o lábio inferior enquanto retorcia as mãos com nervosismo.

— Não sou muito boa enfermeira — Continuou ele — Mas Kasi estava frequentemente doente e eu acostumava distraí-lo inventando contos para ele.

Tomou o silêncio de seu marido como uma afirmação.

— Ao melhor gostaria de escutar uma lenda da Índia. Contou-me isso Ayah e depois eu a contei a Kasi, após ter mudado um pouco porque isso é o

que acontece com as lendas.

“Começa no mesmo lugar em que acaba, em um grande palácio nos arredores de Barahampore. A um lado do palácio corria o escuro e sinuoso rio chamado Bohogritee e ao outro lado havia um mercado de pássaros. O palácio era feito de mármore e coberto com pinturas de pássaros. Debaixo de cada um dos arcos os músicos tocavam manhã e tarde imitando o canto dos pássaros.”

A Quill a voz de Gabby sempre tinha parecido sensual, ligeiramente velada e cheia de música; neste instante disse que ela a utilizava como se fosse uma harpa.

— O príncipe que vivia nesse palácio era o músico com mais talento da Índia. Chamava-se Mamarah Daula, e não havia um só instrumento do qual não tirasse uns sons tão emotivos que inclusive as pedras choravam para ouvi-lo. As pessoas vinham de todos os cantos do país para escutar sua música e ele vivia rodeado de elegância e beleza. Bento pelos deuses usava sapatos de veludo bordados com fios de prata e nunca se deslocava sem uma escolta de vinte ou trinta criados. Mamarah Daula tinha muita sorte, mas também era muito extravagante.

Quill se deixou cair em um nebuloso torpor que não tinha nada em comum com a amarga letargia que geralmente acompanhava a suas crises. As aventuras do príncipe o tiveram acordado mais de uma hora, passada a qual ficou profundamente adormecido em vez de cair no sono doloroso e entrecortado que padecia habitualmente.

Gabby voltou pela tarde, segurou sua mão e contou o trigésimo aniversário de Daula. Sakamari, a deusa dos bosques, tinha decidido dar de presente um instrumento do qual sairia a mais formosa música do mundo. Mas o advertiu de que se o utilizasse com vaidade ou orgulho, provocaria uma terrível dor de cabeça.

Quill esboçou um sorriso. Gabby descrevia com grande entusiasmo a qualidade dos sons que Daula arrancava de seu novo instrumento.

Conseguiu abrir a boca para murmurar com voz rouca:

— O instrumento era um flauta doce?

Se não tivesse tido os olhos tampados pelo trapo úmido, teria podido ver o sorriso de sua esposa.

— É muito possível — Respondeu ela — Os hindus criam uma música muito bela com suas... Flautas doces.

No dia seguinte pela manhã, a dor era menos violenta e Quill não vomitou nenhuma só vez na presença de Gabby. Por desgracia, Mamarah Daula era incapaz de dominar seu orgulho e o flauta doce lhe provocou uma dor de cabeça atrás da outra.

Afinal, a crise de Quill durou o mesmo tempo que as anteriores, mas foi mais suportável. E sabia a razão. Tinha aceito o consolo de sua mulher, seu mágico perfume, sua feiticeira voz e a incrível história que tinha inventado para ele.

A última noite tinha o estômago revoltado, não pelas náuseas, mas sim de asco por si mesmo. Gabby, sua encantadora Gabby, deveria haver-se casado com outro homem, um homem que... Mas o simples fato de pensar o punha fora de si. Mataria sem duvidá-lo a qualquer que se atrevesse a aproximar-se a ela. Gabby era dele.

Por fim pôde levantar-se e voltaram para Londres. Ao cabo de umas horas de viagem, Gabby dormiu apoiada em seu ombro. Quill sabia por que estava tão cansada. Willis não tinha sido o único em lhe trocar as compressas no meio da noite. Tentou afastar esse novo sentimento de culpa.

Como fazia tempo que tinha renunciado ao matrimônio e ao amor, nunca tinha pensado na posição que ocupava um marido. De maneira vaga, sempre lhe pareceu que carregar com uma esposa que dependia de um, seria bastante molesto.

Mas era ele quem dependia dela. E era aterrador, embora adorasse a presença de sua faladeira mulherzinha. Experimentava um estranho encolhimento no coração quando ela murmurava “te amo”, contra seu peito, embora soubesse que só eram tolices de uma juvenzinha romântica.

A verdade é que ele quase poderia haver dito esse tipo de bobagens. Contemplou Gabby, adormecida apoiada nele, com o cabelo que começava a deslizar de seu penteado.

Quase.

Chegaram a Londres na hora de jantar. Quill desceu da carruagem e ajudou a Gabby a fazer o mesmo.

Atrás deles tudo estava em movimento. Quando se voltou, com a mão de sua esposa no braço, viu que os criados mais importantes estavam formados em fileira a ambos os lados das escadas que subiam até a casa com um Codswallop majestoso no centro.

O mordomo desceu as escadas e se dirigiu para eles.

— Bem-vindos a sua casa, lorde e lady Dewland — Disse fazendo uma reverência.

Quill se desconcertou por um momento diante esse desdobramento tão pouco habitual. É obvio! Agora esta era sua casa e eles eram seus criados.

Gabby fez um gracioso gesto com a cabeça.

— Que amável por sua parte nos receber assim em um momento tão triste, Codswallop!

Os criados sorriram com aprovação.

Quill se refez.

— Boa tarde a todos — Disse — Apresento a minha esposa, a viscondessa Dewland.

A senhora Farsalter se aproximou com as mãos entrecruzadas por cima de seu avental.

— Estarei encantada de lhe mostrar as contas da casa assim que o deseje, milady.

Estendeu ao Gabby um enorme molho de chaves.

— A viscondessa viúva me deixou isto quando deixou a casa. Agora são suas.

— Meu Deus! Poderíamos falar amanhã depois do café da manhã, senhora Farsalter? Estou segura de que você sabe como levar uma casa tão perfeitamente que não vou ter que lhe dar nenhuma indicação a respeito. Entretanto, estarei encantada de ajudá-la na medida do possível.

A boa mulher se relaxou.

— Dentro de uma hora lhes servirei um jantar leve, se parecer bem, milady.

Quill ofereceu o braço a sua esposa e a acompanhou através do vestíbulo.

— Você gostaria de descansar um pouco antes do jantar?

— Agradeço isso. Não estou cansada mais eu gostaria de tomar um banho. Codswallop enviou imediatamente a dois lacaios a procurar água quente.

Gabby subiu as escadas com Quill atrás. Quando chegou ao piso de acima se dirigiu a seu antigo dormitório, mas ele a deteve.

— Seguro que levaram todas suas coisas aos aposentos da viscondessa, Gabby.

Ela se mordeu o lábio.

— Sua pobre mãe...

— As coisas são assim. Ela disporá da melhor acomodação de convidados quando vier de visita, mas as moradias dos donos da casa são nossas agora.

Deu um beijo cheio de promessas.

— Tendo uma porta de comunicação posso ver minha esposa quando se vista... Ou se dispa.

Ela deu um salto para trás.

— Também pode ficar fechada! — Respondeu.

Tinha pensado muito enquanto esperava que Quill ficasse bem. Teria que estar louca para pensar sequer em voltar a ser a causa de umas enxaquecas tão espantosas como as de seu marido. Se acreditar que ela ia voltar a provocar uma crise como essa, estava muito equivocado.

Mas não era o momento de falar disso. Tão dignamente como foi possível se dirigiu aos apartamentos da viscondessa com seu marido pisando os calcanhares. Ele fechou a porta atrás deles.

Gabby suspirou.

— Não acredita que seria melhor esperar a depois do jantar para falar disto?

Ela estava inspecionando o quarto inconscientemente.

— Não. Prefiro fazê-lo agora — Declarou ele.

Ela acariciou a superfície encerada do escritório de pau-rosa.

— Não é questão de voltar a fazer o que te provoca as enxaquecas. Isso é

evidente.

— Não vejo nada de evidente — Replicou Quill com voz tensa, a beira da ira.

— Para mim é. Nego-me a voltar a passar por isso antes que encontremos um remédio.

— Pelo amor de Deus! Acredita acaso que não tentei?

— Temos que procurar mais — Disse — Te conheço, Quill. Não podia nem sequer me falar. Seguro que existem dúzias de médicos, tão aqui como no estrangeiro, que têm uma solução a esse tipo de problemas.

Quill, com os braços cruzados, apoiou-se no suporte da lareira.

— O especialista mais famosos em matéria de enxaquecas é um austríaco chamado Heberden. O fiz vir a Inglaterra para que falasse com meus médicos. Disse que as sanguessugas foram perniciosas.

Fez uma careta a modo de sorriso.

— Eu já sabia por que as tinha tido postas na cabeça no ano anterior. Recomendou uma decocção de quinina que resultou ser totalmente ineficaz. Devo acrescentar Gabby, que pareceu um pouco surpreso pela quantidade de remédios que tinha provado já: valeriana, mirra, almíscar, cânfora, ópio, cicuta e inclusive rapé. E também está esse enganador do Bath que me enchia de unguentos feitos de cicuta e resina. Durante vários dias desprendi um penetrante aroma de bosque de pinheiros.

— O doutor Heberden não tinha outra solução além da quinina?

— Aconselhou-me que pusesse um vesicante^{2} atrás das orelhas no seguinte ataque — Disse Quill com um sorriso irônico — Você mesma pode ver o resultado. Depois quis me convencer para que tomasse ópio mais não quis me arriscar. Ao final decidi que a melhor solução era conviver com a enfermidade. De fato, a última coisa que tomei era um remédio milagroso que minha mãe comprou a um suposto curandeiro de Blackfriars. Umas semanas depois, quando saí de um prolongado ataque de delírio, os médicos me informaram que o “remédio milagroso” tinha estado a ponto de me matar sem me haver curado os dores de cabeça.

Gabby pensou na carta que tinha enviado a Sudhakar, mas desistiu de lhe

falar dela.

— Jurei então que não voltaria a tomar nenhum medicamento — Prosseguiu ele antes de esclarecer a garganta — Me dou perfeita conta de que minha debilidade é um obstáculo para sua felicidade. Sem dúvida não deveria ter me casado contigo.

— Então se trata disso!

Ao Quill pareceu que seu coração deixava de pulsar e seu sarcástico sorriso desapareceu. Ela tinha razão, naturalmente. Tinha todo o direito do mundo de gritar, vociferar, abandoná-lo, divorciar-se...

— Justamente, casou-se comigo! — Continuava Gabby — Sei que, a partir de agora já não é seu problema e sim nosso problema.

— Custa-me seguir seu raciocínio — Disse ele com uma cortesia gelada — Não te incomodarei nunca com mais penosos interlúdios e não te pedirei que me ajude quando tiver uma crise.

Ela lançou um severo olhar.

— Não mencionei que seu comportamento durante as crises, só disse que o problema concerne aos dois. Isso significa que temos que abordar a questão dos remédios juntos.

— Ninguém; e sobre tudo minha esposa; tomará nenhuma decisão em meu lugar — Grunhiu Quill — Me nego a provar nenhuma só mais desses condenados remédios. Sou um doente e terá que aprender a viver com isso.

Gabby notou que estava zangado, mas fez um esforço para conservar a calma.

— Isso não é muito amável de sua parte. Certamente entende que é uma decisão que devemos tomar os dois juntos não?

— Certamente que não! — Trovejou Quill — No princípio, depois de meu acidente, minha mãe o dispunha tudo em minha habitação de doente. Se a tivesse feito caso a estas alturas ainda estaria na cama sem me mover. Esteve a ponto de me matar com seus pretendidos remédios milagrosos, e depois brigou com unhas e dentes contra as ideias de Tranquelstein. Entretanto foram as massagens e os exercícios desse homem os que me permitiram voltar a estar de pé.

Ela apertou os lábios.

— Não vejo que relação têm os enganos de sua mãe com a presente situação.

— Eu, e só eu, tomarei as decisões quanto às soluções que terei que tomar Gabby. Não tenho nenhum desejo de arriscar a vida por culpa dos cuidados de um médico excêntrico do que você tenha ouvido falar enquanto tomava uma xícara de chá. Ponto final! — Concluiu ele cruzando os braços e fazendo caso omissivo do cenho franzido de sua esposa.

— Muito bem — Disse ela depois de uma pausa — Nesse caso te informo que todas as decisões relativas a meu corpo são coisa exclusivamente minha.

— É óbvio — Assentiu Quill.

— Perfeito. Então não se zangará comigo se fizer que tranquem a porta de comunicação. Não vamos necessitar dela.

Ele tremeu.

— O que está tentando me dizer?

Ela deu de ombros.

— Simplesmente estou fazendo notar, querido marido, que meu corpo já não está a sua disposição. Desse modo já não sofrerá mais enxaquecas e não terá necessidade de remédios desagradáveis.

Virou-se rapidamente e começou a tirar as forquilhas do penteado.

— E se encontrar uma amante? — Perguntou ele atrás dela com um tom de voz preocupante.

Ela ficou imóvel.

— Essa é sua decisão e sempre será. Terei piedade de suas enxaquecas mais ao menos não serei eu a responsável por elas.

— E você? — Lançou ele maliciosamente — Como acalmará seus desejos, Gabby? Pensa em me pôr os chifres?

Ela estava a beira das lágrimas, entretanto era necessário chegar até o final, do contrário Quill se faria forte em sua decisão de não tentar curar-se.

— OH, não! — Disse com ligeireza enquanto escovava o cabelo — Me agradou a noite que passamos juntos...

Interrompeu-se o tempo justo para semear a dúvida.

— ... Mas não vejo nenhuma razão importante para que voltemos a fazê-lo. Foi agradável sem ser... Indispensável.

Foi especialmente difícil pronunciar essa mentira, deu a sensação de que estava pisoteando o coração.

Virou-se para enfrentar seu olhar; tinha notado que seu pai acreditava com maior facilidade suas mentiras quando lhe olhava diretamente aos olhos.

— Foi algo um pouco sujo não Quill? — Disse com um delicado estremecimento — Eu não gostei de nada ver os lençóis sujos. Nem estar nua diante de você.

— Pelo amor de Deus, Gabby! Sangrou porque era sua primeira vez. Não voltará a acontecer.

Não? Isso ela não sabia.

— Hmm... O que quero dizer, Quill, é que não tenho intenções de te enganar. Não me interessa muito e nunca procurarei a outros homens. Você é meu marido por que diabos eu iria permitir que outro homem desfrutasse de meu corpo?

Isso ao menos era verdade. Traziam sem cuidado outros homens, ao único que desejava era Quill.

Ele apertou as mandíbulas até que o doeram os dentes. Devia haver-se equivocado quando acreditou que lhe tinha proporcionado um enorme prazer. Sem dúvida tinha estado cego por seu próprio orgasmo.

Dirigiu-se para a porta e se deteve com a mão no pomo.

— Se tentar algum remédio novo me permitirá fazer amor contigo?

Desprezava a si mesmo por mostrar desse modo sua vulnerabilidade e não queria voltar-se por temor a ler a paixão no olhar do Gabby.

Ela era incapaz de responder, afogada pelas lágrimas.

Ele esperou um momento antes de repetir:

— Então, me diga Gabby terei direito a um escarcéu contigo cada vez que me trague uma infusão de quinina? Ou deverei recorrer às sanguessugas para compartilhar o leito de minha esposa?

Ela encontrou a voz.

— Realmente é necessário que...

— Sim! — Disse ele secamente — Para que prove uma nova medicina devo antes ter uma enxaqueca. De modo que esperaremos a que um enganador se presente com uma infusão de insetos e então solicitarei sua permissão para exercer meus direitos conjugais.

Ela tampou a face com as mãos.

— Eu... não posso voltar a fazer isso Quill. Entende não é?

— Muito bem — Respondeu ele com um tom terrivelmente gelado — Não voltarei a entrar em seu dormitório milady. Faça o que queira com essa porta; tranque-a se deseje.

Inclinou-se a modo de despedida, mas Gabby não se moveu. Tinha um doloroso nó na garganta.

A porta se abriu, voltou-se a fechar e ela permitiu por fim que as lágrimas se derramassem.

Deus que mentirosa se tornou! Havia dito verdadeiras barbaridades e ele tinha acreditado em todas.

E, entretanto estava muito longe de ser certo. Desejava com toda sua alma tocá-lo. De noite, entre os limpos lençóis, só podia pensar no prazer que ele lhe tinha proporcionado, na sorte de sentir em seu interior e em quão gemidos se escaparam de seus lábios. Recordou a mão que a acariciava, seus quadris elevando-se por vontade própria a seu encontro...

Uma vez preparado o banho, Gabby informou a Margaret de que lhe doía a cabeça e que não se reuniria com seu marido para jantar.

Aconchegou-se feita uma bola na cama, cheia de tristeza enquanto a água da banheira se esfriava. Meteu-se nela quando a água já estava completamente fria. Um castigo, disse, por ter mentido, por ter desejado... O que era pior? Conhecia a resposta. Quill tinha razão quanto ao desejo. Não podia haver nada de mal no modo em que seus corpos se uniam amando-se, fosse de dia ou de noite. Mas havia feito mal lhe dizendo que não gostava de fazê-lo.

Permaneceu imóvel olhando-os mamilos que tomavam uma cor vermelha escura como se se preparassem para seu marido. Como cada vez que pensava

nele.

Chorou. Porque o amava, porque o desejava e porque essas duas verdades não podiam ir da mão. Amava-o; adorava o modo em que seus olhos brilhavam, a maneira em que ele a contemplava em silêncio, a forma em que a tocava como se ela fosse a mulher mais formosa do mundo, a mais valiosa.

Amava muito mais do que queria a si mesma.

O banho frio assentou bem, e outras lembranças substituíram as de sua única noite de amor. Durante seu ataque Quill se pôs mortalmente pálido, seu rosto estava terroso e assustado, os olhos profundamente afundados nas órbitas e os vômitos...

Não! Fazia bem mentindo. Tinha sido por seu bem. Por instinto sabia que o sairia de uma crise para voltar imediatamente para sua cama. Sofreria permanentemente.

Porque a amava, pensou. Não havia ele retornado a dizer desde que se casou com ela mais não gostava de muito as declarações de amor. E posto que a amasse, desejaria fazer o amor sem cessar. Não queria privá-la desses momentos de prazer, nem sequer a custa de sua própria saúde.

Entretanto agora, ele não pensaria já em fazer amor. Já não o desejaria tendo em quanta o que lhe havia dito.

E isso era o mais importante.

Lucien Blanc se dirigia, sem grande entusiasmo, a um café da manhã com champanha que ofereciam os duques de Gisle, quando caiu na conta de que era terça-feira pela manhã. Exatamente na terça-feira pouco depois das dez. Se desse uma contraordem ao chofer, chegaria à casa de Emily ao mesmo tempo em que Bartholomew Hislop e demonstraria a este último que a jovem não era para ele.

Golpeou o teto da carruagem.

Mas quando se detiveram diante da casinha não viu sinais de Hislop. Possivelmente fosse melhor que o deixasse, pensou. Emily tinha negado várias vezes a recebê-lo. Cada vez que se apresentou na porta, Sally havia dito que a senhora Ewing tinha saído.

Ao recordar se esticou e esteve a ponto de ordenar ao laçao que fechasse

a portinhola. Provavelmente Hislop estava no escritório de Emily inclinando-se por cima de seu ombro...

Apertou os dentes e saltou ao chão enquanto colocava as luvas. Não ia permitir que lhe negasse a entrada se Hislop estava dentro.

A criada balbuciou as tolices habituais, mas ele lhe deu uma moeda e ela desapareceu em direção à cozinha.

Lucien hesitou um momento diante da porta do escritório e depois entrou sem bater. Deu-se conta imediatamente de seu engano; Emily e Hislop se encontravam diante do escritório, voltados de costas e pareciam estar compartilhando um tranquilo momento de intimidade.

Quando ela se voltou, Lucien viu uma expressão de asco em sua face.

— Perdoem que os incomode — Disse envergonhado com seu acento francês mais pronunciado que de costume.

Era evidente que a ela não incomodava a presença de Hislop. Ele inclusive tinha a mão em seu pulso.

Hislop saudou o Lucien com a maior naturalidade do mundo.

— Encantado de voltar a vê-lo! — Disse com sinceridade — Que estranha coincidência!

— Venho aqui sempre — Resmungou Lucien, sombrio entrecerrando os olhos.

— Eu também, eu também — Repliou Hislop sem suspeitar por um momento o perigo que corria.

Emily se precipitou por volta do recém-chegado.

— Que alegria voltar a lhe ver, senhor Blanc! — Exclamou.

Tinha as bochechas ruborizadas e ele pensou que era pelo prazer de ter tido a mão do Hislop na sua.

— Sinto ter incomodado — Mentiu com rigidez— Tinha esquecido por completo de que hoje era o dia da entrevista habitual com o senhor Hislop.

— Entrevista não é a palavra apropriada — Entreviu o outro — Isso faz que pareça algo muito profissional. Prefiro pensar na senhora Ewing como em uma boa amiga. De fato estava pedindo que ela me acompanhasse esta noite ao

teatro.

Lucien apertou os dentes. Tinha Emily a menor ideia do que estava dando a entender esse canalha? Aparentemente não. O mas fastidioso era que ele também a tinha convidado a ir ao teatro e ela se negou.

— Nesse caso pode ser que nos vejamos ali — Disse educadamente voltando a inclinar — Me desculpam, estão-me esperando.

Hislop avançou tampando ao Emily da vista do Lucien.

— Apostaria que vai você ao café da manhã do duque de Gisle. Eu estava convidado, sou um de seus melhores amigos sabe? Mas perdi o convite. Essas coisas passam não é certo?

— Certamente.

Lucien fez intenção de ir, mas um grito escapou da boca do Emily:

— Senhor Blanc!

— Sim?

— Eu...

Custava seguir e ele esperou.

— Uma vez, quando veio a me visitar — Disse com voz tensa — Me ofereceu sua ajuda. Eu gostaria de aceitá-la agora.

Lucien permaneceu perplexo por um instante. A que ela se referia? De repente recordou que um dia lhe disse que o tinha vindo a matar a um dragão.

— Senhor Hislop — Disse com um fino sorriso — Já que seu convite desapareceu de modo tão fastidioso por que não me acompanha ao café da manhã dos Gisle? Estou seguro de que Patrick estará encantado de ver um de seus melhores amigos.

Hislop não duvidou nem por um momento. Rapidamente se despediu de Emily.

— Seguro que entende, querida senhora, que devo deixá-la. Possivelmente tenha tempo de voltar mais tarde.

Lucien se crispou diante a pouca delicadeza desse arrivista, mas uma olhada a Emily tranquilizou. Não gostava tanto como ele tinha acreditado.

Apenas se fechou a porta do carro atrás deles, Lucien se equilibrou sobre

o Hislop, agarrou-o pela gravata e o levantou do assento.

— Que está você fazendo? — Gritou.

O resto de seus protestos foi ininteligível porque Lucien lhe deu uma rasteira e ele caiu pesadamente entre os dois assentos.

Hislop, sentado no chão, olhava a seu agressor com estupefação e horror.

— O que lhe acontece? Enrugou-me a gravata, maldição! Danificou-se! Que vá pensar os duques?

Lucien, divertido, se deu conta de que se preocupava mais pelo estado de sua roupa que da violência inesperada da que tinha sido vítima. Sem dúvida estava acostumado a provocar esse tipo de reação.

— Quero que se mantenha longe da senhora Ewing — Disse com uma voz perigosamente suave — Se me inteirar de que o viram perto dela ou de sua casa, me ocuparei de que ninguém na alta sociedade volte a recebê-lo.

Hislop se endireitou e se levantou ao assento oposto olhando às ou interlocutor como se este fosse um cão raivoso.

— Não entendo porque fez isso — Grunhiu — Não fiz nada que incomodasse à dama. Comportei-me como um perfeito cavalheiro, se deseja sabê-lo.

— Dá-me igual — Respondeu Lucien entre dentes — Sempre e quando renunciar a sua “amizade” pela senhora Ewing.

Hislop fez uma careta.

— Levo trabalhando com ela há meses — Se queixou — E você a conhece há só umas semanas. Não pode reconhecer que eu tenho prioridade?

Lucien fez um movimento ameaçador e o outro levantou as mãos em sinal de rendição.

— Muito bem! — Gritou com voz aguda — Por Deus! De todos os modos não me interessa muito. Para meu gosto é muito magra. Pensei em tentar com a irmã... Mas não farei! — Retificou rapidamente ao cruzar o olhar furioso de Lucien — Não voltarei a me aproximar de sua casa, se isso for o que deseja.

Lucien se apoiou no respaldo de seu assento o qual pareceu proporcionar um pouco de coragem a Hislop.

— Não vejo em que poderia incomoda-lo que eu cortejasse à irmã — Grunhiu fracamente — Você pode ficar com Emily, farei a um lado como um cavalheiro, embora eu a visse antes, mas por que não me deixar a Louise? Poderia instalá-la muito comodamente — Acrescentou generoso — Tenho uma casinha na Chelsea que é ideal para esse tipo de relação e está vazia há dois meses.

Lucien deu um golpe no teto e a carruagem se deteve bruscamente.

— O que faz? — Perguntou Hislop nervoso — Disse que me levaria a recepção dos Gisle e quero ir!

— Fora! — Ordenou Lucien enquanto a porta se abria.

— Não! — Se indignou o outro completamente vermelho — Prometeu-me isso! Roubou minha amiguinha sem que me dar tempo que dissesse adeus e com um desdobramento de força completamente desnecessário. Agora está obrigado a respeitar sua palavra.

Para sua enorme surpresa, Lucien pôs-se a rir.

— De acordo.

Hislop lhe olhou com de incerteza.

— Deveria arrumar o nó da gravata — aconselhou Lucien.

Ao redor de uma hora mais tarde, Patrick Foakes, duque do Gisle, deu uma ligeira cotovelada a seu amigo nas costelas.

— Quem é esse inapresentável que trouxe para minha casa? — Perguntou assinalando com o queixo em direção a Hislop que conversava alegremente com a duquesa.

— Bartholomew Hislop. Encantado não te parece? Estava tentando me tirar a minha futura esposa.

Patrick deu um pulo.

— O que?

Lucien se deu conta com atraso de que o que acabava de dizer a fim de contas só era uma agradável possibilidade.

— Tenho intenção de me casar com a senhora Emily Ewing — Explicou — Mas antes tinha que vencer o dragão.

Patrick entrecerrou os olhos enquanto seguia olhando ao Hisopo e a sua enrugada gravata.

— O dragão é isso?

Lucien sorriu.

— Nós os caçadores de dragões, encontramos o trabalho onde podemos.

Patrick levantou os olhos ao céu.

— Mas porque o trouxe aqui? Esperava acaso que meu cozinheiro envenenaria sua comida? Parece-me que se equivocou.

— Hislop e eu chegamos a um acordo no tema de Emily, mas tive que lhe prometer que lhe traria para seu café da manhã e lhe pareceu que devia manter minha palavra.

— Parece mais um rato que um dragão.

Lucien explodiu em gargalhadas.

De repente Patrick viu que Sophie lhe lançava um olhar suplicante por cima da cabeça do Hislop.

— Já esse beira de que madeira pareço! — Grunhiu o duque dirigindo-se para eles.

Por desgraça, a visita inesperada do Bartholomew Hislop à casa do duque do Gisle não se desenvolveu tão bem como tinha esperado.

Como contou a seus amigos no dia seguinte, só deixou cair acidentalmente uma porção de bolo de damasco aos pés da duquesa.

— Não no seu corpinho — Precisou — Ao lado!

E quando se inclinou para comprovar que o vestido não estava manchado, o duque se enfureceu.

Seus amigos eram todo ouvidos.

— É obvio — Os tranquilizou Bartholomew — Esse incidente não afetou a nossa amizade e estou seguro de que os Gisle seguirão me convidando com frequência. Mas lhes aconselho que evitem à duquesa. Francamente, Gisle não escolheu ao melhor partido de Londres — Depois da tosse — Sua Graça mostrou o seio a todo mundo no baile dos Fester não? De modo que não tinha que zangar-se porque eu jogasse uma olhada rápida.

Seus amigos assentiram com calor o qual atenuou um pouco a dor que lhe produzia o inchado que exhibia no olho direito.

Capítulo 18



— Gabby! Em nome de Deus, que esta fazendo aqui? — Exclamou Sophie
— Nunca antes me tinha encontrado com alguém conhecido nesta zona.

Gabby sorriu com acanhamento.

— Foi ver um farmacêutico. Como está Sophie?

A duquesa de Gisle a agarrou do braço.

— Aborreço-me, querida. Aborreço-me de morte. Estava procurando uma gramática de norueguês na loja do Spooner mais não a encontrei. Estou sendo muito mal educada, me perdoe. Queria ter ido visitar a semana passada para te dar os parabéns.

Gabby abriu a boca para responder mais Sophie não lhe deu tempo.

— Casou-se com o melhor dos dois irmãos sabe? Peter é um encanto, mas Quill... De verdade que se quando saiu da cama não tivesse conhecido já o Patrick, possivelmente tivesse ido por ele.

Exibia um deslumbrante sorriso e Gabby agachou a cabeça.

— Então é uma sorte que a enfermidade de meu marido durasse tanto tempo. Com você não teria tido a mais mínima possibilidade.

— Bobagens! Meu Patrick diz que Quill está loucamente apaixonado por você.

Gabby, secretamente encantada, pôs-se a rir.

— Como pode seu marido saber se Quill está apaixonado ou não?

Sophie fez um delicado encolhimento de ombros que era característico dela.

— Ora, os homens! Quem sabe como se entendem entre eles? Algumas vezes tenho a sensação de que Patrick e seu irmão se comunicam em segredo. Não falam muito frequentemente entre eles, mas Patrick sempre sabe se Alex tiver um problema. São gêmeos sabe?

— Não sabia — Murmurou Gabby intrigada — Parecem-se muito?

— Isso todo mundo acha, mas eu não estou de acordo. Eu gostaria de muito lhe apresentar ele, mas Alex e Charlotte, sua esposa, ainda estão no campo porque ela está grávida.

— Já vejo — Disse Gabby.

Quill e ela, por causa do luto, não tinham assistido a muitas festas, mas ela cruzou com muitas mulheres que estavam esperando um filho.

— Charlotte teve algumas dificuldades quando trouxe para o mundo a seu primeiro filho — Explicou Sophie — De modo que Alex está apavorado e não deixa a minha pobre amiga sair de casa. Patrick diz que vai acabar com uma úlcera por culpa dos nervos de seu irmão.

— Ambos sentem o que o outro?

— Sim. Parece ser que é algo frequente entre os gêmeos. É aqui aonde vinha, Gabby? A loja parece bastante lúgubre.

Encontravam-se diante uma pequena loja com os cristais sujos.

Gabby tirou de seu ridículo o artigo que tinha recortado do Time.

— Sim, é aqui.

— Seria melhor que nossas donzelas esperassem fora ou não caberemos todas dentro. Levante a barra, Gabby! — Aconselhou ao tempo que empurrava a porta fazendo soar uma campainha.

A loja do M. J. Moore, farmacêutico, estava cheia de frascos de estranhas formas todos eles etiquetados, atrás do balcão não havia ninguém.

Sophie se inclinou para ver uma das garrafas.

— Olhe! “Pó de vermes” Acredita que foi feito com vermes de terra?

— Duvido.

Onde estava o dono? Gabby apertava o recorte do jornal na mão enluvada.

— Não, não é feito de vermes — Continuou Sophie ainda inclinada sobre o frasco — Isto elimina do corpo a todo tipo de vermes. Gabby, O que estamos fazendo aqui?

Nesse instante, um ancião abriu a cortina que levava a robótica e Gabby

estremeceu. Os olhos do homem estavam cobertos por um véu esbranquiçado e se apoiou no balcão para dirigir-se para elas.

— Bom dia, bom dia. Sou James Moore — Disse com jovialidade — Fabricante de verdadeiros e eficazes remédios tanto para os jovens como para os velhos. Em que posso ajudar?

— Tenho lido seu anúncio no Time — Disse Gabby quem começava a lamentar realmente ter aberto o jornal essa manhã.

— Então milady padece você do intestino? Você tem arrotos ou possivelmente... Gases?

Sophie puxou o braço a sua amiga.

— Não acredito que estejamos na loja adequada — Murmurou.

— Ah, há duas damas! — Exclamou o senhor Moore — Estupendo! É normal estar um pouco nervoso nestas circunstâncias. Mas é melhor sentir-se incômodo aqui que sofrer uma verdadeira humilhação em público.

Gabby estava terrivelmente envergonhada.

— Vim porque parece ser que você curou a uma mulher que padecia umas violentas dores de cabeça.

— Exato, exato — Declarou o senhor Moore esfregando as mãos de uma duvidosa limpeza — É minha encantadora sobrinha, a senhorita Rachel Morbury, do Church Lane. Insistiu em publicar esse pequeno testemunho no jornal, querida senhora. Padecia desde por volta de dois anos e o passava tão mal que estava a ponto de perder o emprego. Tem um bom trabalho na casa da senhora Huffy, que vive no Church Lane. Rachel aceitou ao fim que lhe administrasse uma dose de meu eficaz remédio. E nunca tornou a lhe doer a cabeça após! — Concluiu triunfalmente sorrindo à parede que estava atrás de Gabby — Rachel escreveu o anúncio por sua conta, milady. Pelo bem da humanidade, disse ela. É uma boa sobrinha.

Durante a conversa, Sophie tinha crispado a mão sobre o braço de sua amiga.

— Seguro que o remédio está adulterado, Gabby — Sussurrou.

Esta esclareceu garganta.

— De que está feita sua poção contra a enxaqueca, senhor Moore?

— São vocês umas delicadas damas — Disse ele alegremente — De modo que lhes economizarei a lista de ingredientes que o compõem. Me desgostaria muito lhes provocar náusea e ainda mais que desistissem de comprar meus verdadeiros e eficazes remédios.

Sophie estava puxando o braço de sua amiga, mas Gabby resistiu.

— Não comprarei nada se não conhecer sua composição.

— Muito bem, muito bem. Utilizo uns ingredientes muito raros, milady. Por essa razão os medicamentos contra os dores de cabeça são mais caros que a maioria dos outros.

— De verdade?

— É um preparado de mercúrio, o mesmo que o famoso Empirick Charles Foge acostumava a tomar. E quando digo preparado de mercúrio, quero dizer que leva mercúrio.

— O que mais?

— Potássio e antimônio, um pouco de ópio.

— Nada novo — Cortou Gabby.

— O êxito garante um misterioso ingrediente, milady, mas não posso revelar. Um farmacêutico deve conservar seus segredos, do contrário qualquer ladrão das ruas poderia vender meus verdadeiros e eficazes remédios.

— Nesse caso, obrigado por nos haver atendido — Disse Gabby girando sobre seus calcanhares.

— Espere!

— Meu marido nunca tomará um remédio da qual não conheça a composição. Adeus, senhor.

— Pelo bem da humanidade — Balbuciou o farmacêutico — Em interesse da humanidade e para tranquilizar a seu querido marido, milady, o vou dizer. Mas tem que me dar sua palavra de que não o dirá a ninguém. Meu ingrediente secreto é tintura de cânhamo índio. A poção deve tomar-se cada duas ou três horas.

— Cânhamo índio? De onde tirou a ideia senhor?

— Comprei o remédio de um hindu, uma espécie de bruxo, como chamava

a si mesmo. E é realmente milagroso, milady, milagroso!

— Muito bem; comprarei um frasco.

O senhor Moore estava encantado.

— São cinco libras, milady.

— Vamos Gabby! — Disse firmemente Sophie — Não vai dar nem um penique a este enganador.

— Tenho uma libra — Disse Gabby depositando a moeda no gordurento balcão.

O senhor Moore se apoderou dela e em seu lugar pôs uma garrafa marrom.

— Nunca fiz um negócio melhor, milady. Uma colherada de sopa cada duas ou três horas quando houver uma crise.

Fez uma reverência.

— Permite-me lhe dizer quão encantado estaria de voltar a ser de utilidade? Como o disse meu remédio contra as ventosidades são famosos em todo o país.

— O agradeço — Replicou Gabby — Bom dia.

Seguiu ao Sophie fora da loja.

— Se não fosse amiga minha, estaria preocupada com sua saúde mental — Disse — Acaba de atirar uma libra pela janela.

— É muito possível — Admitiu Gabby um pouco desanimada.

— E me surpreenderia muito que Quill aceitasse tomar isso.

Gabby não desejava confessar que Quill certamente não tomaria. Era muito humilhante. Toda a situação era muito humilhante. Ardiam os olhos pelas lágrimas.

Sophie notou. Agarrou Gabby pelo braço para levá-la ao outro extremo da rua onde as esperavam suas carruagens.

— Temos que falar de tudo isto, Gabby — Disse — Suponho que as enxaquecas de Quill são graves.

— Sim.

— Entretanto, quem sabe que efeito teria sobre ele esse cânhamo índio? Acho muito difícil imaginar Quill tomando essa poção. Embora fosse realmente eficaz — Acrescentou imitando a voz do senhor Moore — E se fizesse mais mal que bem, Gabby?

— Sei. Mas quando vi esse anuncio no jornal...

Não pôde dizer nada mais.

— Sua sobrinha! Seguro que o velho ardiloso redigiu o mesmo o anúncio.

— Seguro que tem razão — Disse Gabby em voz muito baixa.

— Necessitamos uma xícara de chá — Declarou bruscamente Sophie — Ordenarei a seu chofer que nos siga.

Gabby assentiu e logo se encontraram no estabelecimento da senhora Clara.

— É meu salão de chá preferido — Confiou Sophie — Todas as línguas viperinas de Londres estão aqui intercambiando fofocas, mas como as mesas não estão muito perto umas de outras como para sir o que se diz não ouvi de lado, ninguém se inteirará de nada.

Pouco a pouco, Gabby se tranquilizou. E, diante de uma xícara de chá, depois de assegurar-se de que ninguém podia as ouvir, contou tudo a Sophie.

— Mas tem que me prometer que não dirá nada a seu marido — Disse ela quando teve terminado — Tê suplico Sophie.

— Mas claro — Respondeu esta distraída — Não é algo que se possa contar a um homem, poria nervoso e começaria a ter enxaquecas por pura solidariedade masculina.

Gabby emitiu uma risada e Sophie continuou pensando em voz alta:

— As antigas feridas do Quill desencadeiam as enxaquecas, como isso é possível?

— Tem uma enorme cicatriz no quadril.

— Muito longe da cabeça.

— Possivelmente não — Protestou Gabby — E se as enxaquecas estivessem causadas pelo fato de fazer trabalhar ao quadril?

— Trabalhar? Ah! Entendo ao que se refere. Dói quando move a perna

normalmente?

— Nunca o mencionou, mas coxeia. E notei que a claudicação é mais evidente quando está cansado.

— De modo que deve sofrer a maior parte do tempo — Concluiu Sophie — Os homens são completamente estúpidos quando se trata de confessar que algo dói.

— Então e se as enxaquecas estivessem provocadas por um cansaço excessivo da perna? Ou melhor, dizendo, neste caso, do quadril — Retificou Gabby.

Podia notar como estava ruborizando.

— Poderiam ser as duas coisas — Precisou Sophie — Quero dizer...

Vacilou um momento antes de lançar-se:

— Parece ser que se sustenta sobre os joelhos e move os quadris. Esta noite deveria lhe impedir que movesse os quadris e que só se apoie nos joelhos — Disse com um brilho travesso nos olhos.

O coração do Gabby deu um tombo.

— Não posso Sophie. Eu disse que eu não gostava de fazê-lo, que o ato não me parecia agradável, para não ser responsável por suas enxaquecas. Não me odeia, mas faz disso várias semanas já e não me beija nem sequer para me desejar boa noite.

Humilhada, sentiu que as lágrimas voltavam a lhe alagar os olhos.

— Bom, pois mude de ideia — Sugeriu Sophie com firmeza.

— Não posso! E se não funcionar?

— Funcionará! E você não pode passar a vida comprando poções inverossímeis aos enganadores. Algum dia matará Quill.

— Nunca lhe fiz tomar nada — Confessou a jovem pensando nos numerosos frascos que escondia em seu escritório — Estava esperando que tivesse uma crise.

— Nunca terá nenhuma se não atrair em sua cama — Objetou Sophie com razão.

— Disse que tomaria uma amante.

Uma lágrima caiu pela bochecha de Gabby.

— Isso é uma estupidez! Apostaria que passa as noites sonhando derrubar sua porta. Patrick e eu não tivemos nenhuma relação desse tipo durante o primeiro ano de nosso matrimônio e nunca recorreu a uma cortesã. Para distrair se limitava a me fuzilar com o olhar.

— É certo isso? — Perguntou Gabby fascinada.

— Te surpreenderia saber a quantidade de tolices que fizemos — Repliou Sophie com um sorriso nos lábios — Mas reservarei isso para a próxima vez que tomemos o chá juntas porque prometi um juvenzinho que vive conosco, que o levaria a ver a Torre de Londres esta tarde.

— Não sei como lhe agradecer Sophie, eu...

— Bobagens!

A duquesa pôs-se a rir.

— Pareço minha mãe! — Disse — Conheceu-a já?

Gabby negou com a cabeça.

— Não sabe a sorte que tem! Vamos — Anuiu Sophie com expressão conspiradora — Pensará nisto esta noite Gabby. Levante esse ânimo!

Duas cartas procedentes da Índia esperavam Gabby quando chegou. Agarrou-as rapidamente mais nenhuma delas era de Sudhakar.

Leu a primeira com muito interesse. Aparentemente seu plano para salvar ao Kasi Rao se desenvolvia à perfeição. Sentiu uma onda de orgulho ao comprovar que uma de suas extravagantes ideias ia servir para algo.

Depois abriu, com alguma reticência, o envelope que tinha a letra de seu pai. À medida que ia lendo lhe pareceu que a carta lhe queimava os dedos. A petição de sua filha era absurda, dizia Richard Jerningham. Não se dava conta de que nenhum cavalheiro inglês ia tomar uma beberagem preparada por um vaidya? O que dava resultado com os hindus seria perigoso para a delicada constituição de um britânico. É que queria matar seu marido? De maneira nenhuma permitiria que alguém da aldeia se envolvesse em seu infernal projeto.

Sugeria, além disso, que se arrependesse de seus pecados e que o confessasse tudo a seu marido.

Gabby era consciente da pobre opinião que seu pai tinha dela, mas apesar

disso se sentiu desconcertada.

Com raiva, rasgou a carta. Estava contemplando os pedacinhos dispersados sobre uma mesinha, quando seu marido entrou na habitação.

— Pelo amor de Deus! O que estas fazendo? — Perguntou ele.

Gabby avermelhou enquanto recolhia os pedacinhos de papel.

— Só é...

— Palavras de amor de outro homem? — Perguntou ele com um pouco de humor.

— Não! Quill...

Ele havia retornado e estava agarrando a garrafinha marrom do farmacêutico que ela não tinha tido tempo de esconder.

Quando a olhou de novo, tinha uma expressão de dureza no rosto.

— Onde comprou isto Gabby?

— No Abchurch Lane — Respondeu ela desesperada — Pensei que possivelmente...

— Tinha a impressão de que não desejava dormir comigo — Disse ele com uma amabilidade excessiva — Quando pensava utilizar este... Medicamento?

— Disse... Disse que iria procurar uma amante — Balbuciou Gabby.

— Ah, já vejo. Como você não gosta das relações conjugais, supõe que irei procurar uma rameira. E quando tiver a enxaqueca, você se encarregasse de me administrar este remédio.

Gabby estava completamente vermelha.

— Li um artigo e me pareceu...

— Quantas poções como esta comprou, Gabby? — Cortou-a ele.

Ela fechou os olhos com tristeza.

— Verá — Ele disse — Vi minha mãe agir do mesmo modo. Comprava os remédios assim que via um artigo acompanhado de um falso testemunho, no jornal. Esteve a ponto de me matar e então decidi que não beberia nenhuma só mais desses remédios. E o mantenho.

— Ele disse que seria eficaz...

— Onde estão os outros?

Ele já estava mexendo em seu armário. Ela estava se zangando, mas conseguiu permanecer em silêncio. Apesar de tudo, quando ele passou a sua escrivaninha, não pôde conter-se por mais tempo.

— Não tem direito! — Disse indignada — Não toque nas minhas coisas!

— Tenho todo o direito — Replicou o abrindo uma gaveta.

— É minha escrivaninha!

— Aqui estão! — Disse ele triunfante — Suponho que meus remédios encontraram elas sozinhas o caminho de sua escrivaninha.

Ela apertou os dentes enquanto Quill depositava os frascos na mesa. Agarrou o primeiro.

— Minha mãe também ia ver esses enganadores...

O frasco explodiu na lareira provocando uma pequena labareda vermelha.

— Deve conter álcool — Disse ele.

— Não deseja se curar? — Perguntou Gabby desesperada.

— Não com risco de minha vida.

Estava examinando um terceiro frasco.

— Muito interessante. Sabia que esta poção cura todas as enfermidades? Estupidezes!

A garrafa se fez pedaços na lareira.

— Isso era meu. Não tem direito de romper o que eu compro.

— Ia usar em você mesma? — Respondeu ele com voz acalmada, mas com os olhos brilhando de modo preocupante — Nunca voltarei a tomar uma dessas beberagens. Nunca!

— Isso é absurdo!

— Rogo que no futuro nunca volte a comprar remédios contra a enxaqueca. Entendido?

Dirigiu-se para a lareira.

— Não me volte as costas! — Gritou ela furiosa.

Ele empurrou uns quantos cristais para o oco da lareira.

— Estou esperando uma resposta, Gabby — Disse ele por cima do ombro.
Fora de si, ela agarrou o frasco do senhor Moore.

— Se esqueceu deste!

Lançou-a com todas suas forças em direção a seu marido. O frasco passou por cima do ombro e se estrelou contra o suporte da lareira. O líquido marrom gotejou pelos tijolos.

Quill deu um salto para a trás e depois se voltou lentamente.

O cabelo de Gabby caía sobre seu rosto e tinha os braços cruzados. Estava encolerizada. Estava formosa... Ele teria dado tudo por poder estreitá-la contra se e fazer que mudasse de opinião sobre suas relações sexuais.

Avançou.

— Parece que me casei com uma mulher dotada de um forte temperamento.

— Milady! — Exclamou de repente Margaret depois da porta — Quer se trocar agora?

— Prometa Gabby — Insistiu isso Quill.

— Prometo não voltar a comprar nenhum remédio para suas enxaquecas
— Disse ela com voz neutra.

— Obrigado.

— Embora não sou quão única que tem mau caráter.

— Asseguro que nunca tinha me comportado como um louco perigoso antes de te conhecer.

Estavam chamando de novo à porta.

— Milady?

Gabby suspirou.

— Um momento Margaret. Só queria ajudá-lo — Acrescentou levantando os olhos para seu marido.

Ele depositou um beijo na ponta de seu nariz e girou os calcanhares. Gabby levantou a mão para retê-lo e depois a voltou a baixar. Depois do que acabava de acontecer, não podia seguir o conselho de Sophie e tentar seduzir a seu marido.

Pretextou estar cansada para tomar um ligeiro jantar em seu quarto enquanto se amaldiçoava por sua covardia.

Às damas que se gabavam de ser especialistas em observar e comentar o menor acontecimento, Londres lhes parecia muito aborrecido nos meses que precediam à Temporada propriamente dita. Mas este ano tinham decidido que a casa da nova viscondessa Dewland poderia lhe proporcionar uma fonte de diversão.

— Depois de tudo — Disse esse dia lady Prestlefield a sua velha amiga lady Cucklesham — Não só essa jovem deu um espetáculo mostrando seu seio a todo mundo, mas sim além não terá que ser um gênio para dar-se conta de que se desfez de seu prometido no momento que o irmão mais velho herdava o título.

— Não cabe dúvida — assinalou lady Cucklesham quem também se casou com um homem da idade de seu pai exatamente pela mesma razão — É muito pouco adequado que o fizesse tão logo depois da morte do anterior visconde, se é que entendi bem o que aconteceu.

— Efetivamente. E esperemos que não tenha feito um mau negócio... Se fizermos caso aos rumores referentes às feridas de Quentin Dewland.

Fez-se um silêncio entristecido.

— Pode que devamos visitar a nova viscondessa — Continuou lady Cucklesham — Eu gostaria de ver como funciona o serviço. Se ela for tão interessada e, falando com franqueza, tão escandalosa como dizem, é nosso dever averiguar seus defeitos antes que comece a Temporada.

Lady Prestlefield era da mesma opinião.

— Sua Graça, a duquesa de Gisle, lady Prestlefield, lady Cucklesham! — Anunciou Codswallop com solenidade.

Nada gostava mais que receber a um grupo de aristocratas.

— Que prazer vê-las! — Disse Gabby com um tímido sorriso nos lábios, fazendo uma reverência.

Recordava muito claramente os comentários das duas damas quando lhe caiu o sutiã.

— Morríamos de vontades de felicita-la — Começou lady Cucklesham.

Felizmente, Sophie chegou bem depois delas.

— Como se encontra seu marido hoje?

— Muito bem, obrigado.

Gabby fez um esforço para não ruborizar. Sabia perfeitamente ao que se referia sua amiga.

Codswallop voltou a aparecer.

— A senhora Ewing e a senhorita Phoebe Pensington.

Gabby levantou os olhos surpreendida.

— Phoebe querida! E a senhora Ewing! Que alegria!

Estava realmente sentida saudade já que tinha visto várias vezes ao Phoebe desde sua volta a Londres, mas a senhora Ewing nunca a tinha visitado.

Esta última estava muito elegante, mas Gabby a encontrou ainda mais pálida e cansada do que o normal. Empalideceu mas ainda ao ver o pequeno grupo de damas que se encontravam no salão.

— Não nos vamos demorar — Anunciou rapidamente — Só vim porque Phoebe queria saber se tinha tido você notícias de Kasi Rao.

— Recebi uma carta esta mesma manhã — Disse Gabby sorrindo à menina — Aparentemente é muito feliz no campo. Já fez alguns amigos.

Inclinou-se para sussurrar algo ao ouvido da menina.

Mas a aguda vozinha de Phoebe não estava feita para os segredos.

— Um pintinho! — Gorjeou — Kasi Rao se feito amigo de um pintinho?

— Isso parece — Disse Gabby rindo.

Phoebe puxou sua manga.

— Esta segura de que esses senhores malvados não se o vão a tirar à senhora Malabrigth?

— Completamente, carinho. Mas mais vale não falar do tema. Nunca se sabe.

— É obvio — Interveio a senhora Ewing — Sabíamos que... Só queríamos...

Parecia estar terrivelmente incômoda.

— Rogo, não vão embora agora. Você gostaria de ver a Margaret e comer uma pedaço de bolo? — Propôs Gabby à menina.

Deixou-a nas mãos de Codswallop e depois arrastou a uma Emily um pouco reticente até o salão.

Lady Cucklesham levantou imediatamente os olhos.

— Temo-me que não... Quem é você?

— Sou a senhora Ewing — Respondeu Emily muito rígida.

— Então seu marido é um dos Ewing do Hertfordshire?

— Não, ele não tinha família.

— Mas certamente você é Emily Thorpe. Bom, era. Poderia nos dizer como se encontra seu querido pai? Ouvimos dizer que estava doente, mas seguro que você pode nos dar notícias mais recentes.

— Desgraçadamente não.

Sophie aproveitou o silêncio que seguiu para intervir.

— Onde esta sua encantadora filha?

— Voltou-se para lady Prestlefield e lhe explicou:

— Conheci a senhora Ewing no baile de lady Fester e passei boa parte da noite invejando seu vestido. Mas ignorava que fosse a mãe de uma menina tão encantadora. Agora já tenho duas razões para invejá-la, senhora Ewing.

Lady Prestlefield esboçou um magro sorriso que qualquer tivesse qualificado de envenenada.

— De modo que tem uma filha, senhora Ewing. É curioso! Ouvi falar muito de sua... Beleza, mas não me tinha informado de que seu marido e você tivessem tido uma filha.

Emily estava pálida como até lençol, entretanto enfrentou com valentia o olhar de lady Prestlefield.

— Phoebe é filha de minha irmã Carolyn. Seguro que recorda Carolyn Thorpe. Acredito que foram apresentadas ao mesmo tempo.

Sophie conteve uma gargalhada. Se não se equivocava, Carolyn tinha sido uma preciosa mulher, ao igual a sua irmã, e lady Prestlefield justamente o contrário.

Abriu-se a porta e Codswallop anunciou:

— O senhor Lucien Blanc!

Lucien entrou no salão com o sorriso nos lábios. No dia seguinte, terça-feira, pediria a Emily que concedesse sua mão.

— Lady Dewland, passava por diante de sua casa e...

Deteve-se consternado. Sua futura esposa estava aí, diante dele.

— Senhora Ewing...

Sua expressão era transparente, enquanto o beijava a mão de sua amada.

— Querida lady Cucklesham, querida lady Prestlefield — Se apressou a acrescentar — Que prazer vê-las!

Lady Prestlefield depois de fazer um breve gesto com a cabeça voltou a dirigir sua atenção a Emily.

— Naturalmente que me lembro de sua irmã — Disse — Quem não ouviu falar da tristeza de seu pai quando sua filha mais velha se lançou nos braços de um explorador sem dinheiro? E logo, quando nenhuma só de suas filhas encontrou marido... OH, perdão, senhora Ewing! Tinha esquecido que você se casou, embora fosse de forma tão breve.

Lucien entrecerrou os olhos.

— Isso me recorda, lady Prestlefield, algo que ouvi a semana passada. Certamente foi uma fileira de invenções. Estou seguro de que você não está aparentada com esse lorde Prestlefield e questão...

Sophie lhe sorriu.

— Todos estamos convencidos de que lady Prestlefield não tem nenhum parentesco com uma pessoa pouco adequada — Disse — Mas nos conte de todos os modos o que ouviu.

— É uma história horrível — Declarou Lucien — Possivelmente não devesse falar disso diante das damas, mas vocês já devem ouvir algo.

Lady Prestlefield apertava os lábios.

— Os falatórios não me interessam absolutamente nada — Disse secamente.

— Seguro que não têm nada que ver com você — Assegurou Lucien —

Não, neste assunto, a coisa tráfico de uma cabra domesticada...

Lady Prestlefield se levantou.

— Lamento, mas tenho que ir.

— ... E de um vicário — Continuava Lucien com um sorriso — Estou seguro de que todas as pessoas implicadas tinham bebido mais da conta. E que o juiz que ditou sentença estava ébrio.

— Não sei nada sobre cabras — Disse friamente lady Prestlefield — Evito pensar em coisas tão provincianas, e em minha família ninguém abusa do álcool.

Quanto a lady Cucklesham, esta não perdia o sentido da realidade. Se a senhora Ewing se casava com o riquíssimo ex-marquês, seu status social mudaria radicalmente. Levantou-se de sua vez.

— Íamos nos despedir — Disse agarrando a seu amiga do braço — Foi um prazer voltar a vê-la, senhora Ewing.

Lady Prestlefield moveu a cabeça.

— Não sou dessas que se metem onde não as chamam — Declarou — Não sei por que está você nesta casa, senhora Ewing, mas não será você bem-vinda na minha.

Dizendo isto se afastou com lady Cucklesham atrás de seus passos.

Lucien beijou a mão de Emily.

— Curioso — Disse com voz um pouco velada— Seja qual seja a casa a qual você dita acudir, preferiria que fosse a minha.

Emily se ruborizou e depois se levantou.

— Tenho que levar a Phoebe — Disse.

— Posso me desculpar pela má escolha de meus convidados? — Perguntou Gabby.

Um pequeno sorriso apareceu nos lábios de Emily.

— Não o faça. Considero que tive sorte porque também estava aqui um caçador de dragões — Repliou fazendo uma reverência a Lucien.

Este se despediu rapidamente e a seguiu fora do salão.

— Sua filha é encantadora não é certo? — Disse Sophie cujos olhos

brilhantes de lágrimas.

— O que acontece? — Perguntou Gabby preocupada.

— Nada! — Respondeu Sophie com voz um pouco tremula — No verão passado perdi uma filha e às vezes isso me põe estupidamente melancólica.

Gabby tomou a mão.

— Deve ser terrível perder um filho!

— Espero ter mais esta sorte desta vez — Precisou a duquesa com um sorriso.

— OH Sophie, é maravilhoso! Para quando o espera?

— Para agosto, possivelmente. Não estou muito segura porque o médico parece pensar que estou mais avançada do que eu acredito. Começa a notar-se, mas só tive duas faltas.

Recuperou-se bruscamente.

— E bem? Ontem de noite? — Perguntou.

Gabby negou com a cabeça.

— Não pude. Simplesmente não pude.

— Por quê?

— Brigamos e depois Quill se encerrou em seu escritório. Eu não devia lhe incomodar sob nenhum pretexto. E nós... Não dormimos juntos.

— Terá que o incomodar!

— Você não entende. Ele tem muito trabalho. Inclusive os criados vacilam em bater na sua porta.

— Quando eu vou ver Patrick em seu escritório, sempre me recebe com gosto. Estou segura de que ao Quill acontecerá o mesmo.

— É diferente Sophie. Você é tão formosa, tão refinada... Para você é fácil. Mas eu... Nós só o tentamos uma vez.

— O que me está dizendo? É uma das mulheres mais sensuais da sociedade, Gabby. A metade dos homens de Londres sonham contigo. Sobre tudo desde que mostrou seus seios à maioria dos convidados de lady Fester — Acrescentou travessa.

Gabby ficou escarlate ao recordá-lo.

— Bom isso não...

— Por que não volta a fazê-lo? — Perguntou Sophie cujos olhos brilhavam divertidos.

— Fazer que?

— Perder o sutiã! Continua tendo esse famoso vestido?

— Provavelmente — Murmurou Gabby mordiscando o lábio inferior — Quer dizer que eu poderia...

— Exatamente. Ponha esse vestido, e quando Quill se retire a seu escritório, o siga. Se coloque justo frente a ele e respire profundamente.

Gabby sacudiu a cabeça, mas não pôde evitar sorrir.

— Não conhece o Quill. Nunca faz nada sem ter pensado antes.

— Homens! Acreditam que têm um cérebro, mas todo mundo sabe que quando as partes inferiores de seu corpo despertam, a parte de cima é incapaz da menor atividade.

— Estou de luto — Objetou Gabby.

— Ninguém se inteirará de como se veste em sua própria casa. Diga ao Quill que já está cansada de vestir negro.

Sophie se levantou e se alisou a saia.

— Vejo um ligeiro inchaço! — Exclamou Gabby muito excitada.

Esta vez foi Sophie quem se ruborizou.

— Espero que logo tenha uma notícia igual de boa para me dar.

Gabby, com uma risada nervosa, acompanhou à duquesa até a porta.

— É um encanto sabe? — Disse sincera.

— Tolices! — Respondeu Sophie antes de desaparecer.

Capítulo 19



Codswallop oferecia a bandeja de prata.

— Lorde Breksby está aqui, milady. Disse-me que sua visita era importante e que gostaria de ver lorde Dewland e também a você. Os senhores estão esperando na biblioteca.

O ministro foi diretamente à medula da questão.

— Lamento muito incomodá-la, lady Dewland, mas recentes acontecimentos me obrigam a lhe recordar o herdeiro dos Holkar.

Gabby se sentou enquanto Quill permanecia em pé atrás dela, preparado para apoiá-la se as notícias eram más. Porque tinha um escuro pressentimento.

— Parece ser — Começou Breksby — Que o pai de Kasi Rao Holkar está morrendo e alguns pensam que já é hora de que o menino aprenda a reinar.

— Kasi é incapaz de dirigir um país — Protestou Gabby — Nem sequer sabe contar até dez. Nunca seria capaz de tomar as decisões necessárias para preservar a união dos Holkar.

— Isso não está demonstrado. Evidentemente, se descobrirmos que o menino é atrasado, o governo inglês não apoiará a iniciativa da Companhia das Índias.

— Kasi é... Lento.

Breksby a olhou com simpatia.

— Se o senhor Kasi Rao simplesmente é lento, temo que se veja obrigado a subir ao trono dos Holkar. Depois de tudo — Acrescentou com uma risada — Nossos governantes não sempre tiveram mentes brilhantes. Mas logo poderemos julgar por nós mesmos.

Quill se deu conta de que Breksby observava atentamente as reações de sua mulher.

— Certos representantes da Companhia nos anunciaram ontem de noite

que tinham descoberto o lugar onde vive Kasi Rao Holkar. De fato, tomaram-no sob sua responsabilidade com a intenção de...

— Encontraram ao Kasi? — Exclamou Gabby, nervosa.

Breksby assentiu.

— O senhor Kasi Rao está agora sob a proteção da Companhia das Índias, em casa do senhor Charles Grant, para ser preciso. Eu acredito que o príncipe será apresentado a distintos membros do governo a partir de manhã pela tarde. Tudo isto foi organizado abertamente pelo senhor Grant, conhecido por ser um fanático partidário da ampliação dos territórios da Companhia. Mas não vamos permitir que um menino atrasado suba ao trono só para satisfazer as ambições do senhor Grant sobre a região do Maharashtra.

— Sabe você onde encontraram o sobrinho de meu pai? — Perguntou Gabby com um deixo de angústia.

Breksby pareceu surpreso.

— Onde quer que tenha sido a não ser em Londres?

Quill, estranhou, sentiu que Gabby relaxava. Parecia estar contente pela resposta do ministro e sua curiosidade despertou.

— Estamos convidados à festa? — Perguntou.

— Seguro que não. O senhor Grant não quer que lady Dewland esteja presente porque poderia convencer a seus colegas de que Kasi Rao está incapacitado para reinar. Entretanto eu sim que estou convidado. E quem sabe com quem assistirei? Resulta que escolhi que me acompanhe uma encantadora viscondessa...

Parecia estar muito contente de sua astúcia.

— Não podemos intervir neste assunto — Disse Quill a Gabby — Mas estará perto do Kasi para lhe tranquilizar.

— Me esforçarei para fazer que a apresentação seja fácil ao jovem príncipe — Assentiu ela em voz baixa.

Quill franziu o cenho. Esperava que reagisse com violência diante a ideia de que arrastassem Kasi Rao a uma casa cheia de desconhecidos.

— Se o que você diz é certo — Voltou a dizer Breksby — Em seguida nos daremos conta de sua incapacidade para governar. O senhor Kasi Rao sozinho

terá tido que suportar uma tarde difícil, logo informaremos ao senhor Grant de que seu projeto é irrealizável. Entretanto devo precisar que o senhor esta Grant convencido de que o jovem está capacitado para governar.

— Eu acompanharei a minha esposa — Declarou Quill.

Breksby se inclinou.

— Eu adoraria, estimado senhor.

— Conheço Grant — Acrescentou Quill sombriamente — De fato ele é o responsável por que eu vendesse minhas ações da Companhia faz uns anos, e sejam quais sejam suas intenções, seguro que não são boas.

No transcurso dos últimos anos, Charles Grant, converteu-se em um personagem importante dentro da Companhia. Estava convencido de que a única maneira de pagar as enormes dívidas da Companhia era conseguir cada vez mais territórios da Índia. Não era necessário dizer que para consegui-lo estava decidido a utilizar qualquer recurso.

— Essa é também minha opinião — Declarou alegremente Breksby levantando-se — Querida lady Dewland, será uma satisfação vê-la amanhã pela tarde.

Beijou a mão de Gabby, saudou o Quill e abandonou a estadia.

A jovem evitava o olhar de seu marido.

— Deve estar muito afetada — Disse — Sinto muito que a Companhia tenha pego ao Kasi Rao.

Ele não saía de seu assombro.

— Sim, estou muito afetada — Contestou ela vagamente.

Ao ver que não acrescentava nada mais, ele insistiu:

— Amanhã tentarei descobrir como está. Ainda tenho alguns amigos na Companhia, tentarei falar com eles.

Ela continuou sem dizer uma palavra.

Quill estava diante da porta mais não conseguia decidir a sair. Não deixava de olhar ao Gabby imaginando quão fácil seria fazer que as mangas de seu sutiã se deslizassem, acariciar... Se obrigou a olhar em outra direção. Nunca, jamais, ia tomar a uma mulher que não estivesse disposta.

Tinha pensado muito em suas intermináveis noites de insônia. A inocência de Gabby impedia a esta desejar manter relações sexuais e acreditava que necessitaria mais de uma semana para cura-la de seu desagrado. Por desgraça não dispunham de uma semana completa. Poderiam ter uma noite, mas depois a dor de cabeça lhe deixaria fora de combate durante vários dias. E por mais volta que dava não via o modo de fazer que esquecesse sua repulsa.

De modo que permaneceu à entrada da biblioteca, amaldiçoando a paixão que o empurrava para essa mulher, o doloroso desejo de levá-la a sua cama e fazer amor.

O jantar foi um suplício de cortês conversa. Gabby usava o vestido que tinha provocado o escândalo, mas Quill não parecia reconhecê-lo e nunca em toda sua vida ela se sentiu mais insignificante. Quando ele pediu o saleiro, teve que lhe fazer um gesto a um lacaiio em vez de dar ela mesma. Temia que o resultado de sua atuação chegasse muito rapidamente e alegrasse a noite dos criados em vez do seu marido.

Às nove em ponto, Quill terminou seu último bocado de bolo de limão.

— Já é hora de que vá a meu escritório, querida — Disse com essa cortesia tão convencional que substituía à intimidade de um matrimônio.

Ela engoliu seco.

— Poderia ir vê-lo um pouco mais tarde?

Ele pareceu surpreso.

— É obvio — Disse depois de uma ligeira vacilação — Eu adoraria.

Beijou rapidamente a mão antes de retirar-se.

Gabby subiu a seu dormitório sem nenhum motivo em concreto. Seu penteado seguia estando em seu lugar e, com uma repentina inspiração, tirou as forquilhas. Ao Quill gostava de seu cabelo. Se o deixava solto possivelmente isso a ajudaria em sua sedução.

Porque não se sentia muito sedutora, dissesse o que dissesse Sophie. Era muito redonda, muito insípida. Até o ponto de que seu marido a tinha ameaçado tomando uma amante!

Passou os dedos entre o cabelo que caía em cascata por suas costas.

Graças a Deus não cruzou com nenhum criado nas escadas nem no

vestíbulo.

Golpeou ligeiramente na porta da biblioteca e entrou.

Quill estava sentado em um extremo da longa sala com as mangas subidas. O abajur de azeite que iluminava o escritório lançava reflexos mogno em seu cabelo.

Levantou-se.

— Que prazer vê-la! — Disse como se não acabasse de deixá-la um quarto de hora antes.

Deu um tombo o coração. Quill estava se comportando como se levassem muitos anos casados. Pareceu que bocejaria se seus seios saíssem do sutiã. Entretanto o que outra coisa podia ela fazer? Dirigiu-se para ele forçando-se a mover sensualmente os quadris. Com seu penteado desfeito devia parecer ainda mais gorda, pensou horrorizada.

— Posso te servir uma taça de xerez? Ou prefere ratafia?

— Sim, obrigado — disse Gabby em um sussurro.

Bebeu um gole tão grande de xerez que quase esvaziou a taça de repente, mas o licor lhe deu forças. Quill, um pouco assombrado, serviu mais.

— Recebi uma carta de lady Sylvia que nos interessa — Anunciou ele.

— Sim? O que põe?

— A viagem sentou bem a minha mãe, que está menos “chorosa”, para utilizar a expressão de lady Sylvia. Encontraram-se na Suíça com um amigo da universidade de Peter, um tal Simon Baker Wollaton, que acompanhou a Grécia. Parece que é um homem muito entretido.

— Melhor — Murmurou Gabby.

Afastou-se uns passos. Não sabia se ele teria dado conta de que usava o cabelo solto, em qualquer caso, não havia dito nada. Dirigiu-se a uma estante cheia de livros e se deteve diante uma obra do Herbert Bone.

— Este livro parece interessante — Disse com um nó na garganta, acariciando o lombo com um dedo.

Quill estava justo atrás dela.

— Não muito...

Ela se sobressaltou.

— Senhor, não te ouvi aproximar!

— Entretanto, aqui estou.

Pôs um de seus bronzeados braços no rebordo da estante.

— Estou aqui — Repetiu — O que é de estranhar é que você esteja aqui.

Gabby levantou uma sobrancelha. Agora que estava frente a ele seus temores tinham desaparecido.

— E porque não teria que estar? — Perguntou provocadora olhando-o através das pestanas.

Ele deu de ombros com um olhar duro e inquisitivo.

Apesar disso, Gabby cada vez estava mais segura de si mesma. Fez que uma mecha de cabelo caísse sobre o seio.

Viu que a mandíbula de Quill se crispava e sentiu que a vitória estava perto.

— A pergunta é: por que minha casta esposa decidiu de repente deixar de usar roupa negra para vestir-se como Beth de Sabá preparada para meter-se na banheira, quando eu recordo perfeitamente ter ouvido dizer a essa mesma esposa que não a interessavam os prazeres da carne?

A referência a Beth de Sabá era mais apropriada do que acreditava tendo em conta as intenções de Gabby. Este era um bom momento para que o vestido... Para que ela fizesse que o vestido se deslizasse, pensou. Meneou os ombros com um movimento giratório. Mas nada. A seda permaneceu bem sujeita em seu seio.

— Gabby?

A voz de Quill tinha um tom mordaz.

— Estava me aborrecendo vestir preto — Disse ela rapidamente movendo os ombros o mais discretamente possível.

O olhar de Quill se adoçou.

— Já sabe que ainda não podemos fazer vida de sociedade, Gabby. Mas dentro de uns meses, o período de luto terá terminado e voltaremos a ocupar nosso lugar na sociedade.

— Sei.

— Por desgraça os funerais e minha enfermidade atrasaram meu trabalho e não posso te dedicar mais tempo — Disse pegando-a pelo braço para acompanhá-la até a porta.

— Nem sequer terminei minha taça! — Protestou ela.

— Perdoa.

Parecia estar zangado e Gabby engoliu seu segundo xerez.

Pensou por um instante em voltar a mover os ombros, mas ele ia pensar que ela tinha convulsões. E, além disso, ele era tão indiferente!

Quill a acompanhou até a porta mais ela se deteve na entrada. Sentia-se como uma aluna travessa expulsa de classe.

— Teria tempo, apesar de seu trabalho, de me acompanhar até meu dormitório? — Sussurrou.

— Certamente, com muito gosto — Disse ele com uma leve vacilação.

Enquanto subiam as escadas um ao lado do outro, Gabby procurava desesperadamente uma nova tática.

Tinha um peso no coração. Era evidente que Quill estava realmente ocupado, e depois de tudo, era ela que o tinha proibido de ir a sua cama. Possivelmente ele tinha afastado o assunto de sua mente e isso se devia a que lhe aborrecia mais que nada. Estava tão desanimada que se esqueceu de fazer ondular seus quadris enquanto andava diante do pelo corredor.

Ela pôs a mão no pomo da porta, mas Quill, mas rápido, abriu. Então ela cambaleou para frente, enganchou o pé no tapete e caiu ao chão quão larga era, golpeando o ombro esquerdo.

— Maldição! — xingou.

Quando rodou sobre suas costas colocou a mão no ombro dolorido, deu-se conta de que por fim o vestido tinha perdido a batalha por causa da queda.

E quando cruzou seu olhar com o de seu marido, que estava petrificado na porta, compreendeu que tinha todas as chances na mão para ganhar essa particular partida de cartas.

Levantou-se sobre os cotovelos felicitando-se, como havia dito Quill em

sua primeira noite juntos, por ter uns magníficos seios.

— E? — Lançou sorrindo com atrevimento.

Ele esclareceu garganta e ela teve a satisfação de notar que seus olhos se tornaram quase negros.

— Acredito que mudei de opinião sobre a nudez em um dormitório —
Explicou ela.

A ele parecia que tinha caído um raio em cima, como se tudo ele fosse desejo.

Depois entrou no dormitório e fechou a porta atrás de si.

Capítulo 20



Com um rápido movimento ele se ajoelhou a seu lado.

— Devo entender que realmente mudou de opinião?

— Sim — Respondeu ela com voz tensa — Quero dizer, Quill, tenho uma ideia.

— Uma ideia?

Ele acariciou seu braço e depois afastou o cabelo.

— Pode que suas enxaquecas estejam provocadas por seu quadril — Disse tentando esquecer que estava meio nua no chão.

— Os médicos foram muito claros: trata-se das sequelas de uma comoção cerebral.

Sua grande mão bronzada brincava com a ponta de seu seio e ela tremeu com o coração pulsando com força.

— Deliciosa Gabby — Murmurou ele com seu sedutor sorriso — Me sinto muito feliz de que tenha mudado de opinião.

— Escutou o que te acabo de dizer, Quill? Se as enxaquecas fossem culpa do quadril e não da cabeça...

Ele se tombou a seu lado e depositou pequenos beijos em seu ombro.

— Pode ser que as enxaquecas sejam a consequência da ferida do quadril — Voltou a começar a dizer ela.

Ele moveu a cabeça com impaciência.

— Movo o quadril continuamente, Gabby, e não por isso tenho enxaquecas.

Ela o empurrou.

— Me escute, por favor.

— Não gosto disso — Sussurrou ele contra sua pele — Faço exercício

todos os dias e isso não me provoca dores de cabeça — Repetiu — O único que os provoca são fazer amor e os cavalos.

— Os cavalos?

Agora Gabby tinha dificuldades para pensar, porque Quill estava fazendo desenhos em seu ventre.

Tomou um mamilo entre os lábios e, quando levantou a cara, ela estava ofegando e tinha um nó de felicidade na garganta.

— Não há solução, meu amor. Todos os médicos estão de acordo nisso; o movimento revive a ferida. Não há nada mais.

— Você está continuamente andando — Objetou ele — E isso não te produz nenhum problema.

— Exato. Entretanto, Gabby, não desejo falar disso agora.

Voltou a dedicar-se a seus seios e ela se estremeceu aproximando-se instintivamente para ele.

Ele deslizou uma mão sob o vestido, agarrou-a pela cintura e se levantou rapidamente com ela nos braços.

— Não deveria fazer isso! — Exclamou ela cheia de pânico — Se se tratar de seu quadril, não deveria me carregar.

Ele negou com a cabeça com sua boca unida a dela.

— Não, querida, carece de lógica. Por outra parte, dá-me igual ter uma enxaqueca de vez em quando.

Realmente não o preocupava, ela estava segura disso. Sofreria de boa vontade por um só momento passado entre seus braços.

Ele a depositou na cama e a liberou muito lentamente do indecente vestido antes de deixá-lo cair sobre o tapete. Debaixo só usava as meias de seda e as sapatilhas.

— Que formosa é!

Gabby agarrou ar e resistiu o impulso de esconder-se sob os lençóis.

— Eu gostaria que fizéssemos amor sem cansar seu quadril — Disse com um tom tão autoritário como foi possível.

Para ela, as enxaquecas dele eram importantes.

— Está-me propondo que façamos um experimento? Tenho mais experiência que você em experimentos, Gabby. Francamente, acredito que é melhor, por seu bem, que nos atemos aos métodos tradicionais.

Tremia em seu esforço por dominar o desejo de tomá-la ali mesmo, sem nenhum preâmbulo. Contemplou a curva de seus joelhos, sua luxuriosa cabeleira e tirou os delicados sapatos atrasando-se em seu pequeno pé.

— O que te aconteceu, minha formosa esposa? — Perguntou com voz um pouco rouca — Está nua diante de mim e não protesta...

Sem tomar moléstia de responder, ela baixou a vista sobre a mão que cobria seu seio. Se a ele parecia que era uma desavergonhada, sentia-o muito, mas não podia evitá-lo.

Procurou seu olhar.

— Tem alguma ideia Quill?

Ele não sabia absolutamente de que estava falando ela.

— Uma ideia?

Tombou-se a seu lado e voltou a tomar um rosado mamilo em sua boca.

Ela se aferrou a seus ombros.

— Um plano — Disse ela com uma espécie de soluço.

— Um plano?

Ela conteve um gemido.

— Para isso — Insistiu ela.

Quill levantou a cabeça.

— De que está falando, Gabby? Asseguro-te que não necessitei nenhum plano a última vez que fizemos amor.

Ela aspirou uma baforada de ar.

— Como... Não está me escutando!

Afastou o joelho que deslizava entre suas pernas. Ele passou a mão pelo cabelo.

— Muito bem, estou escutando, o que está tentando me dizer?

— Você segura seu peso sobre o quadril. A que resultou ferida não é

assim?

Ele fechou os olhos para tranquilizar-se.

— Já te disse a conclusão a que chegaram os médicos...

Mas no fundo sabia que se negava a obedecer proibiria de novo o acesso a seu dormitório.

— Bem — Disse com um sorriso — Vamos deixar que o quadril descanse.

Acariciava o ventre como se estivesse acariciando a um gatinho, depois colocou uma mão em seus escuros cachos e ela emitiu um pequeno soluço. Levantou-se deixando-a tremula de desejo.

— Quill?

Estendeu seus braços para ele, ansiosa, com os olhos velados.

Evidentemente ela se encontrava no mesmo estado torturado no que o tinha permanecido os últimos quinze dias. De repente se estava deleitando com a situação.

— Deveríamos definir o plano — Disse — Para saber exatamente o que deve fazer cada um.

Gabby notou o desafio em sua voz e reagiu instintivamente.

— Parece-me uma boa ideia.

— Então?

Ele era alto, impressionante diante ela e com uma risada secreta no fundo de seus olhos.

Ela esclareceu garganta.

— Queria tirar a roupa? — Perguntou educadamente — Sou a única está nua.

Satisfez a segurança de sua própria voz.

Ele esboçou um sorriso sensual que não traía sua surpresa, caso que estivesse surpreso.

— Seria melhor que não, Gabby. E se isso me fizesse mal no quadril? Preferiria que o fizesse você por mim.

Ela ficou de pé com o coração golpeando com força em seu peito.

— Com muito gosto — Disse como se estivesse aceitando uma xícara de chá.

Começou a desfazer o nó de sua gravata.

— Se quiser que me cuide vai ter que fazer sua parte no trabalho.

— Claro — Murmurou ela.

— O que recorda exatamente de nossa noite de bodas, Gabby?

Ela depositou a gravata em uma cadeira.

— Tudo, naturalmente.

Estava desabotoando a camisa enquanto evitava encontrar-se com seu olhar.

— Se não puder apoiar a perna vai ter que ser mais... Atrevida que a primeira vez.

Ela engoliu seco.

— Suspeitava disso — Murmurou ela sem entonação

Deslizou a camisa por seu bronzeado torso e, timidamente, deixou vagar seus dedos pela pele.

— Entende o que acabo de dizer?

Desta vez era Quill quem tinha dificuldades para falar.

— Mmm.

Em realidade Gabby não tinha nem a menor ideia do que significava ser “atrevida” em uma cama, mas não queria pensar nisso. Acariciou o pescoço e os ombros lhe provocando uma cascata de estremecimentos.

Depois seus lábios seguiram o mesmo caminho.

Quill ignorava durante quanto tempo poderia conservar sua atitude cortês. Desejava-a com tanta intensidade que se sentia terrivelmente estreito dentro de suas calças.

— E o resto, Gabby?

Tinha perdido quase todo o controle, agora, e um pouco parecido à ira animava sua voz.

Diante da estupidez de sua mulher, acabou por despir-se sozinho.

Com a velocidade de um raio, deixou-se cair sobre a cama e a atraiu em cima dele. Ela ficou escarranchada com total naturalidade e depois seus olhos se aumentaram quando começou a compreender.

— Acredita...

Quill nem podia nem queria responder. Agarrou-a pelos quadris e a colocou melhor.

Ela se apoiou nele.

— Sim — Murmurou ele — Vêm.

Repentinamente envergonhada, ela era incapaz de mover-se. Estava em cima dele, nua e entregue. Era pura e simplesmente algo perverso. Ao menos a última vez tinha estado escondida sob o corpo dele.

Mas a olhou, com seus maravilhosos olhos verdes que pediam o que só ela podia dar. Esquecendo sua nudez, inclinou-se para beijá-lo enquanto deslizava para sua virilidade.

Ele se apoderou de seus lábios com paixão e a fez descer mais.

— Gabby...

Ela se empalou nele, retirou-se, voltou-se a empalar, cada vez mais longe, cada vez mais forte e com maior segurança. O ritmo se acelerou e ela ardeu.

O rosto de Quill estava transformado pelo prazer.

— Gabby! — Grunhiu.

Ela adivinhou que ele estava a ponto de explodir e se afundou mais nele, até que estiveram unidos como as peças de um quebra-cabeça.

— Sim? — Sussurrou ela.

Ao Quill escapou um grito enquanto se arqueava violentamente sobre a cama.

Gabby começou a gritar a sua vez:

— Pare! Não deve mover o quadril!

Um sorriso iluminou os olhos de Quill.

— É muito dura, meu amor.

Deslizou uma mão entre suas pernas e ela voltou a começar sua dança

sensual, enquanto ele brincava com os lábios em seus seios. Tentava ser paciente, recordando a si mesmo que o amor, inclusive com limitações, era melhor que uma noite mais sem Gabby.

Tinha aprendido a ter paciência, mas essa virtude o abandonou de repente. Seu musculoso corpo se arqueou, deu um empurrão e um luminoso raio o atravessou.

Murmurou palavras de amor que nunca tinha tido intenção de pronunciar.

Por fim, graças a Deus, sua encantadora esposa encontrou o ritmo adequado, a deliciosa cadência que acelerava seu sangue.

De repente ela se tornou para trás e emitiu um comprido grito. Quill a agarrou pelos quadris e lhe deu toda sua força enquanto ela estremecia antes de cair sobre o peito dele.

Era suficiente. Mais que suficiente. Apertou-a contra ele, sua encantadora esposa com aroma de jasmim.

De fato estava contente de que ela tivesse escondido a cara em seu ombro e não pudesse ver sua expressão. Tinha a sensação de que sua alma tinha abandonado seu corpo, e era uma sensação mágica.

Era a felicidade.

— Esta primeira experiência não é concludente, Gabby — Disse com voz rouca.

Depois, um pouco envergonhado pelo que acabava de dizer, alegrou-se ao comprovar que ela se dormiu aí mesmo, tombada em cima dele, sem ter ouvido seu estúpido comentário.

Beijou o cabelo, incômodo pelo acesso de ternura que experimentava. Gratidão corrigiu a si mesmo. Gratidão porque ela tinha posto fim a sua abstinência.

Só às seis da manhã se viu obrigado a reconhecer que um dos talentos de Gabby era sua intuição em matéria de diagnósticos médicos. Por não falar de seu maravilhoso sentido do ritmo.

O dormitório começava a iluminar-se e ele não via luzes na borda dos olhos. Seu estomago não se rebelou quando empurrou com suavidade Gabby para levantar-se. Estava rígido, doía o quadril como se tivesse estado andando

muito tempo, mas sua cabeça estava milagrosamente bem.

Um sorriso carente de alegria se desenhou em seus lábios.

Acariciou a coxa de cetim de Gabby, a qual suspirou entre sonhos e abriu ligeiramente as pernas. Obrigou-se a voltar-se. Era mais do que seu quadril podia suportar em um só dia.

Mas essa noite... Essa noite...

O demônio ia cantar a grito descascado.

Capítulo 21



Emily se levantou de seu assento dirigindo um olhar de chateio a seus dedos manchados de tinta. Tinha que aprender a usar a pluma sem manchar as mãos.

Lucien Blanc se inclinou diante dela e ela respondeu com uma reverência. Quando se incorporou se deu conta de que ele se aproximou até quase tocá-la.

— Emily — Começou ele com um estranho tom de voz.

Ela abriu a boca para dizer algo, mas as palavras não saíram de sua garganta.

— Vim para me assegurar de que seu dragão não havia tornado a aparecer, mas pelo que vejo não está aqui — Disse Lucien.

— Efetivamente — Murmurou ela — O senhor Hislop não apareceu esta manhã.

Lucien segurou suas mãos e viu seus longos dedos manchados.

— Deveria colocar luvas — Aventurou.

— Custam muito para suja-las — Respondeu ela com uma espécie de desafio na voz.

Estava tentando soltar-se, mas ele levou a mão direita aos lábios para beijar a palma.

— Eu gostaria de lhe dar umas de presente.

Ela redobrou seus esforços para libertar a mão.

— O senhor Hislop também — Disse — Mas me compro as luvas eu mesma, senhor.

— Fala você francês, Emily?

— Preferiria que me chamasse senhora Ewing. E sim, falo um pouco de francês. Tive uma babá quando era menina.

— Perdoe minha rabugice. Quando penso em você é como Emily e me escapou. Eu gostaria de saber mais sobre sua infância.

Era uma estranha conversa, pensou Emily. O que estavam falando não tinha nada que ver com a forma em que Lucien a olhava. Nem tampouco, muito se temia, com a maneira em que ela devolvia o olhar.

Esse francês era muito atraente! Era mais de meia cabeça mais alto que ela de modo que podia admirar suas longas pestanas quando baixava os olhos para olhar suas mãos. Ela tinha o coração na garganta.

— Senhor Blanc... — Disse.

Sentia-se de repente como uma menina tola, incapaz de pronunciar três palavras seguidas.

— Eu gostaria de convidá-la...

Lucien se interrompeu. Os olhos do Emily refletiam tanta inocência... Tinha esquecido que já era bastante velho e que não era o bastante bom para ela. Esquecia que Emily tinha toda a vida diante si e que merecia um homem que tivesse um futuro e não um emigrante ferido pela vida. Esquecia-se de tudo perdido na profundidade de seu olhar.

Beijou-a sem tocá-la. Inclusive lhe soltou a mão antes de dar um passo e inclinar a cabeça. Ao final os dois eram da mesma estatura.

E ela, a encantadora, a pura Emily, a que merecia algo melhor que ele, devolveu o beijo. Ele disse a si mesmo que ela nunca tinha estado casada. Seus lábios tremiam sob os seus, abrindo-se docemente com um suspiro.

Lucien pôs fim ao beijo, incorporou-se e tentou falar razoavelmente.

— Eu gosto mais Emily, porque a senhora Ewing nunca existiu.

— O senhor Ewing morreu em um acidente — Ela mentiu.

As pernas ameaçavam não segurá-la e sabia perfeitamente que deveria ter ordenado a esse homem que abandonasse a residência. Estava tentando seduzi-la. Queria convertê-la em sua amante. Tinha devotado dar de presente umas luvas. E, entretanto não conseguia zangar-se com ele. O coração pulsava com muita força.

Ele estava inclinando-se de novo para ela e se sentiu aturdida quando a agarrou em seus braços para beijá-la pela segunda vez.

Quando ele se afastou, ela nem sequer tentou escapar. Limitou-se a lhe olhar diretamente nos olhos.

Case-se comigo, Emily — Disse ele.

Ela permaneceu em silêncio.

— Me perdoe — Disse ele um pouco torpemente — Deveria ter sido mais... Daria você a honra de converter-se em minha esposa, senhora Ewing?

Emily engoliu em seco. Por volta de meses que não podia deixar de pensar no Lucien. Tinha acreditado saber por que ele ia tão frequentemente a sua casa, porque se auto convidava a comer. Ou ele possuía uma revista que competia com a sua ou bem-queria convertê-la em sua amante. Ela preferia a segunda opção mais nunca tinha sonhado que desejaria casar-se com ela.

— Não tenho dote — Protestou — Meu pai me jogou de casa faz anos. Deu-nos uma pequena soma de dinheiro a minha irmã e a mim nos advertindo de que isso é tudo o que obteríamos dele. E nunca mudou de opinião.

— Seu pai é um cabeça dura!

Ele havia tornado a lhe agarrar as mãos e as apertava contra seus lábios. Emily, a seu pesar, sentiu calor em todo o corpo.

— Não posso me casar contigo — Disse ela desesperada — Fui expulsa da sociedade, não tenho família. E tenho responsabilidades. Phoebe, Louise...

Ele não pôde evitar voltar a beijá-la.

— Você é minha Emily — Disse ele — Te desejo, quero-te em minha casa e em minha cama. Não necessito de nenhum dote, e tampouco eu tenho família...

Interrompeu-se ao recordar todas as boas razões que tinha para não casar-se.

Emily lhe pôs uma mão no ombro.

— Tinha uma família antes? — Perguntou em um sussurro.

A tristeza nos olhos de Lucien a encheu de angústia, mas não deixou de lhe olhar.

— Poderia, e com razão, se negar a casar comigo, Emily. Minha esposa se chamava Félicie e meu filho Michel. Eu não estava... Não pude protegê-los.

Enquanto estava no estrangeiro preparando sua viagem a Inglaterra, eles...
Eles...

Ela passou os braços ao redor do seu pescoço.

— Morreram — Terminou ela em seu lugar — Sinto muito, Lucien, agora vivem aqui — Acrescentou pondo a mão em cima do coração.

Lucien amaldiçoou a si mesmo. Não tinha chorado desde fazia anos. Anos! Não tinha chorado quando percorria as ruínas ainda fumegantes de seu castelo. Nem quando seus homens disseram que tinham encontrado os corpos de sua esposa e de seu filho. Nem quando os enterrou o um nos braços do outro, tal e como a morte os tinha levado...

Então Emily chorou por ele. Enormes lágrimas encheram seus claros olhos e rodaram por suas bochechas. Ela se refugiou em seu ombro.

— Faz muito tempo — disse ele.

— Suponho que nunca é muito tempo, não é assim Lucien?

Houve um breve silêncio.

— Provavelmente. Não deveria ter te pedido que se casasse comigo, doce. Não te mereço. Embora seja a mais...

Emily tinha deixado de tremer e ele não via mais que seu dourado cabelo.

— Se cale — Disse ela.

Impulsivamente a levantou do chão. Não pesava nada, sua Emily. Dirigiu-se para um sofá onde se sentou sem deixar de apertá-la contra ele. Deposito pequenos beijos sobre seus cabelos. O qual era totalmente inadequado posto que acabava de retirar sua proposta de matrimônio.

— Me casarei contigo — Murmurou ela.

Ele levantou a cabeça.

— Não quero que se case comigo por compaixão — Respondeu com um tom brusco que não harmonizava com seu coração.

A seu coração dava completamente igual a razão sempre que ela se casasse com ele.

— Me casarei contigo pelas luvas que me vai dar de presente — Disse ela com malícia — suponho que não se negasse a me dá-las de presente, não?

Ela pôs um dedo manchado de tinta nos lábios de Lucien. Suas bochechas ainda estavam molhadas pelas lágrimas.

Lucien tirou sua touca de renda e a deixou cair ao chão.

— Quem era a senhora Ewing? — Perguntou.

— Nunca existiu — Confessou ela — quando chegamos a Londres tinha medo. Pensei que era melhor que fingisse ser uma viúva. Bem. Aceitei seu pedido. Vai comportar-se como um cabeça dura e vai retratar-se?

Decididamente, isso já não dependia dele. Lucien se inclinou e foi ela a primeira em lhe beijar.

Acabava de tomar a decisão mais amalucada de toda sua vida, mas seu coração saltava de alegria. Tinha aceitado casar-se com um homem que mal conhecia um homem do que não sabia nada.

Nada... E tudo.

— Certamente tenha razão — Ela provocou — Ao melhor deveria comparar sua proposta com a do senhor Hislop. Evidentemente não estou completamente segura de que ele esteja pensando em matrimônio!

— Matarei a esse dragão se atrever a te pôr uma mão em cima.

Ela suspirou de maneira um tanto melodramática.

— Então me casarei contigo para salvar sua vida. E para assegurar um salário a meu fabricante de luvas favorita.

— Casará comigo porque me ama— Se orgulhou Lucien com um tom um pouco interrogante apesar de tudo.

Os lábios de Emily tremiam sob os seus.

— Porque te amo — Confessou ela — E... Porque você me ama, Lucien?

Ele a apertava com tanta força que ela notava os botões de sua jaqueta através do tecido do vestido.

— Sim, amo. Oh Senhor, quanto te amo, Emily!

A recepção para apresentar Kasi Rao Holkar, herdeiro do trono, teve lugar no local da Companhia das Índias em Leadenhall Street. Lorde Breksby estava de muito bom humor quando sua carruagem atravessou o último cruzamento.

Gabby, sentada ao lado de Quill, permanecia em silêncio, perguntando se seria muito incorreto que deslizasse a mão embaixo da de seu marido. Tinha os nervos à flor da pele. Repentinamente a mão dele se fechou sobre a sua, e uma deliciosa calidez invadiu seu coração.

A Companhia das Índias havia feito as coisas muito bem. Uns soldados de infantaria, vestidos com uniforme de vivas cores e com estranhos chapéus planos na cabeça, alinhavam-se no pequeno pátio interior. Quando chegaram se quadraram com as armas muito retas aos flancos.

Gabby estremeceu quando passou diante deles.

As paredes do vestíbulo da entrada estavam rodeadas de vitrines e a jovem se dirigiu para uma delas enquanto um laçai se para pegar sua capa de pele. O móvel estava cheio de pássaros feitos com metais preciosos e incrustados de pedraria.

— São algumas peças pertencentes ao museu da Companhia das Índias disse uma voz atrás dela — o museu se encontra neste edifício, se por acaso deseja visitá-lo algum dia.

Gabby recuou e se encontrou cara a cara com um imponente mordomo.

— É o espolio recuperado depois da retirada de Seringpatam?

O homem assentiu.

— Em efeito, senhora. Estes magníficos objetos foram oferecidos a sua Majestade a rainha, quem os confiou ao museu.

Quill foi a agarrar a sua esposa do braço.

— O que está olhando meu amor?

Os olhos de Gabby lançavam relâmpagos.

— Reconheço esse pássaro — Disse assinalando um galo adornado com rubis — Foi roubado durante o ataque a Seringpatam. Eu brincava com ele quando era menina.

De repente deu a volta e atravessou a estadia sem deter-se diante das outras vitrines.

Entraram no salão onde tinha lugar a recepção, no preciso instante em que a fila para receber se acabava de dispersar. Houve um instante de confusão e depois um homem de rosto alongado e uns poucos cabelos atados em um

acréscimo, precipitou-se para eles.

— Querido lorde Breksby! — Exclamou aparentemente encantado — Não me atrevia a esperar que pudesse unir-se a nós, que você se preocupasse com nossos modestos problemas.

Breksby inclinou a cabeça.

— Todo o prazer é meu, senhor Grant. Posso lhe apresentar aos convidados que me permiti trazer para sua recepção?

Grant esboçou um leve sorriso, mas conseguiu mostrar-se quase amavelmente.

— É possível? Faz-nos a imensa honra de trazer para a filha de meu bom amigo Richard Jerningham?

Saudou o Gabby quem respondeu com uma reverência.

Quill distinguiu o ligeiro sorriso que se desenhava nos lábios de Breksby.

— Efetivamente. Convidei a Gabrielle Jerningham a sua pequena festa, Charles, mas agora ela é a viscondessa Dewland, como certamente sabe. Estava seguro de que gostaria de vê-la receber a seu príncipe recém-encontrado. E este é o visconde Dewland.

O rosto de Grant pareceu alongar ainda mais.

Breksby estava radiante de maligno prazer.

— Não queríamos fazer esperar mais à viscondessa, quem está desejando voltar a ver seu companheiro de jogos.

O ministro foi interrompido por uma voz ensurdecadora.

— Que prazer vê-la por aqui, milady! E tão formosa!

Era o coronel Hastings que foi inclinar-se diante da jovem.

— Que dia tão afortunado para a Companhia! — Acrescentou dirigindo-se a Quill — Um dia de festa! O governador geral está encantado, positivamente encantado. Encontramos o príncipe Kasi Rao e logo ocupará o lugar que lhe pertence por direito no trono dos Holkar.

Quill notou com interesse que Charles Grant parecia estar chiando os dentes. O coronel, entretanto não parecia ser consciente disso.

— Nem o querido Grant, deve me deixar fazer as honras da noite. Vou

acompanhar à encantadora viscondessa até seu querido companheiro de jogos, nossa hóspede de honra, o príncipe!

Gabby lançou um olhar impotente a seu marido, mas Hastings já a estava guiando através da multidão. Quill ia seguir lhes quando uma mão se pousou sobre seu braço. Era Charles Grant.

— Não esperava vê-lo por aqui, Dewland. Tinha a clara impressão de que desejava romper qualquer relação com a Companhia — Disse com uma ponta de sarcasmo.

— Assim é — Replicou Quill — Sem embargo — anuiu mais amavelmente — Não queria perder um momento tão emocionante. Minha mulher vai reencontrar-se com um amigo da infância que foi criado como se fosse seu irmão.

O outro não encontrou uma resposta adequada.

— Um menino do que minha esposa me falou muito! — Continuou Quill pensativo — Eu também estou emocionado!

Grant soltou por fim sua manga e Quill se inclinou ligeiramente.

— A seu serviço — Disse antes de afastar-se em busca de sua mulher.

Como era mais alto que a maioria dos convidados, não teve problemas para ver Gabby e ao coronel Hastings que estavam ao lado de um jovenzinho, sem dúvida Kasi Rao. O menino dava as costas e Gabby estava fazendo uma reverência. Depois Kasi Rao a saudou apartando a espada de ornamento que tinha a um flanco. Um radiante sorriso iluminou o rosto da jovem e Quill franziu o cenho.

Permaneceu um instante imóvel olhando a sua esposa que conversava com o príncipe em seu idioma. O coronel Hastings tinha os olhos úmidos de emoção.

Ao fim Quill se aproximou. Gabby lhe dedicou um olhar luminoso.

— Olhe querido! — Ronronou — Pode acreditá-lo? Apresento a nosso Kasi Rao. Estive a ponto de não reconhecê-lo. Evidentemente para muito tempo que não o via.

O senhor Grant voltou a aparecer todo sorrisos.

— Posso comprovar que esta você feliz ao encontrar a nosso príncipe com

boa saúde, milady.

Certamente Quill não foi o único em advertir o alívio em sua voz.

— É obvio! — Exclamou Gabby, a inocência personificada — Não havia tornado a ver Kasi Rao desde que era um menino pequeno e estou impressionado por sua... Sua elegância, seu comportamento e sua principesca atitude.

O suposto Kasi Rao sorriu e Quill teve que reconhecer que era um excelente ator. Tinha exatamente o aspecto de um príncipe hindu, com seus enormes olhos negros e sua classe inata. De onde o tinham tirado? Certamente não dos baixos recursos do Jaipur.

Afastou-se movendo a cabeça. Ou muito se equivocava ou sua ardilosa esposa tinha algo haver com a aparição do “príncipe”. De fato estava quase seguro de que tinha sido ela a que tinha posto Grant sobre a pista para descobrir onde estava o menino. Tinha manipulado Lisa e sinceramente, a ele que se acreditava o governo inglês em pessoa.

Pouco depois levaram a príncipe uma coroa incrustada de pedras preciosas, presente da Companhia das Índias, e o coronel Hastings leu uma carta enviada pelo governador geral. Richard Colley Wellesley.

A restauração do Kasi Rao em seus legítimos direitos graças à Coroa britânica, dizia Wellesley em seu estilo empolado, era um acontecimento histórico sem precedentes, um milagre e uma bênção.

Gabby se mantinha ao lado do Kasi Rao, radiante de satisfação e de orgulho. Saudou graciosamente a cada um dos membros do comitê organizador, lhes assegurando que estava encantada de poder comprovar que tinham podido localizar ao príncipe lhe devolvendo o lugar que legitimamente correspondia a ele.

Um pouco mais tarde, no carro, quando a jovem expressou com veemência sua alegria por haver-se reencontrado com seu companheiro de jogos, Quill se limitou a lhe lançar um olhar irônico.

Mas Breksby não tinha nascido ontem. Observava atentamente Gabby e depois se voltou para o Quill para lhe perguntar:

— Você sabe quem é esse menino?

Ela se interrompeu em meio de uma frase.

Quill deu de ombros.

— Não, mas parece ser um candidato ao trono aceitável.

Breksby dirigiu a Gabby seu mais encantador sorriso.

— E vê milady, pouco depois de sua chegada a Inglaterra, demo-nos conta de que visitava você frequentemente à senhora Malabrigth. Naturalmente não lhe comunicamos esse fato aos responsáveis pela Companhia. Pareceria que você conseguiu o enganar não é assim?

— Não sei de que está falando — Contestou Gabby com toda a dignidade possível.

— O senhor Kasi Rao Holkar, herdeiro do trono, vivia com a senhora Malabrigth no Sackville Street e agora vive no Devon. No Ministério de Assuntos Exteriores nos sentimos muito contentes de deixar as coisas como estão. Decidimos que tinha você razão ao temer que o menino se convertesse em um boneco de palha servindo aos interesses da Companhia. Apesar de tudo confesso que esperava que você denunciasses o engano de Charles Grant.

Gabby se apertou mais contra Quill e lhe agarrou a mão.

— A Companhia esteve a ponto de encontrar ao Kasi. Era necessário que eu agisse...

— Mas como diabos conseguiu você fazer-se com outro Kasi?

Ela pareceu um pouco envergonhada.

— Será um excelente chefe de Estado.

— Não o duvido, mas me perguntou quem é.

— Chama-se Jawsant Rao Holkar — Respondeu por fim Gabby — É um dos filhos ilegítimos de Tukoji Holkar.

— Tukoji tinha dois filhos ilegítimos não? Em que critérios se apoiou para escolher ao um dos dois para reinar, lady Dewland?

— Não havia muito onde escolher. O irmão pequeno de Jawsant é muito dócil; nunca teria sido capaz de opor-se à Companhia. Jawsant é enérgico e, além disso, um excelente ator, como pôde comprovar. Sabe perfeitamente como parecer maleável, quando em realidade já ganhou uma batalha no ano

passado, quando só tinha quatorze anos.

Breksby não pôde evitar sorrir.

— Suas informações são melhores que as nossas, milady.

— Não foi uma coisa tão organizada como parece — Confessou Gabby — Eu tinha uma ideia na cabeça, então escrevi a um determinado número de pessoas, incluída a mãe de Jawsant, Tulasi Bai. Tulasi Bai dirige a região há mais de dois anos. Sem dúvida seguirá fazendo-o enquanto Jawsant se ocupa do exército.

Interrompeu-se um instante antes de continuar com precaução:

— Evidentemente, há uma possibilidade de que Jawsant tente penetrar nos territórios da Companhia. Acredito que lhe interessa, sobretudo o Bunkelhand.

Quill sorriu.

— Não corresponde a você, uma simples mulher, prever uns problemas tão complicados — Disse.

Mas ela mordiscava o lábio e não prestou nenhuma atenção.

— Você acha lorde Breksby, que o Governo inglês estaria disposto a aceitar deixar ao Jawsant no poder? Porque lhe asseguro que Kasi Rao é incapaz de dirigir um país.

De repente parecia excitada.

— É você uma pessoa admirável, lady Dewland, ninguém se atreveria a dizer o contrário. Entretanto, alguns membros de Governo poderiam pensar que se há extra limitado. E devo dizer que, com a idade, estou perdendo a memória. Acredito que vou esquecer esta conversa.

Gabby apertou a mão de Quill com mais força.

— Obrigado — Sussurrou.

— Lady Dewland — Começou de novo o ministro — Revisto é uma hipótese, é obvio, mas se no futuro recebe você alguma carta da corte dos Holkar; por exemplo, de Tulasi Bai; compartilharia a informação com o governo inglês?

— Possivelmente. Estarei encantada de cooperar em à medida do possível, milorde.

Lorde Breksby emitiu um suspiro.

— Esta noite foi muito interessante, lady Dewland — Disse — Inteirou-se de que vou me retirar muito em breve?

— Acredito que meu marido me comentou essa excelente notícia — Replicou Gabby com um sorriso.

— Eu também estou encantado — disse Breksby divertido — Se ficasse, teria medo de que me convertesse você em um boneco de palha e dirigisse Assuntos exteriores em meu lugar.

Gabby soltou sua deliciosa risada.

— Vamos milorde! Quão único fiz foi proteger o Kasi Rao e você sabe muito bem. Não tenho intenção alguma de me colocar na política estrangeira da Inglaterra.

Fez-se um cético silêncio na carruagem.

Ela apoiou a cabeça no ombro de seu marido. Possivelmente não acreditassem, mas era completamente sincera.

Seu seguinte projeto tinha que ver com o Quill.

Capítulo 22



Sudhakar desembarcou do Fortitude em chão inglês com um profundo suspiro de alívio. A viagem tinha sido exaustiva. Calcutá tinha parecido horrível, com seus enxames de gente que corriam em todas as direções. Cada cavalheiro estava rodeado de menos vinte criados, contando aos lacaios de corriam diante da cadeira e aos homens que a levavam. O tumulto era insuportável, não se podiam dar dois passos sem ser virtualmente queimado pelos portadores de tochas ou empurrado por quão criados foram abrindo caminho para seus senhores. E o número de elefantes nas ruas tinha parecido particularmente fastidioso, dada a propensão destes a aliviar-se enquanto caminhavam.

Tinha sentido falta de sua aldeia. Ali só havia um personagem importante: Richard Jerningham. E Jerningham só tinha um criado para lhe abrir aconchego e um pajem provido de uma sombrinha para protegê-lo do sol. Ao Sudhakar sempre tinha parecido pomposo, mas agora compreendia que teria podido sê-lo muito mais.

Em revanche a vida no navio tinha sido uma experiência mais interessante. Os quatro passageiros estavam como encerrados em um pequeno povo flutuante, presa de seus temores, seus prejuízos e seus sentimentos. Ao princípio os senhores ingleses tinham ignorado Sudhakar, tratando-o com altivez, mas a ele não o surpreendeu porque Jerningham o tinha tratado com o mesmo desdém... Até que se deu conta de que era o único no povo dos que falavam inglês, que sabia jogar xadrez.

Ao cabo de umas semanas o aborrecimento obrigou os três ingleses a aproximar-se do ancião hindu; eram jovens e sem dúvida voltavam para casa uma vez terminado seu serviço, pouco glorioso, na armada da Índia. Muito em breve adquiriram o costume de jogar cartas todas as noites.

Um deles ao menos, Michael Edwards, confessava em privado que estava muito impressionado pelo indígena. Sudhakar sempre estava impecavelmente

vestido, tinha boas maneiras e um comportamento inteligente. Possivelmente mais que inteligente. Nos olhos do homem havia um brilho muito inquietante quando Michael disfarçava a verdade. Mas a gente não podia dizer toda a verdade sobre o exército! Era necessário inventar algumas histórias de ataques heroicos, do contrário a vida militar ia parecer com aos civis tão decepcionante como era em realidade.

Apenas o navio esteve amarrado no porto, os três jovens se afastaram alegremente sob o sol poente, esquecendo sua promessa de guiar ao Sudhakar pelas tortuosas ruas de Londres. Michael só recordou de noite enquanto contava a sua irmã a batalha do Taipur acrescentando alguns detalhes sem os quais a narração tivesse sido terrivelmente aborrecida. Pensou de repente no ancião e se golpeou o joelho lançando um juramento.

— O que acontece? — Perguntou Ginny.

Era uma jovem inteligente que custava conciliar a imagem de seu tímido irmão pequeno com a de um brilhante herói.

— Esqueci a um ancião hindu no barco — disse — Tinha prometido levá-lo onde demônios disse que ia? Ao St. James Square acredito.

— Perto do parque? É uma direção muito boa, Michael.

O jovem deu de ombros.

— Certamente é o tio do mordomo ou algo assim. Mas deixa que te conte o que passou quando fiz prisioneiro ao rajá...

Sudhakar não tinha contado realmente com a ajuda dos ingleses, quem tinha a inconsciência de ser jovem. Além disso, não lhes necessitou, porque o levaram até uma fileira de carros de aluguel.

Londres era vinte vezes pior que Calcutá. Carruagens, pedestres e cavalos brigavam para conseguir passar e o ruído era ensurdecedor. Aonde raios iam esses cavalos com tanta velocidade? Seu carro esteve a ponto de se chocar com uma calesa e, enquanto se dava a volta, viu que o lacaio que estava na traseira esteve a ponto de perder o equilíbrio. Se tivesse caído, seguro que se teria matado. Vendo-o em retrospectiva, ao Sudhakar os lentos e torpes elefantes lhe pareceram maravilhosamente tranquilizadores.

Uma meia hora mais tarde se encontrava frente a um criado que parecia tão estirado como o muito mesmo Jerningham. Sudhakar o saudou

cortesmente ao modo inglês e acrescentou alguns floreios para causar boa impressão.

— A viscondessa está me esperando — disse.

Codswallop era mais inteligente que Michael Edwards e se passou a vida julgando a qualidade das pessoas. A seus olhos foi instantaneamente evidente que o senhor Sudhakar era em seu país o equivalente a um nobre. Possivelmente fosse pelo porte de sua cabeça.

Saudou-o sua vez e fez um gesto a um laçao.

— John! Pegue a mala do cavalheiro e leve ao quarto leste.

Sudhakar levantou a mão.

— eu agradeço, mas prefiro conservá-la comigo.

— Por desgraça os senhores não se encontram em casa. Posso oferecer um refrigerio?

Sudhakar comeu algo na sala de jantar e depois se retirou a suas acomodações indicando a Codswallop que esperava ser chamado pela viscondessa na manhã seguinte.

— Sim, muito boa educação — Resmungou o mordomo para si mesmo.

Isso abria novos horizontes. Sempre tinha tido tendência a colocar aos hindus e os irlandeses no mesmo saco. Mas nesta vida sempre havia exceções.

Quill não disse nada quando Codswallop anunciou a presença de uma visita inesperada, mas notou que o rosto de Gabby se iluminava e que lhe tinham dado ao Sudhakar a melhor acomodação de convidados. Por outra parte, o homem devia ser assombroso para ter impressionado tanto ao mordomo.

Esperou a que a porta se fechasse para falar.

— Quem é esse Sudhakar? — Perguntou em tom normal enquanto Gabby atirava de cordão para chamar a Margaret.

— Já te falei dele — disse ela enquanto se sentava diante a penteadeira — Era meu mas querido amigo na Índia, que era especialista em venenos se lembra? Estou impaciente por vê-lo! Pode acreditar que sinto saudades — Disse com um pouco de vergonha — Mas dele que de meu pai.

— Parece-me incrível — Admitiu Quill — Mas o que está fazendo na Inglaterra?

Não deixou de olhar atentamente a sua esposa e apreciou quando ruborizou.

— OH... Sudhakar interveio em meu plano para salvar Kasi Rao. Escrevi para lhe pedir que ajudasse a Tulasi Bai a tomar medidas oportunas para a viagem de seu filho...

— Então porque o senhor Sudhakar chega depois de nosso novo herdeiro Holkar?

— Não pôde vir antes — Respondeu Gabby com firmeza — É obvio o disse que viesse quando quisesse. E não deva dizer “senhor Sudhakar”, Quill. Os hindus raras vezes têm dois nomes.

Ele foi ficar atrás dela e afundou as mãos em seu cabelo.

— Temo que não te siga, querida. Se o entendi bem, Sudhakar é um cavalheiro de certa idade. A viagem deve ser agitada para ele. Por que veio nos visitar?

— Foi por mim. Porque eu pedi — Disse rapidamente Gabby.

— E porque pediu?

Os largos dedos do Quill brincavam com as mechas castanhas douradas.

Ela vacilou um momento.

— Esse Sudhakar traz por acaso uma de suas poções mágicas? — Continuou ele.

Ela mordeu o lábio.

— Não fale assim.

— E como deveria chamar a sua medicina?

— Eu... Não sei como se chama — Reconheceu ela.

— O que sabemos é que contém os mesmos ingredientes que os remédios que me nego a tomar. Acreditei ter sido completamente claro, Gabby. Acabou-se! Não tomarei nenhuma poção mais, provenha de um farmacêutico inglês ou de um curandeiro hindu. Seja qual for o talento de Sudhakar ou quão estreitos sejam seus vínculos contigo, não tomarei seu remédio. Sob nenhum pretexto.

— Mas é diferente — Se queixou ela olhando no reflexo do espelho — Sudhakar não é um enganador como os supostos farmacêuticos que consultei. Em suas poções não há cânhamo.

— Dado que Moore se orgulhava de usar cânhamo índio, é muito possível que Sudhakar também o use.

Gabby afastou a cabeça das mãos do Quill e se esforçou em permanecer tranquila.

— Prometeu — Que não voltaria a comprar esse tipo de coisas.

O coração de Gabby pulsava muito rápido.

— Escrevi ao Sudhakar muito antes de te fazer essa promessa.

— Disse — Continuou ele sem piedade — E cito textualmente: “Prometo não comprar mais poções dessas”.

— Não vou comprar — Disse ela.

— Essa não é a questão! — Irritou-se Quill indo apoiar as costas na janela — O que mais me incomoda, Gabby, é que tenha mentido.

— Eu não...

— Mentiu conscientemente. Não é como uma das mentiras que me contou sobre o Kasi Rao.

— Não menti sobre o Kasi Rao! — Protestou ela.

— Sim, por omissão. Quando lorde Breksby anunciou que a Companhia das Índias tinha encontrado Kasi Rao, não disse uma só palavra sobre o Jawsant Rao, nem sobre suas atividades clandestinas.

A ira se adivinhava em sua voz e tinha as costas rígidas.

— Suponho que temia que contasse tudo a Breksby — Acrescentou.

— Certamente que não! — Exclamou — Não menti.

— Basta!

A voz de Quill estalou como um látego.

— Nada mais de mentiras! Não pode admitir por uma vez que te equivocou? Traiu sua palavra.

Um as ardentes lágrimas alagaram os olhos de Gabby.

— Eu não queria...

— Desculpas — Cortou ele — As boas intenções não apagam as mentiras. Desde dia que pôs os pés nesta casa não deixou de mentir, como se isso não fosse importante. Não estou insinuando — Disse com mais amabilidade — Que minta por alguma razão inconfessável...

Ela engoliu um soluço.

— Não é assim!

— Sei.

— A única mentira que disse foi para seu bem. Se não te falei da chegada de Sudhakar é porque sabia que não o deixaria vir à Inglaterra entende? E, além disso, acreditava que já estava de caminho de modo que para que? Escreveu-me dizendo que havia um medicamento que...

— A única coisa que entendo é que não posso confiar em minha esposa — disse Quill cujas palavras soaram como pedras lançadas a um poço — Vou ter que desconfiar sempre, me perguntar se está dizendo a verdade ou se tiver decidido me enganar para meu próprio bem.

As lágrimas caíam pelas bochechas de Gabby.

— Eu... Eu...

O que podia dizer? A verdade era que lhe tinha mentido embora só fosse por omissão.

— Queria te falar de Jawsant Rao — Continuou ela tentando afirmar sua voz — Mas só foram umas cartas e eu... Estava contente de me ocupar do assunto. Acreditei que seria uma surpresa. Nunca pensei que estivesse mentindo.

— Já está. Você não acredita que mentir seja algo mau não é assim Gabby?

— Nunca digo mentiras malvadas — Replicou ela com voz aguda — Só me acostumei a fazê-lo porque meu pai...

Calou-se, afogada por um soluço.

— Seu pai certamente merecia — Admitiu Quill aproximando-se para pôr a de pé — Mas eu não, Gabby. Não sou um tirano. Nunca teria revelado seus projetos ao governo. Seu pai te obrigou a atuar às escondidas, mas nosso matrimônio nunca funcionará se não formos completamente sinceros um com

o outro.

Beijou a testa e as bochechas úmidas.

— E Deus sabe Gabby, que o que mais desejo no mundo é que nosso matrimônio seja um êxito.

Ela se desfez em lágrimas contra seu peito.

— Eu também — Gemeu — Não queria mentir, confio em você, juro! Te amo, Quill.

— Eu também te amo, Gabby.

Sei! Por isso é pelo que... Quero dizer, se não tivesse sabido que me amava, não haveria... Queria que fosse uma surpresa! Porque me ama, porque te pareço inteligente; disse-o; queria te demonstrar que era capaz de agir com inteligência.

— Entendo — Murmurou Quill recuando devagar para a cama onde se sentou com Gabby em cima dos joelhos — Não me falou de seu complô porque eu...

— Disse que a Companhia da Índias deveria estar dirigida pelas mulheres — cortou ela.

Quill a colocou mais comodamente entre seus braços.

— Suponho que é minha culpa — disse divertido — Nunca mais te felicitarei por sua inteligência.

Ela levantou a cabeça para lhe olhar.

— Oh Quill, é tão... Não é estranho que esteja louca por você?

Ele engoliu seco. Uma mulher não podia estar “louca” por um aleijado; a menos que a mulher fosse uma romântica sem remédio, evidentemente.

— Se soe — Grunhiu entregando seu lenço.

Ela se apoiou de novo em seu ombro com um último soluço.

— Amanhã mesmo direi ao Sudhakar que não quer seu remédio.

— Por que melhor não dizer que o problema se arrumou depois de que lhe escreveu? — Sugeriu Quill — Não queremos que lamente haver feito uma viagem que tivesse podido ter evitado. E confesso que me sinto aliviado pela solução do problema, graças à iniciativa de minha muito inteligente pequena

esposa.

Gabby ainda tinha o coração oprimido de angústia.

— Acredita que se não voltar a mentir nunca mais nosso matrimônio será um êxito?

Ele secou com carinho os últimos restos de lágrimas de suas bochechas.

— Nosso matrimônio é já tão perfeito que me assombra. Não sabia que era possível experimentar uns sentimentos tão fortes por alguém.

— Quill, lamento muito ter mentido. De verdade. Nunca quis ser desleal, nem...

— Sim — Murmurou ele o contra seu cabelo — Sei que mentiu pelas melhores intenções.

Ela soltou um tremulo suspiro.

— Sabe o que diria lady Sylvia se nos visse?

— Não posso nem imaginar! — Replicou Quill com humor.

— “É a hora do chá. As emoções são tão exaustivas que terá que comer para suportá-las” — Disse Gabby fazendo uma boa imitação da grossa voz de lady Sylvia — Vou chamar a Margaret — Acrescentou antes de esconder a cara na jaqueta de Quill — Devo estar horrorosa com o nariz vermelho.

— Não está vermelho e não quero chá. É muito tarde para isso. A quem desejo é você, Gabby. O que preciso é a minha esposa.

Ele só via as longas pestanas douradas dela e o começo de um sorriso.

Ela passou os braços ao redor do pescoço com os lábios muito perto dos seus.

— Realmente eu gostaria de tomar uma xícara de chá.

— Gabby... — Disse o com um tom perigosamente suave.

— Devo ter os olhos inchados e deveria pôr uma compressa neles.

— Gabby! — Rugiu ele.

Os lábios dela se abriram com seu beijo, e isso foi muito mais revitalizante que uma xícara de chá.

Ao cabo de um tempo, a ternura deu passo à paixão. Gabby tentou

protestar quando se encontrou nua, mas estava se acostumando e o prazer o fazia esquecer todo o resto. Quill tinha decidido mostrar a sua esposa que havia mais alegrias no matrimônio do que ela imaginava.

Conseguiu-o de maravilha. Possivelmente muito, porque quando tomou Gabby em cima dele, o ritmo desigual que ela impôs foi uma verdadeira tortura. Tortura que suportou tanto como pôde.

Mas sua paciência tinha um limite.

Gabby se encontrou bruscamente de costas com o delicioso peso de Quill sobre ela.

— Não! — Gemeu.

Mas já estava nadando no prazer, por uma espiral sublinhada com pequenos suspiros que terminou em apoteose. Ele gritou quando chegou ao orgasmo ao mesmo tempo em que ela.

— Isto não tem preço, Gabby — Murmurou no ouvido — Não tem preço...

Ela não respondeu.

Seu marido dormiu a seu lado, mas ela não fechou os olhos.

Estava presa de uma terrível angústia. Se Quill tinha outra crise... Teria que o deixar. Ou que não voltassem a fazer amor. Entretanto morreria se não voltava a ver seus olhos alegres pousados sobre ela. Tinha a mente feita uma confusão, passando do desespero a firme decisão e a terrível culpa.

Enquanto o alvorecer despontava atrás das janelas, não deixava de olhar o rosto de Quill. Pareceu que estava mais pálido.

Quando ele gemeu entre sonhos, ficou petrificada. Quando ele se virou e lhe deu uma arcada, ela agarrou o urinol que estava aos pés da cama. Pô uma compressa fria na testa, limpou o urinol, voltou para a cama, trocou a compressa...

Quando abandonou o dormitório por volta das dez da manhã, levava impressa na mente a imagem de um rosto pálido com os olhos rodeados de profundas olheiras. Quill estremecia cada vez que tocava sua face estava desfigurada pela dor. Tinha lutado para conservar a dignidade diante dela, mas as náuseas eram mais fortes.

Tinha aberto os olhos uma só vez murmurando:

— Não se culpe de nada, meu amor.

Acaso ele lia a mente? Sim, ela se jogava a culpa. Tinha o coração em um punho. Faziam amor e isso a transformava em parte em responsável da dor que o consumia. Se não fosse por ela, Quill estaria agora trabalhando em seu escritório em lugar de estar sofrendo um martírio.

Esse sentimento de culpa foi o que eliminou qualquer dúvida de sua mente. Não podiam continuar assim. Teria que abandonar Quill para sempre... Ou falar com o Sudhakar. Entre ambas as coisas, a escolha não era difícil...

— Não é uma boa ideia!

Gabby nunca tinha visto Sudhakar nesse estado.

— Ninguém deveria tomar um remédio sem saber — Continuou ele.

— Mas é que se não for assim, não tomará — declarou Gabby com firmeza — E eu não suporto vê-lo sofrer desse modo. Você não o viu, não pode dar-se conta.

— A escolha é dele.

— Ele não entende se queixou ela — É um inglês e nunca viveu em outro lugar. É muito difícil acreditar que um remédio hindu vai cura-lo.

— Pode cura-lo — Retificou Sudhakar — Além disso, o ingrediente principal não é índio. O remédio só o curará se as lesões de seu corpo forem de um determinado tipo.

— Se entendi bem, de todas as formas não pode lhe fazer mal de modo que por que não tentar?

O hindu suspirou.

— Estou de acordo, o risco não é muito grande, mas os pacientes têm direito a escolher seus remédios. Sem seu consentimento, nego-me tratá-lo. Esse remédio é feito à base de um veneno muito potente, Gabrielle. Um veneno que, se cair em mãos erradas, mata às pessoas. Nessas circunstâncias, é importante que o doente escolha se por acaso mesmo se quer seguir ou não o tratamento.

— É para seu bem! — Disse Gabby teimosa e a beira da histeria.

A insônia, a angústia e a culpa estavam a ponto de fazê-la explodir.

— Eu nunca obrigo às pessoas a fazer minha vontade. Esta manhã se parece perigosamente a seu pai, Gabby.

— Meu pai? A meu pai importam um nada — Gritou — O leve pensando desde que o navio zarpou com destino a Londres. Não me quer nunca me quis.

Era quase um alívio pronunciar essas palavras em voz alta.

— Essa não é a questão. Seu pai está convencido de que sabe melhor que as pessoas do povoado que lhes convém e se as acerta para que todos obedeçam suas ordens, esteja ou não de acordo a pessoa.

Fez-se um pesado silêncio.

— Não posso acreditar que esteja me comparando com meu pai — Disse ela por fim com os olhos secos e a cabeça alta.

— Digo o que vejo — Replicou brandamente o hindu — Se seu marido não quiser minha medicina, não devemos dar contra sua vontade. A escolha é dele.

— Meu pai permite que as pessoas escolha — Disse ela dando um rodeio — Só os obriga a deixar o povoado se não pensarem como ele. Não vejo que isso tenha nada que ver comigo. Eu amo Quill, amo-o muito para suportar vê-lo sofrer toda minha vida. Eu... — ou ter que o abandonar.

— Nesse caso, o deixar será sua escolha. Vi homens fugir de sua esposa moribunda e os entendi. Nada é mais cruel que ver sofrer à pessoa amada.

Os lábios de Gabby tremiam.

— Sinto muito Sudhakar. Não queria despertar más lembranças.

— Meu filho morreu faz muito. O tempo passa.

— Igualmente — Insistiu Gabby — Quando Johore estava moribundo você tentou tudo para salvá-lo. Recorde o dia que cheguei da casa grande e você lhe deu a medicina que eu levava. Se o tivesse estado consciente, certamente se tivesse negado a tomá-la porque odiava a meu pai.

— Johore... Se estava morrendo e não podia tomar já nenhuma decisão.

— Não vejo a diferença!

Sudhakar não se deixou impressionar por sua veemência.

— A diferença está em que dar uma medicina em segredo a alguém que certamente não está moribundo, é o tipo de ação que levaria a cabo seu pai encantado. Cresceu em uma casa em que um só homem acreditava que sabia tudo e impunha suas regras; seu cristianismo, seu moral e seus desejos. Me sentiria muito decepcionado se te visse tomar a mesma atitude.

— Mas, Sudhakar, o que acontece com o Quill é completamente diferente. Eu o amo.

— Isso não muda nada.

Sudhakar lançou um olhar circular ao redor da biblioteca.

— Encantou-me voltar a vê-la, pequena Gabrielle. Sinto-me feliz de ver em sua própria casa, recém-casada. Mas amanhã mesmo voltarei para meu povoado.

— Não! Não sem antes ter visto meu marido.

— Isso não me fará mudar de opinião. Os ingleses são terrivelmente reticentes diante da ideia de provar novos remédios, sobre tudo se vierem do “Leste” como eles dizem. Temo que terá que se imunizar contra sua dor — Acrescentou com compaixão.

Ele tinha razão, disse-se Gabby, tendo em conta a atitude de Quill em relação aos que o chamava enganadores. Ele nunca provaria uma nova medicina, não porque esta procedesse do Oriente, e sim simplesmente porque era mais cabeça dura que uma mula. Tinha declarado que nem tomaria mais remédios e se manteria em seus treze.

Gabby se incorporou e estendeu a mão.

— Me dê essa medicina, por favor, Sudhakar.

Deu-se conta de que tinha adotado o tom autoritário de seu pai.

Ele negou com a cabeça.

— Não, pequena — Contestou com tom cansado.

— Eu levei uma medicina a seu filho — Continuou — Se a levei porque gostava dele e quero que você me entregasse a sua. Amo a meu marido, nunca lhe faria mal. Você disse que isto não podia agravar seu estado.

— Isto não é digno de você. Esta cometendo um grande engano, Gabrielle.

— Eu teria podido me contagiar de cólera entrando em sua casa. Teria podido morrer por levar a medicina ao Johore.

Seguia esperando com a mão estendida.

O ancião baixou os olhos e logo tirou o frasco da bolsa.

— Será escolha minha — Disse Gabby — Quill não quererá me ver nunca mais quando descobrir, mas eu haverei feito tudo o que estava em minha mão para curá-lo de suas enxaquecas. De todos os modos, seria eu quem se verá obrigada a lhe abandonar se não houver cura para sua enfermidade. Não podemos continuar assim.

— É digna filha de seu pai — Disse Sudhakar com tristeza — Sabia que se casou com sua primeira esposa para salvar sua alma? Não conseguia impor o cristianismo entre os aldeãos, de modo que se casou com a pobre pequena Bale, sabendo que como seu marido, poderia obrigá-la a converter-se.

— Sabia, mas...

— Não funcionou — Continuou Sudhakar pensativo — Quando o filho de Bala, seu meio-irmão, morreu, ela preferiu suicidar-se antes de viver sem ele. Foi então quando seu pai se dedicou a exportar mercadorias em vez de salvar almas.

As palavras doíam mais Gabby conseguiu conservar a voz firme.

— Essa história diz muito sobre meu pai, mas eu sou tão filha dele como dela, Sudhakar. Se sei amar o Quill é porque Johore e você me quiseram. Quando Johore sofria, você tentou tudo sem pedir sua opinião. Eu me estou comportando igual, Sudhakar, e é você injusto comigo se pensa outra coisa.

Fez-se um novo silêncio.

— Pode ser que tenha razão — Admitiu ele — É certo que seus motivos são caridosos. Desde que foi só uma menina sempre amou muito e com muita rapidez para sua própria saúde mental. Toma, este frasco contém duas doses para um adulto. Deve medir exatamente a metade do líquido. Não causa nenhum dano se estiver corretamente dosado, mas se não for assim, pode chegar a matar o paciente. Tentará com a segunda dose quarenta e oito horas depois, em caso de que a primeira não funcione.

— Darei a segunda dose se a primeira não for eficaz, mas como saberei

que o efeito da primeira desapareceu?

— Pelo geral o doente fica entorpecido depois de tomar o remédio, e permanece assim entre doze e vinte e quatro horas. Não há nenhum perigo sempre e quando fique adormecido nas duas ou três primeiras horas. Só o provei duas vezes, Gabrielle. Deu resultado em um caso mais não no outro. O paciente deve estar fazendo a atividade que produz as enxaquecas enquanto esta sob os efeitos da medicina. Entendeu?

Ela sentiu com a cabeça.

— De que está feita poção?

— Já lhe disse, é veneno. Segrega-o de uma rã que some a suas presas em um profundo sono. As pequenas doses parece ser que dorme certas partes do cérebro humano e então os movimentos se fazem possíveis. O administrei a um homem que tinha caído de uma árvore. Depois da queda não podia agachar a cabeça sem ter uns terríveis dores de cabeça. Nessa ocasião deu resultado.

Gabby engoliu seco perguntando-se como reagiria Quill se dissesse que algumas parte de seu cérebro iam ficar adormecidas. Isto, ao menos, decidiu-a ainda mais a não lhe dizer nada. Se falasse ele nunca tocaria a poção.

— O rogo, Sudhakar aceitaria passar uma semana em Londres? Meu marido está padecendo agora uma de suas enxaquecas, estará doente vários dias e eu gostaria que o conhecesse.

— Com muito gosto com a condição de que me prometa reconsiderar sua decisão, Gabrielle.

Ela evitou responder e ele suspirou.

— Me sentiria muito orgulhoso de poder te chamar filha — Disse — É a filha de meu coração. Agora me deixe descansar, Gabrielle. Minhas velhas pernas ainda não se recuperaram da viagem.

Gabby depositou um beijo em sua bochecha e depois saiu do quarto com o frasco apertado na mão.

Capítulo 23



Quill estava imerso em um sonho maravilhosamente sensual. Estava deitado sobre a cama e Gabby o estava despindo. Estava rodeada de uma luz rosada que irradiava de sua mesma pele.

De repente notou que estava completamente nua e olhou fixamente seus seios enquanto desabotoava a camisa. Ele queria tocá-los, mas desistiu. Só contemplá-los era uma delícia.

— Gabby... — Murmurou.

— Sim?

Ela estava brigando com seu cinturão.

— Por que está rosa?

— Perdão?

Sua esposa sonhada parecia um pouco molesta e ela puxou da manga com nervosismo.

— Parece uma santa — Disse afogando uma risada.

Ria como um menino pequeno.

— Casei com uma santa — Disse — Uma Santa da Idade Média, e a ideia eu gosto de muito. Naturalmente, as santas que tinha visto até agora estavam vestidas, se mal não recordar.

Uma mão cálida acariciou sua bochecha, e o rosto de Gabby dançou diante de seus olhos.

— Quill, está bem? Está dizendo tolices.

Os formosos olhos dela deixavam ver sua preocupação.

— É obvio! Estou tendo o sonho mais formoso de minha vida. Vai continuar Gabby, meu amor? Ou deveria te chamar Gabby de meus sonhos?

Seu rosto desapareceu e ele ouviu um ruído seco quando por fim ela

conseguiu tirar a manga; então foi pela outra e ele se perguntou se cederia e acariciaria seus seios. Levantou uma mão para eles.

Era um sonho incrível, pensou, desses dos que um não queria despertar jamais. Deslizou uma mão pelo flanco de Gabby e a luz rosa lhe bicou ligeiramente.

Tinha tirado sua camisa.

— Bem, mulher de meus sonhos! — Chamou-a.

— Sim?

— É um sonho de modo que não consigo me mover.

Ela parecia chateada.

— Se tirasse a calça poderia ver como se sente o que te parece?

— É uma excelente ideia.

Ao menos uma parte dele parecia funcionar com normalidade, pensou com alívio. Era seu sonho, depois de tudo e se voltaria um pesadelo se seu corpo inteiro estivesse tão flácido como seus braços.

Uns minutos depois, estava nu igual à Gabby do sonho.

— Muito agradável — Murmurou.

Mas ao parecer ela não estava tão relaxada como ele.

— Agora vou beijá-lo — Declarou ela.

— Perfeito.

Ela uniu o gesto à palavra para grande prazer dele. Inclusive conseguiu acariciar suas costas e suas encantadoras nádegas.

— Já que se trata de meu sonho, eu gostaria de ter mais energia, mais ímpeto...

— Disso não tenho a culpa — Replicou ela com ansiedade — Acredita que se estivesse em cima de mim a coisa iria melhor?

Quill pensou um momento.

— Eu gosto de sua maneira de pensar — Disse — Se não estivesse tão apaixonado pela verdadeira Gabby, poderia tomar a sério.

Desta vez foi ela quem se pôs a rir.

— Sinto-me muito feliz de saber que está apaixonado.

Seus olhos eram dourados, exatos como os da verdadeira Gabby e lhe beijou. Era uma mestra! Ele sentiu uma pontada de culpa ao pensar em sua verdadeira esposa.

— A princípio não estava — Confessou.

Ela entrecerrou os olhos.

— Não?

— OH não! — Respondeu ele movendo a cabeça, o qual lhe enjoou um pouco — Queria esfregar de novo seus seios contra meu peito, por favor?

Ela estava franzindo o cenho.

— Explique isso — Ordenou.

— Antes faz o que te digo. Recordo-te que é meu sonho.

Ela parecia mais bem ofendida, mas se deixou cair contra ele.

— Assim não — Protestou Quill — Oh, sim! Sabe que seus olhos se voltam da cor do conhaque quando deseja fazer amor? É muito divertido! Parece tão zangada como minha verdadeira mulher mais não agi como ela. Se por exemplo eu interrompesse uma discussão — Disse aventurando-se entre suas coxas o qual lhe fez perder por um momento o fio da conversa — Se interrompesse uma discussão com a verdadeira Gabby — Voltou a dizer ele — E lhe pedisse que se esfregasse contra mim, acredita que me obedeceria? Não! Atiraria à cara o primeiro que tivesse à mão.

Ela tinha os olhos velados. Ao menos ela respondia como Gabby a determinadas carícias.

— Eu gostaria que me contasse isso de não estar apaixonado — Disse ela com voz entrecortada.

— Oh, isso! Estava obrigado a me casar com ela sabe? — Respondeu distraidamente tentando uma carícia mais atrevida que lhe arrancou um pequeno gemido.

Houve um silêncio e depois ela assimilou suas últimas palavras.

— Como que “obrigado” a se casar?

O tom foi um pouco seco e Quill levantou a cabeça para olhá-la.

— As santas da Idade Média não têm uma auréola ao redor do corpo. Você tem a maior, a mais luminosa auréola do mundo. Ao final vai resultar que é um anjo e eu estou morto?

— Não, não sou um anjo — Respondeu ela com veemência — E você não está morto, Quill.

— Bom, não importa, qualquer anjo digno de tal nome estaria ciumento de sua auréola.

Repentinamente se deu conta do que acabava de fazer. Estava recuperando as forças. Inclusive conseguiu pousar a outra mão nos quadris dela.

— Quill — Disse o anjo com severidade — Quero que me fale de suas bodas.

— De acordo.

Cada vez que ele a tocava, umas pequenas faíscas brilhantes saltavam do halo que a rodeava, o cegando. Fechou os olhos.

— Verá. Casamo-nos na cabeceira do leito de morte de meu pai. Não foi muito romântico.

— A isso é ao que te referia?

Agora parecia aliviada, mas Quill sentiu a necessidade de ser completamente honesto. Mentir a uma esposa de sonho era como mentir a si mesmo.

— Não, não é isso o que queria dizer — Disse aventurando-se um pouco mais longe para constatar que suas pernas estavam recuperando algo de energia — Tinha que me casar com ela porque Peter não a queria. Peter é meu irmão. E agora acredita que poderia tentar se dominar?

Gabby não respondeu de modo que ele rodou lentamente sobre ela, o qual lhe exigiu tal esforço que necessito um pouco de tempo para recuperar-se. Felizmente, não tinha que preocupar-se por que ela não pudesse respirar já que só era um sonho. Era uma sensação extraordinária.

Além do fato de que ela seguia fazendo perguntas.

— A Peter parecia gorda e torpe — Explicou — Eu o disse que serviria o mesmo já que era uma rica herdeira. Verá eu não necessito dinheiro, mas Peter

sim.

Ele tinha a cara enterrada em seu pescoço e não podia ver sua expressão. Mas ela começou a choramingar sob seu corpo como a haveria feito a verdadeira Gabby para ouvir que era gorda e torpe.

— Eu não opinava o mesmo — Particularizou ele levantando a cabeça com esforço — Desde o começo me pareceu incrivelmente voluptuosa.

Não tinha nenhum desejo de que sua esposa de sonho se fosse zangada!

Ela pareceu relaxar e lhe ofereceu seus lábios. Beijaram-se até que a auréola de Gabby se voltou completamente dourada. Quill fechou os olhos e apoiou a testa em seu ombro.

— Não posso me ocupar de tudo ao mesmo tempo — Se queixou rindo — Estou terrivelmente cansado. Mas é o sonho mais formoso que tive nunca. Não quisesses que pensasse que estou louco.

— Por que disse que não estava apaixonado, ao princípio?

Só um lugar do corpo de Quill estava completamente acordado.

— Eu gostaria de estar dentro de você, Gabby querida. Acredita que poderia fazer algo?

Essa criatura do sonho parecia tão inocente como o modelo real. Suas pequenas mãos se moveram até que o colocou. Então, reunindo todas suas forças, ele se inundou nela. O suor lhe corria pelas costas.

— Por Deus! — Resmungou ele — Sonho ou não, é a mulher mais maravilhosa que conheci fora a verdadeira Gabby, naturalmente. Tenho a sensação de estar dentro dela... E ela é a mais divina.

Gabby suspirou.

— Quer que me mova Quill?

Depois pareceu recordar algo repentinamente.

— Em realidade as mulheres dos sonhos não devem mover-se — Se corrigiu acariciando seus ombros.

— Fiquemos exatamente assim — Sugeriu ele com os olhos fechados.

Entretanto a parte ativa de seu corpo estava enviando sinais de fúria e se arriscou a dar umas investidas antes de desistir.

— Eu gostaria que me explicasse o que queria dizer faz um momento — Pediu ela, adúladora, colocando uma mão entre seus corpos.

— Nestas circunstâncias não posso te negar nada — Declarou ele magnânimo.

Logo se encontrou entre suas pernas fazendo amor quase com normalidade. A auréola de Gabby se fazia cada vez mais dourada e ele a contemplava fascinado. Ela emitia pequenos suspiros com a cabeça jogada para trás e o pescoço arqueado.

Imerso no véu de seu sonho, ele se controlava mais que na realidade, com a verdadeira Gabby. Na vida real tivesse perdido já todo o controle de si mesmo, mas no sonho era capaz de observar o que acontecia. Levantou os quadris dela e os brilhos crepitaram em todas as direções. Ele se afundava cada vez mais profundamente nela, sentindo os espasmos que a percorriam enquanto se transformava em uma explosão de luz.

— Estou fazendo o amor a um anjo — Murmurou — Miúdo sonho! A menos que realmente esteja no Paraíso.

Gabby tinha o cabelo pego à testa, mas abriu os olhos, seus olhos tão formosos.

— Não sou um anjo.

— Pois o parece com essa auréola.

Estava profundamente enterrado nela e decidiu, posto que tinha recuperado as forças, tentar outra coisa.

Deu a volta para pô-la de joelhos e entrou de novo em seu corpo. Os veementes protestos de Gabby do sonho o recordaram à verdadeira Gabby.

— É meu sonho — Se sentiu obrigado a recordar — A muitas mulheres gosta desta postura e também você gostará. Bom, caso que volte a sonhar contigo.

Sentia-se um pouco desleal com Gabby.

Cada vez custava mais controlar-se, mas a auréola de Gabby estava começando a ficar dourada e ele queria que chegasse ao orgasmo com ele.

— A princípio não estava apaixonado por Gabby— Disse tentando conservar a mente limpa — Mas naturalmente disse que a amava.

— Mentiu? Por quê?

— Era necessário. Gabby é uma romântica. Eu sabia que cederia se dizia que me tinha apaixonado a primeira vista. Sabe querida? Não estou seguro de poder seguir assim muito tempo mais.

Surpreendeu a si mesmo para ouvir rir pela segunda vez. Pode que tenha bebido muito antes de me deitar, pensou. Talvez morri por um excesso de álcool.

A Gabby do sonho tinha os ombros tensos e a auréola se estava voltando vermelha.

— Acredito que deveríamos falar um pouco mais sobre as mentiras que me disse — Falou com tom acusador.

— Melhor não. E se trata de meu sonho — Repetiu ele de novo.

Sacudiu a cabeça. Depois de tudo só era um invento de sua imaginação. Passou as mãos por debaixo dela para lhe acariciar os seios. Ela ofegava brandamente.

— É magnífica, Gabby dos sonhos — Murmurou.

Custava falar mais desejava prolongar esse instante enquanto sua pequena esposa se movia torpemente contra ele.

— Tem tão pouca experiência como minha mulher — Prosseguiu ele antes de agarrá-la pelos quadris com força — Não se mova!

Deixou ir por fim enquanto ela lançava um grito e as chamas escapavam de sua pele.

Ele fechou os olhos por temor que o anjo o cegasse.

Capítulo 24



Quill despertou com mau sabor na boca e uma enorme gana de beber. Levantou-se para servir um copo de água. Bebeu a metade quando os detalhes de seu sonho voltaram para a memória. Sorriu felicitando-se por sua fértil imaginação. Não era estranho que se sentisse estranho. Serviu-se outro copo e o degustou como se se tratasse de um bom vinho.

Estava quase terminando quando ouviu um ligeiro ruído que provinha da cama. Gabby estava se levantando com o cabelo revoltado.

— Bom dia — Ela disse com uma pontada de culpa.

Não ia lhe dar logo tanto prazer como lhe tinha proporcionado a Gabby do sonho.

— Não tem enxaqueca!

Ele levantou uma sobrancelha.

— Por que deveria tê-la? Devo ter bebido um pouco de mais ontem de noite mais não é isso o que provoca minhas dores de cabeça. Quer um copo de água? Está deliciosa!

— De verdade?

Parecia cética.

Quill depositou o copo e se aproximou da cama para beijá-la brandamente. Colocou as mãos entre o cabelo.

— Voltemos a começar — Murmurou — Bom dia mulher.

Ela avermelhou.

— Quill você recorda como...

— Recordar que?

— Esta noite, Você e eu...

Ele começou a rir.

— Grande Deus! Estive sonhando contigo toda a noite, Gabby. Acaricieite enquanto dormia?

— Para falar a verdade...

Ele a atraiu para si e o lençol que ela se subiu até o queixo se deslizou.

— Nossa! — Exclamou ele — Minha bela esposa dormiu nua!

— Bom você...

— Querida — Gemeu — Deve ter a sensação de que estava te atacando. Perdoe-me. Sou um bruto. O que aconteceu?

Ela estava olhando as mãos e lhe pôs o cabelo atrás das orelhas.

— Eu gosto de vê-la nua. Possivelmente vou começar a fingir que sonho todas as noites, para poder te despir a meia-noite.

— Quill!

O protesto era menos enérgico que de costume.

— O que aconteceu? — Perguntou ele repentinamente paralisado — Assustei-te, Gabby? Sinto muito, não recordo... Mas isto não tinha acontecido nunca antes e te asseguro que não voltará a acontecer.

— Sei — Disse ela em voz muito baixa.

— Como?

— Sei que não voltará a acontecer.

Ele estava completamente perdido.

— O que é o que não voltará a acontecer?

A verdade é que lhe dava um pouco igual.

— Possivelmente devesse te compensar por minha grosseria desta noite... colocou a jovem sobre os joelhos e pôs uma mão no seu seio. Ela só pôde conservar de milagre o lençol na cintura.

A Gabby custava respirar. Prometeu a si mesma que só enganaria uma vez o Quill lhe dando a medicina e depois lhe contar a verdade. Logo, se ele a jogava abandonaria a casa sem discutir.

— Não sei como aconteceu — Continuou ele com voz rouca — Mas só pensava em ti, Gabby.

A fez cair sobre a cama e contemplou suas sensuais curvas.

— E se deixássemos esta conversa para depois?

— Quill...

Ele estava inclinando sobre seus seios e qualquer protesto morreu em sua garganta. A paixão brotou instantaneamente. Entretanto a carcomiam os remorsos. Deviam fazer amor? Então ele compreenderia que a medicina de Sudhakar tinha dado resultado... Ou acreditaria que se curou espontaneamente.

Não. A traição envenenaria toda sua vida juntos. Nunca poderia fazer amor com seu marido sem pensar nisso.

— Tenho que falar contigo — Disse o afastando com firmeza.

— Que seriedade! — Respondeu com um travesso olhar — Não preferiria...

— Sim... Não! — Balbuciu ela recuando sobre a cama — Está noite fizemos amor.

Ele ficou um instante boquiaberto.

— Não — Disse com insegurança.

— Fizemos.

— Mas... Não tenho enxaqueca. Acreditei... Não foi um sonho?

— Não.

— Isso é absurdo!

Gabby o viu franzir o cenho com o coração em um punho. Adorava essa expressão e sua certeza de que cada problema tinha uma explicação. Pela forma em que ele ficou sério, ela adivinhou que tinha compreendido.

Teve desejo de recuar ainda mais, mas se conteve. Ela tinha tido razão. Não na forma, sim no resultado. Ambos tinham passado a noite fazendo amor e ele não tinha nenhuma dor.

Os olhos de Quill tinham ficado da cor de um lago gelado.

— Drogou-me.

Dando um salto se atirou sobre ela e lhe arrancou o lençol. Sem fazer caso de seu grito de protesto, deu a volta e descobriu, sobre seu quadril direito, uma

marca azul, sinal da paixão da noite.

Afastou-a sem dizer uma palavra. Tinha pensado Gabby alguma vez que seus olhos eram verdes? Agora eram negros. Sentia que o coração ia explodir no peito. A morte devia ser um pouco parecida a isto, pensou.

— A medicina de Sudhakar é muito forte — Fez notar ele dominando sua ira — Que ingredientes leva?

— Eu não... Não sei.

— Não sabe!

Silêncio gelado.

— Sudhakar o administrou a um homem que caiu de uma árvore — Explicou em voz baixa — Enquanto o homem se agachava tinha enxaqueca. A poção o curou.

— Quando me fez tomar isso?

— Depois do jantar com o porto.

Quill se levantou.

— Nossa que representação fez esta noite!

Gabby continha as lágrimas com esforço. Ele tinha todo o direito de odiá-la.

— Era necessário que fizesse todos os movimentos que provocam as dores.

— Por quê?

— Acredito que a medicina tranquiliza a parte afetada do cérebro.

Isso era melhor que lhe dizer que adormecia o cérebro.

Quill estava pensando em voz alta.

— O paciente toma a poção, depois faz os movimentos que provocam as dores... Então essa medicina curou minhas feridas?

— Tranquilizou a parte do cérebro que...

Calou-se porque não entendia muito bem a relação entre uma perna ferida e o cérebro.

— Se não tivesse funcionado estaria eu neste momento imóvel na cama,

incapaz de me mover?

— Oh, não! — Respondeu ela cruzando por fim seu olhar — Em caso de fracasso não há nenhuma consequência indesejável.

— O que mais disse Sudhakar sobre isso?

Ela mordeu o lábio.

— Que mais? — Insistiu Quill separando as sílabas.

Deu a sensação de que ele estava gritando embora falasse com calma.

— Em dose mais fortes, pode ser um poderoso veneno — Murmurou ela com um olhar implorante — Mas prometeu que não haveria más consequências embora não funcionasse. Mas funcionou.

Ele tinha dado as costas e estava pondo a camisola.

— De modo que me fez tomar um perigoso veneno — Disse ele com um tom quase indiferente. Devia estar muito necessitada, Gabby! A noite passada mereceu a pena?

Um as ardentes lágrimas caíam pelas bochechas dela.

— Não suportava vê-lo sofrer.

— E não teve nenhum escrúpulo para mentir e me impor um medicamento que tivesse podido me matar?

Olhou-a de frente e sua expressão a deixou gelada.

— Quando minha mãe comprava tais poções, ao menos tinha a decência de me deixar decidir se queria tomar ou não.

— Teria se negado! — Exclamou Gabby com voz estrangulada.

— Exato. Não o teria tomado.

— Era necessário — Sussurrou ela — Não queria que sofresse.

— Parece ter esquecido que odeio as mentiras, Gabby. Então volto a perguntar: a noite passada valeu a pena?

Ela podia ver por sua expressão a ruína de seu matrimônio, tão claramente como a luz do sol.

— Se lembro bem — Continuou ele sem piedade — Acreditei que era um anjo. Que ironia! Riu muito? Não recorde te ver ouvido rir.

— Te amo.

— Eu perdoava a minha mãe porque ela agia por amor — Disse ele friamente — Destruíu nosso matrimônio porque nossas relações sexuais não bastavam? Porque desejava que fosse mais... viril?

Apesar de seus esforços por conservar o sangue-frio, estava apertando os dentes.

— Não! — Gritou ela — Não podia vê-lo sofrer. Não o suportava!

— Fizemos amor uma vez sem que depois me doesse a cabeça, se a memória não me enganar. Deduzo, portanto que a experiência você não gostou.

Gabby era incapaz de responder.

— Já não haverá mais experiências — Disse ele em voz baixa — Você sabe não é? Nunca mas poderei confiar em você e nessas condições nenhum matrimônio vai adiante.

Ela se refez. Esclareceria coisas e depois se iria.

— Não espero te fazer mudar de opinião, mas eu gostaria que entendesse. Sudhakar me assegurou que a medicina não podia ser nociva. Então decidi que isso justificava a mentira.

— Justificar! — Lançou Quill — Deus que pretensão! Mentiras justificadas! A seu marido! Mentia também quando disse que me adorava depois de que consumássemos o matrimônio?

Ela guardou silêncio, afogada pelas lágrimas.

— Evidentemente isso foi antes que compreendesse até que ponto minha enfermidade ia afetar a sua vida cotidiana — Insistiu ele.

— Não! Proíbo você que diga coisas tão cruéis! — Rebelou-se Gabby — Nunca menti para você nas coisas importantes.

— Salvo que estivesse justificado — Contestou ele com maldade.

— Minhas mentiras nunca foram tão terríveis como a que você me disse.

Ele se cruzou de braços.

— E de que mentira se trata Gabby? Advirto isso, orgulho-me de ser completamente honesto.

Ela levantou o queixo.

— Se fosse assim, não teria dito o que disse sobre as razões pelas que queria se casar comigo. Não teria fingido me amar.

Quill recordou bruscamente alguns detalhes de seu suposto sonho.

— Peço-te perdão — Disse por fim — Em efeito, menti para você.

Gabby notava como a ira se ia impondo à tristeza.

— Mentiu-me em um dos momentos mais sagrados da vida — Grunhiu — Me obrigou a abandonar o homem que amava com o que desejava me casar, para que me casasse contigo.

— Obriguei-te...

Ela o olhava agora com os olhos completamente secos.

— Ontem à noite tinha razão: sou uma romântica. Acreditei que me amava, engoli estupidamente suas mentiras e rompi com meu prometido. Certo, ele também tinha mentido, porque compreendi que parecia muito gorda para casar-se comigo. E eu pobre louca, acreditei quando me dizia que era formosa!

Quill abriu a boca mais não podia dizer anda para defender-se.

— Eu ao menos, menti em seu próprio interesse — Continuou ela — Nunca te teria apanhado em um matrimônio sem amor. Teria sido incapaz de seguir o jogo.

— Este não é um matrimônio sem amor!

Ela deu de ombros.

— Segundo você, nem sequer é um matrimônio.

Ele pensou de repente que não tinha nenhuma intenção de levar a cabo essa ameaça.

Ela se levantou e pegou sua camisola do tapete. Estava tão zangada que tinha esquecido todo pudor.

— É formosa, Gabby — Disse ele com voz rouca.

Ela o olhou um momento antes de passar a camisola por cima da cabeça.

— Nunca mais poderei confiar em você e nenhum matrimônio pode ter êxito nessas condições — Disse ela repetindo suas palavras com amargura.

— Minha... minha mentira era diferente — Se queixou Quill com uma ponta de desespero — Poderia ter me matado com essa condenada poção!

— E você poderia ter quebrado meu coração — Respondeu ela — Depois de tudo acreditava estar apaixonada pelo Peter. Mas vocês não pensaram nem por um momento em minha verdade? Eu era só uma torpe e gordinha herdeira que seu pai tinha encontrado no outro extremo do mundo. Sem dúvida eu deveria me felicitar por não ter sido Lisa e sinceramente posta na porta e reexpedida na Índia, já que, ao contrário que Peter, você não necessitava de dinheiro.

Ele procurou uma resposta apropriada.

— Você tampouco pensava muito em mim quando me deu essa poção mortal.

— A poção não é perigosa a pequenas doses — Repetiu Gabby. Quer vê-lo? — Acrescentou indo procurar o vidro na gaveta da cômoda — Te pus exatamente a metade do conteúdo deste frasco. Não há suficiente veneno para fazer mal a ninguém.

— Duvido — Grunhiu Quill a quem a culpa fazia elevar o tom — Quantas vezes Sudhakar provou a poção? Centenas?

— Não.

— Quantas?

— Duas vezes — Confessou ela.

— De modo que, se apoiando no fato e que duas pessoas não foram envenenadas pela medicina de Sudhakar, você acha que eu era o candidato perfeito para o terceiro experimento?

Gabby notava que se ia pondo histérica.

— Com que direito se zanga? Está curado! Fizemos amor e não ficou doente. Agora já pode voltar a fazê-lo com todas as amantes das que me falou. Vamos! Eu te curei!

— Estou zangado porque minha mulher demonstrou uma total falta de interesse por minha saúde. Seu pai me escreveu para me informar de que você tinha “más intenções com minha vida”.

Ao Gabby deu um tombo o estômago.

— Manteve correspondência com meu pai?

— Em efeito, tem-me escrito várias cartas.

Ela tentou falar com um tom tão indiferente como ele.

— De verdade? E que dizia? E porque não me falou disso?

— Acreditei que se tornou louco. O modo em que falava de você...

— Imagino facilmente. Não sabia que trocava confidências com meu pai.

— Possivelmente devesse ter feito caso a suas advertências — lançou Quill com uma voz perigosamente tranquila.

Gabby perdeu por completo a paciência.

— Efetivamente! — Vociferou — Porque meu pai e você são iguais. Os dois são infantis, protetores e estúpidos. Fez essa estúpida promessa de não tomar mais remédios por pura cabeça dura. E agora, agora que está curado, em vez de me agradecer, queixa-te!

Ele se enfureceu.

— Estúpido sim, mas ao menos não tentei matar a ninguém ultimamente!

— Eu não tentei te matar! A medicina é inofensiva! Inofensiva!

— Ah sim? Entretanto você não a tomou! É muito fácil fazer que seja outro o que se trague um veneno inofensivo!

Rápida como um raio, Gabby esvaziou o conteúdo do frasco em sua boca, antes que ele tivesse tempo de impedi-la — Muito tarde! — Exclamou ela com desafio — Não me dá medo tomar esta poção e não tentei te matar!

Quill estava pálido como um lençol.

— Deus meu Gabby! O que fez? — Murmurou — Onde está Sudhakar?

Ela deu de ombros e foi sentar se na borda da cama um pouco molesta por sua atitude melodramática.

— Essa medicina esta dosada para um homem adulto não é assim Gabby?

— Eu estou tão gorda como um homem adulto. Quase.

— Certamente que não!

— Dá-me igual estar sonolenta durante um ou dois dias — Contestou ela — Se assim deixar de dizer que tentei te matar. Porque não é assim.

Já estava menos agressiva.

— Sabe que navio ia tomar Sudhakar?

— Não — Respondeu ela vagamente — Com certeza que já está no mar. Mas não se preocupe. Disse que os efeitos da poção desapareciam entre vinte e quatro e quarenta e oito horas.

Tinha a sensação de estar voltando-se vesga. Via dois ou três Quill.

Ele abriu a porta do quarto bruscamente e chamou Codswallop. O ouviu de muito longe, ordenar ao mordomo que fosse a procurar o Sudhakar, se é que ainda estava em Londres. Apertou os dedos sobre a colcha. Dava voltas a cabeça.

Pareceu que passavam horas antes que Quill voltasse para seu lado e seu rosto se moveu diante seus olhos.

— A droga afeta à visão — Disse — Recorda? Esta noite acreditei que tinha uma auréola.

— Foi uma idiotice de minha parte — Murmurou ela em um sussurro — Não é assim Quill?

Sentia-se como uma passageira em um navio em plena tempestade.

— Lamento muito — Acrescentou com um fio de voz.

Ele segurou suas mãos.

— Nós dois nos comportamos como idiotas. Eu te cravei. Sei que não tentou me matar, Gabby. Só disse por que estava zangado. E você tinha razão, fui um estúpido, verdadeiramente estúpido por brigar contigo em vez de te agradecer.

— Não tão estúpido como eu — Reconheceu ela — Me alegro de que Sudhakar se foi. Sempre me jogou na cara minha impulsividade. Não queria que te desse a medicina.

— O que te disse sobre ela? Recorda?

— Não. Disse que era inofensivo a pequenas doses.

— Nada mais?

— Não.

Ela começou a rir.

— O que acontece?

— Parece que estão crescendo suas orelhas, Quill. Parece um coelho! E o nariz também!

Voltou a rir.

Quill suspirou. Quando ele tinha tomado a poção, havia-se sentido como se estivesse bêbado. Esperava que o efeito em Gabby fosse moderado. A noite prometia ser muito longa.

Entretanto ao cabo de umas horas durante as quais passou da risada aos bocejos, Gabby acabou por dormir.

Quill se sentou à cabeceira, terrivelmente triste. Como tinham podido chegar a esta situação? Que espécie de matrimônio era este para que sua cabeça dura levasse Gabby a enganá-lo e para que sua briga lhes tivesse conduzido a esta horrível consequência?

Sua esposa jazia na cama, inerte. Tinha que ficar bem à força. Não deixava de olhar o relógio de pêndulo. Tinha passado quatro horas desde que tinha tomado o remédio e se necessitavam ao menos vinte e quatro para que os efeitos desaparecessem.

Não tinha movido quando o ancião hindu empurrou a porta.

— Lorde Dewland — Disse com tranquilidade.

Quill deu um pulo e se levantou sem soltar a mão de Gabby.

— Senhor...

Interrompeu-se incapaz de explicar a estúpida discussão que tinha levado a isto.

Mas Sudhakar não esperava que ele desse nenhum detalhe. Agarrou o pulso de Gabby. Ao Quill deu um tombo o coração ao ver o carente de vida que parecia a pequena mão.

— Quanto tempo faz que dorme?

— Quase cinco horas.

Sudhakar não disse nada, mas Quill apreciou que apertava os dentes.

— É um mau sinal?

Seus olhares se encontraram.

— Não! — Gritou Quill.

O ancião agachou a cabeça.

— Duvido que sobreviva. Essa medicina é um poderoso veneno, sim, disse. Tomou muito para uma pessoa de sua constituição e dormiu muito depressa.

— Não entendo — Balbuciu Quill — Que importância tem isso?

— A poção tem como ingrediente principal o veneno de uma rã. Essa rã some a sua presa em um profundo sono antes de devorá-la. Um sono que é fatal para os humanos.

— Desperte-a!

Quill afastou Sudhakar e agarrou a sua esposa pelos ombros para sacudi-la energicamente, mas ela parecia um pulso de trapo.

— Lhe dê um antídoto! — Ordenou.

— Não existe tal coisa. Vai ter que viver com isto. E eu também.

— Então porque lhe entregou esse veneno? Você sabe quão impulsiva é, deveria ter suspeitado que o beberia.

Sudhakar enfrentou seu olhar.

— E porque deveria ter pensado? Tinha diante mim a uma mulher louca de angustia por seu marido, disposta a destruir seu matrimônio para impedir que ele sofresse mais. Não vi nada de suicida nela.

— Ela acreditava que era inofensivo. Não sabia... Não deveria ter dado nunca esse veneno.

— Toma por uma menina? É uma mulher adulta, responsável por seus atos.

Quill compreendeu de repente que o ancião sofria tanto como ele.

— Terá que fazer algo — Grunhiu a beira do desespero.

Sudhakar se virou.

— Isso está fora de minhas possibilidades. Quis a dois meninos e agora Gabrielle vai se reunir com o Johore na morte. Não terei podido salvar a nenhum dos dois.

— Ela me assegurou que você era um perito em venenos.

— Mas este não é um veneno índio — Respondeu Sudhakar — Se existir um antídoto, não o conheço. Sou um ancião estúpido incapaz de curar às pessoas que ama.

Quill tinha vontades de agarra-lo pela garganta.

— Pense — Insistiu — Por que é mortal? Gabby parece estar dormindo placidamente.

— Não sei exatamente. Dormirá durante dias e não despertará. O homem que me enviou a poção me advertiu das possíveis consequências. Os estimulantes não podem fazer nada.

— Não há nada de errado em dormir — Arriscou Quill — Algumas pessoas dormem uma semana sem morrer por isso.

O hindu franzia o cenho.

— A água. Ao melhor a morte não se produz diretamente pelo veneno se não por causa da desidratação.

— Perfeito! Obrigaremos a beber.

Aproximou um copo de água aos lábios de Gabby, mas a água não entrou em sua boca.

— Não pode engolir — Gemeu Sudhakar — Não. Estou condenado a ver como morrem meus dois filhos. Johore sofreu ao menos a pequena Gabby morrerá em paz.

Quill não o escutava. Puxou o cordão e pediu ao Codswallop uma colher. Depois, levantou a cabeça de Gabby e tentou fazer que engolisse um pouco de água. Tentou-o uma e outra vez até que a camisola esteve empapada.

Notou uma mão no ombro.

— É inútil — Disse brandamente Sudhakar.

— Não!

— Eu senti esta dor quando a saúde do Johore piorou justo antes de morrer. Estávamos isolados no povoado. Ninguém queria franquear a porta da casa por medo da cólera. A única que fez foi Gabrielle. Veio da casa grande com uma medicina inglesa. Importava mais a vida do Johore que a sua.

Quill acariciou a bochecha de sua esposa.

— Não é de estranhar.

— É capaz de tudo pelas pessoas que ama. E o ama, visconde Dewland. Você tem sorte. Amava-o muito para vê-lo sofrer. E estou seguro que o faria de novo se fosse necessário.

— Você não pode saber — Murmurou Quill com voz quebrada — O que eu disse...

Uma mão apertou seu ombro.

— Imagino que brigaram e que Gabrielle tomou a poção estando zangada. Sempre teve um temperamento feroso, mas o ama, e se sentiria feliz se soubesse que suas enxaquecas estão curadas. Porque estão não é assim?

Quill tinha os olhos cheios de lágrimas.

— E isso que importa? Sem Gabby...

— Não ficarei até o final. Já vi um menino morrer.

Quill se levantou.

— Está você seguro, completamente seguro de que não pode fazer nada?

— Seguro. Meu único conselho é que insista em lhe dar água. Possivelmente algumas gotas passem por sua garganta. Mas acredito que está perdida.

Quill se inclinou.

— Escreverei quando desperte — Disse.

Sudhakar devolveu a saudação.

— Esperarei sua mensagem com impaciência.

Pouco a pouco, Quill pegou o costume de pôr uma toalha ao redor do pescoço de Gabby e dar água cada meia hora. Ela, com a cabeça um pouco inclinada de certa forma, não a expulsava. Ao menos isso era o que o queria acreditar.

A meia noite, esgotado, deixou encarregada a Margaret para ir descansar.

Duas horas depois despertou e prestou atenção. Tinha parecido ouvir um ruído no quarto do lado. Teria retornado a Gabby?

Mas uma olhada no dormitório demonstrou que a situação não tinha mudado. Margaret tinha incorporado a sua senhora cuja cabeça caía a um lado.

A donzela voltou para ele seu rosto esgotado.

— Vá deitar — Ele ordenou— Diga a Codswallop que se reúna comigo ao amanhecer.

Muito cedo pela manhã, enviou a um laçao a procurar um dos médicos aos que tinha consultado fazia pouco.

O doutor Winn era um homem alto e magro com uns inteligentes olhos azuis.

— Interessante — Disse examinando o frasco — Muito interessante, milorde. Um veneno tirado de uma rã diz você?

Tomou o pulso de Gabby.

— Parece profundamente adormecida. Tentou fazer que beba café? Algumas vezes isso acordada aos pacientes. Ou chá muito carregado.

Quill passou as duas horas seguintes olhando o líquido escuro escorregando pelo queixo de Gabby e caindo sobre a toalha. Sem o menor resultado.

Winn se passou a mão pelo cabelo com um suspiro.

— Estes venenos orientais são diabólicos. Não os conheço muito e temo que não se possa fazer nada mais, milorde, a menos que nos decidamos a fazer experimentos de duvidoso resultado.

Quill sempre tinha apreciado a prudência do médico, o qual nunca tinha tentado lhe administrar cânhamo índio nem nenhuma outra droga. Limitou-se a lhe aconselhar que se resignasse a viver com suas enxaquecas.

Mas desta vez não era da mesma opinião.

— Experimentemos — Ordenou.

O doutor Winn vacilou.

— Se administrássemos um excitante mais forte que o café... você se dá conta de que vamos combater um veneno com outro?

Quill apertava os dentes.

— Tem que despertar. Não sei quanta água engoliu.

— Você tem razão — Aprovou o médico — Corre o risco de morrer desidratada.

— Faça algo — Gemeu Quill.

Winn se sentou entrecruzando os dedos.

— Me escute atentamente milorde. Encontramo-nos enfrentados a duas possibilidades.

Quill agarrou entre as suas a mão inerte de Gabby.

— A solução mais evidente parece que seria lhe dar um estimulante — Continuou o doutor — Mas devo adverti-lo que, dada a falta de reação de sua mulher ao café, não estou seguro de que dê resultado.

— Que perigo haveria?

— Que seu coração parasse. A segunda possibilidade é muito mais experimental, entretanto acredito que é a que eu escolheria. Trata-se de lhe administrar láudano. O láudano é algo muito interessante. A pequenas dose provoca sono, em grande quantidade se converte em um veneno. E naturalmente provoca uma grande dependência.

— Para que lhe administrar algo para dormir quando já está adormecida?

— Às vezes age ao contrário, embora não sejamos capazes de compreender porque.

— E o perigo?

— Não há virtualmente nenhum. Entretanto, se isso não funcionar, os estimulantes serão ainda menos efetivos. Cairá em um sono mais pesado se tal coisa é possível. Toca decidir milorde.

— Já está decidido. Dê láudano.

— Você se dá conta de que as possibilidades de êxito são mínimas?

Quill assentiu e o médico abriu sua bolsa e fez tragar a Gabby uma dose de láudano.

— Quando saberemos se tiver funcionado? — Perguntou Quill profundamente angustiado.

— Muito em breve. Posso sugerir que lhe dê mais água?

Obedeceu enquanto pensava que o médico dizia sozinho para lhe manter ocupado.

Passou uma hora durante a qual Quill não deixou de olhar Gabby

pendente do menor sinal de uma mudança. O coração pesava uma tonelada.

Pouco a pouco compreendeu que ela já não estava realmente ali. Que seu corpo só era uma casca vazia.

— Minha mulher esta morta — Murmurou ao cabo de duas horas.

Winn se aproximou dos pés da cama e negou com a cabeça.

— Não, não está morta, milorde.

Quill apenas lhe ouviu.

— Eu gostaria que agora se fosse — Disse — O láudano não deu resultado e desejaria... Ficar a sós com ela, o pouco tempo que fica.

— Esperarei lá embaixo. Faça que me chamem se necessitar ajuda.

Quill permaneceu em silencio durante uma eternidade. Tinha deixado de olhar a Gabby salvo para obrigá-la a beber. Era muito triste contemplar seu rosto ausente. Preferia imaginá-la com sua auréola, o halo dourado que rodeava seu corpo. Isso deveria o consolar, pensou. Ela lhe tinha deslizado de entre os dedos como a luz rosada que a rodeava.

Um terrível grito escapou de sua garganta.

— Não! Não! Não se converta em um anjo Gabby! Preciso de você!

Só respondeu o silêncio.

Algum criado teria ouvido? Mas dava igual se o mundo inteiro ouvia. Ela tinha ido. Tinha-o abandonado. Em metade de uma briga tinha abandonado a ele.

— Não! — Vociferou.

Quill nunca tinha demonstrado sua dor diante ninguém, mas tampouco nunca havia sentido uma dor tão intensa.

— Deve viver Gabby, tem que voltar para mim. Rogo isso, suplico isso, não vá. A vida... A vida não existe sem você. Te amo! Sem ti não poderei falar com ninguém. Ninguém me faz sorrir como você o faz, as cores não...

Apagou a voz e se tombou a seu lado na cama, apoiando a cabeça em seu peito. Podia ouvir o fraco pulsado de seu coração.

Ao fim, esgotado, dormiu, arrulhado pelo som longínquo e fraco de Gabby com o mundo dos vivos.

Não sabia se tinha passado horas ou minutos, mas a voz de Gabby dos sonhos o chamava.

— Sabia que voltaria que voltaria a te ver o menos uma vez.

Não ouviu sua resposta. Tentou abrir os olhos, mas estava cansado, tão cansado...

— Minha esposa morreu — Explicou — Gabby real me abandonou e agora só fica você, anjo.

Sua voz se fez mais firme.

— Tem que ir, Gabby dos sonhos. Se não puder ter a minha mulher, tampouco quero a ti. Minha Gabby é a única mulher que amo.

Gabby dos sonhos parecia um pouco irritada e o sacudiu a cabeça.

— Não te quero — Repetiu — Vá embora.

— Hmm — Disse ela com um tom vagamente divertido.

Quill tinha que fazer um esforço. Por fim abriu as pálpebras e por um instante se sentiu desconcertado pela pequena e fina mão que viu.

Apenas se atrevia a respirar quando abriu os olhos de tudo.

— Bom dia, senhor esposo — Disse uma voz que soava como a de sua mulher.

E certamente eram os olhos de Gabby os que brilhavam alegremente.

— Oh, Meu Deus!

Ela arqueou as sobrancelhas.

— Desde quando não se diz: “bom dia Gabby, dormiu bem?”? Esqueceu minhas instruções?

— Encontra-se bem? — Ele perguntou.

— Não — Respondeu ela repentinamente séria — Me comportei como uma louca e eu gostaria que me perdoasse. Estive pensando desde que despertei. Nunca deveria ter mentido nem deixar que a ira ditasse minhas ações. A poção de Sudhakar poderia ter graves consequências.

— Assim foi, Gabby.

— De verdade?

— Sudhakar estava convencido de que ia morrer que não se podia fazer nada para te salvar.

— Encontrou-o antes que embarcasse.

— Sim.

— Estou bem, Quill. Em qualquer caso o estaria se aceitasse se mover para que me levante.

Ele não se moveu nenhuma polegada.

— Pode ser que nunca te deixe levantar da cama — Disse com ternura — Amo-te tanto Gabby! Não poderia viver sem ti. Sabe?

Ela sorriu.

— Então agora já está apaixonado por mim?

— Nunca deveria ter mentido sobre isso. Entretanto não me arrependo de tê-lo feito porque isso te convenceu de se casar comigo.

— Não me mentiu — Disse ela contra seus lábios — Estava apaixonado por mim, mas não sabia, isso é tudo. Lembra-te? “Ardo, consumo-me, desfaleço”.

Quill se recordou do ardente desejo que tinha tido de casar-se com a prometida de seu irmão e do modo em que tinha quebrado todas as regras da honra.

— Suponho que tem razão, minha inteligente esposa — Gemeu — Mas que te amasse do instante em que te vi no mole, não tem nada que ver com o profundo amor que sinto por ti agora.

— Quill...

Viu-se reduzida ao silêncio por um beijo tão ardente que a deixou sem fôlego.

— Preciso me levantar! — Declarou em seguida com súbita energia.

Isso não entrava nos planos de Quill.

— Você me curou encantadora esposa me curou, e a partir de agora farei o amor durante todo o dia e toda a noite, durante o resto de minha vida.

Ela ficou quieta com os olhos brilhantes.

— Eu também te amo sabe? Tinha que te amar terrivelmente para me

comportar de uma maneira tão estúpida.

Ele sorriu.

— É obvio! Vou atirar qualquer veneno que haja em casa. E também os objetos pesados. Minha mulher tem um condenado caráter e me sinto apavorado diante a ideia de que nossos filhos possam herdá-lo.

Tombou-a contra os travesseiros.

— Quill! Solte-me! Quero me levantar!

— E eu quero que fique aqui — Replicou ele com diabólica sensualidade.

— Não posso.

— Não vou deixar de te olhar nem um segundo. Vamos viver na cama.

— Quill!

— Por que não?

Devorava a com beijos enquanto ela se retorcia para soltar-se. Ele a ouviu protestar, mas estava muito feliz para preocupar-se por isso.

Fez falta um verdadeiro grito para que voltasse para a realidade.

— Quill tem que me soltar! Estou tendo uma reação à medicina de Sudhakar e me dá a sensação de que bebi um rio. Preciso me levantar urgentemente.

Ele começou a rir como um louco, sem parar.

Só quando lhe ameaçou dando uma joelhada comprometendo assim a existência de seus futuros filhos fez-se a um lado.

O qual não modificou em nada seus planos para o resto do dia. Nem para a semana. Era um homem forte com uma esposa encantadora e muitos filhos que fabricar. Era uma perspectiva muito agradável.

E tinham toda a vida diante de si.

Capítulo 25



Kamath, o vendedor de fruta, olhou divertido aos dois amantes tombados na borda do Ganges. Certamente pensavam que ninguém podia ver e se deteve na ladeira da montanha. A mulher tinha a pele leitosa de uma inglesa. Kamath tinha ouvido que nesse país os pedaços de gelo tinham o tamanho das mangas e que golpeavam a cabeça dos habitantes, o qual explicava porque eram um pouco raros. Entrecerrou os olhos. O gelo não parecia ter tido efeitos nocivos sobre as outras faculdades desses dois.

Com ou suspiro satisfeito, o ancião empreendeu a marcha pelo sinuoso caminho que levava até sua casa. Felizmente Jerningham tinha morrido uns meses antes, pensou, já que ficava intratável com esse tipo de coisas. Tinha tentado expulsar do povoado à filha de Kamath, Sarita. Esta e seu marido haviam retornado umas semanas depois com um nome diferente. O imbecil do Jerningham estava cego e era incapaz de ver além de seus narizes.

Ao bordo do rio, o inglês, cuja pele era menos pálida que a de sua mulher, tinha rodado sobre suas costas e estava contemplando as nuvens.

— O que vê? — Perguntou sua esposa apoiando a cabeça em seu ombro.

— Mmm...

Ele passou a mão pelas costas de Gabby e notou que estava tampada com um xale de seda.

— Estou procurando a minha esposa do sonho. Está em algum lugar aí acima e me espera, com sua auréola rosa. Ela estaria completamente nua sob o sol, sem preocupar-se pelo pudor.

— Porque o vá bem. Avise-me quando a encontrar e advertirei sobre as queimaduras do sol.

— “Necessitaria cem anos para render comemoração a seus olhos e a seu olhar. Dois séculos para adorar cada um de seus seios e três mil para o resto”. É um encontro aproximado de um poema do Andrew Marvell. Se tiver tempo

suficiente tenho intenções de me ocupar de minha Gabby do sonho. É minha para toda a eternidade.

— Então — Respondeu ela maliciosamente — A eternidade será o momento em que a maravilhosa Gabby do chão e eu nos separaremos.

— De que está falando?

— De nosso futuro na terra.

— E?

— Já não estaremos tão sós no próximo ano nesta época — Murmurou ela.

Fez-se um silêncio só quebrado pelo saltou de uma rã e o murmúrio do vento entre os juncos.

Quill esclareceu garganta.

— Quer dizer...

— Mmm — Disse Gabby com uma risada no fundo dos olhos.

— Está segura?

— Completamente!

Ele se levantou nu por completo diante os olhos do mundo (caso que o mundo estivesse interessado).

— Voltemos para casa! — Disse colocando as calças.

Gabby se incorporou apoiando-se nos cotovelos.

— Ao Jaipur ou a Inglaterra?

— A Inglaterra.

— Acreditei que ainda necessitava vários meses para consolidar suas rotas comerciais. E Jawsant apreciou muito sua ajuda com o tesouro real.

Quill se ajoelhou ao lado de sua esposa.

— Eu disse a Inglaterra. Vá fazer a bagagem!

Ela suspirou.

— Suponho que essa é sua maneira de dizer que está louco de alegria.

— É obvio!

— Viver contigo é passar o tempo interpretando o que sente sabia?

— Viver contigo é uma bênção sabia?

Gabby sentiu que as lágrimas de felicidade alagavam seus olhos.

A brisa disseminava pétalas de jasmim na superfície do Ganges e a boca de Quill acariciou a sua com a mesma delicadeza com a que as flores caíam sobre a água.

Sobre a Autora

ELOISA JAMES (pseudônimo de Mary Bly) é uma professora universitária especializada em Shakespeare na Fordham University na cidade de Nova Iorque e uma autora de romances de época best-sellers para o The New York Times. Visite os sítios da autora: www.parisinlovebook.com e www.eloisajames.com.

[Star Books Digital](#)



{1} Manga Bufante: Manga curta, franzida e presa aos ombros para criar um efeito cheio. Usada desde o século XIX em vestidos toailete, também foi empregada em vestidos e blusas de crianças.

{2} Que faz nascer bolhas na pele; vesicatório: a urtiga é vesicante.